

SIMONE FERREIRA GOMES DE ALMEIDA

**INFLUXOS DO CÉU NA EXISTÊNCIA DOS HOMENS. OS
ESCRITOS ASTROLÓGICOS NA PENÍNSULA IBÉRICA
(SÉCULOS XIII, XIV E XV)**

**FRANCA
2015**

SIMONE FERREIRA GOMES DE ALMEIDA

**INFLUXOS DO CÉU NA EXISTÊNCIA DOS HOMENS. OS
ESCRITOS ASTROLÓGICOS NA PENÍNSULA IBÉRICA
(SÉCULOS XIII, XIV E XV)**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do Título de Doutor em História.

Área de concentração: História e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França.

**FRANCA
2015**

Almeida, Simone Ferreira Gomes de.

Influxos do céu na existência dos homens. Os escritos astrológicos na Península Ibérica (Séculos XIII, XIV e XV) / Simone Ferreira Gomes de Almeida. – Franca : [s.n.], 2015.

192 f.

Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Susani Silveira Lemos França.

1. Iberica, Península (Espanha e Portugal). 2. Idade Media.
3. Astrologia. I. Título.

CDD – 133.50946

INFLUXOS DO CÉU NA EXISTÊNCIA DOS HOMENS. OS ESCRITOS ASTROLÓGICOS NA PENÍNSULA IBÉRICA (SÉCULOS XIII, XIV E XV)

Tese apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do Título de Doutor em História.

Área de concentração: História e Cultura.

Linha de Pesquisa: História e Cultura Social

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE: _____
Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França

1º EXAMINADOR: _____

2º EXAMINADOR: _____

3º EXAMINADOR: _____

4º EXAMINADOR: _____

Franca, ____ de _____ de 2015.

Para os amigos de Franca

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPQ, pelo financiamento integral desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pela concessão da bolsa PDSE, Programa de doutorado sanduíche no exterior.

À Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França, pela orientação cuidadosa tantas vezes para além do horário de trabalho, me sinto afortunada pelos momentos partilhados e agradeço à dedicação, à amizade e à sua maravilhosa capacidade de inspirar.

Ao Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França, que tantas vezes esteve presente em minha trajetória de pesquisa, sua intrepidez e convicção foram muitas vezes contagiantes e fundamentais.

À Profa. Dra. Dulce Oliveira Amarante e à Profa. Dra. Denise Aparecida Soares de Moura pela leitura do meu trabalho no exame de qualificação e pelas observações que foram valiosas para a finalização desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Alejandro García Avilés, que foi meu coorientador no estágio desenvolvido na Universidade de Murcia, agradeço à gentileza, à disponibilidade e aos ensinamentos.

Aos colegas do grupo de pesquisa “Escritos sobre os novos mundos” e aos amigos Ana Carolina Viotti, Rafael Afonso Gonçalves e Tamara de Lima pelo apoio tão necessário no início da pesquisa e companheirismo de sempre. À Letícia Alfeu Gonçalves de Almeida, por ser minha revisora e participar intensamente das etapas finais deste trabalho, todo o meu carinho. À Amanda Peruchi e à Michelle Souza e Silva, pelas considerações, confissões e partilha da casa.

À minha família Eliana, José, Vivian e Cruella, pelo cuidado e apoio.

A ciência dos futuros – disse Platão – é a que distingue os deuses dos homens, e daqui lhes veio sem dúvida aquele antiquíssimo apetite de serem como deuses. Aos primeiros homens, a quem Deus tinha infundido todas as ciências, nenhuma lhes faltava senão a dos futuros, e esta lhes prometeu o Demônio com a divindade, quando lhes disse: Eritis sicut Dii, scientes bonum et malum. Mas ainda que experimentaram o engano, não perderam o apetite. Esta foi a herança que nos ficou do Paraíso, este o fruto daquela árvore fatal, bem vedado e mal apetecido, mas por isso mais apetecido, porque vedado.

Padre Antônio Vieira

FERREIRA GOMES DE ALMEIDA, Simone. **Influxos do céu na existência dos homens. Os escritos astrológicos na Península Ibérica (séculos XIII, XIV e XV)**. 2015. 192 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2015.

RESUMO

O saber sobre os astros retomado na Península Ibérica pelos judeus e árabes nos séculos XI e XII foi registrado em diversos escritos em língua vulgar a partir do século XIII. A propagação desse saber, comumente chamado astrologia, esteve quase sempre vinculada ao conhecimento do porvir, fosse pelo ensinamento das configurações astrais que propiciavam boas ou más influências, fosse pelo alerta da Igreja quanto à inadequação por se crer no determinismo astral. Assim, a partir das obras que trataram da astrologia, escritas entre os séculos XIII e XV, o objetivo deste trabalho é lançar luz sobre as formas de desvendamento dos segredos dos céus, através do estudo das premissas e do estatuto desse saber sobre as estrelas, bem como por meio da indagação sobre os homens que a ele se dedicaram. Os escritos empenhados em diferenciar o saber astrológico (arte liberal) de uma prática supersticiosa (augúrios que contavam com os efeitos das influências celestes) serão instrumentos para discorrermos sobre a constituição da astrologia no período, com destaque para o seu uso na adivinhação do futuro, melhor, com destaque para o lugar das previsões astrológicas na sociedade ibérica. Corte, Universidade e Igreja foram os espaços que propiciaram as indagações sobre o que havia de vir, deixando entrever angústias e preocupações que diziam tanto sobre o que se temia ou esperava do futuro quanto sobre o presente daqueles que viveram nos séculos XIII, XIV e XV. Nesta altura, as maneiras de governar e de estabelecer relações com outros homens, com a natureza, com o corpo e com a alma foram recorrentemente atribuídas à sorte das estrelas e, por isso, não foram poucas as vezes em que não se prescindiu das palavras de um astrólogo. À espera da eternidade, os cristãos viram na astrologia um caminho para adiantar questões mais palpáveis, ou seja, por intermédio daqueles que traçavam o mapa das estrelas, visavam alcançar alguma fortuna.

PALAVRAS-CHAVE: Península Ibérica – Idade Média – Astrologia – Previsões

FERREIRA GOMES DE ALMEIDA, Simone. **Influjos del cielo en la existencia de los hombres. Los escritos astrológicos en la Península Ibérica (siglos XIII, XIV y XV)**. 2015. 192 f. Tesis (Doctorado en Historia) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2015.

RESUMEN

El saber sobre los astros reanudado en la Península Ibérica por los judíos y árabes en los siglos XI y XII fue registrado en diversos escritos en la lengua vernácula a partir del siglo XIII. La propagación de este saber, comúnmente llamado astrología estaba casi siempre vinculado al conocimiento del porvenir, fuese mediante la enseñanza de las configuraciones astrales que proporcionaron buenas o malas influencias, fuese por la alerta de la Iglesia acerca de la inadecuación por creer en el determinismo astral. Así, a partir de las obras que trataron de la astrología, escritas entre los siglos XIII y XV, el objetivo de este estudio es arrojar luz sobre las formas de descubrir los secretos del cielo, a través del estudio de las premisas y del estatuto de este saber acerca de las estrellas, así como por medio de la investigación sobre los hombres que se han dedicado a él. Los escritos comprometidos para diferenciar el conocimiento astrológico (arte liberale) de una práctica supersticiosa (presagios que se basaban en los efectos de las influencias celestes) serán instrumentos para discorrer sobre la constitución de la astrología en el período, con realce para su uso en la adivinación del futuro, mejor, con realce para el lugar de las predicciones astrológicas en la sociedad ibérica. Corte, Universidad y Iglesia fueron los espacios que proporcionan las preguntas acerca de lo que estaba por venir, dejando entrever angustias y preocupaciones que decían tanto sobre lo que se temía o se esperaba del futuro cuanto sobre el presente de los que vivieron en los siglos XIII, XIV y XV. En este punto, las maneras de gobernar y establecer relaciones con otros hombres, con la naturaleza, con el cuerpo y el alma se han atribuido en varias ocasiones a la suerte de las estrellas, y por eso, no han sido pocas las veces en que no se renunciaba a las palabras de un astrólogo. A la espera de la eternidad, los cristianos vieron en la astrología un camino para avanzar en cuestiones más tangibles, es decir, a través de los que dibujaron el mapa de las estrellas, buscaron lograr alguna fortuna.

PALABRAS - CLAVE: Península Ibérica - Edad Media - Astrología - Pronósticos

FERREIRA GOMES DE ALMEIDA, Simone. **Inflows from heaven in the existence of men. The astrological writings in the Iberian Peninsula (XIIIth, XIVth and XVth centuries)**. 2015. 192 f. Thesis (Doctorate in History) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2015.

ABSTRACT

The knowledge about the stars recouped in the Iberian Peninsula from the Jews and Arabs in the eleventh and twelfth centuries was recorded in various vernacular writings from the thirteenth century. The spread of this knowledge, ordinarily called astrology, was usually linked to the knowledge of the future, both by the teaching of the astral configurations that provided good or bad influences, and the constant warning of the Church regarding the inadequacy of those who believed in astral determinism. Thus, from the accounts that talked about and described astrology, written between the thirteenth and fifteenth centuries, the objective of this study is to shed light on the ways to uncover the secrets of heaven, through the study of assumptions and the status of this knowledge about the stars, and through the inquire of the men who have dedicated themselves to it. The writings committed to differentiate the astrological knowledge (liberal arts) from a superstitious practice (auguries that relied on the effects of celestial influences) will be our tools to talk about the constitution of astrology in the period, highlighting its use in divination of the future, or, in other words, highlighting the place of astrological predictions on the Iberian society. The Court, the University and the Church were spaces that provided questions about what was to come, leaving glimpse the anxieties and concerns that said so much about what was feared or expected both about the future and the present of those who lived in the XIIIth, XIVth and XVth centuries . At this point, the ways to govern and to establish relationships with other men, with nature, with the body and the soul have been repeatedly attributed to the stars and, therefore, the astrologers were constantly consulted. Waiting for eternity, Christians saw in astrology a way to forward the most immediate issues of their lives, which means that they sought to achieve some fortune through those who drew the map of the stars.

KEYWORDS: Iberian Peninsula - Middle Ages - Astrology - Predictions

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO 1	
O Saber inspirado nos indícios do céu	18
<i>1.1 O modelo cosmológico e a retomada da scientia stellarum</i>	<i>18</i>
<i>1.2 Os escritos em língua vulgar e a astrologia judiciária</i>	<i>25</i>
<i>1.3 A arte de escrever e ler sobre os astros.....</i>	<i>34</i>
<i>1.4 Passos do saber das estrelas - as frentes astrológicas.....</i>	<i>41</i>
<i>1.5 Ciência e superstição: a astrologia retomada dos antigos</i>	<i>53</i>
<i>1.6 O quadrivium e o alcance astrológico</i>	<i>59</i>
CAPÍTULO 2	
Influências astrais e previsões	68
<i>2.1 A arte de prever com os indícios do céu.....</i>	<i>68</i>
<i>2.2 Previsões possíveis e desejadas: o amanhã da nobreza.....</i>	<i>77</i>
<i>2.3 Fortuna e infortuna no plano das estrelas</i>	<i>91</i>
<i>2.4 O horizonte das questões naturais</i>	<i>97</i>
<i>2.5 O corpo inspirado nas compleições astrais</i>	<i>107</i>
<i>2.6 O lazer e as esferas do céu</i>	<i>115</i>
CAPÍTULO 3	
A determinação dos astros sobre o que há de vir	121
<i>3.1 A palavra da Igreja: a presciência e o livre-arbítrio.....</i>	<i>121</i>
<i>3.2 Impugnadores das artes mágicas e astrológicas.....</i>	<i>132</i>
<i>3.3 Dominar os astros: o ensinamento dos grandes pensadores</i>	<i>144</i>
<i>3.4 A Outra voz dos homens de fé</i>	<i>158</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	166
IMAGENS	38
<i>Imagem 1 Constelação da Lebre</i>	<i>38</i>
<i>Imagem 2 Homem zodiacal</i>	<i>110</i>
<i>Imagem 3 Roda da Vida do Mosteiro de Alcobaça</i>	<i>167</i>
<i>Imagem 4 Céu de Salamanca</i>	<i>171</i>
CRONOLOGIA	173
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	176

APRESENTAÇÃO

“Alguns nascem com *mazal* e ventura; outros, com hérnia e quebradura”.¹ Esse provérbio judaico é apenas um entre vários outros de origem hebraica que fizeram parte da linguagem comum dos peninsulares ibéricos no século XVI, provérbios que, a despeito de sua pouca originalidade, trazem à tona certas ideias triviais que podem permitir ao historiador uma aproximação dos valores irrefletidos partilhados em uma dada sociedade. Meditar sobre o peso dos provérbios judaicos na Península Ibérica ou sobre a dimensão da sua circulação nesse espaço, não é, contudo, o alvo deste estudo, ao contrário, o que importa, de saída, é observar a relevância de uma palavra contida nesse provérbio: *mazal*.

A etimologia dessa palavra do judeu-espanhol indica que ela foi um sinônimo de estrela, astro, sorte e destino, pelo menos desde o começo do século XV,² e dela derivaram os adjetivos espanhóis *mazaloso* (bem afortunado, feliz) e *desmazalado* (desgraçado, infeliz),³ bem como as expressões *mazal claro* para expressar boa sorte ou boa ventura e *mazal escuro* para má sorte ou má ventura. Foram vários os provérbios judaicos correntes no Quinhentos que, a partir desse termo, estabeleceram uma íntima relação entre a ventura e as estrelas: “O *mazal* da feia, a formosa o deseja”; “Mais vale um grama de *mazal* que um baú de ouro”; “Quem bom *mazal* tem, nunca o perde”; “Dá-me um grão de *mazal*, e lança-me ao fundo do mar”; “Menina dormindo, o *mazal* desperto”.⁴ Todos esses, como se pode observar, apesar da diversidade dos focos, preservam em comum um aspecto significativo sobre o ponto que nesta tese será esmiuçado, a saber, a expectativa sobre o porvir e a possível interferência do céu nesse tempo irrealizado ou, como mais diretamente exprimem os provérbios, a importância de se ter boa sorte ou boa estrela em detrimento de possuir bens materiais, beleza e proteção – haveres então tidos por incertos e fugazes.

Dado o uso frequente da palavra quatrocentista *mazal* nessas advertências dos provérbios quinhentistas, podemos, portanto, cogitar que já vinham de antes as crenças na influência da sorte celestial na vida terrena. É possível até mesmo afirmar que o realce dado à sorte associado à contingência favorável das estrelas era bem mais remoto, a tomar pelo fato de que, desde o século XII, se desenvolvia um intenso trabalho para a tradução de textos

¹ URBINA, Jesús Cantera Ortiz de. El refranero judeoespañol. In: **Paremia Asociación Cultural Independiente**, 6. Madrid: 1997, p. 156.

² Cf. Desmazelado in HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

³ URBINA, Jesús Cantera Ortiz de. **El refranero judeoespañol**, p. 156.

⁴ URBINA, Jesús Cantera Ortiz de. **El refranero judeoespañol**, p. 156.

escritos em grego e árabe, os quais, em sua maioria, ensinavam como estudar os astros para se beneficiar das melhores influências, e sobre como evitar influências danosas e perniciosas na busca desmedida de expandir ou reverter a própria sorte. Assim, se os primeiros séculos do medievo caracterizam-se por uma escassez de testemunhos escritos sobre o tema em questão, os séculos XII e XIII testemunharam um renascer do interesse pelos corpos celestiais – que tinha sido marca dos antigos – e, conseqüentemente, assistiram a uma multiplicação dos tratados sobre eles. Grande parte desse ressurgimento se deveu às traduções de obras árabes para o latim. Nessa primeira fase, os reinos europeus, de um modo geral, começaram a dispor de bons manuais astronômicos (como o *Almagesto* de Ptolomeu) e astrológicos (como o *Introductorium maius de Albumasar* e o *Quadripertium* de Ptolomeu), além de algumas obras de Aristóteles sobre astronomia, em particular o *De Generatione et corruptione* e os *Metereológicos*, nos quais se afirmava que as mudanças na terra se deviam às mudanças no Sol, na Lua e nos planetas.⁵

Apesar da importância dessa retomada na definição do recorte temporal deste trabalho, o foco proposto não será propriamente como ela se deu nos séculos XIII, XIV e XV, e sim como os textos ibéricos desse período se dispuseram tanto a ensinar que a astrologia podia empreender vaticínios, quanto a advertir sobre os ricos de fazê-los; para o quê recorreram em abundância a esses escritos do passado em confronto com os escritos dos doutores da Igreja, estes, certamente, muito mais cautelosos acerca da prática. O ponto de partida selecionado para explorar a questão foi o século XIII, por ser este o momento em que os textos sobre a astrologia foram compilados em espanhol sob os auspícios da corte castelhana, aquela de Afonso X, o sábio.⁶ O trabalho realizado no seu *scriptorium* – como veremos melhor no primeiro capítulo – possibilitou que outras cortes ibéricas tivessem acesso a esses textos e desenvolvessem também atividades relacionadas ao saber das estrelas. Dessa forma, um desafio a ser superado para examinarmos o registro das previsões nos variados reinos da Península Ibérica é o da amplitude. Por mais que possa parecer ambicioso e delicado – e sem dúvida o é – contemplar textos procedentes de ambientes diversos (Portugal, Castela, Navarra e Aragão), as confinidades políticas⁷ e as conformidades culturais relacionadas à coexistência

⁵ VILALOBOS, Cristóbal Macías. **Ciencia de los astros y creencias astrológicas en el pensamiento de San Agustín**. Ediciones Clásicas Madrid, Distribución-Editorial Málaga: 2004, p. 266.

⁶ MENENDEZ, Jose M. Torroja. **El Sistema del Mundo desde la Antigüedad hasta Alfonso el Sabio**. Madrid: Instituto de España, 1980, p. 152.

⁷ MITRE, Emilio. **La España Medieval. Sociedades. Estados. Culturas**. Madrid: Ed. Istino, 1979; BETHENCOURT, Francisco; CURTO, Diego Ramada. **A memória da nação**. Livraria Sá da Costa, Colóquio do Gabinete de Estudos de Simbologia realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, 7-9 Outubro, 1987. MARQUES, José. **Relações entre Portugal e Castela nos finais da Idade Média**. Braga: Fun. Calouste Gulbenkian, 1994.

de cristãos, judeus e mouros justificam fazê-lo.⁸ Mas foi, sobretudo, uma certa unidade das tópicas sobre as previsões astrológicas que motivou a seleção dessas fontes de origem diversa. Tais escritos, à partida, deixam entrever mais um universo partilhado do que, propriamente, obras ímpares. As questões similares sobrepõem-se significativamente às singulares, tanto no que diz respeito ao que se aspirou prever quanto no que se propunha para ser evitado ou rejeitado.⁹ Mas, ainda assim, nesse universo nivelado, é inegável que os significados da astrologia sofreram variações que merecem ser examinadas, com atenção especial para os diferentes usos propostos: dos médicos, que ordenavam curas de doenças com base nos ciclos estelares e travavam o debate sobre o significado das estrelas para a vida humana, à gente comum, que pelos contos populares e poemas se informava sobre as melhores épocas para colher e semear, passando pelos letrados, que miravam o céu para dar sentido às coisas da Terra.¹⁰

Dados os limites da pesquisa, contudo, a astrologia difundida nos costumes populares, apesar do seu interesse, não poderá ser explorada. Nosso foco serão apenas os escritos provenientes da corte e da universidade, nos múltiplos diálogos que mantiveram com os grandes pensadores antigos e da Igreja. Esse discurso, inclusive, parte de um preceito fundamental, que é o de que a prática astrológica demandava uma iniciação, ou melhor, ciência,¹¹ de forma que não poderia ser praticada pelo povo – em geral, alheio aos riscos e tendente a fazer um uso supersticioso.¹² Desdobraremos, pois, neste trabalho, fundamentalmente as orientações platônicas, aristotélicas e ptolomaicas retomadas nos escritos ibéricos, com a finalidade de perceber que lugar foi estabelecido para a previsão no

⁸ GARGATAGLI, Marieta. La Historia de la escuela de traductores de Toledo. In: **Quaderns, Revista de tradició**. Universitat Autònoma de Barcelona, n. 4, 1999, p. 9-13.

⁹ Trataremos aqui de textos diversos, tendo em vista que os textos sobre astrologia, sejam tratados, crônicas ou sumas, nos ensinam ou relatam somente o que devia ser previsto, havendo poucos casos de restrições quanto ao que não devia ser contemplado – estas surgem nos escritos dos religiosos, que se preocuparam em regular de certa forma o estudo e a prática da astrologia.

¹⁰ DOOLEY, Brendan. **A Companion to Astrology in the Renaissance**. Library of Congress, 2014, p. 02

¹¹ Desde Santo Agostinho, vigora na Idade Média a concepção de que a ciência é a compreensão da forma de uma coisa pelo intelecto ou pela imaginação. Quando a forma é apreendida pela imaginação, a ciência é sensível; quando é apreendida pelo intelecto, a ciência é inteligível. Para que haja ciência inteligível, é preciso que a forma se una ao intelecto que a apreende. Ora, a alma não pode apreender o sensível sem intermediário, pois seu modo de ser não é o mesmo; entretanto, ela pode apreender o inteligível sem intermediário, porque seu modo de ser é de mesma natureza; ao apreender a verdade relativa às coisas sensíveis, ela põe em ação seu intelecto e adquire a ciência; caso da astronomia. ÉTIENNE, Gilson. **Porque São Tomás criticou Santo Agostinho Avicena e o ponto de partida de Duns Escoto**. Tradução Tiago José Risi Leme. São Paulo: ed. Paulus, 2, 2010, p. 47.

¹² Santo Agostinho havia definido a superstição como aquilo que os homens instituíram visando a fabricação e o culto de ídolos. Era também tudo o que levasse a consultar ou a fazer pactos e alianças com os demônios. SANTO AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**. Tradução e Introdução. Nair de Assis Oliveira, São Paulo: ed. Paulus, 2011, p. 117.

uso da astrologia. Daí a inevitável recorrência aos árabes e judeus, que tinham antes optado por este caminho.

A propagação desse termo judeu-espanhol relacionado à sorte na *Hispania*¹³ do século XV, *mazal*, para além de sugerir suas ligações com as estrelas, abre também caminho para refletirmos sobre uma das especificidades da sociedade a ser aqui examinada: a convivência entre culturas diversas em um mesmo território, ou seja, o convívio dos povos das três grandes religiões monoteístas, judaísmo, islamismo e cristianismo, em especial nos espaços de saber, como no *scriptorium* do rei D. Afonso X, onde, como veremos adiante, foi ordenada a compilação de diversos textos que tratavam de astrologia. Para termos ideia de quão presentes eram as referências aos mouros ou judeus pelos ibéricos, na *Primera Crónica General* do rei sábio, finalizada na segunda metade do século XIII, surge uma referência a Maomé e à expansão de suas doutrinas, alusão que é, vale destacar, acompanhada de uma relação com os judeus e seu conhecimento dos astros, em um tom aparentemente depreciativo, ou seja, ali, adita-se que Maomé havia estudado com um judeu *estrellero*, que lhe havia ensinado alguns princípios das religiões cristã e judaica, dos quais ele teria se aproveitado para dar corpo à sua religião. A sugestão, a partir dessas relações, era de que a fé islâmica não teria nada de revelação divina, mas sim de maliciosa instrução. O judeu adivinho teria, segundo a crônica, vaticinado, mediante a observação dos astros, o importante papel que no futuro teria Maomé, prevendo, por meio da análise das estrelas e dos planetas, o seu nascimento e que futuramente seria um “homem muito esforçado, honrado e poderoso no reino e na lei.”¹⁴ Se o rei sábio, a quem se atribui a crônica, desmerece o islã ao tirar-lhe a prerrogativa da revelação, o mesmo não faz a propósito do astrólogo judeu, pois sua previsão sobre o futuro de Maomé é reconhecida como acertada; rastros, pois, de uma certa simpatia que Afonso X e outros letrados tinham por esses conhecedores dos céus vindos de outras religiões.

Na perspectiva deste estudo, focado no saber astrológico, a convivência entre os três povos que interessa é aquela que pode ser considerada pacífica, a despeito de algumas divergências recorrentes, que culminarão na gradativa afirmação da ortodoxia cristã no século

¹³ Espanha é um termo que só se pode usar depois da união, em 1479, das coroas de Castela e Aragão em decorrência do matrimônio de Fernando e Isabel, depois da conquista do reino muçulmano de Granada (1492) por obra dos reis católicos e, sobretudo, depois da anexação do reino de Navarra (1512)[...]. Para o período anterior, parece mais correto utilizar o substantivo, politicamente neutro de Península Ibérica e o adjetivo, também politicamente neutro ‘hispanico’, apesar de ambos incluírem as nações islâmicas e Portugal. ROMANO, David. *La Ciencia Hispanojudía*. Madrid: Colecciones Mapfre, 1992, p. 20.

¹⁴ *Primera Crónica General de España, que mandó componer Alfonso el Sabio y se continuaba bajo Sancho IV en 1289*. Edición de Ramón Menéndez Pidal, Antonio García Solalinde, Manuel Muñoz Cortés y José Gómez Pérez. Madrid: Gredos, 1955, 2 vols.; ver: cap. 467, p. 261b.

XV.¹⁵ No século XIII, período em que a maioria das traduções dos textos astrológicos do árabe para o latim ou espanhol foram feitas, as contendas com judeus e árabes na Península não são frontais, entretanto, o temor de que a astrologia resultasse em uma limitação do livre-arbítrio se mostra desde os primeiros tempos da introdução da astrologia islâmica no ocidente, e se converte em tema central das controvérsias teológicas no século XIII¹⁶. Nesse período, os judeus, chamados de sefarditas,¹⁷ foram identificados por conservarem a pronúncia tradicional do hebraico bíblico, por falarem o judeu-espanhol e, por vezes, conhecerem o árabe. Por sua parte, os árabes que estiveram inseridos nos ambientes de saber da cristandade foram chamados de mudéjares¹⁸ e, por estarem orientados por outras normas, optaram, na maioria das vezes, por viver em ambientes de predominância árabe – como o de Granada, que pertenceu a uma dinastia árabe fundada por Yúsuf ben Názár (1332-1354). Da minoria desses muçulmanos que não puderam viver no reinado nazará, o número daqueles que se converteram ao cristianismo foi pequeno,¹⁹ de forma que é possível aventar a hipótese de que, mesmo que vivessem sob reinados cristãos, esses mudéjares permaneceram presos aos preceitos de seu povo e de sua fé e compilaram os textos sobre o saber dos céus sem perder de vista esses valores.

Os impedimentos para a conversão foram variados, a começar pelo desconhecimento da língua árabe por parte dos padres. Os dominicanos até fundaram escolas de línguas visando “cristianizar” os árabes, mas isso não bastou para estimular as conversões voluntárias, dado tanto ao temor da exclusão definitiva e do rechaço da comunidade antiga, quanto à má acolhida dos cristãos, que designavam os convertidos como renegados ou tornadiços; enfim, converter-se ao cristianismo não significava necessariamente alcançar um bom

¹⁵ Contreras aponta que a tolerância com os judeus foi relativa, pois os espaços em que esta se dava eram variáveis, muito escassamente objetiváveis e nunca reconhecidos como leis dos reinos, enquanto a própria minoria judaica se definia a si mesma como sociedade política própria, separada dos princípios “constitucionais” dos cristãos. CONTRERAS, J., Judíos, judaizantes y conversos en la Península Ibérica en los tiempos de la expulsión. In: ALCALÁ, Á. (ed.). **Judíos. Sefarditas. Conversos. La expulsión de 1492 y sus consecuencias**. Madrid, 1995, p. 459.

¹⁶ AVILÉS, Alejandro García. Arte y Astrología en Salamanca a finales del Siglo XV. In: **Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte**. Madrid: UAM, Vol. IV, 1994, p. 54.

¹⁷ Sobre o nome Sefarditas, acredita-se que possa ser derivado do sinônimo de Espanha em judeu-espanhol – Sefarad; ou, ao contrário, pode ser o nome de alguma região ou cidade oriental; o que parece mais provável. URBINA, Jesús Cantera Ortiz de. Los Sefardies. In: **Temas Españoles**. Núm. 25 2 Depósito legal: M. 3.095-Madrid: Publicaciones Españolas Soriano, 23, 1958, p. 07.

¹⁸ VEGA, Laura Páramo de. **La España de las tres culturas: la convivencia entre judíos, musulmanes y cristianos en la Edad Media**. Uned, Centro Asociado de Talavera de la Reina, p.174. Disponível em: <http://www.uned.es/ca-talavera/publicaciones/alcalibe11/154-188.LaEspanaDeLasTresCulturas.pdf>; Consultado em: 20/02/2015.

¹⁹ VEGA, Laura Páramo de. **La España de las tres culturas: la convivencia entre judíos, musulmanes y cristianos en la Edad Media**, p. 174-175.

relacionamento com a cristandade.²⁰ Mas, ao contrário dos mudéjares, foi significativa a quantidade de judeus-conversos na sociedade ibérica, provavelmente porque para eles eram mais certos os benefícios trazidos pela conversão, como, por exemplo, a chance de assumir determinados cargos na governação. Esse tipo de benefício, entretanto, resultou dúbio, pois os cristãos acabaram por acusar os hebreus de terem se convertido buscando apenas esses benefícios pessoais, e de continuarem, por isso, a exercer secretamente sua antiga fé. *El Corbacho* (1438), texto do Arcipreste de Talavera, Afonso Martínez de Toledo, conhecido também como *Reprobación del amor mundano*, apontou vários pecados e ameaças à fé cristã, dentre elas a falsidade dos judeus convertidos: “Ah! alguns desses dissimulam o mal e fingem o bem com dissimulados hábitos e condições, com palavras mansas e gestos sossegados, os olhos para a terra inclinados como de honestidade, mirando de revés, de sua capa.”²¹

Esse clima de desconfiança, tão bem exposto pelo Arcipreste, fez com que a Igreja constataste a necessidade de vigiar os conversos para saber se eram, de fato, cristãos sinceros, o que estimulou o suporte a práticas inquisitoriais e posteriormente o estabelecimento de um Tribunal de Inquisição em 1478,²² o qual será mantido, em Castela, mesmo depois da expulsão dos judeus, em 1492.²³ Esses ares de desconfiança e animosidade serão um dos principais estímulos para que vários religiosos ibéricos preocupem-se em regrar certas práticas e certos saberes que estavam associados aos árabes e hebreus, como era o caso da astrologia. Desse modo, como veremos no terceiro capítulo, ao tratarem da astrologia, os escritos desses homens de Igreja assumem um certo tom inquisitorial, determinando principalmente aquilo que, nesse saber, é lícito e o que é ilícito para a vida do cristão.

Embora o objetivo deste trabalho não seja desdobrar propriamente a boa ou má convivência entre os três povos, não se pode deixar de mencionar sua intensa e difícil convivência na Península,²⁴ pois as discordâncias em torno de princípios religiosos e morais, sem dúvida, pesou nas reflexões sobre a arte da astrologia e na forma como foi retomada e

²⁰ VEGA, Laura Páramo de. **La España de las tres culturas: la convivencia entre judíos, musulmanes y cristianos en la Edad Media**, p. 177.

²¹ ARCIPRESTE DE TALAVERA, Cristóbal Pérez Pastor (ed. lit.). **Corbacho o Reprobación del amor mundano**. Madrid: Sociedad de Bibliófilos Españoles, 1901. Edición en línea: Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2004, p. 233.

²² BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições - Portugal, Espanha e Itália - Séculos XV-XIX**. Companhia das Letras, 2000.

²³ Estima-se que a cifra final dos hebreus que se negaram a mudar de religião e que por isso se viram obrigados a abandonar Castela foi entre 50.000 e 70.000 pessoas. Portugal e Navarra foram destinos escolhidos por esses judeus; os quais, posteriormente, vieram a sofrer sanções similares nestes lugares. VEGA, Laura Páramo de. **La España de las tres culturas: la convivencia entre judíos, musulmanes y cristianos en la Edad Media**, p. 186.

²⁴ RODRÍGUEZ, José Molina. Las relaciones de vecindad en la frontera de Granada. In: **Revista del Centro de Estudios Históricos de Granada y su Reino**, núm. 12. Granada: Segunda Época, 1999.

registrada na Península Ibérica dos séculos XIII, XIV e XV. A bem da verdade, é notável que os cristãos que viveram nesse período tiveram algum tipo de contato com certas concepções dos sefarditas e dos mudéjares – que contribuíram na reflexão sobre as formas de adiantamento do futuro pela astrologia. A contribuição dos letrados dessas origens na transmissão dos textos que ensinaram a prever não é negligenciável, sendo mesmo possível admitir, de saída, a improbabilidade da disseminação de prognósticos astrológicos sem esses contatos – tendo em conta certas restrições da moral cristã. Portanto, a escola de Tradutores de Toledo²⁵ desempenhou uma função ímpar, não só para a Península Ibérica como para outros reinos cristãos europeus, ao retomar textos astrológicos clássicos e propagar um saber que até o século XV foi bastante debatido pelos pensadores da Igreja.

Para tratarmos da astrologia ibérica, o século XV foi escolhido como o ponto chegada, pois, a partir daí, as novas configurações históricas farão emergir novos preceitos, novos problemas e novos caminhos, motivados por uma mudança sem precedentes: a empresa das navegações. Mesmo que a astrologia viesse a carregar ainda por muito tempo seu caráter supersticioso – direcionado sobretudo para as previsões –, as necessidades que as navegações trouxeram desviaram a atenção dos prognósticos astrológicos para aspectos mais técnicos, ligados ao mapeamento das estrelas e às medições mais precisas, através dos astrolábios, das bússolas e das tábuas.²⁶ O presente trabalho, apesar do interesse deste deslocamento, restringir-se-á a examinar apenas, no decorrer desses três séculos, a astrologia mais ligada às previsões, nomeadamente as promessas e as condenações.

Em torno desse eixo, no primeiro capítulo, intitulado “O saber inspirado nos indícios do céu”, será apresentado um balanço sobre a matéria astrológica tal como foi tratada nas cortes e nas universidades ibéricas. Embora seja conhecida a colaboração e a circulação de informações entre esses meios, o mapeamento será organizado em torno das retomadas mais frequentes da escrita astrológica, e em torno das justificativas da relevância, nesses âmbitos, disso que por vezes se denominará saber, por vezes ciência, por vezes arte. As diversas cortes da Península Ibérica serão tratadas, porém, acerca das universidades, apenas Salamanca será abordada, tendo em conta a raridade das informações sobre astrologia nas outras universidades ibéricas nesse período. A fundação da primeira cátedra de astrologia na Península Ibérica foi apenas em 1460, na universidade de Salamanca, o que colaborou para que esta matéria tivesse um caráter mais técnico, ligado às navegações. Consideramos

²⁵ ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**. Salamanca: Europa artes gráficas, 1989, p. 11.

²⁶ CANAS, António Costa; FERRÃO, Maria Eugénia. **A matemática no tempo do mestre José Vizinho**. Sociedade Portuguesa de Matemática. Lisboa: Gradiva, 2009, p. 154.

principalmente a astrologia trabalhada ali antes disso, desde 1218, quando a universidade foi fundada e a matéria astrológica passou a ser estudada junto com os estudos matemáticos e de medicina. A ênfase será na produção astrológica neste ambiente, com destaque para a sistemática retomada de determinados pensadores clássicos, para a peculiaridade ibérica de embasar este saber nas fontes e nas interpretações árabes e judias, bem como para a retomada da divisão estabelecida por Isidoro de Sevilha entre astrologia natural e astrologia supersticiosa. No que toca aos textos cortesãos, interessa interrogar que papel tiveram na consolidação do saber astrológico e no estabelecimento das balizas condutoras desse saber para aqueles ibéricos preocupados com o futuro das dinastias e curiosos sobre o destino dos reinados.

O segundo capítulo será dedicado às “Influências astrais e previsões”. Desdobraremos, ali, quais foram os principais prognósticos relatados nos escritos astrológicos, bem como os juízos de valor feitos pelos homens de corte ao discutirem essas previsões e os principais temas relacionados aos prognósticos feitos a partir dos astros, a saber: fortuna e infortuna relacionadas ao poder, ao corpo, à natureza e aos lazeres.

O posicionamento dos grandes pensadores da Igreja será destacado no último capítulo, intitulado “A determinação dos astros sobre o que há de vir”. Através de escritos de religiosos ibéricos, principalmente dos séculos XIV e XV, desdobraremos quais foram as fronteiras do saber astrológico entre o lícito e o ilícito. Temas como o livre-arbítrio, a presciência e o determinismo astral serão examinados, dada a sua recorrência nos escritos desses religiosos quando se dedicam a analisar a validade do saber astrológico. Nesse sentido, o eixo fundamental do capítulo serão as discussões acerca da justeza da curiosidade sobre o porvir na vida dos cristãos.

A astrologia, conquanto fosse um saber que, dadas as concepções cosmológicas do tempo e as associações entre os homens e as estrelas, favorecia as crenças supersticiosas, ainda assim foi, sob a forma de astronomia – designação que alternou com aquela, sem se distinguir propriamente –, um dos ramos do *quadrivium* e, portanto, esteve inserida entre os saberes aceitos e virtuosos. Esta ambiguidade norteia, em grande parte, a interrogação do trabalho a seguir, cujo principal objetivo é estabelecer quais foram os limites, os usos, as vantagens e as desvantagens atribuídas a um saber relacionado à possibilidade de prognosticar nos reinos ibéricos dos séculos XIII, XIV e XV.

Sobre tais previsões astrológicas, D. Afonso X oferece-nos um sugestivo ponto de partida:

[...] são boas as demandas que se fazem de astrologia sobre as coisas, se se terá bem ou mal, pois se mostram danos ou mal, deve o homem afastar-se disso. Pois o que faz a demanda, assim é como se falasse com as estrelas ou lhes demandassem conselho, e os sinais que nelas estão são tantos como se respondessem falando com ele.²⁷

Se os sinais eram tão diversos e seu potencial equívoco, cabe sondar como os letrados de então encontraram tanto argumentos contrários quanto favoráveis a essas incursões pelas estrelas.

²⁷ ALFONSO X: **Libros del Saber de Astronomía** del Rey D. Alfonso de Castilla, copilados, anotados y comentados por Don Manuel Rico y Sinobas. Madrid: Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, 1863-67, p. IX.

CAPÍTULO 1

O saber inspirado nos indícios do céu

1.1 O modelo cosmológico e a retomada da *scientia stellarum*

“O Espírito Santo não tão somente quis que fossem as estrelas e planetas por formosura e luz, mas ainda quis que fossem sinais dos bons e maus tempos, que são conhecidos e repartidos por doze signos.”²⁸ Enrique de Vilhena ao comentar passagens do Genesis em seu *Tratado de Astrología*, escrito em 1428 em Aragão, posteriormente às obras atribuídas à Afonso X, afirmou categoricamente a capacidade dos astros de sinalizarem o teor de acontecimentos nas etapas da criação do mundo. Tal afirmativa, corrente desde o século XIII, será desdobrada incansavelmente no século XV, pois, assim como Vilhena, seus contemporâneos, homens de saber, estudaram o céu por acreditarem na realização terrena daquilo que se delineava no plano das estrelas e, por isso, o conhecimento das configurações astrais e seus possíveis efeitos foram de grande valor para os homens em geral, mas especialmente para aqueles envolvidos com o poder, dadas suas responsabilidades e necessidade de se resguardarem.

Os astros, pelo que indicam as fontes do período, mereceram a atenção de vários letrados da Península Ibérica nos tempos em que as universidades e as cortes começaram a protagonizar a produção dos saberes. A forma como esta curiosidade ou inquietação se manifestou, entretanto, sofreu relevantes alterações com o passar do tempo, alterações assombradas em certos momentos por uma temida e condenada forma de crença, considerada excessiva, dispensável e fundada em elementos incertos, a superstição.²⁹ Qual seria então a especificidade do saber astrológico na Península Ibérica dos séculos XIII, XIV e XV? Neste capítulo, merecem atenção as formas correntes, no âmbito cortês e universitário, de

²⁸ ENRIQUE DE VILLENNA. *Tratado de Astrología* atribuído a Enrique de Villena. Edición Pedro M. Cátedra, Introducción Julio Samsó. Barcelona: Editorial Humanitas, 1983, p. 103.

²⁹ Segundo Jean Claude Schmitt, a definição de *superstitio* é romana e significa uma forma pervertida de *religio*, “muitas vezes manchada pelo exagero, segundo um outro sentido do prefixo super: o que é supérfluo”. SCHMITT, Jean-Claude. *História das Superstições*. Tradução de Luís Serrão, Portugal: Publicações Europa-América, 1997, p. 16. Kieckhefer, no mesmo sentido, aponta que superstição significou, na baixa Idade Média, uma má utilização da religião: “a utilização de coisas sagradas para obter poderes além dos que possuíam em realidade, o uso desse poder em práticas não autorizadas, e a utilização de práticas autorizadas com uma intenção inadequada”. Assim, se um moralista julgasse a prática de uma pessoa pecaminosa, era mais provável que acusasse essa pessoa de superstição que de realizar atividades mágicas, de modo que a superstição podia solapar-se com a magia, mas em princípio, não foram a mesma coisa. KIECKHEFER, Richard. *La Magia en la Edad Media*. Tradução de Montserrat Cabré. Barcelona: Editorial Crítica, 1992, p. 197.

tratamento desse saber, seja como ciência, seja como arte.³⁰ Antes, contudo, de desdobrarmos como os ibéricos desses séculos o definiram, bem como o que escolheram para dar prioridade na transmissão de premissas sobre ele, cabe uma breve explanação a respeito de alguns aspectos difusos, preconceções, sobre as noções cosmológicas³¹ do período e também a respeito da crença em uma herança, vinda da antiguidade, que estimulou o gosto por tentar entender as combinações astrais; noções essas que se mantiveram como base da astrologia, quando esta foi, posteriormente, desvinculada da ciência astronômica.³²

A principal referência para entender a cosmologia do período, a mais retomada, foi a ptolomaica, esta ensinou a divisão do céu em doze casas celestes projetando três áreas sobrepostas para os céus. Nesta organização, quatro pontos importantes cruzaram o céu: o ponto ascendente da eclíptica no horizonte oriental, o ponto descendente da eclíptica no meridiano mais baixo, a intersecção da eclíptica com o meridiano superior, e o ponto de descida da eclíptica com o meridiano superior. Os planetas se moviam de uma casa para outra a cada duas horas, e cada combinação de planeta e casa poderia transmitir várias características de um recém-nascido. Assim, a partir dessas combinações era possível saber a natividade, ou os horóscopos e indicar perspectivas futuras de um indivíduo, que dependia fortemente do conhecimento do momento exato do seu nascimento.

O foco deste trabalho, no entanto, não é um aprofundamento das técnicas utilizadas para interpretar os astros no passado, e sim a astrologia como um meio de prever, de sintetizar as interrogações dos medievais acerca de um porvir “terreno”. Tais interrogações, na maioria das vezes, não foram relatadas como algo virtuoso pelos pensadores daquele tempo, mas ainda assim encontraram um espaço amplo nos escritos. O céu, por exemplo, passou a ser observado e estudado pelo seu suposto potencial de responder a algumas daquelas inquietações dos homens dos séculos XIII, XIV, XV e ainda parte do XVI. A crença corrente era de que a lógica do funcionamento dos céus tinha-se pautado na criação divina. A

³⁰ O hábito intelectual da ciência e da arte são aspectos intercambiáveis da mesma virtude racional da alma: a ciência cujo objeto é *in facto esse* é também a arte, cujo objeto está em devir. BOUDET, Jean-Patrice; COLLARD, Frank; WEILL-PAROT Nicolas. **Médecine, astrologie et magie entre Moyen Âge et Renaissance: autor de Pietro d’Abano**. Firenze: Sismel, edizioni del Galluzzo, 2013, p. 10.

³¹ “[...] por modelo cosmológico se entende aquilo que é remoto e não verificável, e não o que está próximo e é verificável. Um matemático poderia dizer que os modelos cosmológicos antigos (e grande parte dos modernos) são as condições-fronteira, remotas no tempo e no espaço, que determinam as condições presentes e próximas de nós: o céu está sustentado por colunas, mas só Hércules consegue atingi-las; no oceano nadam os monstros; o ponto de apoio do mundo hindu é constituído por três elefantes que se apoiam numa gigantesca tartaruga. Ainda uma condição-fronteira é o modelo atomístico, se bem que mais sofisticado.” CAVALIO, Giacomo; MESSINA, Antonio. Cosmologias. In: **Enciclopédia Einaudi**. Volume 9 Matéria-Universo. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986, p. 229.

³² García faz uma introdução em seu estudo, na qual trata dos arquétipos astrológicos, ou de como se dá a dinâmica dos astros que resultam nas previsões. GARCÍA, Luis Miguel Vicente. **Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española**. Madrid: Ed. Del Laberinto S. L., 2006, p. 15.

conjunção dos planetas, por exemplo, teria sido perfeita apenas no momento da criação, porém, após este instante inicial, os planetas desenvolveram velocidades próprias diferentes, provocando a mudança na configuração astral ou a desconjunção,³³ o que veio a favorecer determinado planeta ou signo em um período específico. Este desequilíbrio entre os astros foi o que veio a favorecer o estabelecimento e aceitação do saber astrológico, pois passou-se a crer que este ajudava a firmar que certas coisas eram beneficiadas ou desfavorecidas por uma tal configuração ou por outra:

[...] porque dizem alguns que desde o primeiro tempo que começou o mundo, no qual começo juntamente se moveram estes planetas, que depois nunca assim em conjunção estiveram como então: porque a cada um deu-se o seu correr em desnivelados movimentos, e por isso não ficam eles a fazer sobre os corpos e tempos as coisas que faziam, porque eles entram cada um em um dia, e cada tempo em um signo, e algumas horas estão em tal signo, que fortalecem sua força, e em tal signo entram que lhes faz perder a sua força.³⁴

Essas oscilações, como adianta o Rei D. João I no *Livro da Montaria*, escrito entre 1415 e 1433, foram justamente a base no trabalho de realizar as previsões, pois a força de um planeta específico, relacionado à carta natal de alguém, indicaria sucesso ou insucesso para alguma ocasião que se desejava antecipar. O monarca, a partir desse movimento dos astros, explicava as melhores condições para a caça.

Sobre as configurações do cosmos, acreditava-se que havia não um, mas sete, oito ou nove céus, chamados também de esferas. Em virtude da correspondência numérica, o oitavo céu correspondia ao universo, isto é, havia sete esferas planetárias (as dos cinco planetas e as dos iluminados, Sol e Lua) e a esfera celestial (a das estrelas fixas)³⁵, correspondendo esta última esfera, a das estrelas fixas, à vontade divina e ao destino das almas, como se afirmava inúmeras vezes nos textos sobre astrologia. Acreditava-se ainda em um nono céu, onde estava apenas Deus, assim, o oitavo, por estar mais próximo a Ele e não ser indecifrável como o nono céu, foi considerado o mais nobre, pois nele também estavam todas as estrelas que

³³ A respeito da desconjunção, os filósofos medievais retomaram Aristóteles em uma busca de entendimento da relação, após a criação, entre tempo divino e tempo terreno, questionando-se ainda se houve tempo para Deus antes e depois da criação. LYONS, Jonathan. *A Casa da Sabedoria: como a valorização do conhecimento pelos árabes transformou a civilização ocidental*. Tradução de Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011, p. 220-230.

³⁴ DOM JOÃO I. *Livro da Montaria (1415-1433)*. In: *Obras dos Príncipes de Avis*. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981, p. 76.

³⁵ MACROBIO. *Comentário Al “Sueño de Escipión” de Cicerón*. Introducción, traducción y notas de Fernando Navarro Antolín. Madrid: Editorial Gredos, 2006, p. 155.

representavam as figuras existentes na terra,³⁶ as quais os astrólogos estudavam para desvendar a formação dos horóscopos, ou seja, o zodíaco.

Sacrobosco, astrônomo e professor da universidade de Paris, escreveu o célebre *Tratado da Esfera* (1230), precisamente na época em que foi possível fazer uma combinação entre a velha astronomia literária da primeira Idade Média e a nova astronomia científica dos tradutores árabes do século XII, unindo Macróbio e Ptolomeu e adicionando referências de Alfragano. Dessa forma, o livro ficou em voga por cinco séculos,³⁷ sendo uma referência para o estudo da arte dos astros nas universidades medievais como a de Salamanca. Afirma-se, nessa obra, que o zodíaco é um círculo que corta a oitava esfera e,

pelo movimento dos planetas debaixo dele, é a vida nas coisas que debaixo do céu estão. Pode também vir este nome zodíaco de *zodion*, que quer dizer animal, porquanto este círculo se parte em doze partes iguais, das quais cada uma se chama signo e tem nome de algum animal, e isto por alguma propriedade que convém ao signo e ao animal, ou porque as estrelas fixas daquelas partes fazem figura do tal animal.³⁸

Assim, a astrologia comprometeu-se em dar forma ao posicionamento dos planetas, das estrelas e constelações da oitava esfera pelas subdivisões dos doze signos chamados de casas ou graus.³⁹ Para cada pessoa que quisesse fazer o horóscopo, prever seu futuro, seriam necessários cálculos que considerassem todos os aspectos descritos acima.⁴⁰ As constelações zodiacais foram ainda vinculadas aos quatro elementos (fogo, ar, água e terra), e os planetas às qualidades elementares, seco, húmido, quente e frio. Além disso, os planetas recebiam características humanas, uma característica da astrologia grega que os relacionou com a personalidade da sua divindade homônima, assim, Marte foi associado à guerra, às rivalidades e disputas, Vênus presidiu os jogos, os divertimentos, os amores, e Mercúrio governou o que estava relacionado ao conhecimento. Também as estrelas errantes reagiam como os homens, ao alegrar-se em sua casa (exaltação) ou experimentarem o oposto, quando repelidas de suas casas. Os planetas ainda foram divididos em planetas favoráveis ou não, dependendo do seu

³⁶RODRÍGUEZ, Ana Domínguez. *Astrología y Arte en el Lapidario de Alfonso X el Sabio*. Murcia: Edición de la Real Academia Alfonso X el Sabio, 2007, p. 168.

³⁷ THORNDIKE, Lynn. The True Place of Astrology in the History of Science. In: *Isis*, n. 46, 1955, p. 14-17.

³⁸ JOHANNES SACROBOSCO. *Tratado da Esfera* (séc. XIII). Tradução de Pedro Nunes; atualização para o português contemporâneo Carlos Ziller Camenietzk. São Paulo: Editora Unesp, 2001, p. 24.

³⁹ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull). Tradução de Esteve Jaulent. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2011, p. 27.

⁴⁰ Segundo Minois a astrologia foi na Idade Média “o meio de acesso ao futuro mais racional e mais científico.” MINOIS, George. *História do Futuro*. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Ed. Teorema, 1996, p. 245.

grau de calor e umidade, exceto mercúrio, considerado neutro, pois poderia ser favorável ou não.⁴¹

Tais referências permitem-nos afirmar que, até a formulação da lei da gravitação universal por Newton, em 1687, houve a permanência de vários aspectos de uma lei universal natural astrológica⁴², que exigia dedicação dos estudiosos para os detalhes acerca dos céus e seus elementos, pois acreditava-se que o mundo da natureza era governado e dirigido pelo movimento dos céus e dos corpos celestiais, e o homem, como animal gerado naturalmente e vivendo no mundo da natureza, estava também sujeito a essas leis. Destarte, esse seria o significado mais amplo e mais aceito da astrologia⁴³, a lei universal que afirmava uma relação de todas as coisas do mundo (incluindo o movimento dos céus) e também destas com a vontade de Deus; contrariamente a um significado mais restrito e controverso que dizia respeito a determinadas previsões, como veremos no próximo capítulo. Nos textos medievais sobre astrologia, esses dois sentidos se conjugam para que certas temáticas ilustrativas das curiosidades mais presentes no período pudessem ser esclarecidas. Exemplarmente, Raimundo Lúlio (1232-1315), o doutor inspirado, tratou de várias instâncias que interessaram ao conhecimento cristão e filosófico, dentre elas a astrologia, fazendo uma descrição que contemplava o significado da previsão, ao propor todas as frentes de interesse para a astrologia no período, a saber:

[...] coisas que pertencem ao julgamento da astronomia, como a saúde, a enfermidade, a vida, a morte, a alegria, a ira, a riqueza, a pobreza, a abundância, o repouso, o trabalho, o empreendimento de uma viagem, o matrimônio, a procura de uma casa, o vento, a chuva, o gelo, o latrocínio, a guerra, a paz, o lucro, a perda, a vitória, a derrota, ir a uma terra e não a outra, buscar uma determinada coisa de um homem e não outro ou em um tempo e não em outro, banhar-se, fazer uma sangria, tomar um remédio, empregar-se em um ofício e não em outro, ou em um ofício mais do que em outro, pedir ou não pedir, o conselho, a segurança, o perigo, dar, falar, silenciar, ir, ficar, aprender e ensinar; e assim com as demais coisas que dizem respeito ao acaso e ao favorecimento, ou ao desfavorecimento.⁴⁴

Todos esses aspectos listados por Lúlio dão-nos uma indicação do grande alcance desse saber concebido pelos filósofos da Igreja, entretanto, para que textos como o de Lúlio circulassem

⁴¹ SEUDO MASLAMA. *Picatrix*. Org. Marcelino Villegas, Oran, 1978, p. 13.

⁴² “Pode dizer-se que até o século XVIII, o universo consiste quase unicamente no sistema solar com o apêndice da esfera das estrelas fixas”. CAVALIO, Giacomo; MESSINA, Antonio. *Cosmologias*. In: **Enciclopédia Einaudi**. Volume 9 Matéria-Universo. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986, p. 234.

⁴³ THORNDIKE, Lynn. **The True Place of Astrology in the History of Science**, p. 273-278.

⁴⁴ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval (1297)*. (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 106-107.

na Península Ibérica, os textos árabes foram fundamentais, perpetuando os estudos astronômicos e astrológicos dos gregos.

Os escritos anteriores ao século XIII serão pouco referidos neste trabalho, pois servem mais para aclarar o desenvolvimento das traduções dos escritos astrológicos do que como disseminadores, na Península, desse saber envolvido com as previsões. Contudo, não devem ser julgadas como de menor importância as ocasiões que propiciaram a retomada da astrologia, de forma que alguns pontos fundamentais dessa retomada merecem atenção no subtítulo seguinte, mesmo que o objeto principal seja a concentração e a propagação dos textos astrológicos em língua vulgar a partir do século XIII. Como se deu a retomada do saber astrológico nas cortes ibéricas será, pois, tratado a seguir, com ênfase não só na corte de Afonso X, que teve, sem dúvida, um maior destaque, mas em outras, como a de Aragão e de Portugal, pois a reunião de nobres e estudiosos que privilegiaram o saber das estrelas propiciou o estabelecimento das balizas condutoras desse saber para os ibéricos, em uma combinação entre escritos dessas próprias cortes e aproveitamentos dos ensinamentos árabes e judaicos.⁴⁵

Foi no século XII que a retomada da astrologia atingiu seu auge, em grande parte graças às traduções das fontes árabes e da preservação de certos escritos pelos clérigos da alta Idade Média, que não tinham se dedicado profundamente ao estudo deste saber. A astrologia tinha sido, pois, retomada desde o século VIII, contudo, apenas a partir do XII, nota-se uma preocupação em distinguir um uso louvável da astrologia, de outro condenável, ou melhor, uma preocupação em distinguir uma boa astrologia, aquela amparada nas artes liberais, de uma má astrologia, aquela de fundo supersticioso.⁴⁶ Nesse sentido, como o termo astrologia foi utilizado para designar tanto uma ciência como uma prática supersticiosa, nomeou-se judiciária aquela astrologia que se ocupava propriamente de questões delicadas para a fé católica, ou seja, aquela que propagava o trâmite árabe de adivinhar pelos sinais do céu, e por isso era contraposta à ciência astrológica ou astronomia. A astrologia foi considerada a ciência das qualidades e propriedades dos mesmos corpos celestes – chamada de *judiciorum scientia* (ciência dos julgamentos ou ciência judiciária).⁴⁷ A astronomia, por sua vez, passou a ser conhecida como a ciência dos movimentos dos corpos celestes, chamada de *scientia motus* ou *motuum* (ciência dos movimentos).

⁴⁵ BOUDET, Jean Patrice. **Entre Science et Nigromance**. Paris: Publications de la Sorbonne, 2006, p. 188-198.

⁴⁶ Esta diferenciação será melhor trabalhada no último capítulo.

⁴⁷ PRÉAUD, Maxime. **Les Astrologues à la fin du Moyen Age**. Paris: Ed. J.-C. Lattès, 1984, p. 54.

Essa terminologia opunha um saber necessário, a serviço de Deus, denominado astronomia, a um outro, incerto e de finalidade duvidosa, maquinado pelos demônios, designado astrologia⁴⁸. Entretanto, essa oposição não foi corrente em toda Península Ibérica, pois é bom esclarecer, à partida, que astrologia e astronomia, embora já no medievo fossem consideradas artes diferentes, se confundiram na maioria das vezes, dado que a astronomia foi maiormente utilizada para fins astrológicos.⁴⁹ Difícil, por exemplo, é encontrar referências a um astrônomo que não fosse também astrólogo e, do mesmo modo, a distinção terminológica entre astronomia e astrologia não chega a esclarecer sobre a aplicação específica desses saberes.⁵⁰ Assim, a *scientia stellarum* incluía ambas as partes, astronomia e astrologia, de tal modo que nenhuma delas podia considerar-se completa ou possível sem a outra.⁵¹

A astrologia judiciária, que vinha sendo cultivada com grande fervor pelos povos do Oriente, tinha como principal função o levantamento de horóscopos, incluindo também a astrologia genética, aquela que analisava o futuro a partir da data do nascimento, fazendo os seguintes juízos em torno das estrelas: 1) o estudo das conjunções e revoluções entre os planetas, que habilita a realização de predições gerais (clima, fome, pragas, etc.); 2) o sistema de interrogações, mediante o qual se formulam respostas precisas a perguntas concretas de diversa índole; 3) e, finalmente, o sistema de eleições, orientado a determinar o momento propício para o desenvolvimento de certa atividade: contrair matrimônio, iniciar uma guerra, empreender uma viagem⁵². Foi anunciada nas terras hispânicas quando Santo Isidoro de Sevilha trabalhou para compilar, nas *Etimologias*,⁵³ a diversidade dos saberes humanos. Contudo, nem na escola isidoriana nem nas escolas monásticas imediatamente posteriores, essa forma de saber encontrou terreno adequado para seu pleno desenvolvimento. Após a conquista muçulmana e o acesso à cultura árabe e hebraica, as condições para o incremento da astrologia mostraram-se mais adequadas e, mais adiante, a partir do século X, graças ao

⁴⁸ SCHMITT, Jean-Claude. **História das Superstições**, p. 17- 24.

⁴⁹ David Romano também afirma a coincidência dos termos, entretanto, destaca que quem se dedicava ao saber das estrelas era chamado de astrólogo e não de astrônomo. O autor explica que isto se daria porque para os medievais tudo o que foi relativo à astronomia era uma preparação para a astrologia. ROMANO, David. **La Ciencia Hispanojudía**. Madrid: Colecciones Mapfre, 1992, p. 19.

⁵⁰ GREGORIO, Daniel. De la astronomía a la astromagia, una aproximación alfonsí del saber de las estrellas. In: **Miscelánea Medieval Murciana**, n. 36, 2012, p. 41-73. Disponível em: <http://revistas.um.es/mimemur/article/view/187591/154451>; Consultado em: 10/20/2015.

⁵¹ SANTIAGO, Carmen Ordóñez. **El pronóstico en astrología**. Edición crítica y comentario astrológico de la parte VI del Libro Complido en los iudizios de las estrellas de Aben Ragel. Memoria para optar al grado de doctor. Universidad Complutense de Madrid: 2006, p. 30.

⁵² CAVALLERO, Constanza. Supersticiosos y Marranos. El discurso anti-mágico de Lope de Barrientos a la luz de la “Cuestión Conversa”. In: **Cuadernos Historia de Españã**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires ene./dic. vol.84, 2010, p. 06.

⁵³ ISIDORO DE SEVILLA. **Etimologias**. Editores: Jose Oroz Reta, Manuel-Antonio Casquero; Manuel CDíaz y Díaz. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

florescimento da cultura arábico-ibérica, assiste-se a uma certa abertura para a superstição astrológica, tanto nos domínios muçulmanos como nas regiões que continuavam sob o poder cristão.⁵⁴ Nestas últimas, a corte de Afonso X teve, por estimular as compilações de escritos astrológicos, o papel mais fundamental, como veremos a seguir.

1.2 Os escritos em língua vulgar e a astrologia judiciária

O desejo de traduzir as obras dos sábios do Oriente cresceu de tal forma que, graças ao grupo de tradutores da “Escola de Toledo⁵⁵”, se assistiu a um grande passo, em terras peninsulares, em todas as esferas de saber, incluindo entre essas a astrologia. Os testemunhos escritos multiplicam-se nos séculos XII e XIII,⁵⁶ e os textos traduzidos em Toledo circulam e aparecem em compilações distintas, servindo a funções diversas, como a orientação nas cortes e o ensino nas universidades. A importância de Toledo como centro difusor da ciência medieval⁵⁷ alcança sua plenitude com a ascensão de D. Afonso X ao trono de Castela em 1252. Sobretudo a astrologia tem seu período áureo, pois os manuscritos sobre o tema são recompilados e desenvolvidos em Toledo em torno da figura real. Três temas principais relacionados a este saber foram priorizados: os temas mágicos; os saberes propriamente astronômicos, integrados nos *Libros del Saber de Astronomía* e nas *Tablas Alfonsíes*; e, por

⁵⁴ FLINT, Valerie I. J. **The Rise of magic in early medieval Europe**. Princeton University Press, 1994, p. 191.

⁵⁵ Romano chama atenção para o caráter de mera tópica do uso da chamada Escola de Tradutores de Toledo. Segundo o autor, Toledo, por ser capital, deveria logicamente ser o centro principal de atividade intelectual e política. Além disso, “o trabalho de tradução se desenvolveu ao mesmo tempo em distintos lugares da Península [...]. Há versões do árabe para o latim feitas na cidade de Leão; elas estão também nas várias cidades do Vale do Ebro, [...] Pamplona e Tudela, assim como nas aragonesas de Tarazona, Zaragoza e Huesca e, sobretudo, em Barcelona.” ROMANO, David. **La Ciencia Hispanojudía**, p. 85.

⁵⁶ No que se refere a obras astronômicas e astrológicas, é difícil encontrar vestígios pré-afonsinos, a não ser que se considere a transmissão oral. Todavia, há uma divisão na escola afonsina, um primeiro período de produção de obras astronômicas e astrológicas até 1259 – período a que pertence o *Libro Conplido* – e uma refundição, correção e nova elaboração de parte das obras já traduzidas a partir de 1276 (84). (HILTY, Gerold. Introducción. In: ALY ABEN RAGEL. **El Libro Conplido En Los Iudizios de las Estrellas**, p. L).

⁵⁷ Amorim trata de um movimento de traduções que começou no Oriente e tornou possível a escola afonsina. Segundo a autora: “com a chegada ao poder da dinastia dos Abássidas (750), caracterizou-se a tradução de um volume considerável das obras clássicas de filosofia, astronomia, matemática, medicina, todas as ciências, enfim, do grego para o árabe, e ocorreu principalmente em Bagdá. Enquanto isso, na Europa, o acesso do mundo ocidental aos saberes gregos, nos séculos VIII e IX, restringiam-se aos enciclopedistas latinos, tendo em vista que o conhecimento da língua grega estava em declínio. No século X, entretanto, o papa Silvestre II adquiriu alguns tratados árabes que foram traduzidos para o latim e, de 1125 a 1200, ocorrendo um intenso fluxo de traduções do árabe para o latim com o patrocínio da Igreja. No século XIII, sob o patrocínio do rei de Leão e Castela – D. Afonso X, o Sábio – traduziram-se muitas obras, sobretudo do árabe para o castelhano, mas também do/para o hebraico, grego e latim, especialmente de astronomia, transformando a Espanha num grande centro de tradução e numa rica zona de troca cultural, tendo em vista a política de tolerância religiosa entre cristãos, judeus e muçulmanos, com maior ênfase em Toledo, em prol da difusão do conhecimento.” MACHADO, Cristina de Amorim. **O Papel da Tradução na Transmissão da Ciência: o caso do Tetrabiblos de Ptolomeu**. Rio de Janeiro: ed. Mauad, 2012, p. 10-20.

fim, as predições e julgamentos astrológicos.⁵⁸ Nessa escola, trabalharam sobretudo médicos judeus, incluindo Abraham Alfaquin e Judas ben Moshé, mas o monarca também contou com os serviços de estudiosos cristãos, castelhanos e italianos.⁵⁹

Dois períodos foram especialmente relevantes para os textos sobre astrologia em Toledo: primeiro, o da produção de obras astrológicas até 1259; segundo, o período que se iniciou depois de 1276, quando vários escritos passaram por refundições, correções e novas elaborações de obras já traduzidas.⁶⁰ A partir dessas traduções, um passo importante foi dado em direção à disseminação do saber astrológico, pelo menos nos ambientes letrados – nas cortes e nas universidades –, isso porque é no reinado afonsino que podemos considerar a existência de uma astronomia planetária "clássica", propagada através de um vocabulário técnico muito preciso para tratar das coordenadas ou de qualquer um dos centros dos círculos envolvidos na construção planetária. Os textos anteriores, do século XII, por exemplo, versam sobre o assunto de maneira desregrada, ou seja, antes do século XIII, o vocabulário é ainda caracteristicamente flutuante.⁶¹

Em Portugal, a temática relacionada à astrologia tornou-se merecedora de mais interesse apenas tardiamente, graças à ascensão ao poder de uma dinastia que quis fazer do saber uma de suas armas, a dinastia de Avis⁶² (1385); contudo, ela não foi pioneira. Antes que o conhecimento dos movimentos dos astros e das configurações do céu parecesse relevante para os representantes do poder avisino e para aqueles que estavam ao seu redor, alguns textos sobre astrologia tinham sido lidos e compilados no reino de Portugal. Eram conhecidos, por exemplo, o *Almagesto* (séc. II), de Cláudio Ptolomeu, o *Tratado da Esfera*, de João de Sacrobosco, a *Teórica dos planetas*, de Gerardo de Cremona, o *Grande livro de astronomia*, de João Gil e o *Libro de los iudizios de las estrellas* de Ali Ben Ragel. Mas o documento propriamente mais antigo referente à astronomia, nessas terras, é o *Almanaque Perpétuo*, datado do segundo quartel do século XIV, ou seja, do reinado de D. Dinis. Neste, nota-se uma diferença fundamental em comparação à produção castelhana, a exclusividade, ou seja, enquanto os tratados astrológicos castelhanos foram produzidos de forma mais sistemática, o tratado português é único, provavelmente em razão de terem os textos castelhanos fornecido e tornado acessível aos portugueses a matéria astrológica. Afonso X era, segundo D. Duarte,

⁵⁸ ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**, p. 11.

⁵⁹ BOUDET, Jean Patrice. **Entre Science et Nigromance**, p. 166.

⁶⁰ HILTY, Gerold. Introducción. In: ALY ABEN RAGEL. **El Libro Conplido En Los Iudizios de las Estrellas**. Introducción y edición de Gerold Hilty. Madrid: Real Academia Española, 1954, p. L.

⁶¹ POULLE, Emmanuel. **Les Sources Astronomiques (Textes, Tables, Instruments)**, Typologie des Sources du Moyen Âge Occidental. Fasc. 39, Brepols Turnhout-Belgium, 1981, p. 52.

⁶² O que será melhor especificado adiante, a partir da análise da inserção da matéria astrológica nos textos pedagógicos estimulados pelos monarcas desta dinastia.

dedicado à astrologia e influente, pois esse “honrado Rei astrólogo [...] multidões fez de leituras.”⁶³ Dessa forma, foi apenas posteriormente, no reinado de D. Duarte (1433-1438), que se pôde encontrar em Portugal significativas referências a temáticas no campo astrológico, em textos bem diversos dos tratados castelhanos, como o *Leal Conselheiro* (1438)⁶⁴ e a compilação de escritos conhecida por *Livro dos Conselhos* (1423-1437), também designada por *Livro da Cartuxa*.⁶⁵ Esses escritos de outros gêneros enquadram-se no projeto – se assim se pode dizer – da corte portuguesa de estimular a produção de uma literatura voltada para a edificação dos príncipes, projeto que ganhou um significativo impulso a partir do século XV, através do estímulo às traduções, bem como de um conjunto de iniciativas para estimular novas produções.⁶⁶ Do mesmo modo, foram frequentes as referências astrológicas nas crônicas, visando enaltecer sobretudo nomes importantes da nobreza portuguesa; como veremos detidamente no próximo capítulo.

O papel da Escola de Tradutores de Toledo, acima referido, foi ainda mais fundamental na Península Ibérica no que diz respeito às traduções e compilações dos textos árabes, e em menor grau, judeus. Todavia, com essas traduções foi-se criando também a própria prosa literária em castelhano, formada a partir de uma relação mútua entre o que se queria expressar (os saberes de “origem” clássica) e a forma de se expressar (as traduções e compilações em língua vulgar).⁶⁷ Desse modo, considerando o estímulo do monarca Afonso X às traduções, cabe questionar que papel teriam tido as traduções de textos astrológicos no aprimoramento do saber do rei Sábio, soberano que foi descrito no *Libro Conplido de los Iudizios de las Estrellas* como aquele que “trouxe para perto de si as ciências e os que sabiam delas.”⁶⁸ Cabe questionar, conseqüentemente, qual teria sido sua contribuição para os monarcas em geral, nomeadamente no que diz respeito ao estudo da configuração dos astros sob a alçada da astronomia e visando o desenvolvimento da reflexão sobre a intervenção desses na vida dos homens. Como os textos castelhanos muitas vezes mesclaram astronomia e astrologia, designando-as apenas como ciência astrológica ou ciência das estrelas, na

⁶³ D. DUARTE. *Leal Conselheiro*. In: **Obras dos Príncipes de Avis**. Edição de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981, p. 169.

⁶⁴ Texto que discutiu sobre a validade ética e cristã dos prenúncios astrais, concluindo por sua recusa. O *Livro dos Conselhos* (1423-1437) ou *Livro da Cartuxa* contém trechos diversos, reveladores do interesse de D. Duarte pelos mistérios astrológicos.

⁶⁵ Catálogos Biblioteca Nacional de Portugal. **Estrelas de papel** – livros de astronomia dos séculos XIV a XVIII. Lisboa: 2009, p. 9-24.

⁶⁶ BUESCU, Ana Isabel. **Imagens do príncipe** – discurso normativo e representação (1525 – 49). Lisboa: Ed. Cosmos, 1996, p. 46.

⁶⁷ HILTY, Gerold. Introducción. In: ALY ABEN RAGEL. **El Libro Conplido En Los Iudizios de las Estrellas**, p. XXXVI.

⁶⁸ ALY ABEN RAGEL. **El Libro Conplido En Los Iudizios de las Estrellas**, p. 03.

introdução do *Libro de las Cruces*,⁶⁹ obra de 1259 que foi a primeira em castelhano a tratar diretamente da astrologia, os comentaristas esclarecem inclusive que o cultivo da astrologia requer conhecimentos não escassos de astronomia, de forma que não podia existir um astrólogo que não fosse astrônomo. Questionam, assim, esses comentaristas se D. Afonso X foi entusiasta puramente dos estudos astronômicos ou estava contagiado também pelas superstições que rondavam a astrologia. E não puderam deixar de concluir que ele, como os demais estudiosos do seu tempo, aceitou inteiramente a astrologia.

Outra questão lançada por especialistas acerca do rei sábio é quanto à autoria das obras feitas em sua corte, ou sua participação nas compilações,⁷⁰ pois alguns dos textos apresentam miniaturas nas quais o rei aparece ditando para os compiladores, que escrevem em pergaminhos ou livros. Se não é possível falar em autoria individual, como a propósito não o é para as obras medievais em geral,⁷¹ de qualquer forma, parece ao menos certo que o rei foi autoridade que participou de forma decisiva na elaboração dos prólogos desses livros.⁷² Na *General Estoria*, é declarado o tipo de participação do rei sábio nos textos de sua corte:

O Rei faz um livro, não porque ele escreva com suas mãos, mas porque compõe as razões dele, e as emenda, e sustenta e endereça, e mostra a maneira de como se devem fazer, desde então escreve-se o que ele manda, mas dizemos, por esta razão: o Rei faz o livro. Outrossim quando dizemos: o Rei faz um palácio e alguma obra, não é dito porque ele fez com suas mãos, mas porque mandou fazer as coisas que eram necessárias para os seus.⁷³

Se o autor era, pois, o que concebia o tratado e sugeria as matérias, e não propriamente aquele que escrevia de próprio punho, a relevância da autoria ou não do rei sábio não é apenas uma curiosidade acerca da vida de uma figura marcante, mas sim um indício do papel que a astrologia desempenhou para as pessoas que estavam no poder. Contudo, a noção que melhor

⁶⁹ KASTEN, Lloyd A.; KIDDLE, Lawrence B. Introducción. In: ALFONSO EL SABIO. **Libro de las Cruces**. Edición de Lloyd. A. Kasten e Lawrence B. Kiddle. Madrid: Madison, 1961, p. VIII – XLVIII.

⁷⁰ GUTIÉRREZ, José Miguel Carrión. **Conociendo a Alfonso X el Sabio**. Comunidad Autónoma de la región de Murcia, Consejería de cultura y educación, 1997, p. 123.

⁷¹ Como explica Joaquim de Carvalho, na Idade Média não se atentava para o plágio, pois não se lhe atribuía uma significação subversiva, porque a verdade era independente de quem a formulava. As contribuições ou variações individuais tinham uma importância escassa, salvo em matéria religiosa. E o amante da verdade procurava-a onde quer que lhe parecesse existir, expondo-a sem se sentir moralmente obrigado a dizer onde a colhera. Por isso foi tão frequente a apropriação do trabalho alheio (*defloraciones*), não se eximindo ninguém, dos mais obscuros aos mais afamados criadores, como São Tomás de Aquino. CARVALHO, Joaquim. **Cultura filosófica e científica - Período Medieval**. (Disponível em:

<http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/51-Cultura-filosofica-e-cientifica-Periodo-Medieval->

Consultado em: 25/02/2015).

⁷² RODRÍGUEZ. Ana Domínguez. **Astrología y Arte en el Lapidario de Alfonso X el Sabio**, p. 26.

⁷³ ALFONSO X. **General Estoria**, versión gallega del siglo XIV. Ed., introducción lingüística, notas y vocabulário de Ramón Martínez-Lopes. Oviedo: Universidad de Oviedo, 1963. (Publicaciones de Archivum) Lib. XVI, cap XIII, p. 133.

diz sobre o papel dos escritores ou entusiastas da escrita neste período é a de autoridade, e não a de autoria – contrariamente ao que dizem vários estudiosos da obra do rei sábio.⁷⁴

Tentar compreender o domínio das estrelas demandava, primeiramente, o conhecimento de uma das disciplinas do *quadrivium*, de modo que, com a astrologia, o rei assegurou o desenvolvimento do tecido discursivo e conceitual das artes liberais no âmbito da corte, abrindo espaço para que esta se consolidasse como transmissora de saberes que, por serem também moralizadores, alcançaram um valor político.⁷⁵ Dentro desse quadro maior, a chamada astrologia judiciária – que se relacionou mais diretamente com as previsões – serviu para orientar o futuro dos nobres, atestando a influência dos astros nas almas e estimulando o estudo da ciência astrológica. No *Libro de las Cruces*, estão claras estas indicações, e a interpretação que o rei faz de Aristóteles aparece como fundamental para o entendimento da relação entre os corpos celestiais e os homens; relação que se mostrava especialmente relevante para as cortes, pois tinha o propósito de reunir unicamente os argumentos da astrologia que pudessem afetar a pessoa do rei ou a condução do seu reino:

Rei Don Afonso [...] lendo diversos livros de sábios, por alumbramento que teve da graça de Deus, de quem vem todos os bens, sempre se esforçou para alumbrar e abular os saberes que estavam perdidos no tempo que Deus o mandou reinar na terra. E porque ele lia, e cada sábio o afirma, o dito de Aristóteles que diz que os corpos de uso, que são os terrenos, se mantêm e governam pelos movimentos dos corpos de cima, que são os celestiais. Por vontade de Deus, entendeu e conheceu a ciência e o saber, ao conhecer as significações destes corpos celestes sobrepostos sobre os corpos terrenos o que era muito necessário aos homens.⁷⁶

O livro afirma que a astrologia é uma ciência muito necessária para os homens e que o rei recebeu graça divina para estimular os saberes perdidos, inclusive os astrológicos. É notória a preocupação tanto em legitimar um saber (guardar a sabedoria dos antigos),⁷⁷ como a de aprimorar as ciências que importam à vida do homem virtuoso. Para isso, aponta como primeiro passo necessário o entendimento da vontade de Deus, que fez e ordenou todas as coisas, em segundo plano, está a atenção à natureza, onde Deus colocou todo o bem e, por

⁷⁴ Sobre a questão, ver: RODRÍGUEZ, Ana Domínguez. *Astrología y Arte en el Lapidario de Alfonso X el Sabio*, p. 26 – 31. MONTIEL, Isidoro. *Historia y bibliografía del libro de Calila e Dimma*. Madrid: Editora Nacional, 1975, p. 12. CROMBACH, Mechthild. *Bocados de Oro*. Kritische Ausgabe des altspanischen Textes. Romanisches Seminar der Universität Bonn, 1971, p. 48.

⁷⁵ REDONDO, Fernando Gómez. *Historia de la prosa medieval Castellana I*. Madrid: Cátedra, 1998, p. 386.

⁷⁶ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 01.

⁷⁷ “Tudo indica que o desenho do horóscopo, com o zodíaco tropical e divisão de casas, emergiu e estabilizou-se na Mesopotâmia, por volta do século IV a. C. Os gregos chamavam os astrólogos usualmente de caldeus e os mais antigos tratados datam da época do Império Romano e muito devem ao desenvolvimento da Geometria em Alexandria.” BARROS, Rui. Introdução. In: RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 9.

último, a alma, que ordena o mundo dos céus e as estrelas.⁷⁸ Lembrando esses postulados, para se estudar a astrologia ainda era necessário tanto o conhecimento do céu (astronomia no seu sentido atual) quanto a interpretação correta do seu efeito na terra (presságios astrológicos). No mesmo *Libro de las Cruces*, há um trecho onde ficam mais esclarecidas as habilidades necessárias para se conhecer a ciência da astrologia, bem como seus transmissores:

[...] e dos estados dos planetas, e de seus acidentes segundo a forma como tudo isso é repartido nos livros dos sábios orientais, e dos da Babilônia e dos egípcios, e dos persas e dos gregos, pois todos esses investigavam os argumentos e as significações desta ciência de todas estas carreiras mencionadas.⁷⁹

O *Libro de las Cruces* já anuncia a importância das definições feitas pelos antigos para determinadas configurações astrais, afirmando um trabalho esmerado feito por esses, quando em suas páginas apontaram tanto os protagonistas na retomada de um saber que passou de geração a geração (pelos babilônios, egípcios, persas e gregos⁸⁰) até chegar ao Ocidente, quanto pelo conteúdo que estudaram: as sutilezas da ciência das estrelas a partir dos estados e acidentes dos planetas. Em outro texto compilado pelos escritores que serviram ao rei sábio, os *Libros del Saber de Astronomía* (1259), está justificado o porquê deste esforço:

Porque a ciência da astrologia é coisa que não se pode averiguar senão por correções. E as correções que fizeram os sábios que cumprem esta coisa não pode fazer um homem, porque não se pode fazer na vida de um homem, mas quando se faz, faz-se por obras de muitos homens, fazendo um após o outro em longos tempos. Isto é porque nos movimentos dos céus há alguns movimentos que são tardios, de modo que não fazem uma circunferência senão em milhares de anos.⁸¹

Na premissa dos *Libros del Saber de Astronomía* é visível que, de maneira complementar ao interesse em aprimorar o saber a respeito dos céus, estava uma necessidade de retomar e continuar uma prática, tendo em conta que a própria matéria averiguada pelos astrólogos, o movimento dos céus, determinava que o registro fosse feito ao longo de séculos. Esse trabalho de retomar o conhecimento astrológico foi creditado primeiramente ao interesse judeu por essas obras, isso porque foram eles os responsáveis pelo cultivo de um conjunto de obras redigidas em língua vulgar, no qual estavam incluídos a Bíblia, os tratados de moralidade,

⁷⁸ ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**, p. 22.

⁷⁹ ALFONSO EL SABIO. **Libro de las Cruces**, p. 05.

⁸⁰ ALFONSO EL SABIO. **Libro de las Cruces**, p. 05.

⁸¹ ALFONSO X. **Libros del Saber de Astronomía** del Rey D. Alfonso de Castilla, copilados, anotados y comentados por Don Manuel Rico y Sinobas. Madrid: Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, 1863-67, p. XX.

bem como as obras didáticas, jurídicas, astronômicas e astrológicas. Em contraponto, houve um desinteresse por parte desses pelas obras de caráter teológico e filosófico, tão representativas da baixa Idade Média cristã. A partir do trabalho textual dos judeus em Toledo, portanto, cresceu o interesse por determinados tipos de escritos transmissores dos conhecimentos judeu e árabe harmonizadas com as crenças religiosas do rei Sábio. Este rei Afonso X, assim como os judeus, também não se interessou por matérias mais filosóficas discutidas pelos teólogos, mas sim pela história (reter e guardar o passado como foi) e pela determinação de como devia ser a moral e a justiça em seu reino. Portanto, a astrologia seria mais um fator no planejamento afonsino para ajudar a pensar o homem moral e juridicamente.⁸²

Apesar do reconhecimento de Afonso X da astrologia judiciária, este saber causou mais problemas para se adequar a certas regras cristãs, por ser justamente a forma de estudo ligado às inquietações da alma, ou seja, ao que havia de vir para a vida dos homens. Assim, as eleições ou juízos correspondiam à escolha dos momentos favoráveis astrologicamente para empreender alguma ação, como começar a construção de uma vila ou casa, declarar uma guerra, casar, gerar um filho, iniciar uma viagem, dentre outras. Através dos almanaques ou da análise do céu a partir das datas fornecidas por quem procurava um astrólogo, levantava-se o horóscopo do momento exato em que determinada ação seria contemplada ou a figura do céu correspondente à configuração astral existente no momento do nascimento de alguém seria identificada.⁸³ No *Tratado de Astrología*,⁸⁴ de Enrique de Vilhena, vemos anunciada a preocupação com este tipo de astrologia, e tal tratado propagou muitos dos fundamentos desta escola e alertou sobre a inadequação da astrologia judiciária:

E sobre esta [astrologia de eleições] há opinião se podemos usá-la sem pecado ou não; e por esta parte são conhecidos os nascimentos dos homens e os morbos episódios, guerras e mortes dos reis, e outras muitas coisas, segundo a ciência expõe, a qual reprovam alguns doutores da santa Igreja.⁸⁵

Essa reflexão acerca da validade da astrologia judiciária tem raras aparições em escritos que não foram feitos por religiosos ou a serviço da Igreja diretamente. Nas *Tablas astronómicas*

⁸² HILTY, Gerold. Introducción. In: ALY ABEN RAGEL. **El Libro Conplido En Los Iudizios de las Estrellas**, p. XLI.

⁸³ BOUDET, Jean-Patrice; COLLARD, Frank; WEILL-PAROT Nicolas. **Médecine, astrologie et magie entre Moyen Âge et Renaissance: autor de Pietro d'Abano**, p. 67

⁸⁴ É uma espécie de Suma ou manual para uso de estudiosos e homens cultos que, embora não elaborado completamente, pode ser considerado como uma boa síntese do que se conhece com o nome de Astrologia cristã. ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**, p. 27.

⁸⁵ SAMSÓ, Julio. **Astrometeorología y Astrologia Medievales**. Universitat Barcelona – Col·lecció Homenatges, 2008, p. 117.

del rey Pedro el Ceremonioso (1366), o rei D. Pedro IV de Aragão (1336-1387), declara que se deveria investigar ciências, “em especial a das estrelas”, para que houvesse maior entendimento sobre os “feitos cavaleirescos e militares para defender e manter nossos reinos”,⁸⁶ assim, contrariamente ao *Tratado de Astrología*, esses escritos ensinam muitas vezes a se fazer previsões ou a responder questões (eleições), mas não denominam explicitamente seus ensinamentos de astrologia judiciária.

Raimundo Lúlio, por sua vez, escreveu um tratado voltado justamente para advertir sobre os perigos e falta de veracidade das previsões deste tipo de astrologia. Declara ele que quis “escrever este tratado de astronomia para os Príncipes e os Grandes, a fim de que saibam proteger-se de alguns astrônomos que os enganam com falsas predições que fazem a respeito dos corpos celestes.”⁸⁷ Esta preocupação com os príncipes decorre do reconhecimento, nos textos astrológicos, de referências diretas ao modo como se deve governar, bem como sobre as principais características dos monarcas, já delimitadas no céu. Tais considerações de Lúlio parecem ter surgido num momento em que o pensador esteve envolvido com o poder, tanto na Universidade de Paris (1297), quando Felipe IV priorizou o desenvolvimento das instituições administrativas e judiciárias⁸⁸ e entrou em conflito com o papado, quanto, anteriormente, na altura em que Lúlio prestou serviços para Jaime II de Aragão, em sua contenda com Castela visando alguns reinos.⁸⁹ Essas contendas acabaram por alertar Lúlio para o uso desvirtuoso da astrologia, tendo em conta as condenações desta pela Igreja em Paris⁹⁰ e também o interesse dos monarcas de Aragão pelas previsões, o que será justamente contemplado no próximo capítulo.

A astrologia judiciária não deve ser confundida, entretanto, com a astrologia clássica, que se dedicou quase exclusivamente à previsão do futuro de acordo com a posição das estrelas na hora do nascimento. A rigor, a astrologia judiciária foi praticada pelos árabes, que estabeleceram uma série de regras mediante as quais os astrólogos contestam as perguntas de um interessado sobre aspectos diversos: identidade de um ladrão, paradeiro de um objeto perdido e, ainda, os momentos favoráveis para decisões políticas, batalhas, casamentos etc.⁹¹

⁸⁶ VALLICROSA, J. M. Millás. *Las Tablas astronómicas del rey Pedro el Ceremonioso*. Madrid-Barcelona: C.S.I.C, Instituto Arias Montano y Asociación para la historia de la Ciencia Española, 1962, p. 240.

⁸⁷ BARROS, Rui. Introdução. In: RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 19.

⁸⁸ BRADBURY, Jim. *The Capetians kings of France 987 – 1328*. New York: Continuum books, 2007, p. 239 – 257.

⁸⁹ ROS, Ángeles Masiá de. *Relación Castellano-Aragonesa desde Jaime II a Pedro El Ceremonioso*, V. I. Barcelona: Biblioteca de Historia, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994.

⁹⁰ THORNDIKE, Lynn. *History of Magic and Experimental Science*. Vol. III. Fourteenth and fifteenth centuries. New York: Columbia University Press, 1934, p. 278-279.

⁹¹ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*, p. 79.

As constelações predizem, principalmente, como sintetiza o *Libro de las Cruces*, os “acidentes do ar, e as guerras, e as pazes com os reis, e o encaminhamento dos reinos e dos senhorios”.⁹²

Outra preocupação acerca da astrologia judiciária gira em torno da confiabilidade do astrólogo. No *Picatrix*, texto traduzido do árabe por volta de 1258 e que conjugou escritos mais antigos sobre magia e astrologia, consta uma queixa que denuncia a cobrança de eficiência do astrólogo e, do mesmo modo, o pouco reconhecimento de que gozava: “quando acerta, não lhe agradecem, mas quando erra minimizam sua capacidade.”⁹³ Outrossim, temia-se que previsões pudessem ser feitas por um impostor no lugar de um sábio, de forma que Raimundo Lúlio alertou sobre os astrólogos que erram em seus juízos e abusam da boa-fé dos dirigentes⁹⁴, e, nas *Siete Partidas* (1265), espécie de livro de leis escrito durante o reinado de Afonso X, surge uma alínea sobre a punição para os impostores:

Perdem os homens as vigas e algumas coisas de suas casas, e vão aos astrônomos, para provarem por sua arte, quem são aqueles que as têm, e os astrônomos, usando de sua sabedoria, dizem e indicam alguns que as têm; neste caso, dizemos que os que assim foram indicados não podem exigir que lhes retirem disto, mesmo sendo desonrados; isto é, porque os astrônomos dizem devido à sua arte, e não com intenção de desonrar. Mas como quer que não possa pedir revisão disto, como no caso de desonra, se o adivinho for impostor, que faça mostra de um saber que não sabe, bem se pode acusá-lo que receba a pena que mandam as leis do título dos Adivinhos, e dos Encantadores.⁹⁵

A situação contada nas *Siete Partidas* aparece como um bom exemplo para lidar com os astrólogos quando esses fazem uma revelação que acaba por prejudicar alguém – quem está com as vigas da casa alheia –, neste caso, a questão apontada é de que o astrólogo pode e deve acusar quem quer que seja através das determinações provenientes das configurações astrais, e o acusado deve aceitar este fato, sendo a única exceção quando o estudioso dos céus fosse um impostor, não tendo o preparo necessário para denominar-se de astrólogo. Assim, por esse esforço de regulamentar e proteger os astrólogos, o rei cognominado Sábio recebeu o título de rei astrólogo, ou protetor da astrologia, o que lhe resultou também má fama e o fez vítima de

⁹² ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 05.

⁹³ SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 53.

⁹⁴ BARROS, Rui. Introdução. In: RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 12.

⁹⁵ ALFONSO X. Partida VII, título IX, ley 17. In: *Las Siete Partidas del sabio Rey don Alfonso el IX, con las variantes de más interés y con la glosa de del Lic. Gregorio López del Consejo Real de las Indias de S. M.* Barcelona: 1843. Disponível em: http://bib.us.es/guiaspormaterias/ayuda_invest/derecho/pixelegis.htm; Consultado em: 08/03/2012.

uma célebre blasfêmia⁹⁶ encabeçada por seu filho Sancho IV. Blasfêmia que foi pautada tanto na acusação da promoção da astrologia voltada para a previsão do futuro, como daquela que apelava à ciência.⁹⁷ Porém, Afonso X não concebia que a astrologia divinatória dependia da ajuda do diabo e era fruto do engano – como a maioria dos pensadores cristãos desde Agostinho tinham defendido –, pois defendia que essa arte podia, sim, ser verdadeira e apreendida por homens sábios, ainda que árabes ou judeus.⁹⁸ Sobre os escritos dos não-cristãos que tratam dos astros e suas influências, há, a propósito, um posicionamento em um dos textos originários de sua corte:

E embora estes filósofos não fossem cristãos nem entenderam nem falaram dos feitos do paraíso e do inferno, como nós entendemos e falamos, entretanto, seu bom entendimento e verdadeira razão os faz entender que o que é sábio e inteligente sobe ao alto e o que carece de entendimento e é parvo desce ao fundo.⁹⁹

Esse posicionamento do monarca distancia-se da maioria das premissas propagadas pela moral cristã, ao afirmar que ainda que não fossem cristãos, os judeus e árabes eram homens valorosos por sua inteligência e capacidade de entendimento. O rei acaba, desse modo, por aproximá-los dos cristãos, ao afirmar que por julgarem o que era bom e belo como sinônimo do céu e, em contrapartida, o que era ruim e feio correspondente ao inferno, eles estariam seguindo fundamentalmente os mesmos passos dos cristãos, ou seja, retomavam o saber astrológico de maneira também virtuosa, possibilitando a divulgação em seus escritos de ensinamentos provindos de Deus.

Diante do exposto, cabe interrogar quais foram as variadas maneiras de se retomar mais detidamente a “sorte das estrelas”, sobretudo no *scriptorium* afonsino.

1.3 A arte de escrever e ler sobre os astros

Pode-se dizer que, nos primeiros anos da atividade do *scriptorium* afonsino, houve uma forte presença de obras de conteúdo mágico e divinatório,¹⁰⁰ denunciando que a predição

⁹⁶ Segundo os *Libros del Saber de Astronomía*: “con el dicho injusto de que por contemplar las estrellas habia perdido las cosas de la tierra”. ALFONSO X: **Libros del Saber de Astronomía**, p. IX.

⁹⁷ REDONDO, Fernando Gómez. **Historia de la prosa medieval Castellana I**, p. 389.

⁹⁸ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. **Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española**, p. 100.

⁹⁹ KNECHT, Pierre. I Libri Astronomici di Alfonso X in una versione fiorentina del Trecento. Zaragoza, 1965, p. 20-21. In: RODRÍGUEZ, Ana Domínguez. **Astrología y Arte en el Lapidario de Alfonso X el Sabio**. Murcia: Edición de la Real Academia Alfonso X el Sabio, 2007, p. 317.

¹⁰⁰ COMES, Mercè; MIELGO, Honorino; SAMSÓ, Julio. **Ochava Espera y Astrofísica**. Barcelona, 1990, p. 219.

estava na ordem do dia.¹⁰¹ Chegava-se ao extremo de se ensinar a configuração astral para se poder “saber quando morreria” um homem que alguém quisesse saber.¹⁰² Contudo, posteriormente, com a criação da cátedra de astrologia em Salamanca, e a cristianização definitiva da ciência das estrelas, inicia-se um longo e complexo processo de questionamento e tentativa de erradicação da astrologia judiciária, em favor de uma valorização apenas da astrologia natural ou da astronomia.¹⁰³

Embora esse processo de regramento da astrologia tenha se dado de maneira gradativa, tendo seu ápice nos Quinhentos, já no século XIII alguns escritos que se ocuparam da astrologia mostraram-se mais preocupados com os cálculos e as noções astronômicas, guardadas algumas diferenças. Essa atenção à observação do céu e ao registro dos cálculos necessários para a movimentação e estabelecimento dos astros teve início durante o califado ocidental com Azarquiel (al-Zarqali), estudioso árabe que se dedicou à astrologia e dominou a arte de fabricar instrumentos como o astrolábio, no período de 1029-1087. Em Toledo, posteriormente (entre 1263 e 1272), confeccionaram-se as *Tablass Astronomicas*¹⁰⁴ ou *Tablas Alfonsinas*, obra que recusou o sistema ptolomaico dos céus, aceito até então, sugerindo um deferente elíptico para o epiciclo do planeta Mercúrio. Tal recusa pelos muçulmanos do sistema ptolomaico devia-se ao fato de aspirarem a um sistema de mundo fisicamente real, influenciados que estavam pela corrente aristotélica (Averróis, Avempace, Abubacer, Alpetragius). Procuraram mostrar que os planetas giravam em torno de um corpo central fisicamente real e não em torno de um ponto geométrico e, por isso, se esforçaram para elaborar um sistema dos céus que fosse fisicamente plausível, baseado nas esferas homocêntricas de Eudoxo, discípulo de Aristóteles.¹⁰⁵ Embora não tenham obtido sucesso, devido à dificuldade para se calcularem as aproximações e distanciamentos dos planetas, as tentativas favoreceram um amadurecimento da astronomia na Península Ibérica, sobretudo em Castela.¹⁰⁶

A despeito da supremacia do interesse pelos cálculos, posições e movimentos dos astros, a transmissão do *Almagesto*, um compêndio astronômico composto por 13 livros, nos

¹⁰¹ BARROS, Rui. Introdução. In: RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 11.

¹⁰² ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 121.

¹⁰³ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 115.

¹⁰⁴ A edição de Rico e Sinobas contempla também as Tábuas. ALFONSO X: *Libros del Saber de Astronomía del Rey D. Alfonso de Castilla*, compilados, anotados y comentados por Don Manuel Rico y Sinobas. Madrid: Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, 1863-67.

¹⁰⁵ MASON, Stephen F. *Historia de Las Ciencias*. Madrid: alianza Editorial, 1994, p. 127.

¹⁰⁶ SAMSÓ, Julio. Introdução. In: ENRIQUE DE VILLENA. *Tratado de Astrología* atribuido a Enrique de Villena, p.15.

quais Ptolomeu apresentou e desenvolveu argumentos a favor da teoria geocêntrica do universo, desde o século XI, bem como das tábuas astronômicas árabes só foi possível pela necessidade de certas habilidades para produzir horóscopos mais acurados¹⁰⁷, em outras palavras, inicialmente o interesse em conhecer a sorte pelas estrelas possibilitou que determinados escritos mais técnicos, como tábuas, almanaques e aqueles sobre instrumentos, como o astrolábio, se desenvolvessem.

As *Tablas Alfonsinas* tinham, propriamente, a função de definir as posições e os movimentos dos planetas. Foram fruto do trabalho de uma equipe de astrônomos que as compilou utilizando os cálculos do astrônomo árabe Azarquiel. O monarca Afonso X estruturou essas tábuas de tal modo que a unidade de tempo básica (o dia) fosse comum a todos os calendários (cristão, islâmico e judeu), tendo sido elas também convertidas para uma estrutura mais tradicional, em que se suprimia a variedade de calendários e se chegava às versões denominadas *Tabulae Resolutae*. Em Barcelona, Pere Gilbert e seu discípulo Dalmau çes-Planes estudaram o céu de 1361 a 1366 para fazer as *Tablas astronómicas del rey Pedro el Ceremonioso*, em honra do rei Pedro de Aragão. No prólogo dessas tábuas, é declarada a sua importância e inovação, ao se afirmar que, após a morte de Pere Gilbert,

Dalmau cumpriu e perpetuou o referido almanaque e fez as tabelas corresponderem ao meio do dia, da nossa cidade de Barcelona, a longitude vista do Ocidente é de 33 graus e a latitude da linha Equinocial 41 graus. E como esses movimentos do dito almanaque e tábuas estão de acordo com a nona esfera, segundo a qual a maior parte dos cristãos fazem seus julgamentos, e muitos árabes e judeus e homens de outras seitas comumente fazem julgamentos de acordo com a oitava esfera e confiam nas raízes dos Antigos filósofos, competindo com todas nações, de acordo com o que eles encontraram em suas próprias investigações e aquelas do nosso almanaque e nossas tábuas comparado ao conhecimento dos filósofos antigos que podem ser igualadas com os movimentos dos planetas e dos eclipses brevemente e sem grande trabalho¹⁰⁸.

A citação destaca igualmente a peculiaridade do trabalho de Dalmau, que calculou o movimento dos astros a partir da nona esfera, enquanto a maioria dos astrólogos calculava a partir da oitava, de forma que esta tábua, por apresentar uma perspectiva única e trabalhosa, estaria apta a ser utilizada junto com as obras valorizadas, como aquelas dos filósofos antigos. Desse modo, foi fundamental para os astrólogos o uso das tábuas para determinar as posições

¹⁰⁷ PAGE, Sophie. *Astrology in Medieval Manuscripts*. London: The British Library, 2002, p. 10.

¹⁰⁸ VALLICROSA, J. M. Millás. *Las Tablas astronómicas del rey Pedro el Ceremonioso*, p. 240.

dos planetas em longitude e levantar um horóscopo para um momento específico,¹⁰⁹ pois acreditava-se que “a maior dificuldade que se encontra nesta ciência é saber reconhecer a diversidade de graus e por eles fazer predições; e ocorre o mesmo nos diversos graus de outros signos.”¹¹⁰

Raimundo Lúlio, responsável por estudos que tiveram larga fortuna, entre eles um tratado sobre os astros, como foi adiantado, destaca a relevância das tábuas em seu *Tratado de Astronomia*, ao utilizar uma espécie de tábua geral, bem diversa daquelas de finalidade mais técnica feitas em Castela e Aragão, para mostrar os princípios da arte astronômica, ou seja, os segredos e as propriedades dos signos e dos planetas. O doutor apresenta um sistema que permitiria compreender o funcionamento do que se entendia como ciência, e que se confundia com o que dizia respeito às coisas inferiores, aos corpos, em contrariedade à inteligência, que cuidava da alma e das coisas superiores.¹¹¹ Para ele, a tábua se dividia em 18 princípios, a saber: “(1) Bondade, (2) Magnitude, (3) Duração, (4) Poder, (5) Sabedoria, (6) Vontade, (7) Virtude, (8) Verdade, (9) Glória, (10) Diferença, (11) Concordância, (12) Contrariedade, (13) Princípio, (14) Meio, (15) Fim, (16) Maioridade (17) Igualdade, (18) Minoridade”. Tais seriam os princípios gerais a funcionarem como condições para investigar “todos os objetos da ciência possíveis de serem conhecidos”, os quais seriam interpretados a partir de algumas questões gerais: “(1) Se existe, (2) Que, (3) De que, (4) Porque, (5) Quanto, (6) Qual, (7) Quando, (8) Onde, (9) De que modo, (10) Com que”. Perguntas que, na sua leitura, eram a chave para responder a todo tipo de questões sobre a existência.¹¹²

Da mesma maneira que as tábuas, os almanaques, textos que serviam como calendários informativos, auxiliavam os astrólogos, pois utilizavam determinados ciclos de origem babilônica nos quais as posições planetárias se repetiam nas mesmas datas do ano solar; dentre os quais, os textos que mais se destacaram foram o *Almanaque Perpétuo*¹¹³ e os *Libros del Saber de Astronomía*. O primeiro, datado de 1337, insere a primeira numeração de posição astral divulgada em Portugal.¹¹⁴ Já os *Libros del Saber de Astronomía* correspondem a 16 tratados sobre astrologia e astronomia, que receberam prólogos feitos por Afonso X,

¹⁰⁹ SAMSÓ, Julio. Introdução. In: ENRIQUE DE VILLENA. *Tratado de Astrología* atribuido a Enrique de Villena, p. 45.

¹¹⁰ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 29.

¹¹¹ HUGO DE SÃO VÍTOR. *Didascálion: da arte de ler* (século XII). Introdução e tradução de Antonio Marchionni. 2. Ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2007, p. 67.

¹¹² HUGO DE SÃO VÍTOR. *Didascálion: da arte de ler* (século XII), p. 49.

¹¹³ ABRAHAM ZACUTO. Versión Castellana de los Canones de Zacut. In: ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. *La Ciencia del Cielo*. Europa artes gráficas, Salamanca, 1989.

¹¹⁴ VALLICROSA, José M. Millás. *Estudios sobre historia de la ciencia española*. Madrid-Barcelona: C.S.I.C, Instituto Arias Montano y Asociación para la historia de la Ciencia Española, 1962, p. 387.

Tratando dos estudos do céu nessa perspectiva mais específica, o *Almanaque Perpétuo*, que circulou na Península Ibérica na segunda metade do século XV, sobretudo em Salamanca, foi de grande utilidade, formado por uma série de tábuas com as quais se podia elaborar um calendário perpétuo. Através delas começou a tornar-se possível a previsão dos eclipses do sol e da lua, as conjunções e oposições entre planetas distintos e, como consequência, os horóscopos foram mais facilmente estabelecidos.¹¹⁷ Rodrigo Vasurto, mestre de astrologia em Salamanca nos finais do século XV, escreveu a nota que antecedia o Almanaque de Zacuto, sustentando que, por esta obra, se podia “saber a qualquer hora do dia, qualquer grau ascendente de qualquer signo (o que vale muito para identificar e para trabalhar)”.¹¹⁸ Para esta trabalhosa composição, Zacuto, que teve origem judaica, utilizou também tanto obras de gregos e árabes (Ptolomeu, Abrachis ou Hiparco de Rodas, Menelau, al-Sufi, al-Fargani, Azarquiel, Averroes) quanto as *Tablas Alfonsinas*.¹¹⁹ As tabelas das posições planetárias desse almanaque em suas versões latina e castelhana, feitas pelo também astrônomo José Vizinho, informaram posteriormente Vasco da Gama e várias gerações de navegadores e astrônomos portugueses. Acredita-se, inclusive, que a serviço do rei D. João II, Zacuto participou dos preparativos da viagem de Vasco da Gama. Ademais, seu almanaque foi levado também por Fernão de Magalhães na viagem de circunavegação.¹²⁰

Esses textos, que privilegiaram de certo modo a técnica, dão início a um conjunto de escritos que já se encaminha no sentido de diferenciar a astronomia da astrologia, ou seja, de diferenciar o saber preocupado com as leis da física, que dizia respeito ao céu e ao saber da astrologia judiciária, de modo que prevalecessem os princípios que acreditavam naturais e sustentados em bases racionais¹²¹ – racionalismo, porém, que não se confunde com o moderno, dado que é fundado em bases religiosas. Em grande medida, este deslocamento dá-se pelo crescente interesse no desenvolvimento de uma ciência marítima, tanto nos objetos que contribuíram com a navegação, como o astrolábio¹²² sobretudo, quanto com os cálculos

¹¹⁷ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*, p. 116.

¹¹⁸ Nota autógrafa de Vasurto, que aparece à frente de seu exemplar do *Almanach de Zacut*. In: ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. *La Ciencia del Cielo*. Europa artes gráficas, Salamanca, 1989, p. 114.

¹¹⁹ SAMSÓ, Julio. Introdução. In: ENRIQUE DE VILLENA. *Tratado de Astrología* atribuido a Enrique de Villena, p. 19.

¹²⁰ MACHADO, Cristina de Amorim. *O Papel da Tradução na Transmissão da Ciência: o caso do Tetrabiblos de Ptolomeu*, 2012.

¹²¹ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*, p. 115.

¹²² O astrolábio recebe grande atenção neste tratado. ENRIQUE DE VILLENA. *Tratado de Astrología* atribuido a Enrique de Villena. Barcelona: Editorial Humanitas, 1983, p. 217.

que auxiliassem na orientação dessas viagens.¹²³ Nos *Libros del Saber de Astronomía*, muitos dos títulos dizem respeito a essas temáticas,

O II é da esfera redonda, de como se deve fazer e de como se deve trabalhar com ela. O III é do astrolábio redondo [...]. O V é do astrolábio plano[...] O VI é da lâmina universal [...]. O X é do livro do quadrante, com o qual retificam [...]. O XI é do relógio da pedra da sombra [...]. O XII é do relógio d'água [...].¹²⁴

Em outras palavras, em meados do século XV, com a preparação das notáveis empresas da navegação, desloca-se o fundamento do saber astrológico, ainda que a astronomia continue a perpetuar por longo tempo muito do sentido supersticioso, e em alguns casos relacionados à predição.¹²⁵ Nessa altura, o olhar sobre os astros ganhará novos sentidos e funções, e uma boa mostra da mudança de sentido da ciência das estrelas encontra-se na subida ao trono de D. João II em Portugal (1481-1495). Os cultores de astrologia perdem então influência na sua corte, uma vez que o novo monarca, que já assegurara a direção da expansão marítima desde 1474, estava profundamente empenhado em desenvolver o método de navegação astronômico, vulgarmente conhecido por “pesar o sol ao meio dia”, o qual possibilitaria aos navios portugueses sulcar o “Mar-Oceano”.¹²⁶ A navegação astronômica, assim estimulada, possibilitou que a determinação da embarcação fosse feita em relação ao sistema de coordenadas geográficas – latitude e longitude.¹²⁷

A astrologia foi também uma parte integrante do arsenal destinado a justificar *a posteriori* as descobertas marítimas da expansão da coroa portuguesa.¹²⁸ Entretanto, até que se firmasse a supremacia dos temas relacionados à navegação houve um certo desinteresse pelos augúrios astrológicos, aqueles que contemplaram várias esferas da vida cotidiana, algumas desejadas e descritas como virtuosas, outras indesejadas e sujeitas a regras e punições. A astrologia, como ciência estudada nas cortes, acabou por interferir na vida social e jurídica, contudo, este tipo de interferência não era bem vista pelos autores de tratados moralizantes, tampouco o era pelos grandes nomes do pensamento cristão, como Santo Agostinho, Hugo de

¹²³ COELHO, Latino. *A Ciência na Idade Média*. Lisboa: Guimarães Editores, 1988, p. 75.

¹²⁴ ALFONSO X: *Libros del Saber de Astronomía* del Rey D. Alfonso de Castilla, p. XV.

¹²⁵ Um bom exemplo disso é a passagem da *Crônica do Felicíssimo Rei D. Manuel* de Damião de Góis, onde lê-se que D. Manuel “Foi muito dado à Astrologia Judiciária, tanto que, ao partir das naus para a Índia, ou no tempo que as aguardava, mandava tirar juízos um grande astrólogo português, morador de Lisboa, nomeado Diogo Mendez Vizinho [...]” DAMIÃO DE GÓIS. *Crônica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, Parte IV. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955, p. 228.

¹²⁶ Catálogos Biblioteca Nacional de Portugal. *Estrelas de papel* – livros de astronomia dos séculos XIV a XVIII, p. 11.

¹²⁷ CANAS, António Costa; FERRÃO, Maria Eugénia. *A matemática no tempo do mestre José Vizinho*. Sociedade Portuguesa de Matemática. Lisboa: Gradiva, 2009, p. 95.

¹²⁸ BOUDET, Jean Patrice. *Entre Science et Nigromance*, p. 316.

São Vítor, São Tomás de Aquino, Roger Bacon e outros, que ajudavam os homens dos séculos XIV e XV a interpretar seu mundo.¹²⁹ Entre esses pensadores cristãos, notava-se certa concordância ao menos em torno de um aspecto: a astrologia não deveria servir para assuntos que se relacionassem à alma humana, e sim para aqueles assuntos relacionados à natureza e aos malefícios corporais, como veremos nos próximos capítulos. Por ora, vejamos como se consolidou a astrologia como ciência, considerando seu aspecto técnico e supersticioso em escritos ibéricos dedicados a esse saber.

1.4 Passos do saber das estrelas - as frentes astrológicas

A astronomia é a ciência que estuda o curso dos corpos celestes e todas as figuras dos astros, e examina com método científico o comportamento das estrelas em si mesmas e em relação com a terra. A astrologia é a ciência que determina o movimento circular do céu e das constelações, e a influência dos astros, seu nascimento e seu crepúsculo.¹³⁰

Isidoro de Sevilha sintetiza certas atribuições da astrologia que virão a ser sempre reafirmadas até os séculos aqui em questão, de forma que é possível dizer que conseguiu oferecer os parâmetros deste saber para os séculos vindouros, principalmente na sua retomada no âmbito da universidade. Os doutores da Igreja, a propósito, tiveram um papel decisivo na constituição do conhecimento astrológico, pois, ao tentarem regular sua prática, contribuíram para delimitar seu escopo e para definir uma certa unidade técnica nos escritos, bem como a sua definição como ciência. Esta seria um contraponto à inteligência, virtude que remetia ao divino, e devia cuidar justamente das coisas temporais. Para Santo Agostinho, a ciência fora afirmada justamente como a apreensão racional das coisas temporais,¹³¹ uma definição que, embora não seja estranha nos escritos de outros pensadores,¹³² não pode ser vista como homogênea. Tomás de Aquino, por exemplo, diferentemente do seu antecedente, introduz novas nuances para se pensar o saber identificável como ciência e seus componentes. Segundo o doutor, cada sistema (ciência) está dirigido e iluminado por evidências que lhe

¹²⁹ Este assunto será melhor desenvolvido no último capítulo.

¹³⁰ ISIDORO DE SEVILLA. **Etimologias**, III, p. 445.

¹³¹ COSTA, Marcos Roberto Nunes. Conhecimento, ciência e verdade em Santo Agostinho. In: **A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média**. Org. Luiz Alberto de Boni, Porto Alegre: EDIPUCRS, Coleção Filosofia, 2000, p. 53.

¹³² Roger Bacon não trata da diferenciação entre inteligência e ciência e sim de outra dualidade: a ciência humana e a ciência divina. ROGÉRIO BACON. **Obras escolhidas** – Carta a Clemente IV; A ciência experimental; Os segredos da arte e da natureza (\cong 1267). Introdução de Jan G. ter Reegen. Tradução de Jan G. ter Reegen, Luis A. De Boni e Orlando A. Bernardi. Porto Alegre; Bragança Paulista: EDIPUCRS; Editora Universitária São Francisco, 2006, p. 36.

conferem autonomia, mas se tratam sempre de evidências em um campo determinado, com um nível de inteligibilidade específico. O vínculo entre os níveis de inteligibilidade está constituído por crenças mediante as quais as ciências se subordinam umas às outras, portanto, a crença é fundamental para a ciência, pois, assim como na fé, não se pode “ver” ou atestar certas verdades essenciais.¹³³

As duas funções desta ciência, técnica e supersticiosa, foram, pois, a chave para se pensar o saber astrológico nas universidades e nas cortes dos séculos XIII, XIV e XV. E além disso, nota-se uma diferenciação secundária entre aqueles que propagaram um amplo conhecimento da ciência dos astros, incluindo suas influências na vida do homem e dos povos, e aqueles que descreveram a forma de construir e utilizar instrumentos necessários estritamente para a observação astronômica e para a compreensão da organização dos astros por si mesmos, independentemente do que se passava no plano terreno.¹³⁴ Esta divisão, contudo, não faz com que o ensino astrológico seja pautado apenas por uma das frentes, pois mesmo que haja uma pretensão de se afirmar uma astrologia não supersticiosa ou que melhor se poderia chamar – em acordo com os desdobramentos posteriores – de astronomia, os conteúdos estão intrinsecamente conduzidos pela ideia da relação entre os astros e as ações humanas, mesmo que se evitem determinadas predições ou que se estabeleçam limites para estas. Um bom exemplo da dificuldade em separar os assuntos e estabelecer as divisas entre as duas formas de leitura do firmamento encontra-se na discussão sobre a bondade e a grandeza inerentes ao céu e transmitidas para a terra.¹³⁵ Muitas vezes recordada nos textos que ensinam a astrologia, a exaltação amparava-se, por exemplo, na ideia de que os signos ou planetas, por si e por suas próprias qualidades, poderiam fazer o bem para alguém e, por consequência desse suposto recaimento, podiam, em contrapartida, fazer o mal a outrem:

[...] por acidente, segundo as situações aqui embaixo, um mesmo planeta exerce por sua qualidade própria uma influência favorável ou desfavorável; assim, espalhando a sua claridade e a sua luz, o sol favorece ao caçador que persegue o cervo, e que, sem certa claridade, não poderia alcançar. Mas, ao contrário, esta mesma claridade causa a desgraça do cervo, atingido por causa do Sol, que dá luz e claridade ao caçador e lhe permite avistá-lo.¹³⁶

¹³³ RAÍZ, Carlos Mateo Martínez. **La Construcción de la ciencia en la Universidad medieval**. Córdoba: Brujas, 2005, p. 113-122.

¹³⁴ MENENDEZ, Jose M. Torroja. **El Sistema del Mundo desde la Antigüedad hasta Alfonso X El Sabio**. Madrid: Instituto de España, 1980, p. 174.

¹³⁵ RAIMUNDO LÚLIO. **Astrologia Medieval** (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 57.

¹³⁶ RAIMUNDO LÚLIO. **Astrologia Medieval** (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 63.

Afora o louvor da bondade celeste, havia aqueles homens envolvidos com as universidades que advogavam, juntamente com Lúlio, que o céu tinha uma alma que se prolongava na terra¹³⁷, o que possibilitava a identificação de uma alma vegetativa e outra sensitiva nos seres inferiores, ou seja, nos homens, animais, plantas e minerais.¹³⁸ Os eclipses,¹³⁹ no mesmo sentido, ajudavam a confundir as esferas de incidência da astrologia, pois eram motivo de real preocupação, dado que se acreditava que um eclipse poderia matar. Diego de Torres, catedrático de astrologia durante a década de oitenta do século XV, conta-nos que a morte de João Catalão foi atribuída a um eclipse solar e, por isso, o catedrático de astrologia de Salamanca chegou a escrever um tratado que listava os remédios necessários para amenizar as consequências deste fenômeno,¹⁴⁰ bem como para tentar prever as datas dos futuros eclipses.

O eclipse é no ano já dito, em dezesseis de março, quarta-feira. A verdadeira coincidência é depois do meio-dia e um terço de hora a mais. As três e um pouco mais é a metade do eclipse. Dura uma hora e mais de dois terços de outra. Dar-se-á o eclipse do sol de doze partes às dez, pouco mais ou menos, segundo diversos autores, e diversas regiões e cidades.¹⁴¹

Abraham Zacuto, que foi, além de rabino e professor de astrologia em Salamanca, astrônomo e historiador da corte de D. João II de Portugal, chegou mesmo a disponibilizar em 1496, no *Almanaque Perpétuo*, as tábuas para calcular os eclipses tanto do Sol como da Lua, para que as pessoas pudessem se prevenir dos efeitos corporais deste fenômeno.¹⁴² Apesar de essa preocupação ilustrar a persistência da crença no poder dos eclipses, é possível dizer que, também na universidade, a astrologia serviu, sobretudo, à medicina e aos significados atribuídos à natureza, ou seja, à observação do céu e aos cálculos que foram utilizados para curar os corpos e prever ou remediar os desastres naturais; tanto que os primeiros preceptores da astronomia-astrologia em Bolonha, nos finais do século XIII e começos do XIV, são descritos como versados em “física e astrologia”. Tal crescente interesse pela astrologia também se manifestou em Paris, onde recebe apoio oficial para ser desenvolvida no âmbito

¹³⁷ Como veremos no subtítulo “O horizonte das questões naturais” incluído no segundo capítulo.

¹³⁸ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia Medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 98.

¹³⁹ Foi frequente que as mitologias explicassem o eclipse por um dragão ou demônio que tampa o Sol ou a Lua. A iconografia medieval geralmente representa os nodos lunares como um dragão ou serpente cuja cabeça se encontra em uma das intersecções das órbitas solar e lunar. E cuja cauda encontra-se na segunda intersecção. SAMSÓ, Julio. Introdução. In: ENRIQUE DE VILLENA. *Tratado de Astrología* atribuído a Enrique de Villena, p. 38.

¹⁴⁰ MACKAY, Angus. *La España de la Edad Media* (desde la frontera hasta em imperio 1000 – 1500). Madrid: Cátedra, 2000, p. 209.

¹⁴¹ AMASUNO. Marcelino V. *Un texto médico-astrológico del siglo XV; “Eclipses del Sol” del licenciado Diego de Torres*. Salamanca, 1972, p. 68.

¹⁴² ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. *La Ciencia del Cielo*, p. 58.

das Artes e da Medicina, entre 1358 e 1366, contudo, o interesse por este saber despertara já em décadas anteriores.

Com tal apoio se estabelece uma relação sólida entre a astrologia e a medicina, o qual veio a durar mais de um século e meio.¹⁴³ Na Península Ibérica, principalmente na universidade de Salamanca, os princípios para a astrologia eram semelhantes, entretanto, os ibéricos só tardiamente vieram a destinar uma disciplina para desenvolvê-la na universidade. A fundação da cátedra de astrologia¹⁴⁴ deu-se apenas a partir de 1460 e colaborou para que esta matéria viesse a ter um caráter mais técnico, ligado às navegações. Considerando, entretanto, que a fundação desta universidade foi em 1218 e que a matéria astrológica certamente esteve presente nos estudos matemáticos e de medicina a partir de então, vale mapear algumas leituras astrológicas que permearam este ambiente, destacando a sistemática retomada dos clássicos e a peculiaridade ibérica de embasar este saber nas fontes e nas interpretações árabes e judaicas.

Na Cátedra de astrologia de Salamanca, no primeiro ano, lia-se, ao longo de oito meses, a obra *Esphera y Theóricas de planetas y unas tablas* e, como leitura complementar, o *Astrolabio*. No segundo ano, eram estudados seis livros de Euclides, entre os quais a *Aritmética* – até as raízes quadradas e cúbicas –, e o *Almagesto* de Ptolomeu – ou, alternativamente, seu *Epitome de Monte Regio*. Podia-se, ainda, estudar obras atribuídas a Geber (Jabir) ou Copérnico e, como leitura complementar, a *Esphera*. No terceiro ano, o foco era a *Cosmografia* ou a *Geografia*, um introdutório de judiciária e de perspectiva, ou o estudo dos instrumentos, dependendo da demanda.¹⁴⁵ Para esse ensino da astrologia “natural” ou científica nas universidades, como vimos, alguns textos foram fundamentais e não só no espaço ibérico.

Nesse contexto universitário dos séculos XIII, XIV e início do XV, a astrologia judiciária ainda se mostrava presente, mas recebia já menos atenção, aparecendo citada apenas uma vez como tema de leitura do terceiro ano. Os textos fundamentalmente estudados, contudo, eram O *Tratado da Esfera*, os tratados sobre o astrolábio, as tábuas astronômicas, os grandes tratados de astronomia (*Almagesto* e *Epítomes de Monte Regio* de Ptolomeu e o *De Revolutionibus* de Geber), dentre outros textos já citados traduzidos em Toledo. Nesses textos

¹⁴³ SANTIAGO, Carmen Ordóñez. **El pronóstico en astrología**. Edición crítica y comentario astrológico de la parte VI del “Libro conplido en los iudizios de las estrellas” de Abenragel, p. 161.

¹⁴⁴ Chamamos de cátedra de astrologia, tal como a maior parte da historiografia dedicada ao assunto, a cátedra que contemplou a *scientia astrorum* no amplo sentido medieval do termo. AVILÉS, Alejandro García. Arte y Astrología en Salamanca a finales del Siglo XV. In: **Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte UAM**, Vol. IV, 1994, p. 57.

¹⁴⁵ PIÑERO, José María López. **Ciencia y técnica en la sociedad española de los siglos XVI y XVII**. Barcelona, 1979, p. 185.

universitários, algumas tópicas são correntes, no *Tratado da Esfera*,¹⁴⁶ por exemplo, são ensinados determinados cálculos pautados na redondeza do céu e, para compreensão dessa forma celeste, havia três razões:

semelhança, proveito e necessidade. Pela semelhança se prova o céu ser redondo, porque este mundo sensível é feito à semelhança do mundo arquetípico, no qual não há princípio nem fim [...]. O proveito é porque de todos os corpos isoperímetros, a esfera é o maior; e de todas as figuras, a redonda é a mais capaz [...]. A necessidade é porque, se o mundo tivesse outra figura e não a redonda, de três faces, quatro ou muitas, seguir-se-iam dois impossíveis: que algum lugar estaria vazio e que algum corpo estaria sem ter lugar, as quais coisas são ambas falsas como parece nos ângulos alcançados e elevados ao redor.¹⁴⁷

A afirmação da semelhança de formatos da terra e do céu tornou-se uma tópica, pois, enquanto para os modernos, na superfície da Terra, longitude e latitude são coordenadas equatoriais (que tomam como base o Equador), na esfera celeste, a designação longitude e latitude correspondia antes a um par de coordenadas elípticas,¹⁴⁸ devido à crença então corrente de que a natureza teria sido muito sábia em fazer “o céu redondo”¹⁴⁹ como a terra. Era igualmente recorrente nos tratados astronômicos a menção de certos nomes de círculos e de traços imaginários que dividiam o céu em compartimentos, ajudando a localizar estrelas, constelações ou planetas. Essas especificações variavam de um texto para outro, mas incluíam com frequência círculos universais como o equador, os trópicos e a eclíptica, bem como os círculos da esfera local – isto é, dependentes da latitude do lugar de referência – como o horizonte e seu círculo perpendicular, o meridiano.¹⁵⁰ Estes dois últimos eram os de maior interesse para os astrólogos, porque cortavam em quatro um grande círculo chamado de círculo das genituras,¹⁵¹ fundamental para o astrólogo por determinar a carta natal.

Outro contributo importante para a astrologia natural foi o astrolábio, sua fabricação e as interpretações decorrentes das medições e cálculos feitos por seu uso. Sua relevância, nos

¹⁴⁶ O *Tratado da Esfera* de Sacrobosco serviu como manual de Astronomia nas faculdades de artes, recompilado diversas vezes até o século XVII, propagando assim seu conteúdo instrutivo. POULLE, Emmanuel. **Les Sources Astronomiques** (Textes, Tables, Instruments), p. 17.

¹⁴⁷ JOHANNES SACROBOSCO. *Tratado da Esfera*, p. 13.

¹⁴⁸ JOHANNES SACROBOSCO. *Tratado da Esfera*, p. 43.

¹⁴⁹ JOHANNES SACROBOSCO. *Tratado da Esfera*, p. 125.

¹⁵⁰ JOHANNES SACROBOSCO. *Tratado da Esfera*, p. 13.

¹⁵¹ “O denominado centro é um dos pontos da elíptica que o astrólogo devia captar no momento dos nascimento. O momento que o astrólogo devia captar é representado sobre o círculo zodiacal pelo ponto que emerge então no horizonte até o lado leste e que se chama por esta razão indicador do momento ou horóscopo (órosópos-ascendens). E desde este ponto que parte a divisão do círculo da genitura, círculo que é o mesmo zodíaco, mas dotado de uma divisão duodenária autônoma sobreposta a dos signos e comunicando a cada uma de suas casas (tópoi- loci) propriedades específicas que poderiam ser combinadas posteriormente com os signos subjacentes, mas sendo em princípio independentes.” VERDÚ, Francisco Tomás; SERVET, Miguel. **Astrología, hermetismo, medicina**. Barcelona: Erasmus ediciones, 2008, p. 197.

tratados, pode ser creditada às várias funções que desempenhou para a astrologia. Na Introdução do *Tratado de Astrología* esclarecem-se suas funções principais, definindo-o como um instrumento utilizado pelos astrólogos que lhes permitia resolver com facilidade – embora sem muita precisão – certos problemas relacionados com o levantamento de um horóscopo (por exemplo, a determinação do ascendente e a divisão das casas), e que é empregado também com frequência no ensino elementar da astronomia. Pelo que sabemos sobre o acesso aos astrolábios, eles eram objeto de empréstimo aos estudantes nas bibliotecas universitárias medievais.¹⁵²

Pelas informações acerca deste instrumento nas fontes, torna-se claro que, por não ser comum ou de uso corrente, as ideias reproduzidas sobre ele são de aspecto geral e repetidas, sem muitos acréscimos, pelo menos até o século XV. De toda forma, o corrente no período foi o recurso árabe, que atribuiu a Ptolomeu a invenção acidental dessa ferramenta. Ibn Khallikan escreveu, no século XIII, que Ptolomeu, cavalgando um dia com um globo celeste na mão, deixou-o cair e o cavalo o esmagou com os cascos, deixando-o plano e criando assim o astrolábio planisférico.¹⁵³ A história mitológica serviria para que a astronomia, considerada como ciência prática nos séculos XIII, XIV e XV, buscasse aperfeiçoamento, através do uso das tabelas astronômicas e de certos instrumentos, como o instrumento em questão e a esfera armilar,¹⁵⁴ projetados para atingir precisão na observação e cálculo, na medida do possível. Nesse sentido, o mais conhecido e popular dos instrumentos de cálculo foi o astrolábio Planisférico,¹⁵⁵ que é resultado de uma evolução da esfera armilar e do astrolábio esférico.¹⁵⁶ No tratado do período afonsino em que se nota o peso dos ensinamentos árabe, o *Libro del Astrolabio Llano*, este instrumento é apresentado também como de uso geral e não somente para fins astrológicos, pois, entre outros fins, podia mensurar a largura de um rio.¹⁵⁷ O

¹⁵² SAMSÓ, Julio. Introdução. In: ENRIQUE DE VILLENA. **Tratado de Astrología** atribuído a Enrique de Villena, p. 25.

¹⁵³ LYONS, Jonathan. **A Casa da Sabedoria**: como a valorização do conhecimento pelos árabes transformou a civilização ocidental, p. 60.

¹⁵⁴ “Uma esfera armilar consiste numa reunião de anéis (do latim *armillae*), cada qual representando um círculo da esfera celeste, tal como a eclíptica, o equador, e assim por diante; a Terra é considerada o centro do sistema. Em suma, é um esqueleto do globo terrestre. Se se graduarem os anéis e se montar uma barra com visores, fixa em um anel móvel, o instrumento pode ser usado para medir posições.” (RONAN, Colin A. **História Ilustrada da Ciência**. V. II, Universidade de Crambridge. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 49).

¹⁵⁵ O astrolábio planisférico dispõe somente de duas dimensões, devido às quais tem que estar baseado em uma projeção estereográfica da esfera celeste sobre o Equador. O resultado é a projeção de três círculos concêntricos: o círculo de Capricórnio, (círculo externo), o Equador (círculo intermediário) e o trópico de Câncer (círculo interno). Também se projetam uma série de círculos de altura que chegam até a projeção do horizonte do lugar de observação. ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**, p. 15 - 17.

¹⁵⁶ ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**, p. 15.

¹⁵⁷ GLICK, Thomas F. **Islamic and Christian Spain in the early middle ages**. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data, 1979, p. 320 - 335.

astrolábio foi, inclusive, o instrumento de cálculo mais importante e, por sua existência, fez-se possível a construção de relógios, quadrantes e bússolas¹⁵⁸.

Da mesma maneira, as tábuas auxiliavam justamente na determinação das posições dos planetas em longitude, de forma que fosse possível levantar um horóscopo. Essas posições não estavam dadas, por isso o astrólogo calculava através dos elementos dados nas tábuas e um astrólogo experiente – segundo crença geral – podia inclusive determinar a posição de um planeta em cerca de meia hora. Os tratados perpétuos, em contrapartida, já ofereciam as posições dos planetas, pois, ao utilizarem ciclos celestes de origem babilônica, ensinavam que as posições planetárias se repetiam nas mesmas datas do ano solar.¹⁵⁹ O *Almanaque Perpétuo* de Zacuto, por exemplo, auxiliou os médicos a estabelecerem horóscopos e a calcular os eclipses de sol e de lua que poderiam ter efeitos dramáticos na saúde humana, segundo a acepção Ptolomaica.¹⁶⁰ Em sua outra obra sobre os eclipses, Zacuto desenvolve, no prólogo, as funções astrológicas, entre elas a medicina: “[...] na parte primeira, introdução universal para os juízos. E na segunda parte para os médicos sobre aproveitar desta ciência, e o terceiro tratado nas coisas universais do mundo: e nos nascimentos [...]”.¹⁶¹ O fato de Zacuto ser judeu faz muito sentido no conteúdo médico desse escrito, isso porque universidades, como Salamanca, adiaram até o fim da Idade Média a aquisição de livros de medicina, incluindo alguns que Gerardo de Cremona¹⁶² havia traduzido em Toledo três séculos antes. Acredita-se que isso se devia ao hermetismo¹⁶³ das instituições

¹⁵⁸ ROMANO, David. *La Ciencia Hispanojudía*, p. 166.

¹⁵⁹ SAMSÓ, Julio. Introdução. In: ENRIQUE DE VILLENA. *Tratado de Astrología* atribuido a Enrique de Villena, p. 45.

¹⁶⁰ ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. *La Ciencia del Cielo*, p. 53 - 58.

¹⁶¹ CARVALHO, J. Dois inéditos de Abraham Zacuto. Lisboa: Museo Comercial, 1927 In: Separata de “Revista de Estudios Hebraicos”, I, p. 52-54. Apud ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. *La Ciencia del Cielo*, p. 60.

¹⁶² O tradutor mais importante era Gerardo de Cremona, 1114-87, que foi da Itália a Toledo para ver as obras astronômicas de Ptolomeu, o *Almagesto*, como as chamavam os muçulmanos. Gerardo traduziu o *Almagesto* em 1175 e, quando morreu, havia traduzido já oitenta obras mais que cobriam todos os campos do saber muçulmano. MASON, Stephen F. *Historia de Las Ciencias*, p. 146.

¹⁶³ A palavra hermetismo é usada correntemente para designar o que se pode referir à alquimia ou ao Deus grego Hermes, que foi um lendário sábio, inventor das escrituras e patrono da astronomia e das artes mágicas. Posteriormente, com o domínio da Grécia por Roma, Hermes foi assimilado ao deus Mercúrio, e através da influência egípcia, sofreu um sincretismo também com Toth, criando-se o personagem de Hermes Trismegisto. Com o passar do tempo, os estudiosos renascentistas cunharam a palavra hermetismo, que associou-se ao sentido de enigmático, obscuro ou mágico, vindo principalmente das funções creditadas a Hermes. Segundo Paola Zambelli, estudiosos da década de 60 sugeriram que o termo era demasiado vago e místico para fornecer a estrutura necessária para as suas ideias. Este ponto de vista foi formulado em conflito com as ideias de Frances Yates, que trabalhou a ideia de fundação da magia e sua relação com a revolução científica[...] ZAMBELLI, Paola. *Astrology and Magic form the Medieval Latin and Islamic World to Renaissance Europe*. England: Variorum Collected Studies Series, 2012, I- p. 3-6.

castelhanas, juntamente com a dependência, por parte dos nobres, de médicos judeus; o que explicaria em parte um certo fracasso na transmissão da medicina árabe.¹⁶⁴

Esta predominância da medicina judaica em Salamanca deveu-se primeiramente ao próprio desenvolvimento das ciências no meio judeu, isto porque houve um desacelerar na transmissão de novas ideias de muçulmanos a cristãos no século XIII, especialmente no que diz respeito ao estudo da medicina. As novas restrições postas pela escolástica acabavam por excluir muçulmanos e judeus que praticavam uma medicina “sem controle”, contudo, os judeus podem ter sido beneficiados ou sido menos afetados em razão de sua maior mobilidade social, pois, enquanto os mudéjares resistiam à conversão, foi significativo o número de judeus-conversos que se beneficiavam, por essa escolha, de certos cargos e serviços em uma sociedade cristã.¹⁶⁵ Assim, devido à conversão, foi possível que eles tivessem mais acesso aos ambientes de saber e propagassem determinados saberes, como a medicina; de forma que o tratado médico importante de Ibn Zuhr, o *Taysir*, não era conhecido pelos espanhóis até 1281, mais de um século depois de ter sido escrito, mas era conhecido por judeus em Barcelona em 1165, quatro anos após a morte de Ibn Zuhr.¹⁶⁶ Um exemplo ainda mais representativo da propensão e gosto judaicos para as ciências em terras ibéricas foi o que atestou Ya’aqov ben Makir na sua tradução dos *Elementos* de Euclides de 1255, quando declarou que,

[...] dado que a geometria é a base de todas as ciências, especialmente das matemáticas, e que este livro contém a base e os princípios da geometria, me impus a obrigação de traduzi-lo do árabe para o hebreu com o fim de devolver as coisas perdidas a seu proprietário, para semear a fama, como a fama dos grandes, e para evitar a reprovação dos cristãos, que dizem que nós [os judeus] somos alheios a todas as ciências.¹⁶⁷

A afirmação de Makir aponta que não só a medicina foi objeto de estudo dos judeus, tendo em conta o enaltecimento da geometria feito por ele, mas, mais do que isso, denuncia o mau julgamento ou desconfiança dos cristãos em relação ao saber detido pelos judeus, uma vez que o registro a partir das traduções judaicas serviria para legitimar a grandeza destes e para evitar a reprovação daqueles.

¹⁶⁴ GLICK, Thomas F. **Islamic and Christian Spain in the early middle ages**, p. 312.

¹⁶⁵ VEGA, Laura Páramo de. **La España de las tres culturas: la convivencia entre judíos, musulmanes y cristianos en la Edad Media**. Uned, Centro Asociado de Talavera de la Reina, p. 177. Disponível em: <http://www.uned.es/ca-talavera/publicaciones/alcalibe11/154-188.LaEspanaDeLasTresCulturas.pdf>; Consultado em: 20/02/2015.

¹⁶⁶ BALLESTER, Luís García. **Historia Social de la Medicina en la España de los siglos XIII al XVI**, I La minoría musulmana y morisca. Madrid: Akal, 1976, p. 35.

¹⁶⁷ EUCLIDES. *Elementos*, v.I.2.1.2.2. In: ROMANO, David. **La Ciencia Hispanojudía**. Madrid: Colecciones Mapfre, 1992, p. 215.

Tal qual foi desdobrado por Ya'aqov ben Makir, a geometria foi base de várias ciências, assim, principalmente para o desenvolvimento do saber astrológico, alguns princípios geométricos foram fundamentais e privilegiados em determinados escritos, como o *Libro de las Cruces* e o *Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas*, em que vários capítulos tratam de um saber astrológico mais técnico, que foi também ensinado nas universidades. Mostrando opiniões diversas e a permanência da astrologia clássica, o capítulo terceiro do *Libro de las Cruces*, por exemplo, é sobre a “partição dos signos pelos povos, segundo suas triplicidades, e de como as equações dos planetas em suas conjunções e em suas oposições devem ser feitas com todos os movimentos do céu [...]”.¹⁶⁸ A escrita sobre a astrologia é justificada por transmitir um saber importante, amparado na matéria antiga e retomado tanto para ensinar quanto para refutar certas teorias. No primeiro caso, afirma-se veementemente, no livro citado, que uma determinada informação, como a da “partição pelas mansões e pelos planetas”, era fundada na “opinião dos sábios antigos”, e também que o Sol tem “poder nestas quatro mansões que são estas: Annath, Annacra, Algafr, e Çaadaddebe [...]”¹⁶⁹, a propósito do quê “outorgam-se [...] com os sábios orientais e com os de Babilônia”.¹⁷⁰ Já no *Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas*, apresenta-se um conflito entre as informações dos sábios antigos, mas não propriamente os desvalorizando, apenas colocando em questão certos aspectos por eles propostos. Por exemplo, a propósito do “pleito de Saturno e de Marte”, é dito, no *Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas*, que “os mais antigos desacordam neste dito que antes dissemos e põem Saturno macho e Marte fêmea”, e a seguir é sugerido que se deve refletir, pois “cada uma das duas opiniões tem razão que lhe ajuda e que lhe afirma.”¹⁷¹

A passagem mais representativa da dificuldade de entender e transmitir o saber astrológico através do ensinamento de vários sábios antigos está justamente nesse *Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas*, quando é lançado um aviso para a necessidade de se conhecer as partes do todo do universo, os signos, os planetas, os nascimentos e as revoluções dos anos, dentre outras referências astrológicas. Tal texto – que apesar de não ser propriamente pensado para uso universitário, como outros, foi lido na universidade – introduz a lição de vários sábios, Aly Aben Ragel especifica como se deu o processo de escrita pela escolha “de muitos livros dos sábios desta ciência”, juntando a isso o que compreendeu por

¹⁶⁸ ALFONSO X. *Libro de las Cruces*, p. 02.

¹⁶⁹ ALFONSO X. *Libro de las Cruces*, p. 161.

¹⁷⁰ ALFONSO X. *Libro de las Cruces*, p. 162.

¹⁷¹ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido En Los Iudizios de las Estrellas*, p. 46.

seu entendimento e alegando que “esta ciência é muito grande e muito alta que não se pode abarcar nem aquele que é sábio, pois não se pode explicar completamente.”¹⁷²

Essa busca de sentido para a ciência astrológica acontece mesmo em escritos que tratam da astrologia relacionada às práticas mágicas, pois a tradução do *Picatrix*, datada do século XIII, já mostrava, mesmo que através de artes consideradas supersticiosas, como os talismãs, certo preciosismo com as técnicas astronômicas. Para isso, esse escrito retoma Aristóteles e Pitágoras, bem como, sem os explicitar, sábios persas, hindus e outros árabes ilustres, como Geber,¹⁷³ muito estudados como filósofos e médicos. O propósito era fazer, à moda de uma enciclopédia¹⁷⁴, a sistematização dos saberes e doutrinas mais em voga com uma dimensão hermética¹⁷⁵ que não se queria deixar perder, e daí o seu alcance também universitário. O *Picatrix* será então um dos melhores elos entre doutrinas que seriam perseguidas, tanto no Oriente como no Ocidente,¹⁷⁶ atestando a necessidade da perpetuação de um conhecimento restrito só alcançável através da palavra dos sábios antigos:

O tratado segundo é sobre os modelos astronômicos e suas obras, a manifestação dos segredos de seus feitos que os sábios ocultaram, os modelos de como influi a magia neste mundo chamado mundo do ser e a corrupção através do mundo etéreo; e sobre que motivo impulsionou Platão a falar de protótipos.¹⁷⁷

Nesse trecho, há um bom exemplo de como foi possível conjugarem-se modelos astronômicos e protótipos¹⁷⁸ com a magia. Também no *Picatrix*, a partir dessa relação, vem anunciado que, para se conhecer a ciência astrológica, outros conhecimentos complementares faziam-se

¹⁷² ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido En Los Iudizios de las Estrellas*, p. 05.

¹⁷³ LOPES, Margarida Santos. *Novo Dicionário do Islão*. Lisboa: Casa das Letras, 2010, p. 182.

¹⁷⁴ Embora o termo seja anacrônico, seu uso se justifica em razão de que os diálogos posteriores redimensionaram a ambição das sumas. Sobre o problema de se utilizar o termo para o séc. XIII, bem como o termo enciclopedismo cunhado por Jacques Le Goff, ver ALPALHÃO, Margarida Santos. Introdução. In: GOSSOUIN DE METZ. *Imagem do Mundo*. Direção, apresentação e tradução de Margarida Santos Alpalhão. Lisboa: IEM – Instituto de estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa, p. 13-14.

¹⁷⁵ A filosofia hermética originou “um conjunto muito variado de escritos de astrologia, medicina astrológica, receitas de magia, obras de alquimia, tratados de filosofia, questões de astronomia, física, psicologia, etc., postos sob o patrocínio de Hermes e que começaram a exercer influência no momento em que se produziu um retrocesso da tradição racionalista grega [...]. Os escritos em questão contêm uma parte de edificação moral e religiosa, mas nenhuma referência a práticas do culto ou rituais.” (TERRICABRAS, Josep-Maria. *Diccionario de Filosofia*. Tomo I. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 591).

¹⁷⁶ CENTENO, Yvette K. A Gnose Alquímica. In: *Narrativas e Mediação*. Cadernos do Ceil Revista Multidisciplinar sobre o imaginário. Número 1, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: 2011, p. 154.

¹⁷⁷ SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 03.

¹⁷⁸ Os protótipos, para Platão, são sinônimos de categorias, e podiam ser considerados como categorias do entendimento, distintas, absolutas e originais; por exemplo, as classes gramaticais seriam dotadas de propriedades inerentes, e a integração em tais categorias era definida pela posse ou não posse de propriedades criteriosas (propriedades necessárias e suficientes). GIVÓN, Talmy. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: *Noun classes and categorization*. Ed. C. Craig. New York: Academic Press, 1986, p. 12.

necessários. Esta foi uma relevante preocupação, pois o grupo de astrônomos e matemáticos associados a Maslama de Madrid (1007), autor do *Picatrix*, marcou o início da ciência como uma atividade organizada em *Al-Andalus*, território sob ocupação árabe-muçulmana, na parte sul da Península.¹⁷⁹ Maslama foi então considerado o melhor matemático de seu tempo e aplicou-se na observação das estrelas e no estudo do *Almagesto* de Ptolomeu. Consequentemente, os seus alunos adotaram suas preocupações e trabalharam no âmbito disciplinar que ele estabeleceu, aprofundando-se nas obras dos árabes e comentando sobre os usos do astrolábio,¹⁸⁰ de forma que, no *Picatrix*, em vários momentos torna-se evidente a relevância das ciências matemáticas:

[...] e assim quem ignora as matemáticas, ou seja, o número, ignora os movimentos dos corpos superiores, os caminhos que existem neles, a geometria que não existe senão pela arte numérica, e tampouco o cálculo, e ao carecer dele carece da astronomia, porque não sabe as observações nem as proporções celestes cujos princípios procedem dos teoremas geométricos.¹⁸¹

Além de retomar as ciências antigas e de afirmar a complexidade para o estudo da astrologia a partir da matemática, o *Picatrix* procura esclarecer que nem tudo ligado à matéria dos astros depende da capacidade do astrólogo. Fatores externos relevantes suplantariam os erros e acertos decorrentes das análises dos homens dedicados a essa ciência, isto por haver muitos desconhecedores

da dificuldade que encerra esta ciência e recorre ao astrólogo em momentos em que a esfera não tem poder assim que tampouco o astrólogo [...] Por isso tens que dar o rosto a descoberto, porque os sábios têm alcançado estas ciências espirituais através de enorme fadiga e esforços e chegaram nelas depois de muito trabalho, estudo e qualidade da mente [...].¹⁸²

Nota-se, no *Picatrix*, a constante referência ao trabalho dos sábios que transmitiram por meio de escritos tanto uma ordem racional, através dos conhecimentos práticos da astronomia, como vimos, quanto questões da filosofia hermética: “devo transmitir e explicar para as pessoas o método enigmático do meio chamado magia natural e expor o que esconderam os sábios deste meio mágico”,¹⁸³ aos quais se tem acesso pela via dos textos árabes e judeus,

¹⁷⁹ Nomenclatura islâmica para o território espanhol conquistado (ou para o Império islâmico na Espanha).

¹⁸⁰ GLICK, Thomas F. *Islamic and Christian Spain in the early middle ages*, p. 302.

¹⁸¹ SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 26.

¹⁸² SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 53.

¹⁸³ SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 3.

portadores de uma pretensa herança clássica.¹⁸⁴ Organização e superstição parecem, pois, combinar-se na organização deste saber.

Nos textos medievais, como vimos, há uma certa distinção entre as frentes astrológicas natural e supersticiosa, como o faz, por exemplo, Enrique de Vilhena. A astrologia parte-se em duas, a saber: a “astrologia que trata do movimento de todos os céus prevendo os temporais antes que venham, e disto não há dúvida; a outra é de eleições (judiciária), e esta é mais sutil e mal de lidar”.¹⁸⁵ Entretanto, contrariamente ao que aparece na maior parte dos textos, os homens das letras nem sempre concordam com a maior valorização da astrologia natural. Além do *Picatrix* e do *Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas*, que tem um apelo mais hermético, Raimundo Lúlio, por exemplo, anuncia que não irá desdobrar em seu *Tratado de Astronomia*, texto universitário dedicado à arte astrológica, aquela segunda parte desta ciência que dizia respeito aos lugares, horas e graus e aos planetas quando estivessem em determinados signos, o que se daria a conhecer justamente através dos astrolábios e tábuas.¹⁸⁶ A melhor opção para o filósofo era ir além dos cálculos, optando por desdobrar as interpretações necessárias com que o homem pudesse “alcançar a ciência de muitos segredos naturais” e por meio dos quais pudesse “obter maior conhecimento da astronomia e de suas predições.”¹⁸⁷ Essa relação entre a descoberta de segredos naturais e conhecimento das predições pelos astros sustenta-se na premissa de que o mundo supralunar dos corpos celestes, em constante movimento, influenciava os eventos terrestres através da transmissão de raios de luz lançados pelo poder divino.¹⁸⁸ Entretanto, nem sempre a última relação atesta a primeira, ou seja, como veremos melhor nos próximos capítulos, o fato de os astros influenciarem as vidas terrenas não significou que estudiosos do céu deviam prever, sobretudo se as previsões fossem sobre o porvir humano.

Contudo, foi provavelmente impossível para os mestres astrólogos e tradutores negligenciarem a astrologia judiciária e, inclusive, tiveram de se policiar para não se entregarem a este exercício visando o benefício de sua cidade ou principado, como em alguns

¹⁸⁴ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*, p. 20.

¹⁸⁵ SAMSÓ, Julio. Introdução. In: ENRIQUE DE VILLENNA. *Tratado de Astrología* atribuido a Enrique de Villena, p. 20 e 23.

¹⁸⁶ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia Medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 181.

¹⁸⁷ BARROS, Rui. Introdução. In: RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia Medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 19.

¹⁸⁸ SCOTT, Hendrix. Reading the Future and Freeing the Will: Astrology of the Arabic World and Albertus Magnus. In: *Hortulus: The Online Graduate Journal of Medieval Studies*. Vol. 2, No. 1, 2006, p. 35. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/64266850/Reading-the-Future-and-Freeing-the-Will>; Consultado em: 15/06/2014.

textos vimos que ocorria.¹⁸⁹ Complementarmente a isso, a ciência das estrelas no medievo, se comparada com a que veio a partir do século XVI, é marcada pela imprecisão, pois os que se dedicavam a ela não tinham à sua disposição material suficiente nem para observar as estrelas nem para o desenvolvimento de cálculos elaborados. Nesse sentido, a figura dos nove primeiros números, como vieram a apontar alguns estudiosos, encontrava-se em um contínuo estado de mudança nos textos ibéricos medievais. A título de exemplo, vale lembrar que a forma similar ao nosso número moderno 2 foi usada várias vezes para escrever 4 ou 8. A hipótese mais plausível é de que haveria mais variação nas formas numéricas na *Hispania* do que em outros territórios europeus, pois foi ali o foco de inovações múltiplas e também pela falta de um suporte institucional forte, um rigor, para a determinação de um conjunto padrão de números.¹⁹⁰ A falta desse suporte teria contribuído também para a circulação das traduções árabes e judaicas,¹⁹¹ as quais tiveram certos conteúdos estudados nos meios letrados e que teriam facilitado o compartilhamento das crenças supersticiosas desses povos, dentre elas aquelas envolvendo as estrelas. Contudo, houve lugar também para uma certa “resistência” ou afirmação da superioridade cristã, pois, em algumas traduções latinas dos textos de Abu Mas’har, como o *Introductorium in Astronomiam* e o *De Magnis Coniunctionibus*, os copistas cristãos repetiam um bordão que consistia em louvar a Deus por sua ajuda e amaldiçoar Maomé e seus profetas.¹⁹²

1.5 Ciência e superstição: a astrologia retomada dos antigos

A tolerância e até mesmo ambiguidade com que os escritores medievais se posicionaram sobre as frentes astrológicas (supersticiosa e natural) decorre, sobretudo, do fato de que a astrologia, comparada a outras formas de prever que eram correntes nos séculos XIII e XIV – como, por exemplo, a interpretação dos sonhos, a leitura das mãos, o significado dado à aparição de animais, ao voo e aos sons dos pássaros, e muitos outros eventos

¹⁸⁹ Este uso da astrologia judiciária será tratado no próximo capítulo.

¹⁹⁰ GLICK, Thomas F. **Islamic and Christian Spain in the early middle ages**, p. 324.

¹⁹¹ Kieckhefer esclarece que a astrologia e a alquimia estavam entre as matérias que o Islã havia herdado da Antiguidade grega tardia, mas essas ciências sofreram muitas mudanças. “A astrologia grega foi exportada para a Pérsia e a Índia”, e sofreu ali um notável desenvolvimento. “Os astrólogos árabes aprenderam e incorporaram muitas dessas adaptações. Eles tiveram também que responder aos desafios dentro da própria cultura: [...] pois ressurgiram muitas das objeções que já haviam formulado os autores cristãos, e autores como al-Kindi e Abu Ma’shar tiveram que enfrentar essa oposição ao estabelecerem a astrologia como uma base científica e dotá-la como uma entidade nos ramos do saber”. Foi então somente no século XII que mais de cem obras foram traduzidas do árabe para o latim, ou especificamente reescritas em latim, parafraseando a ciência árabe. KIECKHEFER, Richard. **La Magia em la Edad Media**, p. 129.

¹⁹² TESTER, S. J. **A History of Western Astrology**. Woodbridge: Boydell, England, 1987, p. 153.

sobressalentes do cotidiano, que eram tidos como sinais –, era a única reconhecida como um saber pelos eruditos.¹⁹³ A Escola de Chartres, por exemplo, dedicou-se a um platonismo que se reduzia basicamente ao estudo do *Timeu* (360 a.C.) -- escrito que apresenta um diálogo de Platão com sábios como Sócrates, Timeu de Locros, Hermócrates e Crítias sobre a natureza do mundo físico e do ser humano -- tendo em conta que, nessa obra, duas atividades da vida humana foram destacadas, a providência e a causalidade, e estas, por sua vez, podiam ser facilmente relacionadas a influências astrais.¹⁹⁴ Por isso Chartres contou com várias gerações de mestres, dentre eles Bernardo de Chartres, Gilberto de Poitiers, Thierry de Chartres e João de Salisbury, que se empenharam em conciliar a cosmologia do *Timeu* (com muitas referências astrológicas) com os textos do *Gênesis*,¹⁹⁵ que trataram da criação. Uma célebre passagem do *Timeu* é ilustrativa da crença partilhada por muitos escritores, a partir do século XII, de que haveria um vínculo perpétuo entre a alma e o céu, ou entre a alma e os astros, que remeteria à criação do mundo anunciada na Bíblia.¹⁹⁶ O círculo “por fora”, sempre a girar, é chamado por Platão e pelos seus compiladores de Esfera. À vista disso, Ptolomeu, Platão, Aristóteles e Cícero foram interpretados e compilados pelos escritores medievais para reafirmarem a possibilidade de estarem próximos de Deus ou dos deuses, por deterem um saber que era privilégio de poucos.

A bem da verdade, antes mesmo da escola de Chartres, os medievais sentiram-se amparados pelas autoridades clássicas,¹⁹⁷ alguns filósofos foram bastante importantes para o desenvolvimento das teorias expostas pelos enciclopedistas do século do renascimento medieval. Contam-se, entre muitos, Avicena (Ibn Sina 980-1037), que transmitiu o neoplatonismo árabe ao Ocidente cristão, principalmente através das traduções que efetuou das obras de Aristóteles e Averróis (Ibn Roschad), pois por essas traduções e seus comentários à obra daquele autor, o pensamento aristotélico fez fortuna. Assim, o século XII ocidental

¹⁹³ Thorndike chama atenção para a aceitação de textos astrológicos em comparação a escritos sobre a alquimia. THORNDIKE, Lynn. **History of Magic and Experimental Science**, p. 03.

¹⁹⁴ LIBERA, Alain de. **A Filosofia Medieval**. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 270.

¹⁹⁵ LIBERA, Alain de. **A Filosofia Medieval**, p. 314.

¹⁹⁶ PLATON. **Timeo**. Traducción del griego, prólogo y notas por Francisco de P. Samaranch. Argentina: Aguilar S. A. de Ediciones, 1981, p. 36c.

¹⁹⁷ Ao esmiuçar a antropologia medieval, Henrique C. de Lima Vaz aponta as três fontes principais que constituem as autoridades por excelência na vida intelectual da Idade Média: a Sagrada Escritura ou sacra página, autoridade maior e incontestada; os Padres da Igreja, dentre os quais se destaca a figura de Santo Agostinho, referência privilegiada após a Escritura; os filósofos e escritores gregos e latinos, dentre os quais Aristóteles se afirmará a partir do século XIII”. VAZ, Henrique C. L. **Antropologia Filosófica I**. S. J. Coleção Filosofia. São Paulo: edições Loyola, 5 ed., 2000, p. 59.

recebeu novas ideias, conheceu os textos dos autores antigos e os comentários árabes a estes, através de traduções muitas vezes oriundas da *Hispania*.¹⁹⁸

Afora isso, para discorrer sobre a astrologia, compiladores enciclopedistas, como Boécio, Marciano Capela, Calcídio, Cassiodoro e Isidoro de Sevilha, iniciaram um trabalho de tornar mais acessíveis as artes liberais e as lições mais atrativas da filosofia clássica para o medievo.¹⁹⁹ Nos *Libros del Saber de Astronomia*, um livro composto por 16 tratados utilizados na universidade, o primeiro, “*Ochava Esfera*”, possui uma orientação mais descritiva, recorrendo ao *Almagesto* para distinguir as 48 constelações do oitavo céu, enquanto todos os outros tratam das instruções para a construção dos aparatos de observação estrelar.²⁰⁰ Nele, está explicada a importância dada à transmissão do conhecimento astronômico:

É preciso que compreendam a imensa obra de comparar os resultados obtidos em todos os tempos ou idades da ciência, que são seus elementos simples, com as melhores teorias de sua época, adiantando ou fazendo-as progredir o quanto seja possível; de modo que cada um dos ramos do saber deixe o legado do verdadeiro astrônomo ao seu sucessor, em um estado mais perfeito e mais completo que aquele em que os encontrou.²⁰¹

Desse modo, uma atitude positiva para com a astrologia natural abriu caminho para que as “melhores teorias de cada época” fossem retomadas e aperfeiçoadas, de forma que as traduções da física aristotélica, a astrologia ptolomaica e os tratados da nova ciência árabe viessem a ser assimilados.²⁰² Graças aos tradutores de Toledo, particularmente o prolífico Gerardo de Cremona, deu-se especial atenção às obras de Ptolomeu e de Aristóteles. Gerardo teve papel decisivo na empresa de produção e disseminação do *Aristóteles Latino*, a qual incluiu Michael Scot²⁰³ – que, no início do século XIII, foi o maior compilador –, as traduções de Averróis e, no período italiano, as traduções de Avicena.²⁰⁴ Contudo, não foi no terreno da astronomia científica que a astrologia encontrou espaço para firmar seu poder e alcançar difusão, mas, sim, naquele terreno, o da relação entre o homem e o mundo, em que ela dialogava com a teologia filosófica. Pode-se inclusive dizer que, por isso, ela

¹⁹⁸ GOSSOUIN DE METZ. *Imagem do Mundo*. Direção, apresentação e tradução de Margarida Santos Alpalhão. Lisboa: IEM – Instituto de estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa, p. 18.

¹⁹⁹ MACROBIO. *Comentario Al “Sueño de Escipión” de Cicerón*. Introducción, traducción y notas de Fernando Navarro Antolín. Madrid: Editorial Gredos, 2006, p. 40.

²⁰⁰ ALVAR, Carlos; MEGÍAS, José Manuel Lucía. *Diccionario Filológico de Literatura Medieval Española*. Madrid: Editorial Castalia, S. A, 2002, p. 35.

²⁰¹ ALFONSO X. *Libros del Saber de Astronomía* del Rey D. Alfonso de Castilla, prólogo general, p. XXIX.

²⁰² GARCÍA, Luis Miguel Vicente. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*, p. 67.

²⁰³ Michael Scot foi um franciscano estudioso da astrologia e autor do *Liber Introductorius*.

²⁰⁴ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*, p. 25.

desenvolveu-se “parasitando” o aristotelismo, mediado pela interpretação árabe.²⁰⁵ Percurso que resultou em uma sustentação teórica convincente acerca da influência dos astros, articulando teorias sobre a providência e o destino que não eram aristotélicas mas neoplatônicas, e afirmando uma causalidade vertical que ligava o mundo supralunar ao mundo sublunar.

Ligada às questões do destino e da providência, desenvolveu-se uma literatura de questionamento às previsões sobre o porvir. O argumento fundamental desses escritos que afirmaram a moral cristã será de que a verdade era uma só e intemporal, de forma que reter o passado, prever o futuro e compreender o presente eram capacidades divinas.²⁰⁶ Mas, embora os homens devessem se esforçar para, através de uma vida virtuosa, dominar alguma ou mais de uma dessas capacidades, foi através da graça e das revelações divinas que este saber foi dado para um mortal.²⁰⁷ Em outras palavras, o ponto central para o saber medieval é o papel condutor desempenhado pela ética cristã, que determinava que só fosse digno de ser lembrado aquilo que se enquadrasse nas normas morais, o que justificaria tanto adaptações no pensamento aristotélico, quanto a formulação de regras mais severas para a astrologia, a partir do século XIII; o que será desdobrado mais detalhadamente no último capítulo.

Assim, por fontes diretas ou indiretas, os nomes antigos são a base da ciência astrológica no medievo, e os escritores ibéricos recorrem a eles principalmente quando chegam a algum impasse. Aristóteles, por exemplo, desempenhou um papel fundamental, ao colocar a natureza como tema incontornável de estudo.²⁰⁸ Mesmo que alguns pontos de sua filosofia não fossem respeitados, mas questionados, como vimos, o nome do autor possibilitava lançar luz ao estudo da natureza, em que estava justamente o enfoque dado aos astros, que tinham forma e matéria para suportar sua própria paixão, causando também as

²⁰⁵ LIBERA, Alain de. **Pensar na Idade Média**. São Paulo: editora 34, 1999, p. 243-244.

²⁰⁶ COLEMAN, Janet. **Ancient and medieval memories** – Studies in the reconstruction of the past. U. S. A: Cambridge University Press, 1992, p. 60.

²⁰⁷ Tomás de Aquino explica a predestinação pelos escolhidos de Deus e contemplados com a graça: “A graça, que é algo temporal, entra na definição de predestinação, pois se diz que a predestinação é “a preparação da graça no presente, e da glória no futuro”. Logo, a predestinação não é algo eterno. Não pode, então, existir em Deus, mas nos predestinados, pois tudo o que existe em Deus é eterno.” TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Vol. I. Coordenação Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira, Editor Joaquim Pereira. São Paulo: Edições Loyola, 2011, Questão 23 – art. 2, 2, p. 452. “A vinculação entre as vidas dos santos e as visões constituem um fenômeno comum; se manifesta (ainda que de distinta forma) em textos veterotestamentários, e é endossado imediatamente no Novo Testamento e vidas dos mártires: os santos, em maior medida que qualquer outra categoria social são os privilegiados destinatários de revelações divinas em diversas formas”. MONGE CARRETERO, M. I. G. **Estudio y edición crítica del “Tratado del dormir” de Lope de Barrientos**. II Edición. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, Dpto. Filología Española II, p. 378.

²⁰⁸ BARROS, Rui. Introdução. In: RAIMUNDO LÚLIO. **Astrologia Medieval** (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 11.

paixões terrenas.²⁰⁹ Assim, o legado de Aristóteles é recorrentemente apontado nos textos, a partir do século XIII, para esclarecer várias questões, como, por exemplo, a configuração astral após a morte:

[...] referente à relação do signo que rege o morto com o conhecimento de seu destino eterno, estão os exemplos que menciona Yabir Benhayyán el Sufi no Livro exegético das formas e os feitos do zodíaco, livro em que enumera todos os astros visíveis do céu e a virtude de cada um deles. Compôs tal livro servindo-se do que ensinou Aristóteles a respeito, em seu livro intitulado Astrologia. Este livro, como o Livro das Plantas, é dos que se queimaram, e não permaneceu nenhuma cópia dele.²¹⁰

É curioso, neste caso, o destaque dado à citação de Aristóteles no *Picatrix*, tendo em vista que, como foi ressaltado, não havia versão original nem cópias das obras do pensador, afora o que foi compilado no *Libro exegético de las formas y los hechos del Zodíaco* por Yabir Benhayyán el Sufi. Percebe-se, então, que suas obras tiveram muito valor; um dos motivos seria porque a universidade de Salamanca ensinou a astrologia pautada principalmente nas obras deste filósofo, bem como em Avicena²¹¹ e Galeno,²¹² em detrimento dos estudiosos de física e medicina.²¹³ O *Picatrix* enfatizou claramente a necessidade do saber das artes liberais para praticar magia: o *quadrivium* matemático e as ciências naturais, isto é, a física e a metafísica. Isso porque se reconhece uma tripartição, nas ciências, de origem aristotélica, baseada em seus objetos. A aritmética e a geometria são usadas para cálculos dos movimentos dos corpos celestes, a música, a ciência de proporções, pode compreender a harmonia dos corpos celestes e terrestres; e a astronomia não é mencionada, provavelmente porque o seu uso parece ser considerado óbvio. Ainda no *Picatrix*, Aristóteles é retomado para, a partir de um exemplo, seu conselho para Alexandre, ressaltar a necessidade de se conhecer os movimentos celestes e sua influência terrena:

²⁰⁹ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia Medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio - Ramon Llull), p. 55.

²¹⁰ SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 27.

²¹¹ Avicena, o filósofo árabe, está relacionado à astrologia devido ao estudo da emanção das esferas do ser necessário, até o mundo sublunar. Através da reunião de elementos da filosofia de Aristóteles e do neoplatonismo, estudou também a medicina, onde os efeitos dos elementos e dos planetas foram fundamentais. (FILHO, Miguel Attie. **Os Sentidos Internos em Avicena**. Coleção Filosofia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 19).

²¹² Galeno, nascido na Turquia em 129 d.C., foi médico do Imperador romano Marco Aurélio, para ele [...] “a saúde do corpo era concebida em termos de equilíbrio entre as suas diferentes partes. Nesse caso, cada parte do corpo segue o seu próprio funcionamento, tal como ocorre com cada astro[...] Tanto para Aristóteles como para Galeno, o ser vivo e a natureza são concebidos a partir de um mesmo modelo. Nesse sentido uma série de correspondências integra tanto os homens quanto os elementos naturais. Entretanto, se, com Aristóteles, o ser vivo, dotado de seu próprio princípio, ganha uma certa autonomia perante a natureza, com Galeno esta autonomia parece ser reduzida.” SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e História**. Campinas: Autores associados, 2004, p. 11-12.

²¹³ PITA, Isabel Beceiro. **Libros, lectores y bibliotecas en la España medieval** (Medievalia, n. 2). Murcia: Nausicaã, 2007, p. 25.

Alexandre enquanto possas, move-te sempre em analogia e de acordo com um movimento celeste. O que não é senão uma presença astral com que alcançarás teu desejo e ganharás tua esperança. Este conselho do sábio é bom e esta é a diferença entre a intenção dos sábios e a intenção dos ignorantes, que não sabem senão o supérfluo da vida no mundo e que de outra forma são ignorantes.²¹⁴

Aristóteles, portanto, é referenciado por ter mostrado com erudição a qualidade da captação das forças dos astros. No *Lapidário*, ele é citado diversas vezes, ensinando sobre as pedras, por exemplo. Entre os que escreveram sobre elas, vem ele destacado como aquele “que fez um livro em que nomeou setecentas delas disse de cada uma, de que cor era, e de que tamanho, e que virtude havia, e em que lugar a encontravam [...]”.²¹⁵ Outros nomes lembrados no mesmo sentido são os de Galeno e Hipócrates, ao determinarem a relação entre as características astrais e a origem geográfica das pessoas. Entretanto, não se compara a relevância dada a Ptolomeu nos escritos astrológicos, devido à inigualável circulação de suas obras no medievo, pois, a partir do século XII, a tradução do *Tetrabiblos*, os quatro livros que tratam das influências das estrelas, expande-se muito, graças às versões árabes.²¹⁶

Antes das traduções para o latim no século XII, as obras de Ptolomeu tiveram pouco ou nenhum efeito no pensamento astronômico europeu, no qual se destacavam Platão, Aratus e Plínio, que, mesmo depois da introdução do *corpus* ptolomaico, concorriam com Ptolomeu. Todavia, nas regiões a Oriente, o constructo ptolomaico vigorou na astronomia por mais de mil anos, já que sua obra continuou sendo objeto de interesse onde quer que a astronomia fosse estudada depois de seu deslocamento do mundo alexandrino, como é o caso de Bizâncio, Índia, Pérsia e Bagdá. O encontro das vertentes no século XII pode ser resumido assim: por um lado, uma vertente erudita de astronomia geométrica, matemática e teórica de Ptolomeu, que, quando aportou na Europa, vinda do mundo árabe, definiu um novo tipo de astronomia, dos céus como fenômeno matemático, reorganizado por Copérnico depois. Por outro lado, uma vertente popular, oriunda da astronomia romana produzida no fim da República e durante o Império, que consistiu em grande parte da tradução e reescrita de certas obras gregas, como as de Platão e Aratus. A demanda por popularização tomava a forma de

²¹⁴ SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 34.

²¹⁵ ALFONSO X. *Lapidario and Libro de las Formas & Imágenes* [Texto impresso]. Editado por Roderio C. Diman and Lynn W. Winget. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1980, p. 01.

²¹⁶ ALFONSO X. *Lapidario and Libro de las Formas & Imágenes* [Texto impresso], p. 10.

manuais e compilações de vários saberes (tendo Aristóteles, Teofrasto e Posidônio como modelos), onde os apagamentos de “autores” por meio de reescritas foram frequentes.²¹⁷

Como afirma o *Setenario*, Ptolomeu foi um filósofo sem igual “na arte da astrologia; porque este falou mais alto nos feitos dos céus e das estrelas que outro qualquer”.²¹⁸ A geografia tinha grande peso em sua obra e a concepção de cosmos ptolomaica descrevia uma Terra estática ao redor da qual giravam as estrelas, onde cada casa zodiacal formada por esta dinâmica significava um aspecto da vida humana, também influenciada por planetas que traziam fortuna ou infortuna no momento do nascimento.²¹⁹ Ptolomeu é retomado no *Libro Conplido En Los Iudizios de las Estrellas* para ajudar a esclarecer a previsão do sexo de uma criança ainda não nascida, em que se devia considerar “a posição de Marte e de Vênus; que, se fossem orientais, são significadores de machos, e se fossem ocidentais de fêmeas, com Deus.”²²⁰ Ainda no mesmo livro, Ptolomeu é citado como autoridade para resolver um impasse: “E desacordaram-se nas questões e nas eleições para os astros; porque Ptolomeu nega questões e eleições e diz que a verdade não é senão nas revoluções dos anos”.²²¹ Ponto fundamental, sem dúvida, pois remete a um favorecimento da astrologia clássica em detrimento do modelo árabe das eleições, onde o momento da concepção ou, se não fosse possível saber, o momento dos nascimentos deveria ser privilegiado,²²² e não o estudo do céu do momento em que determinada ação ocorreu na vida de quem consulta o astrólogo.

1.6 O *quadrivium* e o alcance astrológico

A partir dessa retomada da astrologia clássica, houve uma crescente definição e estruturação da astrologia e da astronomia no território ibérico, reforçadas com o ensino das mesmas nas universidades ibéricas, pois foi com a adoção do *quadrivium*, ou seja, os quatro caminhos para se educar – aritmética, música, geometria e astronomia –, que a produção e a circulação de textos astrológicos tornou-se mais sistemática, configurando também um período de maior aceitação do saber astrológico. De acordo com Lúlio, pela astronomia, os homens poderiam conhecer as demais ciências do *quadrivium* antes das outras, como o direito

²¹⁷ MACHADO, Cristina de Amorim. **O Papel da Tradução na Transmissão da Ciência: o caso do Tetrabiblos de Ptolomeu.**

²¹⁸ ALFONSO X. *Setenario*. Edição e introdução Kenneth H. Vanderford, estudio preliminar Rafael Lapesa. Barcelona: Editorial Crítica, 1984, p. 113.

²¹⁹ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*, p. 31.

²²⁰ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido En Los Iudizios de las Estrellas*, p. 46.

²²¹ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido En Los Iudizios de las Estrellas*, p. 20.

²²² MINOIS, George. *História do Futuro*. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Ed. Teorema, 1996, p. 75.

e a medicina,²²³ isto porque a igualdade entre as coisas de cima e de baixo era objeto de tais disciplinas. Assim, pelo efeito da igualdade superior ou desigualdade (chamado de maioridade pelo filósofo), algumas correspondências nos inferiores eram maiores do que outras. Nas relações entre os homens, por exemplo, duas pessoas que se conduzissem do mesmo modo pela honra, se uma fosse um soldado e a outra um burguês, a primeira seria mais honrada pela posição que ocupava, e isto era determinado pelo plano celeste. Dava-se da mesma maneira a atribuição de igualdade ou desigualdade para os materiais. Lúlio cita, por exemplo, a libra, que teria mais força se feita de ferro em comparação ao chumbo, já que o ferro foi considerado maior em substância e força, isto é, mais denso e resistente do que o chumbo, devido às influências de cima que potencializam sua força.²²⁴ A astrologia ainda apoiava a medicina com as curas e as prevenções de doenças que dependiam de certas configurações astrais – como mostra o *Lapidário* –, bem como auxiliava o direito, pois ajudava a determinar os lugares sociais das pessoas.

No saber universitário, entretanto, a relevância dada à medicina astrológica foi mais destacada, porque a lei médica propagada nas universidades afirmou que os astros influenciavam a doença por diminuição ou fortificação de determinadas qualidades e, portanto, era conveniente e necessário que um bom médico tivesse conhecimento de astronomia; ademais, acreditou-se que um medicamento tomado em um tempo sob determinada configuração astral poderia matar, e sob outro céu poderia curar, de forma que se julgava que os médicos ignorantes da astronomia poderiam matar muitos pacientes.²²⁵ Assim, o *Lapidário* servia para evitar tais riscos, ao ensinar as propriedades celestes das pedras, as fases dos signos, a influência das pedras no comportamento humano, as virtudes das pedras segundo as figuras que estão no oitavo céu e, finalmente, as propriedades das pedras segundo a influência das constelações.²²⁶ Uma passagem do *Lapidário* mostra bem a importância de se ter conhecimento sobre certas pedras do segundo grau do signo de Áries, chamadas Zurudica, as quais, quando são polidas ou moídas fornecem um pó que, quando dado “a alguém para beber em grande quantidade”, debilitam o fígado, derramando sangue de forma “que nunca

²²³ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia Medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 86.

²²⁴ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia Medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 86.

²²⁵ THORNDIKE, Lynn. *History of Magic and Experimental Science*, p. 05.

²²⁶ ALVAR, Carlos; MEGÍAS, José Manuel Lucía. *Diccionario Filológico de Literatura Medieval Española*, p. 27.

parará até que morra [...] E quando esta estrela estiver no ascendente terá esta pedra maior força e mostrará mais manifestamente suas obras”.²²⁷

O saber astronômico, pelo que se deduz de passagens como essas, mostrava-se necessário como forma de saber se determinada estrela estaria no ascendente apto a dar força a esta pedra maligna. O mesmo saber é necessário quando se trata de uma pedra com propriedades curativas: “E os físicos colocam um pouco desta pedra nos remédios que fazem para estancar os grandes machucados; porque, por sua natureza, os estanca muito. E a estrela que é no músculo da coxa esquerda de Perseu tem poder sobre esta pedra, e dela recebe sua virtude”.²²⁸

Tendo isso em vista, embora nosso foco seja a Península Ibérica, é possível afirmar que a astrologia era comumente ensinada na maioria das universidades nos séculos XIV e XV e que se mostrava saber indispensável para os alunos e mestres. Gossuim de Metz, por exemplo, clérigo francês que escreveu a *Imagem do Mundo*, a primeira enciclopédia em língua vulgar, louva a astronomia como a mais relevante das ciências:

[...] a última seria a Astronomia, a mais importante das artes liberais. Ela ensina a procurar a razão das coisas no céu e na terra, saber a razão de todas as coisas, as outras seis ciências são ferramentas da Astronomia, que é a principal das ciências por ser Deus o perfeito astrônomo, pois fez céu e terra em sua razão.²²⁹

Configura-se então esta ciência de duas maneiras, como objeto especial de educação, e como associação com outras disciplinas, como a medicina ou filosofia, o que possibilitaria uma educação integral, para a qual a astrologia era um suplemento indispensável. Finalmente, aqueles que ensinaram astrologia não eram apenas os astrólogos, mas, como vimos, eram em sua maioria médicos, principalmente matemáticos e filósofos, alguns deles inclusive do estado eclesiástico, regulares ou seculares.²³⁰ Assim, o astrólogo propriamente dito podia ser um clérigo, um estudioso, sabendo não só os princípios de sua profissão, mas também a história, as obras de seus mestres sobre os astros. Para responderem aos argumentos dos adversários, afora uns poucos casos de ceticismo, eles se utilizavam de termos que reafirmassem princípios católicos. Para isso, foi importante que os astrólogos tivessem conhecimento de filosofia natural, ou seja, essencialmente de física, matemática, medicina e, principalmente, de história e teologia. Entretanto, isso não significava que todos os astrólogos fossem grandes

²²⁷ ALFONSO X. *Lapidario and Libro de las Formas & Imágenes* [Texto impresso], p. 03.

²²⁸ ALFONSO X. *Lapidario and Libro de las Formas & Imágenes* [Texto impresso], p. 09.

²²⁹ GOSSOUIN DE METZ. *Imagem do Mundo*, p. 123.

²³⁰ PRÉAUD, Maxime. *Les Astrologues à la fin du Moyen Age*, p. 62.

estudiosos, mas deviam ter pelo menos certa cultura universitária; como não era de todo extraordinário na época.²³¹

Para pensarmos o arsenal de saber desses astrólogos, outra partição importante para se ressaltar é a de que os mesmos textos que foram produzidos nas cortes circularam no meio universitário e, de forma recíproca, os textos produzidos em âmbito universitário chegaram, por muitas vezes, às cortes.²³² Essas obras foram, portanto, fundamentais à função dos copistas nas universidades, pois resolveram, ainda que não tão satisfatoriamente, a necessidade da disposição dos livros imprescindíveis para seguir os cursos. Eles formaram parte da própria estrutura universitária, tendo sido esta que determinou o estatuto de trabalho e o salário desses copistas.²³³ Exemplarmente, as *Tablas Alfonsinas*, nos séculos XIV, XV e XVI, foram conhecidas exclusivamente por versões parisienses, o que aponta a relevância da produção astrológica afonsina e a compilação de textos nos meios universitários dos reinos do Ocidente, pois, graças à recompilação de cânones relatados por João da Saxônia,²³⁴ da escola parisiense, as *Tablas* tiveram uma longa existência. Há notícias de registros, inclusive, de uma divergência entre dois nomes importantes da astrologia francesa, Roland L'Écrivain e Laurent Muste, sobre determinadas maneiras de efetuar os cálculos astronômicos, bem como a adoção de certos critérios, pautados nas *Tablas Alfonsinas*.²³⁵ Assim, acredita-se que o texto passou a circular rapidamente e praticamente em todas as nascentes universidades do âmbito europeu, como prova a existência de manuscritos por todas as partes,²³⁶ ou seja, essas tábuas podem ser consideradas o manual a partir do qual se organizou o ensino universitário da astronomia planetária de alto nível.²³⁷

²³¹ PRÉAUD, Maxime. **Les Astrologues à la fin du Moyen Age**, p. 68.

²³² “[...] el libro universitario presenta una serie de rasgos característicos, que implican importantes novedades con respecto a los libros de siglos precedentes, pero también con respecto al libro no universitario de la época. Estas novedades van desde los propios sistemas de producción libraria hasta los relativos a las características materiales; nos hablan de toda una revolución en los usos escriptorios, que va más allá del libro universitario, y que viene determinada por la utilización creciente del escrito”. OBRADÓ, M. del Pilar Rábade. **Las Universidades en la Edad Media**. Madrid: Arco Libros, S. L., 1996, p. 33.

²³³ OBRADÓ, M. del Pilar Rábade. **Las Universidades en la Edad Media**, p.43.

²³⁴ Este assunto está mais detalhado em CHABÁS, José; GOLDSTEIN, Bernard R. **Astronomy in the Iberian Peninsula: Abraham Zacut and the Transition from Manuscript to print** (Transactions of the American Philosophical Society). Amer Philosophical Society, 2000, p. 20.

²³⁵ PRÉAUD, Maxime. **Les Astrologues à la fin du Moyen Age**, p. 184.

²³⁶ “A grande difusão das Tábuas Afonsinas dar-se-ia sobretudo a partir de 1320, com o aparecimento das versões parisienses, como os cânones de João de Murs ou João de Lighières ou ainda, aqueles que foram sem dúvida os mais divulgados, os cânones de João de Saxe. Uma versão destas últimas foi impressa pela primeira vez em 1483, numa famosa edição publicada em Veneza por Erhard Ratdolt. As edições seguintes (Veneza, 1492, 1518, 1524, e Paris, 1545, 1553) têm cânones de Santritter ou de Luca Guarico.” (Catálogos Biblioteca Nacional de Portugal. **Estrelas de papel** – livros de astronomia dos séculos XIV a XVIII, p. 24).

²³⁷ ALFONSO X. **Las tablas de los movimientos de los cuerpos celestiales** del iluxtrísimo Rey don Alonso de Castilla seguidas de su Additio. Traducción castellana anónima de los Cánones de Juan de Sajonia. Estudio y edición de José Martínez Gázquez. Murcia: Universidad de Murcia, 1989, p. 14.

Além disso, o próprio interesse de grupos sociais diversos, homens de corte e homens que tinham um ofício, favoreceu certas leituras, pois, após 1303, os ibéricos encontraram cada vez mais tratados relacionados com sua ocupação, sobretudo no que dizia respeito à gramática, à astrologia, ao saber geográfico e à medicina.²³⁸ Em vista disso, as obras de temática não estritamente religiosa revelam o começo de uma cultura fundada nas disciplinas universitárias, onde o saber astrológico disseminou-se de forma equivalente em textos de gêneros diversos, de forma que é possível encontrar uma similaridade de temas entre textos cortesões e textos universitários sobre astrologia. Raimundo Lúlio sintetiza bem as principais preocupações desses textos em geral, a saber: os aspectos planetários, a lua e suas mansões, o cálculo das casas, as profecções²³⁹ e as revoluções solares, os ingressos solares nos solstícios e equinócios, a condição diurna ou noturna dos planetas, o significado dos decanatos, o significado dos eclipses e o problema da longevidade.²⁴⁰ Todas essas tópicas da ciência astronômica comumente estiveram inseridas em duas partes complementares: a que estudava os movimentos, as conjunções e os encontros dos planetas em seus signos e a que estudava as predições que podiam ser feitas mediante as conjunções e os encontros dos planetas em seus signos.²⁴¹

Nota-se, nessa matéria, um diálogo entre a corte e a universidade, principalmente pelo fato de o nascimento das universidades ibéricas ter sido determinado, sobretudo, por iniciativas régias.²⁴² Os soberanos de diversos reinados (Leão, Castela, Portugal e Aragão) instituíram as universidades em Salamanca (1218), Valladolid (final do século XIII), Lisboa (1290) e Lérida (1300), tendo a confirmação pontifical chegado só bem mais tarde.²⁴³ O termo universidade, em alguns lugares, aplicava-se à associação de mestres e dividia-se em três categorias: as instituições eclesiásticas (Paris, Oxford e Cambridge), as que foram dirigidas por um reitor eleito (Pádua e Bolonha), e aquelas fundadas por um monarca, mas com

²³⁸ PITA, Isabel Beceiro. **Libros, lectores y bibliotecas en la España medieval**, p. 525.

²³⁹ Profecção para os astrólogos é o movimento astral que estabelece a posição natal, seja o Ascendente, Sol, Lua, Parte da Fortuna ou qualquer outro planeta, ou ponto, de acordo com uma determinada velocidade. Tradicionalmente a velocidade é de um signo inteiro para cada ano de vida. A profecção anual ou Regente do Ano é descoberta pelo astro que rege o signo que, por profecção, corresponde a uma dada idade. Esta regência não considera os planetas geracionais, Urano, Netuno e Plutão, descobertos pelo homem a partir do século XVIII. PANDO, Esteban de Terreros. **Diccionario Castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa latina y italiana**. Tomo III. Madrid: En la imprenta de la viuda de Ibarra, hijos y compañía, 1788, p. 221.

²⁴⁰ BARROS, Rui. Introdução. In: RAIMUNDO LÚLIO. **Astrologia medieval** (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 11.

²⁴¹ BARROS, Rui. Introdução. In: RAIMUNDO LÚLIO. **Astrologia medieval** (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 21.

²⁴² OBRADÓ, María del Pilar R. **Las Universidades en La Edad Media**, p. 46.

²⁴³ Recebeu o apoio papal de Alejandro IV graças ao rei Afonso X (OBRADÓ, María del Pilar R. **Las Universidades en La Edad Media**. Arco Libros, Madrid, 1996, p. 47). Ver também: CHARLE, Christophe; VERGER, Jacques. **História das Universidades**. Tradução Elcio Fernandes. Ed. Unesp, 1996.

reconhecimento papal (Salamanca e Nápoles).²⁴⁴ No caso das universidades espanholas, apesar da fundação prematura – Palência (1208), Huesca (1354), Zaragoza (1474) –, a ciência não teve nelas muito desenvolvimento, salvo pelo estudo da medicina em Lérida. Portanto, a universidade de Salamanca, ainda que fundada em 1227 e protegida por Afonso X, só se vigoriza em finais do século XIV e começa a desempenhar um papel verdadeiramente importante nas ciências somente a partir de 1460, com a criação de uma cátedra de astrologia.²⁴⁵ Portugal apresentou um quadro mais desolador, pois, mesmo que os Estudos Gerais tenham sido fundados por D. Dinis em 1290, a universidade de Lisboa não conseguiu ser um foco relevante de cultura antes do século XV; o que, entre outros fatores, pode ser devido sobretudo a um processo mais lento de urbanização (se compararmos Lisboa a outras cidades universitárias europeias), ao número reduzido de professores e às poucas rendas destinadas ao Estudo Geral.²⁴⁶ Sendo assim, a astrologia desenvolve-se quase exclusivamente nas cortes e, como mostramos no início do capítulo, sobretudo nos textos elaborados sob a tutela da dinastia de Avis.

Já no caso de Salamanca, a criação da cátedra possibilitou que a astrologia castelhana se desenvolvesse em simultâneo a outros importantes centros de saber do Ocidente, onde a astrologia havia se adiantado como saber universitário prezado. O usual até então na Península Ibérica era que os judeus cultivassem por sua conta os diversos saberes e práticas, atuando como médicos, astrólogos e especialistas em todas as ciências.²⁴⁷ Apesar de perderem sua força, estes ainda continuam a atuar. O referido judeu Zacuto, por exemplo, acredita-se que tenha lecionado na Universidade de Salamanca de 1467 a 1475²⁴⁸, o que, no entanto, não é confirmado, em especial tendo em vista a ortodoxia do período e suas implicações na aceitação de mestres judeus. De qualquer modo, é mais provável que ele a tenha frequentado como estudante, depois de ter sido iniciado nos saberes tradicionais judaicos – como a lei mosaica e os princípios talmúdicos e cabalísticos – na numerosa colônia judaica de Salamanca.²⁴⁹

²⁴⁴ MASON, Stephen F. **Historia de Las Ciencias**, p. 148.

²⁴⁵ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. **Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española**, p. 115.

²⁴⁶ JANOTTI, Aldo. **Origens da Universidade: a singularidade do caso português**. São Paulo: Edusp, 1992, p. 122.

²⁴⁷ GOMES, Saul António. Livros de ciência em bibliotecas medievais portuguesas. In: **Ágora. Estudos Clássicos em Debate**. 14.1 (2012), p. 16. Disponível em: <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/2.Saul.pdf>; Consultado em 08/2014.

²⁴⁸ MACHADO, Cristina de Amorim. **O papel da Tradução na Transmissão da Ciência: o caso do Tetrabiblos de Ptolomeu**, p. 50.

²⁴⁹ ALBUQUERQUE, L. Introdução. In: ZACUTO, A. **Almanach Perpetuum**. Introdução de Luís de Albuquerque. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986, p. 09.

Essa presença dos judeus e dos mouros na Península Ibérica mesmo depois da fundação das universidades, bem como a posição geográfica fronteiriça e as dificuldades de convívio entre eles, bem como os problemas econômicos e sociais, tudo isso contribuiu para uma certa desconfiança dos peninsulares em relação à ciência e à técnica, por estarem vinculados justamente a membros de uma minoria judia e muçulmana.²⁵⁰ Portanto, não é de surpreender que o desenvolvimento da astrologia tenha se dado com mais intensidade em uma corte protetora, de certa forma, dos escritores “infiéis”, a de Afonso X. E apenas tardiamente (final do século XV) a universidade ibérica veio a desenvolver uma astrologia mais instrumental e ligada à medicina.

Ainda assim, já postas as devidas advertências, a fundação da cátedra de astrologia em Salamanca torna recorrente a ideia de que o tipo de astrologia que parece revitalizar-se na segunda metade do século XV é a astrologia natural ou astronomia, em detrimento da astrologia judiciária.²⁵¹ É provável que tenha havido uma mudança relativa ao ensino da astrologia na segunda metade do século XV devido principalmente a três feitos de grande importância: a aparição da grande figura do astrônomo salmantino Abraão Zacuto; a dotação de uma cátedra de astrologia em Salamanca em 1460; e, em terceiro lugar, o desenvolvimento dos estudos de astronomia náutica em Portugal.²⁵² Sobre esta última, sabe-se da existência de condições propícias para o desenvolvimento da navegação desde o século XII, já que o *Tratado do Astrolabio*, de Raimundo de Marselha, data de 1140 e expõe claramente o procedimento a seguir para determinar a latitude em função da altura meridiana do Sol. Entretanto, ainda que seja possível retornar mais no tempo em busca de referências sobre aspectos fundamentais da navegação, o relevante para a ciência dos astros é a incontornabilidade do estímulo aos estudos astronômicos aplicados a esse empreendimento na Península Ibérica do século XV,²⁵³ ocasião em que certamente a amplitude da relação entre o saber astrológico e o conhecimento de condições para navegar foi notável, interferindo mesmo na continuidade da transmissão dessa saber, isto é, no privilégio de aspectos técnicos relacionados às condições naturais.²⁵⁴

Embora Portugal seja reconhecido como pioneiro nesses estudos, principalmente pelos desdobramentos posteriores das viagens, há evidências da dependência entre as *Tábuas*

²⁵⁰ BALLESTER, Luis García. **Historia Social de la Medicina en la España de los siglos XIII al XVI**, p.55.

²⁵¹ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. **Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española**, p. 108.

²⁵² GARCÍA, Luis Miguel Vicente. **Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española**, p. 17.

²⁵³ CANAS, António Costa; FERRÃO, Maria Eugénia. **A matemática no tempo do mestre José Vizinho**, p. 64.

²⁵⁴ SAMSÓ, Julio. Introdução. In: ENRIQUE DE VILLENA. **Tratado de Astrología** atribuído a Enrique de Villena, p. 21.

Náuticas dos Regimentos portugueses²⁵⁵ e o *Almanaque Perpétuo*, o que dá a ideia da relação íntima estabelecida entre a arte de navegar e a astronomia castelhana do século XV.²⁵⁶ A rigor, a astrologia que vigorou no Portugal da primeira metade desse século foi essencialmente a que se baseou nas definições de Sacrobosco e Afonso X, compreendendo, portanto, a “ciência da Esfera”, mas também a astrologia judiciária e a influência dos astros na vida sublunar.²⁵⁷ Porém, já no final do mesmo século, tinha-se operado, pelo menos nos círculos oficiais e eruditos, uma clara separação entre astronomia e astrologia, como consequência dos trabalhos teóricos e práticos que conduziram ao aperfeiçoamento do método de navegação astronômico;²⁵⁸ o que, entretanto, vai além do recorte aqui proposto.

Assim, no final do século XV, quase todas as obras passam a ter uma função mais prática na sociedade. Aparecem tábuas Astronômicas e almanaques de grande utilidade para a organização de todo tipo de atividades, desde a navegação até os calendários, e surgem também pequenos tratados para prever as chuvas. Todos esses ilustram um desejo de que os textos fossem úteis, em que pesa o critério tomista do bom uso da astrologia.²⁵⁹ Desse modo, o critério tomista seria o do privilégio das leis da física, e é esta a modalidade de astrologia válida nos finais do século XV, quando esse saber se torna ainda mais universitário. Nesse sentido, o enfoque sobre a ciência das estrelas vai gradativamente se voltando para as questões de utilidade coletiva – mesmo que as questões de ordem pessoal que invocavam a astrologia judiciária fossem consideradas de utilidade por aqueles que procuravam os astrólogos – enfoque que acabaria desembocando, com o passar do tempo, no estudo exclusivo da astronomia.

A complexidade desse processo pode ser ilustrada com os estatutos da universidade de Salamanca, nos quais está declarado que a astrologia deveria abarcar tanto a astronomia esférica como: a teoria dos planetas, a aritmética, a geometria, a cosmografia, a geografia e,

²⁵⁵ Sobre as várias Tábuas Náuticas e os regimentos portugueses cf. CORTESÃO, Jaime. **Infuência dos Descobrimientos Portugueses na História da civilização**. Lisboa: Impr. Nacional – Casa da Moeda, 1993.

²⁵⁶ O Almanaque Perpétuo foi inicialmente escrito em hebreu e publicado parcialmente durante o século XV em versões latina e castelhana. Algumas traduções foram, inclusive, feitas pelo discípulo de Zacuto, mestre José Vizinho, médico da corte portuguesa e, além disso, o próprio Zacuto serviu na corte portuguesa de João II, devido à expulsão dos judeus decretada pelos reis católicos em 1492. Ali, veio a contribuir para o aprimoramento da arte de navegação, aperfeiçoando as formas iniciais de regimento da altura solar ao meio-dia, estabelecidas anteriormente pelos médicos astrólogos de João II. ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**, p. 118.

²⁵⁷ Catálogos Biblioteca Nacional de Portugal. **Estrelas de papel** – livros de astronomia dos séculos XIV a XVIII, p. 09.

²⁵⁸ Catálogos Biblioteca Nacional de Portugal. **Estrelas de papel** – livros de astronomia dos séculos XIV a XVIII, p. 12.

²⁵⁹ “Todas as provas tomistas põem em jogo dois elementos distintos: a constatação de uma realidade sensível que requer uma explicação e a afirmação de uma série causal de que essa realidade é a base e Deus o topo”. GILSON, Étienne. **A Filosofia na Idade Média**. Tradução Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 366.

inclusive, a astrologia judiciária,²⁶⁰ havendo, então, ainda uma permanência da herança árabe, que tornou difícil dissociar os dois ramos da ciência dos astros, matemático e judiciário.²⁶¹

Assim, embora tenhamos ressaltado a relevância de se pensar a astrologia como um saber ou ciência tanto nas cortes como nas universidades, estudar e aprender sobre o céu, neste período, tinha um alcance ainda maior, pois, como veremos nos próximos capítulos, a astrologia pôde ser entendida também e principalmente como uma concepção de mundo.²⁶² Esse saber, constituído como um sistema organizado e coeso, serviu para tranquilizar quando os golpes da peste, da guerra, da fome e de outros males se abateram sobre os peninsulares. A astrologia forneceu desculpas para a negligência dos poderes constituídos, e foi acima de tudo uma tentativa elaborada de explicar o mundo.²⁶³ De forma complementar a esta ideia, portanto, devemos considerar que a arte da astrologia foi integrada a um conjunto mais amplo de crenças e práticas na sociedade medieval: cosmologia e filosofia natural, medicina, agricultura, previsão do clima, alquimia e nigromancia.²⁶⁴ Além disso, o caráter inegavelmente supersticioso atribuído a algumas dessas práticas colocou a astrologia, por muitas vezes, no mesmo patamar.

Por isso, no próximo capítulo, trataremos do apreço, sobretudo por parte da nobreza ibérica, pelos prognósticos astrológicos, bem como de quais foram as questões que mais se colocaram para eles, quando se tratou de adiantar o porvir pelo estudo dos céus. Procuraremos examinar como a predição nunca se revela neutra ou passiva, pois corresponde sempre a uma intenção, a um desejo ou a uma crença; podendo exprimir um contexto e até mesmo um estado de espírito. A predição astrológica não nos esclarece sobre o futuro, mas reflete o presente desses nobres que, vivendo em reinos diferentes (no território ibérico) e ao longo de séculos, procuraram seus astrólogos com inquietações que se repetem e de alguma forma os aproximaram. Deste modo, o registro dos prognósticos feitos através da interpretação da dinâmica celeste será lembrado com a finalidade de fazer um levantamento de quais foram os principais assuntos que incentivaram os astrólogos a prever, em outras palavras, indagamos tanto sobre quais foram os motivos maiores de inquietação, de previsão, quanto sobre quem seriam os homens que podiam prever a sorte das estrelas nos séculos XIII, XIV e XV.

²⁶⁰ SAMSÓ, Julio. Introdução. In: ENRIQUE DE VILLENA. **Tratado de Astrología** atribuido a Enrique de Villena, p. 19.

²⁶¹ PRÉAUD, Maxime. **Les Astrologues à la fin du Moyen Age**, p. 53.

²⁶² ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**, p. 21.

²⁶³ PRÉAUD, Maxime. **Les Astrologues à la fin du Moyen Age**, p. 231.

²⁶⁴ PAGE, Sophie. **Astrology in Medieval Manuscripts**, p. 36.

CAPÍTULO 2

Influências astrais e previsões

2.1 A arte de prever com os indícios do céu

Uma passagem da obra *Imagem do Mundo* (1245), escrita por Gossouin de Metz na França do século XIII e considerada a primeira enciclopédia em língua vulgar – da qual ficou uma cópia no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra²⁶⁵ –, lança mão de um questionamento sobre o desconhecido ou sobre a previsão do futuro, temas que se tornarão recorrentes nas reflexões feitas pelos letrados ibéricos dos séculos XIII, XIV e XV. Diz ele que,

Depois de Adão, existiram muitas pessoas
 Que conheceram as sete artes
 Que Deus lhes enviara para a Terra.
 Algumas delas quiseram
 Saber no que se tornaria o mundo
 E se alguma vez acabaria.
 E souberam tudo, sem falha,
 Que deveria acabar por duas vezes:
 [...] Então tiveram
 Pena das artes porque souberam
 Que estariam perdidas
 Se não fossem preservadas
 [...] Nestas grandes colunas que existiram
 Esculpiram e colocaram as artes
 De modo a que, aqueles que viessem depois deles,
 As encontrassem e aprendessem²⁶⁶

Nesse escrito especificamente, tal preocupação com o vir a ser do mundo em sua totalidade, incluindo a possibilidade de seu fim absoluto, é apresentada como uma inquietação de longa data e que não ficara sem uma resposta certa: uma previsão de que dois fins do mundo estavam por vir, de forma que cabia não deixar que as artes se perdessem sem serem transmitidas. O autor dessa grande suma, que pretendia conservar a diversidade dos conhecimentos, destaca que, encontrada pelo filho de Noé depois do primeiro fim do mundo, a placa onde estavam registradas as sete artes ajudou a reconstruí-lo, porém, para que fosse alcançada toda a sabedoria nela contida, fez-se necessário o trabalho de muitos sábios, desde figuras bíblicas até o filósofo Boécio, todos eles listados pelo autor.

Na interpretação legendária de Gossouin, entre as artes, virá a se destacar a Astronomia, a qual, entretanto, não aparece logo de saída como meio para prever, pois apenas

²⁶⁵ ALPALHÃO, Margarida Santos. Introdução. In: GOSSOUIN DE METZ. *Imagem do Mundo*, p. 30.

²⁶⁶ GOSSOUIN DE METZ. *Imagem do Mundo*, p. 337-338.

é anunciado que as pessoas que conheciam este saber teriam o suficiente para lidarem com as questões do seu tempo de forma primorosa²⁶⁷ e, por isso, o letrado alerta para sua potencialidade elevada, ao dizer que “Sabe-se tudo pela Astronomia, / Excepto o que Deus não quer”. De forma que recomendava que “seria melhor aprender / Apenas esta, para ter atenção,” porque a sua apreensão correta permitiria que se tivesse tudo o que se quisesse ter na Terra.²⁶⁸

Tais proposições de Gossouin, dada a associação entre a Astronomia e um conhecimento superior, controlado apenas por Deus, será nosso norte nas páginas a seguir. Nesse “tudo” a que se refere, estaria também o futuro? A resposta pode ser pelo menos em parte positiva, isto é, quando a previsão dizia respeito ao significado de um eclipse, por exemplo. Os eclipses, associados em geral a grandes acontecimentos, ocorriam a partir de certas configurações astrais conhecidas pelos astrônomos, como o posicionamento da Lua entre uma linha que passaria entre o Sol e a Terra e quando metade da face da Lua não estava iluminada pelo Sol.²⁶⁹ Entretanto, Gossouin conta que uma vez houve um eclipse sem que se pudesse explicar as causas por leis naturais ou da razão, isto é, esse ocorreu devido à morte de Cristo e foi tomado como índice da vontade divina.²⁷⁰ Afora esses casos extraordinários, os astrônomos, além de conhecerem o porquê da ocorrência do fenômeno natural, também se empenhavam em analisar os seus efeitos e determinar as previsões. Desse modo, múltiplos significados do encobrimento de um astro foram decodificados por esses sábios: “Tal como a falta de algum bem / A cavaleiro de guerra ou de defesa / Ou morte de príncipe ou de rei”. Em suma, era possível decifrar tudo o que poderia “acontecer na Terra”, inclusive as causas, por comparação com aquele grande eclipse que “significou a morte de Jesus.”²⁷¹

A possibilidade de previsão através dos astros nos textos da Península Ibérica, principalmente naqueles que foram traduzidos²⁷² de escritos árabes e judeus, vai muito além da interpretação dos eclipses. Contudo, antes de termos contato com algumas dessas

²⁶⁷ Murphy explica a divulgação das artes ocorrida principalmente pela obra de Isidoro de Sevilha, *Etimologias*, atribuindo-lhes as funções que coincidem com a própria maneira de experimentar o mundo. Explica ainda que, embora a ciência tenha outra definição, algumas artes que são consideradas disciplinas também podem ser consideradas ciências. MURPHY, James J. **la Retórica en la Edad Media**. Traducción Guillermo Hirata Vaquera. México: Fondo de Cultura Económica, 1986, p. 85-100.

²⁶⁸ GOSSOUIN DE METZ. **Imagem do Mundo**, p. 353.

²⁶⁹ Henrique de Villena fez um capítulo específico sobre o tema no qual outras configurações mais complexas são explicadas. ENRIQUE DE VILLENA. **Tratado de Astrología** atribuído a Enrique de Villena. Edición Pedro M. Cátedra, Introducción Julio Samsó. Barcelona: Editorial Humanitas, 1983, p. 195.

²⁷⁰ GOSSOUIN DE METZ. **Imagem do Mundo**, p. 305.

²⁷¹ GOSSOUIN DE METZ. **Imagem do Mundo**, p. 307-309.

²⁷² Boudet faz uma análise vigorosa sobre quem teriam sido os homens de letras que traduziram os textos árabes e judeus no ocidente medieval. BOUDET, Jean Patrice. **Entre Science et Nigromance**. Paris: Publications de la Sorbonne, 2006, p. 163-203.

previsões, cabe examinar como o futuro foi pensado e definido pelos ibéricos. A começar por aqueles que contemplaram, mesmo que de forma difusa, os predicados da previsibilidade, como o Arcipreste de Hita (1284 – 1351), clérigo de Guadalajara, que, a rigor, buscou advertir sobre os perigos e pecados em seu *Libro de Buen Amor*. Neste tratado moralizante em torno do pecado, o Arcipreste cita Gregório Magno e sua advertência sobre a necessidade de prognosticar as coisas, alegando que, “menos ferem os homens os dardos previstos que os que não o são, e melhor podemos nos guardar do já conhecido do que do desconhecido.”²⁷³ A predição é também matéria referida em um tratado do século seguinte, o *Tractado del Dormir* [...], escrito pelo clérigo de Castela Lope de Barrientos (1382 - 1469), por encomenda de João I. Ali fica claro o trabalho do dominicano para definir e organizar certas questões a respeito das coisas advenientes logo no início do texto, em que, ao definir seu tema principal, “que coisa é dormir e despertar”, encontra espaço para discorrer sobre “que coisa é adivinhação e profecia”, chegando mesmo a esmiuçar como, “por quatro maneiras, imaginam e presumem os homens querer saber as coisas advenientes.”²⁷⁴

O tema do vaticínio foi mais ricamente abordado no tratado do árabe Aly Aben Ragel, intitulado *Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas*, este sim, um escrito dedicado exclusivamente ao estudo das estrelas e principalmente às previsões astrológicas. Neste tratado do século XI, que foi traduzido para o espanhol no século XIII e teve vasta aceitação em Castela,²⁷⁵ autoridades são citadas com a finalidade de explicar o que deve ser observado no céu, ou melhor, são citadas visando justificar o objetivo dessa observação e quais determinações astrais poderiam servir como indicativos para calcular a temporalidade ou para dividir os decanatos. Entre essas divisões, por exemplo, o autor recorda Dorotheus e sua repartição das coisas em quatro: a primeira, o que já foi e é passado; a segunda, o que foi e ainda é presente; a terceira, o que é presente e continuará, e a quarta o que ainda não

²⁷³ ARCIPRESTE DE HITTA. *Libro de Buen Amor*. Versión antigua con prólogo y versión moderna de Amancio Bolaño e Isla. México: Editorial Porrúa, 13 edición, 2008, p. 09.

²⁷⁴ MONGE CARRETERO, M. I. G. *Estudio y edición crítica del “Tratado del dormir” de Lope de Barrientos*. II Edición. Universidad Complutense de Madrid: Dpto. Filología Española II, p. 01.

²⁷⁵ No artigo “La Importancia del Libro Conplido [...]”, Vicente García aponta que o texto é uma tradução feita pelo árabe Kitab al-bari’fi ahkam al-mugum. Foi escrito por Abu-l-Hassan 'Ali ibn Abi-l-Rigal, conhecido também com os nomes latinizados de Albohazen Haly ou Abenragel Haly e também com o nome de Zacuto. O livro começou a ser traduzido do árabe ao castellano pelo judío Yehudá b. Mosé ha-Kohén em Toledo, em doze de março de 1254, data que estabeleceu conclusivamente Hilty na sua edição de 1954. Não se sabe exatamente a localidade de origem de Aly Aben Ragel (nome utilizado por Hilty), apenas que esteve no âmbito geográfico do ocidente islâmico. GARCÍA, Luis Miguel de Vicente. La Importancia del Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas en la Astrología medieval (Reflexiones sobre la selección de obras astrológicas del códice B 338 del siglo XV del archivo catedralicio de Segovia). In: *Revista de literatura medieval*, nº 14, 2. Universidad de Madrid: 2002. Disponível em : <http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/5426/La%20Importancia%20del%20Libro%20Conplido%20en%20los%20Iudizios%20de%20las%20Estrellas%20en%20la%20Astrolog%C3%ADa%20Medieval.pdf?sequence=1>; Consultado em : 10/12/2014.

aconteceu e virá. Esta versão castelhana do tratado árabe recorda igualmente Ptolomeu e Vettius que, por sua vez, não optaram pelas mesmas quatro partições, antes destacaram apenas os três grandes tempos: passado, presente e futuro, embora defendendo como de extrema relevância a divisão deste último entre o que ocorrerá e o que não ocorrerá.²⁷⁶ Reflexão semelhante faz Fernán Pérez de Gusmán em seu retiro de Toledo,²⁷⁷ quando afirma que todo homem tem um desejo natural de saber mais o que está por vir do que o passado ou o presente, e por isso a gente vulgar recorreu à adivinhação e à astrologia, mesmo que estas atividades deixassem Deus descontente.²⁷⁸

O rei Afonso X, por sua vez, chega mesmo a amparar legalmente a adivinhação no corpo normativo organizado durante seu reinado, as *Siete Partidas*. Ali é definido inicialmente que a adivinhação pode ser “tanto por si quanto por tomar o poder de Deus”²⁷⁹ para saber as coisas que estão por vir. Em seguida, esmiúça o rei que ela pode ser feita por duas maneiras: a primeira é a que se faz pela arte da Astronomia, que é uma das sete artes liberais e trata de juízos que decorrem do curso natural dos Planetas e de outras estrelas, devendo ser utilizada, segundo o célebre rei, apenas pelos mestres que conhecem este saber; já a segunda maneira é condenada, e diz respeito a outras práticas, consideradas supersticiosas.²⁸⁰

Acerca das adivinhações, o rei letrado português do século XV, D. Duarte (1391 - 1498) não se exime igualmente de apresentar suas preleções e dissertar sobre a variedade de interesses relacionados às profecias. Rei não muito afeito às causas astrológicas, relaciona, no *Leal Conselheiro* – tratado moralizante destinado aos membros da sua corte, a corte de Avis –, as várias maneiras de predição²⁸¹ correntes no seu tempo e que estimulavam a crença em profecias:

²⁷⁶ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*. Introducción y edición Gerold Hilty, Madrid: Real Academia Española, 1954, p. 21.

²⁷⁷ MATHIEU, Nicolás del Castillo. Breve Análisis de las “Generaciones y Semblanzas” de Fernán Perez de Guzmán. In: **Thesaurus**. Tomo XXXIII, n. 3, 1978. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/33/TH_33_003_074_0.pdf; Consultado em: 10/12/2014.

²⁷⁸ S. J., Juan de Dios. *Fortuna y Providencia en la Literatura Castellana del siglo XV*. Madrid: Anejos del Boletín de la Real Academia Española, anejo XXVII, 1973, p. 28.

²⁷⁹ **LAS SIETE partidas del sabio Rey don Alfonso el IX, con las variantes de más interés y con la glosa de del Lic.** Barcelona: Gregorio López del Consejo Real de las Indias de S. M., 1843. Título XXIII, Partida VII,4, p. 335-336 Disponível em: <http://bib.us.es/guiaspormaterias/ayuda_invest/derecho/pixelegis.htm>. Consultado em: 08 mar. 2014.

²⁸⁰ **LAS SIETE partidas del sabio Rey don Alfonso el IX, con las variantes de más interés y con la glosa de del Lic.** Título XXIII, Partida VII, 4, p. 335-336.

²⁸¹ Sobre a variedade de maneiras de adivinhação, Kieckhefer indica: a oniromancia (sonhos); augúrios por observações da natureza; a quiromancia (leitura das mãos); o som dos trovões; encontrar certos objetos ou animais; jogar os dados; a onomancia (adivinhação a partir do nome), dentre outras. KIECKHEFER, Richard. **La Magia em la Edad Media**. Traducción Montserrat Cabré. Barcelona: Editorial Crítica, 1992, p. 96-101.

[...] visões, sonhos, dar a vontade, virtudes das palavras, pedras e ervas, sinais dos céus, e que se fazem na terra em pessoas, e animais, e terremotos, graças especiais que Deus consente que aconteça para algumas pessoas, e a astrologia, nigromancia, geomancia, e outras ciências semelhantes [...] ²⁸².

Sintetiza, assim, as práticas que, dada a sua relativa frequência, ilustravam como os homens não estavam de modo algum indiferentes ao porvir, ao contrário, buscavam formas de conhecer para, eventualmente, se prevenir ou, por que não, intervir no que os esperava.

Como o conhecimento do tempo futuro muitas vezes se dava por meio de presságios, estimulados ou involuntários, que permitiam adivinhar o que viria, não apenas as traduções de escritos árabes e judeus sobre astrologia ou aqueles tratados dos filósofos da Igreja para regulamentar as práticas astrológicas se aventuraram pelo terreno pantanoso dos limites ou das maneiras possíveis de pensar o futuro sem pecar. Os letrados dos reinos peninsulares, direta ou indiretamente, também quiseram registrar seus conhecimentos e reflexões. Os tratados portugueses quatrocentistas, ²⁸³ como o *Leal Conselheiro* ou o *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, são os mais representativos nesse sentido. Entre as maneiras de conjecturar o futuro, a astrologia ou astronomia ²⁸⁴ é sem dúvida a mais mencionada e a que mais foi contemplada com escritos próprios, seguida por escritos que trataram dos sonhos e da alquimia. No referido livro de D. Duarte, por exemplo, não é negligenciada, mesmo que com alguma repreensão, a relação que se admitia entre os astros e a vida dos homens: “se os planetas nos determinam grande parte das condições, perguntem aos astrólogos”. ²⁸⁵ O rei letrado, pelo tom que imprime ao escrito, não parece muito convicto da verdade dessas interpretações, já que seriam uma ameaça ao livre-arbítrio, porém, não deixa de mencionar isto que, no seu tempo, devia gozar de certo apreço. Menos condenatório que seu filho a propósito dessas ligações entre os astros e o mundo tinha sido D. João I (1357 – 1433) no *Livro da Montaria*. Neste tratado, o rei procura aprofundar-se mais na interpretação das

²⁸²D. DUARTE. *Leal Conselheiro*. In: **Obras dos Príncipes de Avis**. Edição de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981, p. 210.

²⁸³ SILVA, Vasco Jorge Rosa. **História da Astronomia Medieval Portuguesa**. Porto: edições Ecopy, 2008.

²⁸⁴ O tratado afonsino que Rico y Sínobas editou, com o título de “*Libros del saber de astronomía*”, parece corroborar o fato de que os termos astrologia e astronomia são “habitualmente sinônimos, ao longo de toda a Idade Média”. Entretanto, sempre fica por determinar se tal sinonímia é total e constante ou se, por outro lado, existem situações específicas nas quais não se podem confundir as duas noções. GREGORIO, Daniel. De la astronomía a la astromagia, una aproximación alfonsí del saber de las estrellas. In: **Miscelánea Medieval Murciana**, n. 36, 2012, p. 41-73. (Disponível em: <http://revistas.um.es/mimemur/article/view/187591/154451>; Consultado em: 10/20/2015).

²⁸⁵ DOM DUARTE. *Leal Conselheiro*, p. 219.

funções da astronomia, ao buscar referir os letrados mais destacados nesta arte: João Gil, “grande astrólogo”, Albamazar, Ptolomeu e Ali Aben Ragel.²⁸⁶

A esses indícios de preocupação com os prenúncios identificados nos escritos ibéricos, vem se juntar alguns outros que denunciam um anseio de delimitar o que era necessário ser previsto, o que era interdito e o que podia ser tomado como verdadeiro nessa cogitação sobre o futuro relacionada aos astros. A partir disso, será desdobrado neste capítulo o discurso²⁸⁷ que nos permite ler uma história do futuro feita por uma sociedade que tinha outra relação com a temporalidade. Em outras palavras, o lugar do futuro num tempo em que havia uma farta discussão sobre o tempo e a eternidade – identificada esta com o divino –²⁸⁸ e sua influência direta na vida dos homens. E ainda, se o cristianismo, porque fez crer que nada ocorreria de novo após o nascimento de Cristo exceto o Juízo Final, foi considerado o próprio libertador da angústia do futuro, que lugar ainda foi conferido às previsões? Se foram muitos os fatores que privilegiavam a ideia de um futuro escatológico, cabe interrogar também sobre um possível lugar para a preocupação com um “futuro terreno”, dado que, na Península Ibérica, é significativa a quantidade de textos que ensinam a prever questões relacionadas à vida cotidiana e também aqueles que relatam a prática de previsões astrológicas, fosse para o repúdio fosse para o enaltecimento.

A escatologia medieval, como é sabido, ao referir-se diretamente ao fim da história, introduziu a ideia de que este final deveria ser o castigo dos maus e a recompensa dos justos, assim, muitos escritos apocalípticos, além de pregar a certeza de um fim próximo, objetivaram determinar os sinais que precederiam o final para facilitar a preparação dos verdadeiros fieis antes da volta do Cristo.²⁸⁹ Embora esses textos não nos interessem diretamente, não se pode negligenciar que foi em grande parte devido a essa concepção milenarista²⁹⁰ que se aperfeiçoou a medição do tempo, dada a finalidade de precisar a data em

²⁸⁶ DOM JOÃO I. Livro da Montaria (1415-1433). In: **Obras dos Príncipes de Avis**. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981, p.74.

²⁸⁷ Discurso no sentido não de análise de obras, mas de uma descrição mais precisa, mais cerrada de uma “formação histórica na sua nudez”, na sua diferença individual. VEYNE, Paul. **Foucault. O Pensamento, A pessoa**. Tradução Luís Lima. Edições Texto e Grafia Ltda, 2009, p. 12 -16.

²⁸⁸ GUITTON, Jean. **Le temps et l'éternité chez Plotin et saint Augustin**. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1959, p. 40-42; 224 e ss.

²⁸⁹ RUCQUOI, Adeline. Medida y fin de los tempos. Mesianismo y milenarismo en la Edad Media. Paris: CNRS. In: **En Pos del Tercer Milenio**, Ed. Ángel Vaca Lorenzo, Undécimas Jornadas de Estudios Históricos organizados por el Departamento de Historia Medieval, Moderna y Contemporánea. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2000, p. 14.

²⁹⁰ Minois conta que Jean de Paris, no seu *Tractatus de Antichristo* de 1300, tenta prever a data do fim do mundo, confirmando os seus cálculos “pela astrologia, o que é bem característico dos métodos da época: comparando a latitude do apogeu do Sol e o dia da criação pela do tempo de Ptolomeu, deduz daí que o mundo tinha perto de 5100 anos por volta do ano 130 depois de Cristo. MINOIS, George. **História do Futuro**. Tradução Serafim Ferreira. Lisboa: Editora Teorema, 1996, p. 259.

que tão ansiado e certo fim ocorreria; e, ao fim e ao cabo, a preocupação com o futuro pós-morte acabou por construir as bases para a medição e o estudo do que podemos chamar de um “futuro terreno”, aquele voltado para o cuidado com as plantações, com os corpos, com as heranças, com os casamentos, dentre outras coisas que traziam certo desassossego para os viventes.

Dessa maneira, o estudo do futuro estimulado por este primeiro movimento milenarista torna-se paulatinamente uma prática de observação do céu, sobretudo a partir dos séculos XI e XII, quando o conhecimento da natureza mediante o uso da razão abarca muitos prismas, já não exclusivamente a partir da ideia de criação divina, mas também a partir da ideia da *physis* aristotélica.²⁹¹ Assim, o desejo de conhecer os mecanismos desta *physis* levou os pensadores da Península, independentemente da língua em que se expressaram, a incluir em seus estudos a astronomia e a metafísica, a óptica e a medicina, a álgebra e a geometria, a magia e a astrologia e, por fim, a história natural (dos animais e das plantas).²⁹² É possível afirmar, pois, que, além de uma noção particular de cosmologia, a partir do século XI, a Astrologia tornou-se um saber detalhado, tendo os aspectos planetários admissíveis se expandido. É possível afirmar igualmente que os escritos árabes chegaram a dezenas, a Lua e suas mansões ganharam importância. Aperfeiçoaram-se: os cálculos das casas; técnicas como as profecções; o conhecimento das revoluções solares, dos ingressos solares nos solstícios e nos equinócios; o saber sobre a condição diurna ou noturna dos planetas; o conhecimento sobre as dignidades no domicílio – exaltação, triplicidade, face e termo. Além disso, vieram à luz o significado dos decanatos, a ideia da translação da luz, o significado dos eclipses, o problema da longevidade e muitos outros temas.²⁹³ Muito disto havia caído em desuso com o tempo, porém, no século XIII entram novamente em foco, trazendo, portanto, a predição para os atos habituais de alguns e tornando usuais a Astrologia horária (horóscopo levantado para o momento da formulação de uma pergunta) e eletiva (a escolha de um momento favorável para iniciar uma ação).

De fato, a peculiaridade da transmissão desse conhecimento se dará a partir do século XIII,²⁹⁴ devido ao que poderíamos chamar de efeito da escolástica,²⁹⁵ que fez com que os

²⁹¹ CASINI, Paolo. **As filosofias da natureza**. Tradução Ana Falcão Bastos e Luis Leitão. Lisboa: Editorial Presença, p. 33.

²⁹² RUCQUOI, Adeline. La percepcion de la Natureza en la Alta Edad Media. C.N.R.S., França. In: **Natura i desenvolupament. El medi ambient a l’Edat Mitjana**, XI Curs d’Estiu, Càtedra d’Estudis Medievals Comtat d’Urgell, Balaguer, 12-14 juillet, 2006, Lleida, Pagès, 2007, p. 25.

²⁹³ BARROS, Rui. Introdução. In: RAIMUNDO LÚLIO. **Astrologia medieval** (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull). Tradução Esteve Jaulent. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, São Paulo, 2011, p. 11.

²⁹⁴ SILVI, Christine. **Science Médiévale et vérité**. Paris: Ed. Honoré Champion, 2003, p. 17.

estudiosos, neste período, não pretendessem aprender de Aristóteles os segredos da natureza essencialmente, mas fazer desta natureza que ele ensina um caminho para Deus.²⁹⁶ Por isso, filósofos religiosos do porte de Roger Bacon, Alberto Magno e Tomás de Aquino comentaram a astrologia e sua validade.²⁹⁷ A bem da verdade, este preceito de fazer da natureza um caminho para Deus será decisivo para as páginas seguintes, nas quais será tratado mais acerca do discurso sobre o futuro e as previsões do que sobre as várias formas de superstição no fim da Idade Média,²⁹⁸ ou seja, mais dos contornos de um saber que buscava se consolidar nas cortes e na universidade e que, justamente por isso, foi por vezes motivado pela Igreja – ainda que esta não se exima de questionar sua validade e os problemas que dela decorrem. Da mesma forma, merecerá atenção o próprio caráter expansivo do cristianismo, que o fez adaptável tanto a um grande número de conversos quanto às práticas herdadas desses,²⁹⁹ principalmente no que se refere especificamente à astrologia – o que não deve levar pensar em falta de sinceridade religiosa ou em interesses apenas mundanos.³⁰⁰

Os homens destes séculos, XIII, XIV e XV, pensaram muitas maneiras pelas quais o movimento dos astros conduziria as vidas humanas (também a dos animais, das plantas e das pedras), de forma que toda sua produção escrita pode ser lida como uma espécie de memória de um futuro. Esses escritos, principalmente os do *Scriptorium* afonsino e das cortes portuguesa e aragonesa, trazem indícios de quais preocupações acerca do vir a ser instigaram ao ponto de fazer do estudo do céu um meio de entender as vidas dos grandes nos reinados da Península Ibérica. As vidas que foram destacadas na realização de certas previsões astrológicas foram especialmente as dos sucessores ao trono, entretanto, a previsão sobre a vida do príncipe ou infantes era mais que justificada, dado que o futuro em jogo não era apenas o dele, mas o de todos no reinado.³⁰¹

²⁹⁵ Conforme aponta GARCÍA, Luis Miguel Vicente. **Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española**. Madrid: Ed. Del Laberinto S. L., 2006, p. 58.

²⁹⁶ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Vol. I. Coordenação Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira, Editor Joaquim Pereira. São Paulo: Edições Loyola, 2. Ed., 2011, p. 24.

²⁹⁷ BARROS, Rui. Introdução. In: RAIMUNDO LÚLIO. **Astrologia medieval** (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 11.

²⁹⁸ Há uma documentação significativa de escritores medievais que repreenderam reis e príncipes pelo seu interesse em adivinhação, necromancia e ocultismo. RYAN, Michael, A. **A kingdom of Stargazers: Astrology and Authority in the Late Medieval Crown**. Cornell University: 2011, p. 70.

²⁹⁹ A tradição mística [...]. As suas várias feições, as suas múltiplas expressões devem ser entendidas como reconquista e retomada de um mesmo espírito do Cristianismo. SCHUBACK, Mareia Sá Cavalcante. **Para Ler os Medievais** ensaio de hermenêutica imaginativa. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000, p. 40.

³⁰⁰ VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão**. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011, p. 44.

³⁰¹ NORTH John. Scholars and power: astrologers at the courts of medieval Europe. In: **VI Trobada d'història de la ciència I de la Tècnica**. Coordinació: Josep Batlló Ortiz, Pasqual Bernat López i Roser Pluig Aguilar. Barcelona: Societat Catalana d'història de la Ciència I de la Tècnica Filial de l'Institut d'Estudis Catalans, 2002, (13-28), p. 13.

Pensar o futuro a partir da astrologia, visando a vida dos grandes, parecia aos astrólogos de alguma forma justificado, a despeito de significar uma ameaça à doutrina do livre-arbítrio, pois defendiam, em acordo com a doutrina cristã, que essas previsões não propriamente afrontariam a Deus ou a fé, mas apenas serviriam para que buscassem nas estrelas a causa e a explicação da singularidade dos homens e dos fenômenos curiosos da natureza.³⁰² Para tal fim, não pretenderam prever eventos futuros com precisão, aspiraram, ao contrário, adivinhar algumas possibilidades do vir a ser, dentro das infinitas vicissitudes delineadas pela vontade de Deus. Argumentos como este serviram justamente para garantir à astrologia um lugar de destaque entre as ciências essenciais para os príncipes, pois convenceram-nos da importância de se prepararem para eventos que, ou pudessem vir a ocorrer, ou parecessem inevitáveis. Menos previsão e mais providência, era disso que se tratava. Cogitar sobre o vir a ser não significava admitir a inevitabilidade do que se aventava, significava apenas conjecturar sobre o impacto do infortúnio ou do indesejado e tentar mitigá-lo.³⁰³ Predizer, nesse sentido, era entendido sobretudo como uma forma de buscar os meios de efetivação ou de bloqueio do previsto.³⁰⁴

Nos séculos XIII, XIV e XV, essa associação entre previsão e cuidado abriu espaço para certo avanço das antecipações através da astrologia. Supor, entretanto, que, no medievo, houve uma crença inabalável nesse saber e confiança plena na palavra do astrólogo, arriscando-se a uma indisposição com a Igreja, seria temerário. Os documentos dos séculos em questão tanto trazem indicações de crenças estáveis no poder das predições quanto de dúvidas, negligências ou recusas das previsões astrológicas.³⁰⁵ Assim, o fato de as previsões não terem se realizado mais de uma vez, para não falar em muitas vezes, não significou o rechaço completo deste saber, precisamente porque, na multiplicidade de seus aspectos – a natureza e suas leis, o sentido e o lugar do homem no cosmos, o valor e emprego dos instrumentos matemáticos –, permitia a astrologia conceber uma unidade do mundo,³⁰⁶ ainda que por vezes falha. Por isso, a forma como esse saber, apesar de imperfeito, ainda assim serviu para explicar sucessos e insucessos, diz-nos sobre algumas expectativas e valores partilhados nos séculos XIII, XIV e XV a propósito do que tinha sido e do que viria a ser.

³⁰² GARIN, Eugenio. **El Zodíaco de la Vida. La Polémica Astrológica del Trescientos al quinientos**. Barcelona: Ediciones Península, 1981, p. 12

³⁰³ RYAN, Michael A. **A kingdom of Stargazers: Astrology and Authority in the Late Medieval Crown**, p. 69.

³⁰⁴ MINOIS, George. **História do Futuro**, p. 11.

³⁰⁵ Não podemos ter a ilusão de que existiram épocas de fé inteiramente unificada e sem concorrência de verdades. VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão**, p. 92.

³⁰⁶ GARIN, Eugenio. **El Zodíaco de la Vida. La Polémica Astrológica del Trescientos al quinientos**, p. 16.

Desse modo, a atenção aqui dispensada à astrologia se deve ao fato de que, entre as muitas formas de adivinhação a que se tinha acesso no período em questão, a observação do céu e do movimento dos astros pareceu um dos mais frutíferos meios de alcançar certos alvos que inquietavam: encontrar pessoas desaparecidas e objetos, perscrutar o vir a ser e tomar decisões de vida.³⁰⁷ Contudo, é raro encontrar documentos em que é aconselhada a crença absoluta, e sem restrição, na influência astral, e apenas algumas passagens atestam confiança no poder do mapeamento dos astros. Um dos maiores simpatizantes das ciências ocultas, o célebre Roger Bacon (1214-1294), no *Secretum Secretorum*, por exemplo, recorda o ensinamento de Aristóteles para Alexandre de que não deveria comer, beber ou fazer qualquer coisa sem o conselho de um astrólogo.³⁰⁸ Da mesma maneira, o judeu Rabí Don Sem-Tob aconselha o rei D. Pedro: “O homem mais não vai,/ nem sua pessoa espera/ mais de bem nem de mal,/ que do que lhe põe a esfera”.³⁰⁹

O que se acreditava poder ser revelado pela esfera é justamente o que aqui importa examinar mais detidamente. Algumas pistas das revelações que poderiam ser proporcionadas pelo uso da esfera podem ser encontradas no citado *Libro de las Cruces*. Este veio a relatar justamente as principais questões possíveis de serem respondidas pela observação da constelação das cruces e seus efeitos: “nos acidentes do ar, e nas guerras, e nas pazes, e nos reis, e no encaminhamento dos reinos e dos senhorios”.³¹⁰ Anuncia, pois, o livro os campos possíveis de incidência dos astros, ou melhor, as correspondências entre os movimentos dos céus e as conturbações da Terra. Tais intromissões do de cima sobre o de baixo merecem ser aqui melhor desdobradas.

2.2 Previsões possíveis e desejadas: o amanhã da nobreza

Na Península Ibérica, o prestígio dos astrólogos tornou-se maior graças à política de Afonso X de proteção dos estudiosos judeus – principais propagadores do saber astrológico no período – e conseguiu se manter ao longo dos séculos XIV e XV. Vários testemunhos dão conta disso. Uma crônica real anônima, por exemplo, expõe um diálogo entre um rei e seu

³⁰⁷ DOOLEY, Brendan. *A Companion to Astrology in the Renaissance*. Library of Congress, 2014, p. 191.

³⁰⁸ RYAN, Michael A. *A kingdom of Stargazers: Astrology and Authority in the Late Medieval Crown*, p. 120.

³⁰⁹ PELAYO, Marcelino Menéndez y. *Historia de los Heterodoxos Españoles*. Libro III, Edición digital: Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2003. Edición digital basada en la de Madrid, La Editorial Católica, 1978, Disponível em:

<file:///C:/Users/Simone/Desktop/Historia%20de%20los%20Heterodoxos%20Espa%C3%B1oles%20-Libro%20III-%20%20Biblia%20y%20Tradici%C3%B3n.htm> ; Consultado em: 07/11/2014.

³¹⁰ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*. Edición de Lloyd. A. Kasten e Lawrence B. Kiddle. Madrid: Madison, 1961, p. 05.

astrólogo, escrita supostamente em janeiro de 1369, dois meses antes da Batalha de Montiel, ocasião em que o rei de Castela Pedro I, conhecido como Pedro, o Cruel, foi morto juntamente com seu médico e astrólogo judeu, Abraham Aben Zarsal.³¹¹ Segundo o escrito, dois meses antes de sua morte, o rei D. Pedro convocou em Sevilha esse seu médico, que era um grande astrólogo, e estando os dois a sós perguntou-lhe se confirmaria o prognóstico feito anteriormente por ele e por outros astrólogos de que as determinações da sua carta natal significavam que ele deveria ser o maior rei da sua linhagem, e que ele conquistaria os mouros para ganhar a casa santa de Jerusalém. O rei questiona também Abraham sobre a previsão das muitas vitórias em batalhas, pois ele assistia ao seu “reinado ir de mal a pior, sem cura”, de forma que lhe parecia que não se confirmavam as previsões, mas, antes, seu oposto, de forma que passou a supor que os astrólogos as teriam feito apenas para lisonjeá-lo, embora soubessem que o contrário ocorreria. Diante disto, argumenta D. Abraham que tudo se explicava porque era a vontade de Deus que tudo comandava, e seus julgamentos ninguém poderia alterar. Mas o rei ainda assim clamava pela verdade sobre sua ventura, ao que o astrólogo, antes de vaticinar, pediu garantias de não punição e indagou: “Senhor se acontecesse que um dia, quando fizesse muito frio, um homem entrasse em um banho muito quente, ele suaria?” Diante da resposta positiva, o físico emite uma lição de moral na qual alega que os seus pecados e do seu povo eram o que impedia a incidência da constelação, ou seja, argumentava que as previsões boas não tinham se cumprido em razão dos pecados do governante: “suas ações foram tais que conseguiram forçar a constelação do planeta de seu nascimento, como a força da quentura do banho no tempo frio”. Quando D. Abraham acabou de dizer essas palavras a ele, o rei curvou a cabeça e foi-se sem dizer nada, mostrando, por suas ações, que julgava plausível o que lhe tinha sido dito.³¹²

A rememoração dessa história na forma escrita teve por objetivo, segundo alguns historiadores,³¹³ desmoralizar os Trastâmaras, pois a lição destinada a Pedro, o Cruel, pelo

³¹¹ Médico renomado e astrônomo do reino de Granada, Abraham Aben Zarsal foi primeiro ligado a Mohamed V. Ele fugiu em 1359 para a corte de Pedro I, onde ele desfrutou do favor real para conciliar as diferenças entre Castela e Granada. Seu filho Moshe foi médico dos reis João I (1379-1390) e Henrique III (1390-1406). BOUDET, Jean Patrice. *Entre Science et Nigromance*, p. 312.

³¹² AMIROLA, Eugenio de Llaguno. *Sumario de los reyes de España por el despensero mayor de la reyna Doña Leonor, mujer del rey Don Juan el primero de Castilla*. Madrid, 1781, p. 61. Disponível em: <http://catalog.hathitrust.org/Record/009283734>; Consultado em: 20/05/2014.

³¹³ BOUDET, Jean Patrice. *Entre Science et Nigromance*, p. 314. MARQUER, Julie. La figura de Ibn al-Jaṭīb como consejero de Pedro I de Castilla: entre ficción y realidad. In: *Revue interdisciplinaire d'études hispaniques médiévales et modernes - Conseil, conseillers et conseillères en péninsule Ibérique au Moyen Âge*. Disponível em <http://e-spania.revues.org/20900>; Consultado em: 05/05/2014. Rucquoi diz que a disputa política entre o monarca Pedro I e seu irmão bastardo Enrique de Trastámara favoreceu uma dicotomia entre duas comunidades religiosas, a católica e a judaica. Os revoltosos trastamaristas incitavam o povo a acreditar que parte dos problemas econômicos pelos quais o reino de Castela

astrólogo, pode ser interpretada como um meio de justificar o final triste de um rei pela imensidão dos seus pecados, incluindo o abandono da Reconquista, por compromissos com os muçulmanos de Granada e pela complacência com os judeus.³¹⁴ Mas o capítulo envolvendo o astrólogo é especialmente ilustrativo da moral partilhada no mundo castelhano do final do século XIV, que manteve o lema do padrão filosófico-teológico do século anterior a propósito das estrelas e seu papel na ordem do mundo. Admitia-se, por exemplo, que essas até predispunham, mas não necessariamente determinavam o que estava por vir.³¹⁵ No caso de D. Pedro, estava, de certa forma, justificada a não confirmação das previsões positivas traçadas pelos astros e, portanto, por Deus. O relato da crônica, quando destaca a insegurança do rei quanto à sinceridade dos astrólogos, lança ainda uma suspeita, mesmo que não propositalmente, de que esses podiam fazer previsões somente para alegrar e honrar seus benfeitores. Suspeita que parece sugerir a possibilidade de as previsões estarem mais relacionadas aos desejos e anseios de certas pessoas do que serem resultado de um saber eficaz e até mesmo honesto.

A dúvida atribuída a Pedro, o Cruel (1334 - 1369) na crônica não se repete, entretanto, naqueles escritos que fazem referência aos reis de Aragão. Fascinado por todos os aspectos da ciência das estrelas, Pedro IV, o Cerimonioso (1336-1387), cerca-se de vários mestres astrólogos: Pere Gilbert, Dalmau Çes Planes e o judeu Jacob Carsono. Os citados astrólogos fizeram as tabelas astronômicas em 1361; Bartomeu de Tresbéns escreveu a seu pedido o *Tractat d'astrologia* (entre 1357 e 1372), uma espécie de resumo dos livros IV e V do *Libro Conplido* de Aly Aben Ragel; e, em 1378, Pedro trouxe ainda para a sua corte o astrólogo judeu Yusef Avernarduc.³¹⁶

O reino de Aragão conheceu, no século XIV, portanto, um momento de apogeu dos estudos científicos: Afonso IV (1327-1336), Pedro IV, o Cerimonioso (1336-1387), João I, o Caçador, (1387-1396), Martín I, o Humanista (1396-1410), apoiaram todos esses estudos e alguns, inclusive, dedicaram-se à astrologia e às artes ocultas.³¹⁷ O material profético tornou-

passava no governo de Pedro I, o cruel, era consequência do auxílio e proteção que este destinava aos judeus. Desde os primeiros anos de reinado de Pedro I, a nobreza encontrava-se desgostosa das atitudes do monarca, que apoiava os letrados, a pequena nobreza, a burguesia e protegia os judeus. RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995, p. 180.

³¹⁴ ESTOW, C. **Pedro the Cruel of Castile: 1350-1369**. Leyde, 1995, p. 85.

³¹⁵ O axioma é atribuído a Aristóteles e São Tomás, dentre outros. Cf. BOUDET, Jean Patrice. **Entre Science et Nigromance**, p. 314.

³¹⁶ **Astrology and numerology in medieval and early modern Catalonia** – The Tractat de prenostication de la vida natural dels hòmens. Library of Congress Cataloging-in Publication data, 1970, p. 25-30.

³¹⁷ “A proliferação do Lunari de Granollach, e do *Reportorio de los tiempos*, e a existência do *Tractat de Prenostication* demonstra completamente o interesse em magia popular. A importância dos astrólogos da corte e médicos astrológicos como Tresbéns e Vilanova mostram que os altos escalões da nobreza catalã também

se abundante no reinado catalão para aqueles que quiseram remodelar o ritmo dos acontecimentos num mundo que estava em mudança.³¹⁸ A habilidade de alguns visionários justificava-se em uma sociedade crente em um vir a ser apocalíptico que se anunciava em pequenos ou grandes sinais do dia-a-dia. Uma amostra expressiva dessa aceitação foi a profecia feita por Arnaud de Villeneuve em 1301. Esse físico, não se sabe se de origem catalã ou francesa, afirmou que a Hispania seria aniquilada por uma cólera recíproca entre reinos, e de forma enigmática aditou a essa notícia catastrófica: “E quando o potro da jumenta tiver cumprido três septenatos, o fogo devorador será ampliado até que o morcego devore as moscas de Hispania e, subjugando e esmagando a cabeça da besta, receba a monarquia e humilhe os habitantes do Nilo”.³¹⁹ A interpretação corrente desta profecia é de que o potro representava Pedro I de Castela (Pedro o Cruel, 1350-1369), que, como seu pai Afonso XI (1312-1350), possuía maus hábitos e muitas amantes; os três septenatos designariam sua idade (vinte e um anos) e o morcego seria Fernando de Aragão (1380-1416), meio irmão de Pedro IV (1336-1387). Existiam ainda outras interpretações, entre as quais aquela feita por Henrique de Trastâmara,³²⁰ na qual o morcego seria ele próprio, e Pedro, o Cruel, uma espécie de agente do Anti-Cristo que ajudava os mouros e os judeus, enfraquecendo a fé católica.³²¹ Todas as interpretações, entretanto, de alguma forma concordam que o físico pretendia mostrar sua insatisfação com a posição dos cristãos em relação aos mouros na Península – correspondendo esses últimos aos habitantes do Nilo na profecia.

Já no que diz respeito às questões menos enigmáticas, ou seja, aquelas previsões feitas pelos movimentos dos astros para a monarquia, a Chancelaria Real de Aragão permite-nos ter alguma ideia do assunto, excedendo as práticas em vigor em muitas cortes da Europa, a começar pela Chancelaria de Burgos, pois, no artigo 87, por exemplo, é proposto que o rei mande estabelecer seu horóscopo de nascimento por um grupo de especialistas constituído por cinco bons astrônomos:

tiveram interesse em prognósticos”. LUCAS, John Scott. **Astrology and numerology in medieval and early modern Catalonia** – The Tractat de prenostication de la vida natural dels hòmens. Library of Congress Cataloging-in-publication Data, USA, 1970, p. 26.

³¹⁸ A partir de 1282, os textos de Joaquim e seu apócrifo, Bispo de Metódio, Cirilo de Constantinopla, Eusébio de Alexandria, Hildegarda de Bingen e Sibilas de Eritréia fizeram sucesso, ao tratar de aspectos visionários. RUBIÓ y LUNCH. Introdução. **Archivo de la Corona de Aragon. Cancellaría Real**. Registro, 1739, f. 44, documents, 1:250.

³¹⁹ AURELL, M. Prophétie et messianisme politique. La péninsule Ibérique au miroir du Liber ostensor de Jean de Roquetaillade. In: **Les Textes prophétiques et la prophétie en Occident (XII – XVI siècle)**. Ed. André Vauchez. Special Issue, Mélanges de l'École française de Rome: Moyen Âge – Temps modernes 102, n. 2 1990.

³²⁰ MINOIS, George. **História do Futuro**, p. 290.

³²¹ MUNNÉ, M. Vatllori I. La Sicile et la couronné? Aragon dans les prophéties d'Arnaud de Villeneuve e de Jean de Roquetaillade. In: **Les Textes prophétiques et la prophétie en Occident (XII – XVI siècle)**. Ed. André Vauchez. Special Issue, Mélanges de l'École française de Rome: Moyen Âge – Temps modernes 102, n. 2 1990.

[...] para saber as boas e más inclinações às quais pelo julgamento das estrelas ele será conduzido, e lhes fazer jurar dizer a verdade sem economia, para que ele possa multiplicar as boas condições às quais ele estaria inclinado, e evitar pelo conselho dos sábios as más inclinações.³²²

Este artigo explicitamente favorável às intervenções decorrentes de vaticínios não é regra, porque o artigo 32 estipula “que um rei deve ter forte esperança em Deus e delatar e fugir das feitiçarias e julgamentos de sorte das boas horas e das outras superstições que os astrônomos aconselham”.³²³ A orientação da Chancelaria, pois, seria mais no sentido de uma conduta cautelosa estimulada por um prognóstico astrológico e visando evitar certos males, e não propriamente incitando a tomar decisões drásticas. Pensamento semelhante, a propósito, apresenta Afonso X nos *Libros del saber de Astronomía*, quando argumenta que são boas as demandas feitas para a astronomia por adiantar se as coisas a saber são para bem ou mal, pois, se anunciam danos ou mal, o homem deve tentar evitá-los.³²⁴ A proposição do rei, portanto, denuncia que se contemplava, tal como o artigo da Chancelaria, o potencial da astronomia de servir para precaver eventuais fracassos.

Em Aragão, contudo, parece que o referido artigo não foi respeitado, ou seja, tanto o rei D. Pedro (1336-1387) como o rei D. João (1387-1396), seu filho, estiveram interessados em interrogar visando as mais diversas formas de previsões, inclusive a partir da adivinhação e da magia.³²⁵ No entanto, porque Pedro foi considerado um rei forte, enquanto João, fraco, o primeiro foi capaz de experimentar práticas ocultas e condenáveis sem graves consequências, já D. João, o caçador, apesar de ter feito uso dos mesmos recursos, foi alvo de intenso desprestígio e críticas.³²⁶ Algumas das aventuras do rei Pedro, o Cerimonioso, em terreno astrológico merecem, pois, um pouco de atenção, a começar pelo incentivo do monarca para que as pessoas próximas à família real, como seu próprio médico, Bartomeu de Tresbéns, viessem a estudar as estrelas.

³²² **Archivo de la Corona de Aragon. Cancellaría Real**, Registro, 1739, f. 44, Rubió y Luch documents , 1:250.

³²³ LACHAUD, Frédérique; SCORDIA, Lydwinn. Pour commencer bonne maniere de gouverner ledit royaume. Um miroir du prince du XV siècle: l’avis à Yolande d’Aragon. In: **Le prince au miroir de la littérature politique de l’Antiquité aux Lumières**. Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2007, p. 284.

³²⁴ **ALFONSO X: Libros del Saber de Astronomía** del Rey D. Alfonso de Castilla, copilados, anotados y comentados por Don Manuel Rico y Sinobas. Madrid: Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales. Madrid, 1863-67, p. 09.

³²⁵ VALLICROSA, J. M. Millás. **Las Tablas astronómicas del rey Don Pedro el Ceremonioso**. Madrid-Barcelona: C.S.I.C, Instituto Arias Montano y Asociación para la historia de la Ciencia Española, 1962.

³²⁶ RYAN, Michael A. **A kingdom of Stargazers: Astrology and Authority in the Late Medieval Crown**, p. 105-106.

Bartomeu de Tresbéns,³²⁷ em sua obra, procura observar o céu e realizar previsões entrelaçando o vir a ser do rei, do jovem príncipe, e da coroa de Aragão. Em 1374, D. João escreveu a seu pai sobre algumas previsões que o médico Tresbéns havia feito em seus vários escritos astrológicos. Revelou-lhe, então, como conta a *Crònica o Libre dels feits* de D. Jaime, que era importante que eles se encontrassem, já que “vosso e meu médico fiel, Bartomeu de Tresbéns, disse-me algumas palavras, sobre as quais lhe tinha falado em Barcelona, tratando de vós, de mim e todos os vossos domínios, bem como o que ele descobriu sobre isso através da ciência da astrologia”.³²⁸ A reunião com o rei, pelo que se pode deduzir a partir do restante da carta, era para conferir se o que Tresbéns disse a ele acordava com aquilo que ele tinha previsto para seu pai. Se a passagem é, porém, pouco clara quanto às motivações para o encontro, é, sem dúvida, indicativa de que se dava importância para as previsões, mesmo que elas gerassem desconfiança.

Particularmente expressivo da acolhida das previsões em Aragão é uma história referente à operação de cataratas do rei João II, em 1468. Com efeito, conserva-se uma carta autógrafa feita em Lérida no dia 28 de setembro de 1468 pelo médico judeu Cresques Abnarrabí, na qual comunica ao rei aragonês que, embora ele tivesse operado com êxito a catarata do olho direito, no dia 11 de setembro desse ano – para conseguir fixar uma data tão favorável para realizar a mesma intervenção no olho esquerdo –, seriam necessários doze anos até que a conjunção astrológica fosse tão favorável como havia sido na ocasião anterior. Se não quisesse esperar tanto tempo, o melhor momento da disposição do céu para realizar a operação, mesmo que não ideal, seria no dia 12 de outubro, quarta-feira, às três e meia da tarde.³²⁹ Trata-se, sem dúvida nenhuma, de uma predição de eleição, que consiste, como vimos, em averiguar o momento mais apropriado para realizar uma ação qualquer visando um resultado favorável.

O incentivo à astrologia, em Aragão, por parte de D. Pedro IV não despertou grandes polêmicas nesta corte, pois, em comparação com Castela, houve uma diferença fundamental: ali, no Quatrocentos e nos espaços mais cultivados, renasceu uma astrologia mais “natural”³³⁰

³²⁷ BOUDET, Jean Patrice. *Entre Science et Nigromance*, p. 314.

³²⁸ JAIME I. *Crònica o Libre dels feits*. Barcelona: Ed. Ferran Soldevila, ed. 62. 1982, 3 cap.

³²⁹ VIGNAU. Carta dirigida á Don Juan II de Aragón por su médico, fijándole día para operarle los ojos. In: *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos* IV. Madrid, 1874, p. 135-137 y 230-231, Apud ROMANO, David. *La Ciencia Hispanojudía*. Madrid: Colecciones Mapfre, 1992, p. 177-178.

³³⁰ Na introdução do *Tratado de Astrología* de Henrique de Villena, Julio Samsó atesta que Castela é soberana no que diz respeito a uma certa erudição da astronomia (astronomia aqui considerada no sentido natural), pois em comparação à maturidade astronômica alcançada com as Tábuas Afonsinas na segunda metade do século XIII, Aragão só poderia contar com Raimundo Lúlio, “cuja astronomia parecia ter raízes populares e estar desconectada da astronomia árabe culta sobre a qual se fundamentam os autores afonsinos”. Trataremos da

e, portanto, mais fiel àquela doutrina cristã do primeiro milênio³³¹, que restringia os questionamentos sobre o porvir apenas à chegada do cristo ou à vida após a morte. A explicação da mudança de atitude pode buscar-se no controle cada vez maior do poder político e religioso cristão sobre as práticas e saberes apreciados pelos muçulmanos e judeus, como vimos no primeiro capítulo. O reino de Aragão, ao contrário, conhece um momento de apogeu dos estudos científicos, inclusive da astrologia e das artes ocultas, momento impulsionado pelos reis que governam o território durante tal período.³³²

Ainda que tenha se dado em Castela a maior produção de textos sobre a ciência das estrelas, a condenação da astrologia foi ali, ao que tudo indica, maior que em Aragão. Os filósofos apreciados, por exemplo, eram aqueles que condenavam a astrologia de eleição. Ainda que o catalão Raimundo Lúlio, cujas obras foram também bem aceitas na Castela dos séculos XIV e XV, condenasse veementemente, no *Arbre de ciencia* (1295-1296),³³³ a validade desse tipo de uso da astrologia. Ao personificar os signos, ele nos conta que Áries, Touro e Gêmeos riem dos homens que dizem conhecer todas as suas naturezas, e acusa a estes de hereges, bem como de terem maior temor de Gêmeos e de Câncer que de Deus. Lúlio não se limita apenas a advertir, dá exemplos acerca do desdém quanto às predições. Em um deles, especialmente ilustrativo, conta o filósofo que um astrônomo disse em presença do rei que ele deveria viver apenas mais dez anos e, imediatamente, diante da revelação, um soldado, com a espada que trazia, cortou a cabeça do astrônomo para alegrar o rei e, especialmente, para alertar que ele e a sua ciência eram mentirosos.³³⁴ Além dessa história ilustrativa de que as previsões causavam certo repúdio, outra narrativa é exemplar da renúncia à astrologia judiciária, desta vez em Castela. Nesta, se atesta o perigo das previsões astrológicas não apenas para o astrólogo, como contou Lúlio, mas para o interessado em saber o que haveria de vir de maneira não menos impactante. Na crônica escrita por Afonso X e seus colaboradores

produção castelhana sobre astrologia com mais pormenores no próximo capítulo. SAMSÓ, Julio. Introdução. In: ENRIQUE DE VILLENA. **Tratado de Astrología** atribuido a Enrique de Villena, p.15.

³³¹ RUCQUOI, Adeline. Medida y fin de los tempos. Mesianismo y milenarismo en la Edad Media. Paris: CNRS. In: **En Pos del Tercer Milenio**, p. 13- 41.

³³² CAVALLERO, Constanza. Supersticiosos y Marranos. El discurso anti-mágico de Lope de Barrientos a la luz de la “Cuestión Conversa”. In: **Cuadernos Historia de Españã**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires ene./dic. vol. 84, 2010, p. 73.

³³³ *Árvore da Ciência* (*Arbre de la Ciencia*, *Arbor Scientiae*) é uma das obras mais extensas e características de Ramon Llull, escrita em Roma entre 1295 e 1296. É uma versão em formato de enciclopédia de Arte Geral ou *Ars magna* e teve como objetivo um público não universitário. Ele recorre a uma analogia comum nele: a comparação orgânica, em que cada ciência é representada por uma árvore com raízes, tronco, ramos, folhas e frutos. As raízes representam os princípios básicos de cada ciência; o tronco é a estrutura; os ramos, os gêneros; as folhas, as espécies; e as frutas, o indivíduo.

³³⁴ RAMON LLULL. *Árbol de ciencia* (*Arbre de ciencia*, Roma, 1295-1296). Tradución de A. Vega, (OE 1. p. 555-556). In: ESQUERRA, Amador Vega. **Ramon Llull y el secreto de la vida**. Ediciones Siruela, 2002, p. 212-213.

de Toledo a partir de 1270, a *General Estoria*, conta-se que o rei Nemproth era astrônomo e havia aprendido a astronomia das mãos de Yonito (filho de Noé). Apesar de seus conhecimentos sólidos, duvidou da sua capacidade para bem interpretar o significado da aparição de um cometa no céu, por isso chamou seus astrólogos (*estrelleros*) para ajudá-lo e recebeu o anúncio, desalentador, de que expressava o fim de seu reino pelo poder de um homem incomparável que estava para nascer. O rei muito perturbado ordenou que matassem as crianças nascidas naquele ano, na esperança de matar seu futuro inimigo, entretanto, Abraão nasce, sobrevive e acaba com a idolatria naquelas terras, desonrando o rei e tomando seu posto, o rei, passa seus últimos dias preso em uma torre e louco.³³⁵ A previsão realizada por Yonito para Nemproth, foi feita a partir de um sinal de Deus, a aparição de uma estrela que anunciava o fim da idolatria e dos pecadores, contudo, a impossibilidade de alterar o futuro foi tão desoladora para o rei que levou a sua perdição.

As previsões citadas denotam que o astrônomo que praticava a astrologia não estava proibido de realizar profecias e analisar os signos planetários, todavia, o estudo astronômico não desembocava obrigatoriamente em uma prática profética.³³⁶ O que se pode dizer – como adiantamos no capítulo inicial – é que, como não havia ainda nesse momento uma definição precisa para astronomia e outra para astrologia, favorecendo uma alternância entre os termos para se referir a práticas similares, apenas nas descrições diversas podemos nos aproximar dos matizes e das utilizações que cada letrado propunha.³³⁷

Na corte portuguesa de Avis, as referências às previsões parecem ter oscilado entre a confiança e a recusa. O cronista-mor do reino, Rui de Pina, conta um episódio envolvendo o rei amante das letras, D. Duarte:

Bem sei Mestre Guedelha que, do grande amor que me tens, vos nascem estes cuidados de meu Estado e serviço, e eu não duvido que a Astronomia seja boa, e uma das ciências entre as outras permitidas e aprovadas, e que os Corpos inferiores estão sujeitos aos sobrecelestes; porém, eu principalmente creio que há de ser Deus sobre tudo, e que com sua mão e ordenança são todas as coisas: e, portanto, este cargo que eu com sua graça espero tomar, será, em seu nome e [...] da bem-aventurada Virgem Maria Sua Mãe Nossa Senhora, cujo dia é hoje[...].³³⁸

³³⁵ ALFONSO X. *General Estoria*. Primera parte, ed. A. G. Solalinde, Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1930, p. 37.

³³⁶ GREGORIO, Daniel. *De la astronomía a la astromagia, una aproximación alfonsí del saber de las estrellas*, p. 41-73.

³³⁷ As artes caminham juntas, pois os homens que praticam uma são os mesmos que praticam a outra e a astronomia é homenageada ao servir a astrologia, embora suas abordagens sejam distintas. POULLE, Emmanuel. *Les Sources Astronomiques (Textes, Tables, Instruments)*. Typologie des Sources du Moyen Âge Occidental, Fasc. 39, Brepols Turnhout-Belgium, 1981, p. 07.

³³⁸ RUI DE PINA. *Crônicas de Rui de Pina*. Lello & Irmão – Editores. Porto: Artes Gráficas, 1977, p. 492-493.

O discurso do rei diz respeito ao conhecido episódio da escolha do dia da sua coroação. Ao afirmar sua fé, ignorando o aviso sobre a má configuração astral feito pelo astrônomo real Mestre Guedelha, o infante acabou por ter, segundo as palavras do próprio Mestre, um reinado de poucos anos, de grandes fadigas e trabalhos.³³⁹ Acerca dessa negligência da previsão do astrônomo, o cronista Rui de Pina afirma diversas vezes em seus escritos que as consequências foram infelizes, pois “todas as coisas de prazer e alegria, durante seu reinado, lhe foram assim contrárias”, e pior, “todas se lhe convertiam em paixões e tristeza [...] assim como prognosticou Mestre Guedelha.”³⁴⁰

A crença na confiabilidade da análise da constelação feita por Guedelha fica clara, pois, primeiramente, por figurar na crônica sobre o Eloquent, em segundo lugar, porque a autoridade desse astrólogo merece a atenção do cronista em um momento ápice da história régia narrada, a coroação. Rui de Pina, na *Crônica de D. Duarte*, define o Mestre Guedelha como “judeu, (...) físico e grande astrólogo”. Na coroação de D. Afonso, por sua vez, novamente Guedelha é citado como “singular físico e astrólogo”, “que regulava, segundo as influências e cursos dos planetas, a melhor hora e ponto em que se poderia dar aquela obediência [...]”³⁴¹ As descrições que seguem a essas não são apenas ilustrativas da boa reputação do físico em terras portuguesas,³⁴² tendo em conta que D. Duarte foi elogiado por desconfiar do conhecimento de astrologia e recusar seu uso, ou seja, o rei usou a fé contra o argumento astrológico e por isso foi louvado. D. Duarte é descrito como um “homem sensato e de claro entendimento, amador de ciência”,³⁴³ o que parece livrá-lo de qualquer culpa por não acatar os conselhos do físico. O relato desse episódio, pelos elogios que igualmente são feitos ao mestre e ao rei, permite contemplar, portanto, tanto a possibilidade de que o rei seguisse uma advertência feita a partir do estudo dos astros sobre o porvir terreno – como a má ventura no governo –, quanto de que ele se esquivasse dela, sob alegações inequívocas amparadas na fé cristã – como a insistência em manter a data por ser dia de Maria.

A despeito da relação ambígua com o vaticínio, narrada por Rui de Pina, nas obras dos cronistas Gomes Eanes de Zurara (1410–1474) e Fernão Lopes (1380-1460), igualmente cronistas oficiais do rei, tal como o citado Pina, encontra-se uma concepção de astrologia mais

³³⁹ RUI DE PINA. *Crônicas de Rui de Pina*, p. 492.

³⁴⁰ RUI DE PINA. *Crônicas de Rui de Pina*, p. 511.

³⁴¹ RUI DE PINA. *Crônicas de Rui de Pina*. “Crônica do Senhor Rey D. Afonso V”, p. 588-589.

³⁴² FAINGOLD, Reuven. *Judeus nas cortes reais portuguesas*. In: Sefarad, Revista de Estudios Hebraicos, *Sefardíes y de Oriente Próximo*. Vol. 55. Fasc.1. Madrid: 1995, p. 77-104.

³⁴³ RUI DE PINA. *Crônicas de Rui de Pina*, p. 495.

detalhada e menos associada ao pecado. Na *Crônica da Guiné*, por exemplo, para enaltecer D. Henrique, Zurara registra a fabulosa ventura deste infante revelada pelos astros:

E isto houve porque o seu ascendente foi Áries, que é casa de Marte, e exaltação do Sol [...]. E já que o dito Marte esteve em Aquário, que é casa de Saturno, e em casa de esperança, designou que este senhor trabalhasse por conquistas altas e fortes, especialmente buscando as coisas que eram ocultas aos outros homens, e secretas, segundo a qualidade de Saturno, em cuja casa estava marte³⁴⁴.

Para o cronista, a data de nascimento de D. Henrique contribuiu para sua carta natal venturosa e, portanto, franqueou um destino honrado para o infante navegador. O curioso da afirmação é que ela vinha contrariar uma referência religiosa, pois o dia afortunado segundo os ditames astrológicos coincidia com um dia considerado no calendário cristão como desditoso para os nascidos: a quarta-feira de cinzas.³⁴⁵ Entretanto, o tom anunciador de grandes conquistas é justificado por ter sido D. Henrique um dos organizadores da conquista de Ceuta, celebrada por Zurara, em sua outra crônica, como sinal das virtudes da nobreza portuguesa vinculada à Dinastia de Avis, já que, considerava ele, “a memória dessa conquista há de durar e ser registrada em escritos, cujo testemunho levará a muitas partes as lembranças de vossos bons feitos”.³⁴⁶ A mesma astrologia que anunciara a trajetória promissora do Navegador, segundo o célebre cronista, serviu igualmente como justificativa para o insucesso do rei na conquista de novas terras na costa da Guiné. Uma das razões aventadas para este infortúnio, a sexta que apresenta e que qualifica como a “mais importante – raiz de onde todas as outras procedem – é a inclinação das rodas celestiais”.³⁴⁷ Dessa forma, a posição dos astros tanto impediram que D. Henrique alcançasse outras terras, quanto a sua configuração em sua carta natal garantiu-lhe uma vida de grandes feitos, entre os quais a memorável conquista de Ceuta.

Como no caso do infante D. Henrique, muitos textos exaltaram as qualidades de seus soberanos através das cartas natais.³⁴⁸ Entretanto, essa preocupação com a boa configuração astrológica no momento de nascimento dos nobres não foi o único quesito contemplado pelos estudiosos da astrologia para resguardar o futuro de uma dinastia. Outras preocupações que

³⁴⁴ ZURARA. *Crônica dos feitos notáveis que se passaram na conquista da Guiné* por mandado do Infante D. Henrique. 2 Vols, Introdução e notas Torquato de Sousa Soares. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1981, p. 24.

³⁴⁵ RUSSELL, Peter. *Prince Henry 'the Navigator' a Life*. New Haven: Yale University Press, 2000.

³⁴⁶ GOMES EANES DE ZURARA. *Crônica da Tomada de Ceuta por el-rei D. João I*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1915, p. 164.

³⁴⁷ ZURARA. *Crônica dos feitos notáveis que se passaram na conquista da Guiné*, p. 45.

³⁴⁸ Poulle descreve as cartas natais feitas para os quatro infantes de Carlos V, e também uma carta feita pelo astrólogo a serviço da Inglaterra Jean Halbout de Troyes a respeito de Henrique VI. POULLE, Emmanuel. *Les Sources Astronomiques (Textes, Tables, Instruments)*, p. 80.

vieram a se repetir frequentemente visaram precaver situações que ameaçassem o reino ou o rei. Fernão Lopes, na *Crônica de D. João I*, por exemplo, atribui a vitória dos portugueses contra os castelhanos em 1383 a um eclipse:

Seguiu-se então que aos dezenove dias do dito mês foi o Sol eclipse ao meio dia, e perdeu sua claridade, e estando então no signo de Leão, a qual coisa foi espanto a todos; e diziam os astrólogos que significava em casa real grande mortandade de gente honrada; e assim aconteceu depois aos grandes senhores do Rei de Castela.³⁴⁹

Associações como essas entre acontecimentos de grande porte e ocorrências astrológicas levaram a que o conhecimento de fenômenos astrais e seus efeitos, como o eclipse, fossem considerados fundamentais para o futuro da monarquia, tanto que, nessa mesma crônica, é afirmada a vitória portuguesa como um sinal do céu. E não importa aqui saber se ocorreu ou não tal eclipse, antes importa considerar que o fato de os relatos atribuírem destaque ao fenômeno na resolução de conflitos com tal dimensão é indicativo da relevância que a ciência dos astros teve para esses letrados, bem como – por se tratarem de letrados que se dedicaram a registrar os feitos do reino – para a construção do passado a ser fixado para a posteridade.

Por caminhos semelhantes, a respeito de Nuno Alves Pereira, nobre e guerreiro português que desempenhou um papel fundamental em favor do Mestre de Avis na crise de 1383-1385, foi realizada uma previsão de vitória por parte de seu próprio pai, D. Álvaro Gonçalves Pereira, que, além de prestar serviços ao rei, foi,

[...] sisudo e entendido, assim dizem que era astrólogo e sabedor, e quando lhe nasciam os filhos trabalhava para ver as cartas de nascenças deles; e pela sua ciência entendeu que um filho seria sempre vencedor em todos os feitos das armas em que se envolvesse, e que nunca havia de ser vencido.³⁵⁰

Assim como no prognóstico que identificava um destino vitorioso para Nuno Álvares Pereira, as previsões apresentaram-se como respostas diretas sobre o futuro de batalhas e sucessões dinásticas, e sua eficácia parecia depender, na maioria dos casos, apenas de empenho e tempo para realizar os cálculos adequados que dariam os prognósticos de vitória ou derrota. Portanto, a preocupação principal parece especialmente tendente a cogitar se determinados

³⁴⁹ FERNÃO LOPES. *Crônica de D. João I*. 2 Vol., Barcelos: Livraria Civilização, 1983, cap. CXXXVIII, p. 242.

³⁵⁰ FERNÃO LOPES. *Crônica de D. João I*, Cap. XXXIII, p. 58.

governantes iriam tomar as decisões adequadas para a administração,³⁵¹ de forma que os astrólogos pudessem oferecer soluções viáveis para os problemas que, por ventura, pudessem atrapalhar o bom andamento do reino. Uma amostra da interferência dos astrólogos nessas questões pontuais foi a possibilidade de saber, por exemplo, com quem ficaria a lealdade de um cavaleiro em uma situação extrema. A esse respeito, o já citado pensador catalão Raimundo Lúlio registra que um cavaleiro que fosse “vassalo natural do rei da França e soldado do rei da Inglaterra”, em caso de se deparar com uma guerra entre os dois reis, “[...] abandonará ao rei da Inglaterra para ajudar ao rei da França, pois a natureza do seu signo o levará naturalmente a este último”.³⁵² Além do exemplo particularizado de Lúlio, outros vaticínios foram feitos sobre o que dizia respeito às “significâncias do povo, dos adversários e dos inimigos”³⁵³ e também acerca da “boa andança do reinado ou má andança do reinado”.³⁵⁴

Na corte castelhana, dedicada a uma astrologia mais natural, como observamos anteriormente, os prognósticos que aparecem nos escritos não são, por sua vez, direcionados a alguém especificamente, ou seja, as traduções dos textos árabes e judeus realizadas pela Escola de Tradutores de Toledo³⁵⁵ nos revelam muito sobre os tipos de antecipações que em geral eram ensinadas, mas não propriamente sobre acontecimentos futuros em situações específicas envolvendo os nobres de Castela,³⁵⁶ diferentemente do que foi mencionado sobre os portugueses ou aragoneses. Uma passagem do *Libro de las Cruces* é exemplar dessa peculiaridade dos escritos castelhanos de prescrever formas de antevisão, como, por exemplo, aprender que configuração astral garantiria uma vitória e qual anunciaria uma derrota:

Quando tu tiveres o Sol descendente na casa da vida, que é o ascendente, ou for aí apoderado estando na sua casa, que é Leão, ou em sua exaltação, que é Áries, e esteja junto com ele algum dos três planetas altos, que são Saturno, Júpiter e Marte, significa que o rei vencerá seus inimigos, e vai apoderar-se deles e os matará; e isto ocorrerá se o signo for dos signos que representam

³⁵¹ SAMSÓ, Julio. *Astrometeorología y Astrologia Medievales*. Universitat Barcelona – Col·lecció Homenatges, 2008, p. 78.

³⁵² RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull). Tradução de Esteve Jaulent. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2011, p. 52.

³⁵³ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 6.

³⁵⁴ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 10.

³⁵⁵ ROMANO, David. *La Ciencia Hispanojudía*. Madrid: Colecciones Mapre, 1992.

³⁵⁶ Paola Zambelli desenvolve esta diferenciação. Para a autora, pode-se pensar que esta aplicação universal da previsão astrológica foi o mais repugnante à cristandade ortodoxa; mas, em vez disso, parece que, enquanto a astrologia individual (*geniturae, interrogationes, electiones*) foi censurada com mais frequência, porque rebateu o princípio do livre arbítrio, muitos mestres do século XIII, Tomás de Aquino, mas também Boaventura, e, mais ainda, Alberto Magno, cedem de maneira geral às predições coletivas (*in communi, in pluribus, in multitudine*). ZAMBELLI, Paola. *Astrology and Magic from the Medieval Latin and Islamic World to Renaissance Europe*. England: Variorum Collected Studies Series, 2012, IV- p. 17.

aquele rei. Mas, se for o signo dos signos que representam os inimigos, significa que haverá grandes batalhas, e grandes lutas e muitas matanças.³⁵⁷

Esses ensinamentos mais gerais serviam, a rigor, para cogitar sobre as eventuais governanças de acordo com as características correspondentes ao horóscopo dos monarcas, e por isso eram relevantes para a corte castelhana. No mesmo *Libro de las Cruces*, são estipuladas as características inerentes aos reis correspondentes ao seu signo:

E em todas as partes de Touro é rei que ordena as matanças e as batalhas, e as vitórias e a fazer incursões e conquistas. E em todas as partes de Gêmeos é rei de fraco espírito e de pouco poder e que se guia por sua vontade e por seu gosto, e faz coisas que o aviltam e que o rebaixam. E em todas as partes de Câncer é senhor que ama cantigas, trovas e jogos, e ouvir romances e fábulas, e ama afeitamentos e limpeza, bem como descanso e esquivar-se dos homens. E em todas as partes de Leão é rei que mostra suas armas e desembainha suas espadas, e prepara seus cavalos e suas cavalaria para vencer e conquistar os reis vizinhos [...].³⁵⁸

Essas descrições que mostram as características dos reis de acordo com o posicionamento dos planetas no momento do seu nascimento determinam de alguma forma a sua atuação futura, estabelecendo uma clara correspondência entre seus atos e os influxos do zodíaco. A partir de tais descrições, é possível notar que se atribuía à astrologia judiciária o potencial de tornar precavido o reino tanto contra uma ameaça interna – a habilidade do futuro rei para governar – quanto no que diz respeito a ameaças externas. No *Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas*, por exemplo, foram contempladas quais seriam as reais intenções de um visitante ou se um determinado conselho seria confiável:

Quando alguém vier a ti e quiseres saber com qual intenção vem, deixa sentar como quiser e depois para dar-se conta: se sentar em parte de Júpiter ou de Vênus, saiba que te quer bem e que louva a ti e que é verdadeiro e que te faz boa fama. E se sentar na parte de Saturno, saiba que vem com má intenção e quer estorvar e fazer o mal pelo que falares e guarda-te dele. E se sentar em parte de Sol, sabe que tem má intenção e espalhará de você má fama. E se sentar em parte de Mercúrio, sabe que tem estorvo encoberto e te mostrará que te ama e te faz bem. E se sentar em parte de Marte, não há nele bem nenhum e guarda-te dele muito fortemente, com a graça de Deus.³⁵⁹

E no mesmo sentido:

³⁵⁷ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 34.

³⁵⁸ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, p. 10.

³⁵⁹ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, p. 32.

Se alguém vem lhe aconselhar e quiser saber se é leal ou traiçoeiro, comprova: se tiver fortuna no meio do céu, seu conselho é leal e verdadeiro, e se tiver infortuna, é enganador e mentiroso. E eu digo que se o aconselhador vier a ti, e tiver o ascendente dos signos comuns, ou tiver o senhor do ascendente e a Lua em signo comum, que é enganador e que quer te enganar e não o escute.³⁶⁰

Ou seja, a partir do posicionamento no espaço terreno eram realizadas ilações sobre as qualidades de cada um por associação ao arranjo dos planetas na esfera celeste.

Mesmo que de maneira indireta (previsão de uma situação geral e não referente ao destino individual), as previsões astrológicas foram parte integrante da vida dos nobres na Península Ibérica, sobretudo, da vida dos reis, ou seja, a astrologia assumiu nas cortes ibéricas o lugar das predições milenaristas, provavelmente porque a predição astrológica, menos alarmante e mais “racional”, devido ao arcabouço do saber afirmado para o estudo desta arte, foi também mais tranquilizadora para as pessoas envolvidas com o poder, isto é, para estes, perdeu força a profecia que se inclinava para a escatologia e para a possibilidade constante de uma mudança subversiva da hierarquia terrena, em favor de vaticínios mais pontuais e mais úteis para a governação.³⁶¹ O que não significa dizer, no entanto, que as previsões astrológicas tenham sido propriamente brandas, ao contrário, mesmo que não tão cabais como as milenaristas, os prenúncios oscilavam entre a fortuna e a infortuna e podiam tanto inquietar quanto serenar os governantes e nobres.

Para além do universo estrito do poder, as previsões astrológicas também tiveram o seu papel, de forma que convém indagar aquelas que contemplaram aspectos naturais e a sorte dos anônimos ou de certas personagens do gosto dos trovadores. Algumas questões nos ajudarão a penetrar este universo mais amplo: quais foram os principais fins estabelecidos pelos astrólogos, ou melhor, que temáticas foram abordadas para formular as questões que diziam respeito à antecipação da vida na Península Ibérica dos séculos XIII, XIV e XV? E, mais, a partir da determinação dessas questões mais frequentes, quais respostas a astrologia se dispunha a fornecer? A hipótese a conduzir a interrogação é a de que o prognóstico astrológico, ainda que não afirmasse apocalipses e servisse para confortar ao lançar a possibilidade de prevenção, não conseguiu evitar as conjecturas funestas e angustiantes.

³⁶⁰ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, p. 35.

³⁶¹ MINOIS, George. *História do Futuro*, p. 268.

2.3 Fortuna e infortuna no plano das estrelas

A fortuna e a infortuna decorrentes do estudo das constelações e dos planetas foi o argumento mais controverso e talvez mais corrente nas interpretações das ocorrências do céu que se julgava ajudarem a explicar a vida terrestre. Como lembra o autor do *Libro Conplido*, Aly Aben Ragel, “a boa e a má sorte podem ser anunciadas através do conhecimento das posições dos astros”, conhecimento que, como veremos, não foi desprezado pelos peninsulares, pois era partilhada a ideia de que os céus eram generosos em seus sinais, entretanto, somente os astrólogos podiam saber quais configurações significaram fortuna e quais significaram infortuna, de forma que Aly Aben Ragel se dispõe a esclarecer:

No céu há fortuna e infortuna e nos signos também há fortunas e infortunas. A fortuna do céu são os quatro ângulos e os que sucederam. E a sua infortuna é regressão dos ângulos e os lugares que caem. A fortuna dos signos é quando o signo for casa de algum planeta ou seu término ou o que haja na sua natureza ou força. E a infortuna dos signos é que seja o signo do descaso de algum planeta ou sua depreciação, ou que seja diverso a ele na sua forma e na sua natureza.³⁶²

A passagem do *Libro Conplido* contemplando o duplo potencial do estudo do céu, a saber, revelar desdobramentos felizes ou alertar para sequências possivelmente infelizes, a depender da sorte resultante das combinações celestes, não era a forma mais corrente de se referir à astrologia. Afora referências como essas, que se preocuparam mais em ensinar essa forma de inquirir sobre o vir a ser a partir da ordem celeste e que se encontram nas traduções da Escola de Toledo – o referido livro, o *Libro de las Cruces*, o *Lapidário*, o *Picatrix* e os *Libros de Saber de Astronomia* –, outros tipos de textos, orais ou escritos, contaram principalmente histórias trágicas a partir de juízos morais direcionados para os crentes na astrologia. Entre esses, eram recordados justamente personagens que tinham acreditado cegamente em alguma previsão feliz feita a partir dos astros e, por essa crença inconsequente, acabaram por vivenciar uma tragédia.

Assim, dentro do conjunto documental que circulou em Portugal nos séculos XIII e XIV na forma oral e alcançou um público mais abrangente e não propriamente culto, como as cantigas de escárnio e maldizer, por exemplo, cabe mencionar uma passagem emblemática, em que Estevão da Guarda e o conde D. Pedro, filho de D. Dinis, ridicularizam o clérigo goliardo Martim Vasques, que se apoiou na astrologia para saber se alcançaria alguma prebenda eclesiástica. Os astros acabaram por mostrar-lhe que ele orientaria uma Igreja farta e

³⁶² ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, p. 17.

rica, mas foi-lhe dada uma Igreja pobre em um lugar ermo.³⁶³ Esse não foi o único caso de ridicularização das previsões do futuro a partir da astrologia. Também o conhecido Arcipreste de Hita, no seu *Libro de Buen Amor* – obra que figura no inventário dos livros do rei D. Duarte –, zombava da propensão exacerbada para os amores daqueles que, como ele, nasciam sob o signo de Vênus:

Eu não sei de astrologia nem sou mestre nesta ciência
Nem conheço o astrolábio mais que o boi de cabresto,
Mas como vejo o que sucede todos os dias,
por isso lhe digo e vejo isto:
Que muitos nascem em Vênus, e a maior parte da sua vida
Passam amando mulheres, coisa que não esquecem nunca:
Mas também trabalham e se esforçam sem medida
E não conquistam o que mais querem.³⁶⁴

O texto alega a influência da determinação astral, pois mesmo que não se tratasse de um astrólogo, o Arcipreste e provavelmente as pessoas que conheciam minimamente a astrologia aceitaram como fato a assertiva de que os que nascem sob a influência de Vênus estariam preocupados com o amor e os galanteios; entretanto, o esforço despendido na conquista amorosa e os seus pífios resultados é que levavam ao menosprezo dessas pessoas que conduziam suas vidas pelos efeitos das estrelas, no caso, pela força de Vênus.

Além do menosprezo por aqueles que eram crentes descomedidos nos desígnios das estrelas, outras formas de censura conduziram as narrativas que trataram dos vaticínios astrológicos, como a reprovação àqueles que não acreditavam minimamente e até chegavam a reagir de maneira radical, punindo o astrólogo que fez determinada previsão. Esta rejeição plena também não era recomendada, tendo em vista que ela não seria capaz de mudar o efeito de um prenúncio. Tanto que são encontrados em certas fontes exemplos de descrentes soberbos que, a despeito do castigo aplicado ao vaticinador, tinham inevitavelmente de enfrentar o infeliz porvir antevisto. Um exemplo significativo encontra-se no mesmo *Libro de Buen Amor*, o qual descreve alguém que se recusou a acreditar em uma previsão. A história narrada é a do rei mouro Alcaraz, que chamou cinco sábios para dizerem o horóscopo de seu filho que acabara de nascer. O primeiro deles anunciou que o filho seria apedrejado; o segundo, que seria queimado; o terceiro, que despencaria de algum lugar; o quarto, que ficaria pendurado e o último que se afogaria até a morte. O rei, perturbado com o descabido das predições e desconfiando da veracidade, mandou prender em lugares distantes cada um dos

³⁶³ LAPA, Rodrigues. **Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais** galego-portugueses. 2. Ed. revista por Rodrigues Lapa. Editorial Galáxia, 1970, n. 122, p. 196-197, n. 329, p. 489-490.

³⁶⁴ ARCIPRESTE DE HITA. **Libro de Buen Amor**, p. 39.

astrólogos. Passado o tempo, quando o jovem príncipe estava a caçar com o pai, devido a uma forte chuva, foi atingido por uma grande pedra de granizo como tinha pressagiado o primeiro vidente para o pai. Recomendando ao filho cuidado, os dois partem e começam a viver uma série incrível de acontecimentos: ao passarem por uma ponte, um raio atinge o príncipe, queimando-o e destruindo a ponte como anunciara a segunda previsão; o príncipe inevitavelmente despencou com a ponte, confirmando a terceira previsão; mas ficou preso em uma árvore por suas roupas, fazendo jus à quarta previsão; porém, não pôde evitar a queda que o levou a afogar-se tal como agourara o quinto astrólogo. Todos os prognósticos, conta o livro, acabaram por se cumprir e o rei teve de mandar imediatamente tirar da prisão os astrólogos e recompensá-los com presentes e com o pedido para continuarem a trabalhar nesse ofício.³⁶⁵ A lição moral que o Arcipreste de Hita quis registrar a partir dessa história parece ser a da necessidade de cautela, pois, mesmo que trágico ou esdrúxulo, um vaticínio feito pela análise dos astros podia se realizar. Considerando os outros casos relatados, do crente clérigo Martim Vasques e dos galanteadores regidos por Vênus, parece que a postura mais moderada em relação às predições era a mais recomendada, tendo em conta que tanto o crente descomedido quanto o descrente incauto podiam acabar por se frustrar e ter uma vida infeliz.

Apesar dos constantes avisos de moderação com relação às previsões astrológicas, essas se propagaram de maneira eficaz, de modo que, nos textos sobre astrologia, a variedade de questões sobre o porvir encontra-se principalmente relacionada com a fortuna.³⁶⁶ A esse respeito, vale recordar que, segundo o Arcipreste de Talavera, fortuna ou ventura é o termo usado pelo povo para designar a maneira de estar bem ou mal.³⁶⁷ Contudo, além de uma expressão de uso comum, o tema da fortuna despertou amplas discussões nos meios letrados, principalmente no Quatrocentos, quando se debateu sobre a existência da fortuna ou a predestinação do homem e a sua contraposição à providência divina³⁶⁸, como veremos no próximo capítulo.

³⁶⁵ ARCIPRESTE DE HITA. **Libro de Buen Amor**, p. 35.

³⁶⁶ O termo “fortuna”, empregado indistintamente pelos poetas e tratadistas sobre realidades muito diversas. Chamava-se fortuna o destino ou o resultado de práticas supersticiosas antigas para adivinhar. E quando os eclesiásticos do século XV entendem a fortuna no sentido aristotélico-tomista, como a concorrência acidental de duas causas na produção de um efeito que em si não estão ordenadas a produzir, afirmam explicitamente que esta concorrência acidental não escapa à providência de Deus”, que tudo sabe e antecede. S. J. Juan de Dios. **Fortuna y Providencia em la Literatura Castellana del siglo XV**, p. 23-49.

³⁶⁷ ARCIPRESTE DE TALAVERA, Cristóbal Pérez Pastor (ed. lit.). **Corbacho o Reprobación del amor mundano**. Madrid: Sociedad de Bibliófilos Españoles, 1901. Edición en línea: Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2004, p. 69.

³⁶⁸ Alguns dos escritos que trataram dessa contraposição foram: a Visão deleitável da filosofia e as Artes liberais de Afonso da Torre, o Compendio da Fortuna do frei Martín de Córdoba e o Arcipreste de Talavera. MUÑOZ, Paloma Cuenca. Introdução. LOPE DE BARRIENTOS. **Tractado de la Divinanza**. Edición Crítica y estudio, Madrid: Universidad Complutense, 1992, p. 150-162.

Já nas traduções e compilações sobre o saber dos céus, a fortuna obteve destaque justamente pela maneira como foi relacionada às banalidades em variadas situações do cotidiano, em outras palavras, algumas preocupações da vida foram indiscutivelmente ligadas à possibilidade de fortuna ou infortuna e, por isso, repetidas nos escritos sobre astrologia. No *Picatrix*,³⁶⁹ por exemplo, ensina-se como saber através dos astros se um recém-nascido terá uma vida afortunada:

Dizem que na esfera há figuras bonitas e feias feitas pelas estrelas fixas. Quando um bebê nasce com uma figura bonita no ascendente e com as duas luminárias [Sol e Lua] em uma figura bonita, é sinal de felicidade para o recém-nascido. E quando nasce um bebê com uma figura feia no ascendente e com as duas luminárias em uma figura feia, é sinal de desventura para o recém-nascido.³⁷⁰

A rigor, a ventura decorrente das figuras formadas por estrelas parecia assegurar como seria a vida de uma pessoa, não se colocando em pauta se por suas próprias escolhas alguém poderia escapar dessa determinação astral. Na variedade de questões apresentadas para a disposição celestial, algumas curiosidades vão além de procurar saber sobre a sorte dos filhos, tocando a “boa ou má chegada da morte”,³⁷¹ a possibilidade de uma epidemia e até mesmo a probabilidade de descumprimento das leis³⁷² – como recordado em outro livro de astrologia daquele tempo, o conhecido *Libro de las Cruces*.

Além dessas considerações mais gerais respondidas pelos astros sobre o início da vida e seu fim, outras de aspecto específico nos dizem mais sobre a dinâmica da vida nos reinados ibéricos. No citado *Libro de Las Cruces*, por exemplo, ensinou-se como saber se algum homem terá honorabilidades ou alteza e quando isso ocorrerá, com o complemento de uma segunda questão: saber se um prelado, um senhor ou aportelado³⁷³ há de ser deposto de alguma dessas honras, quando isso ocorreria e se seria por responsabilidade dele próprio, por acusações ou pelos dois motivos.³⁷⁴ Dependendo das posições e configurações planetárias, as respostas poderiam ser afirmativas ou não, como descrito por Afonso X no citado livro. Mas o

³⁶⁹ O substantivo feminino Picatrix foi criado primeiramente em língua espanhola, e o significado do termo feminino tem a ver com o termo picador, apelido de Maslana, que remeteria à atitude de uma serpente. BAKHOUCHE, Béatrice. Intro. *Picatrix*. Belgium: Brepols, 2003, p. 23-24.

³⁷⁰ SEUDO MASLAMA. *Picatrix*. Org. Marcelino Villegas, Oran, 1978, p. 35.

³⁷¹ ALFONSO EL SABIO, *Libro de las Cruces*, p. 2.

³⁷² ALFONSO EL SABIO, *Libro de las Cruces*, p. 18.

³⁷³ Usado geralmente no século XIV para designar “uma espécie de magistrado inferior aos juízes municipais [...], Portelo era o tribunal jurisdicional e no sentido figurado o exercício da jurisdição”. Disponível em: <http://dicionarioportugues.org/pt/aportelado>; Consultado em: 03/2014.

³⁷⁴ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 3.

que interessa de fato aqui salientar é que o alcance dessas previsões podiam dizer sobre situações bem específicas no jogo de poder do período.

Para além destes ensinamentos, proferidos por letrados conhecedores das conjurações celestes, que conjugam a possibilidade do bem e do mal, ou como se daria um bem ou um mal, muitas predições destacaram as tragédias que diziam respeito a tópicos específicos, como a ameaça de passar fome. Desse modo, algumas determinações astrais descritas no *Libro de las Cruces* atestam que “a fome e o medo serão maiores que a necessidade da gente em um povoado”. Há também, no citado livro, descrições de constelações que significam seca e falta de água, sendo alguns capítulos inclusive dedicados apenas a esses infortúnios; como o quinto, que tratou “das constelações que significam seca, fome, granizo [chuva], carestia e alagamentos”, ou da constelação que significa prisão de um homem.³⁷⁵ Trata, ainda, dos infortúnios dos reis, das mortes de reis em lutas e batalhas, e ainda da morte e destruição dos apertelados do rei.³⁷⁶

Esses tipos de previsão, que diziam respeito às dificuldades, apareciam complementados com o ensinamento de maneiras de evitá-las através do conhecimento dos astros. A princípio, identificam-se os perigos que podiam vir tanto da nobreza quanto do povo, como lembra Aly Aben Ragel no seu *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*. Sobre os primeiros, por exemplo, há previsões sobre ameaças dos ou para os protegidos do rei: “E se esta conjunção supracitada estiver na XI casa, significa que acontecerão danos aos conselheiros do rei e seus oficiais, e aos que lhe rodeiam”; também pode significar “que os homens vis e os servos se juntarão, e se revoltarão contra os senhores e lhes farão dano e mal”. Mas estabelece igualmente a possibilidade de derrota para os servos, pois, se a conjunção estiver na casa 12, significa que o dano será para “os homens vis, para os servos e quem os apoia”. Afora essas advertências, é possível prever os ataques contra o rei a partir da própria família, já que, quando a conjunção estiver na sétima casa, “os parentes da mulher do rei conspirarão contra o reino e quererão tomá-lo, ou [poderão] matar o rei com veneno”. E se, por fim, a conjunção estiver na nona casa, adverte-se para a possível desobediência da lei: “significa que as gentes desobedecerão à lei, e não a respeitarão”.³⁷⁷ Nesta preocupação dinástica é possível até mesmo saber da segurança dos irmãos, pois a casa

³⁷⁵ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 3.

³⁷⁶ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 3 - 4.

³⁷⁷ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 18.

terceira é relativa a eles “e significa os gozos e os perigos que podem acontecer com eles e consequentemente se estão bem ou mal e se terão e escaparão de alguma doença”.³⁷⁸

Um sinal recorrente de má fortuna, como vimos recordado pela crônica do rei D. Afonso V, de Rui de Pina, era o eclipse. Assegura este narrador que, no dia da morte de D. Duarte, a maior parte do Sol tornou-se cinza pelo tempo de duas horas, assim como havia ocorrido nos dias da morte de seu pai D. João e de sua mãe, a rainha D. Felipa.³⁷⁹ Falta de claridade do Sol e eclipse, serviam, assim, nas narrações, para anunciar eventos políticos negativos, como as mortes dos monarcas.³⁸⁰ Os prováveis efeitos terrenos atribuídos aos cometas ou anunciados por eles, na maioria dos casos, são muito semelhantes aos facultados aos eclipses. Segundo os escritos portugueses, o primeiro cometa que os portugueses viram ficou registrado com a data de 10 de maio de 1147, antes da tomada de Santarém aos mouros, durante a Reconquista cristã. Segundo Duarte Galvão (1435-1517), os guerreiros viram, por volta do meio-dia, “uma espécie de touro indo pelo céu, levando comas de fogo, desde a cabeça até a ponta da cauda”.³⁸¹ A mesma descrição encontra-se na *Crônica de Portugal de 1419*³⁸²: em 1468, nas vésperas da terceira tentativa para tomar Tânger, no atual Marrocos, as tropas portuguesas observaram um cometa – evento igualmente recordado na *Crônica de D. Afonso V*, por Rui de Pina. Este cometa em forma de dragão, lançando muitos raios de fogo, foi objeto de especulações por parte dos combatentes, pois logo foi tomado por um desventurado indício,³⁸³ à semelhança daqueles decorrentes do aparecimento dos eclipses³⁸⁴.

Além do olhar sobre esses aspectos envolvendo grandes eventos, como as batalhas e as questões relacionadas à política, também foram contempladas dimensões menos ilustres a

³⁷⁸ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, p. 35.

³⁷⁹ RUI DE PINA. *Crônicas de Rui de Pina*. Chronica do Senho Rey D. Affonso V. p. 587.

³⁸⁰ A astrologia, postulando a influência dos movimentos dos corpos celestes nos acontecimentos da vida terrestre, não podia deixar de prestar atenção a estes fenômenos do céu (conjunção dos astros, eclipses, cometas) para poder predizer os desastres. Calamidades. In: BERLIOZ, Jacques ; LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. 1. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 111.

³⁸¹ DUARTE GALVÃO. *Crônica de el-Rei D. Afonso Henriques*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, sd, cap. XX, p. 111-112.

³⁸² Crônica considerada por Artur Magalhães Basto da autoria de Fernão Lopes, mas Adelino de Almeida Calado, A. H. de Oliveira Marques, entre outros, reafirmam o anonimato do autor. Cf. MICHELAN, Kátia Brasilino. *Um rei em três versões*. A construção da história de D. Afonso Henriques pelos cronistas medievais portugueses. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 20.

³⁸³ Episódios citados na obra SILVA, Vasco Jorge Rosa. *História da Astronomia Medieval Portuguesa*. Porto: edições Ecopy, 2008, p. 19-20.

³⁸⁴ Segundo a tradição ptolomaica, o Sol e a Lua são a causa da energia de todo o conjunto, por isso as conjunções no caso dos eclipses solares, e as oposições, no caso dos eclipses lunares, são momentos de importância capital. ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. *La Ciencia del Cielo*. Salamanca: Europa artes gráficas, 1989, p. 58. No texto de Abraham Zacuto sobre os eclipses, está determinada a capacidade destes de trazerem o bem ou o mal, segundo o ajuntamento dos planetas na ocasião do eclipse e de sua natureza (solar ou lunar). CARVALHO, J. Dois inéditos de Abraham Zacuto. Lisboa: Museo Comercial, 1927, Separata de *Revista de Estudos Hebraicos*, I, p. 52-54. Apud. ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. *La Ciencia del Cielo*, p. 60.

partir da leitura dos astros. Tal como propalado em alguns escritos dos séculos XIV e XV, como o *Libro de las Cruces* e o *Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, pela astrologia era possível saber: o preço do pão em cada mês; quando um enfermo sararia; quando um preso teria liberdade.³⁸⁵ Poder-se-ia ainda lançar uma série de indagações simples e diretas sobre o porvir, como, por exemplo: “quando não terá mais medo” o que estava amedrontado; “quando enriquecerá” o homem pobre; “quando se fará pobre” o rico; sobre o “dia da morte e da vitória contra os inimigos”,³⁸⁶ e ainda: o dia que “um homem casará, se o que se fala é verdade ou mentira, se as pessoas [terão] herança ou não e, se a tiver em forma de terras, qual a qualidade deste território herdado”.³⁸⁷

Dentre todos esses pontos destacados, aqueles que diziam sobre questões naturais, como previsões de tempestades ou secas, o crescimento das plantas e o comportamento dos animais eram mais enfatizados nos textos sobre astrologia. Vale adiantar que a tentativa de contemplar indícios diversos para adivinhar o porvir da natureza estava relacionada a uma crença corrente de que nada tinha sentido por si só, mas, antes, que tudo estava de alguma forma relacionado.³⁸⁸ Em outras palavras, cada planta ou cada animal foi descrito e analisado a partir da relação com o céu, que se acreditava determinar as características das coisas terrenas, primeiro pela vontade de Deus, que deu origem ao movimento, e depois pelos movimentos dos astros, que influenciaram as vidas na Terra. Portanto, desdobraremos, a seguir, como os homens da Península Ibérica dos séculos XIII, XIV e XV conjugaram o que se pensou dos territórios, dos climas e dos seres vivos com o mundo celeste e a vontade divina, buscando a previsão astrológica para se proteger das intempéries, mas também como uma explicação da unidade entre a Terra e o Céu e, em última instância, entre eles e Deus.

2.4 O horizonte das questões naturais

No citado *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, obra escrita em 1418, diz o infante D. Pedro que Deus, “criando as coisas do mundo, fez [com] que os corpos primeiros outorgassem

³⁸⁵ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 03.

³⁸⁶ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 03.

³⁸⁷ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, p. 37.

³⁸⁸ A própria ciência medieval se apresenta como um saber (*scientia*) qualitativo, abrangendo tanto a observação das coisas (*res*) quanto suas razões (*rationes*). Tem como objetivo primeiro observar todas as coisas da natureza como um todo (natural), suas partes integrantes, plantas (*plantio*), animais (Bestiários, monstros), pedras (Lapidários), estrelas (astrologia). Mesmo o exame de Deus (a *res suprema*) irá se desenvolver de acordo com as leis e exigências de uma ciência (teologia). ALLARD, Guy-H.; MÉNARD, Jacques. **Cahiers d'études médiévales II. La science de la nature: théories et pratiques**. Institut d'études médiévales Université de Montréal, 1974, p. 10.

benefícios e que os postumeiros fossem recebedores.”³⁸⁹ As coisas do mundo de que trata o infante foram descritas devido à capacidade de estudo do mundo sensível e sua analogia com o céu, por isso as descrições naturais sobejam nos textos astrológicos e estão relacionadas, sobretudo, com a ideia astrológica de conexão necessária e de influência radial.³⁹⁰ A conexão necessária é a presença de Deus em todas as coisas, e a influência radial, a determinação que ocorre de cima para baixo, ou seja, dos corpos celestes para os corpos terrestres, ou, como disse o infante D. Pedro, dos primeiros para os postumeiros. Em referência justamente aos corpos celestes e aos corpos terrestres, aquele que foi uma espécie de guia para seus coetâneos e sucedâneos, São Tomás de Aquino, afirmava que as substâncias espirituais superiores estavam para nossas almas do mesmo modo como os corpos celestes estavam para os corpos inferiores, destacando que essas influências celestes não eram absolutas, pois ao mesmo tempo que concorriam para a geração das plantas perfeitas, por exemplo, era preciso também que sua ação atuasse sobre uma semente dotada de uma virtude própria e capaz de se desenvolver.³⁹¹ O dominicano, atento às relações entre a Terra e o céu, também não deixou de comentar a obra de Aristóteles na qual afirmava que “este mundo está necessariamente em continuidade de uma maneira ou de outra com aquele que se move no alto, de modo que todos os seus impulsos são comandados do alto”, concluindo, assim, que esse era o princípio de onde parte, para todos os seres, o movimento.³⁹²

Ao comentar a obra aristotélica, São Tomás não chegou a afirmar que os astros determinavam tudo o que se passava na Terra, porém, mostrou-se em acordo com uma ideia corrente nos séculos XIII, XIV e XV de que toda forma do mundo reclamava a ação indireta de um primeiro motor, Deus,³⁹³ e que esse motor insidia primeiramente sobre os corpos celestes, que por isso mesmo eram seres materiais imutáveis, pois Deus agira diretamente sobre eles, diferentemente dos seres móveis situados na terra. Esta concepção de mundo provinda da teologia aristotélica, que na verdade foi uma interpretação de Aristóteles associada aos pensadores árabes,³⁹⁴ proporcionou a convicção na dependência da Terra em

³⁸⁹ DOM PEDRO. Livro da Virtuosa Benfeitoria (1418-1425). In: **Obras dos Príncipes de Avis**. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981, p. 680.

³⁹⁰ “[...] a ideia astrológica de conexão necessária e de influência radial fora dada à ideia aristotélica de uma ausência de vazio entre o mundo de cima e o mundo de baixo.” LIBERA, Alain de. **Pensar na Idade Média**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 274.

³⁹¹ GILSON, Étienne. **Porque São Tomás criticou santo Agostinho**. Tradução Tiago José Risi Leme. São Paulo: Ed. Paulus, 2010, p. 112.

³⁹² ARISTÓTELES. **Acerca del Cielo – Metereológicos**. Biblioteca Clásica Gredos, 1996, I, 2, 339^a, p. 22-24.

³⁹³ Segundo Averróis a matéria existe ao lado de Deus. É uma potência universal que contém em germes as formas substanciais que o primeiro motor dela extrai. TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Vol. IV, I seção da II parte, Questões 49 -114, p. 15.

³⁹⁴ LIBERA, Alain de. **Pensar na Idade Média**, p. 248 - 257.

relação ao céu, pelo influxo das esferas, entre os ibéricos a partir do século XIII. Tanto que vários letrados descreveram o que seria especificamente a natureza ou as obras da natureza a partir dessa relação. O próprio infante D. Pedro explica, no *Livro da Virtuosa benfeitoria*, que o mundo sensível está dividido em duas partes:

A primeira é a do círculo da Lua para cima, na qual estão estendidos os céus, e as estrelas dão seu esplendor, e os planetas se deslocam/alternam com desvairados cursos. Outra parte é a do círculo da Lua para baixo. E esta contém em si os quatro elementos e plantas e animais que por ela recebem vida. E à primeira parte chamaram os filósofos antigos natureza, porque as coisas que nela estão, perseverando na sua mudança, mantêm a ordem que receberam primeiro. E disseram que a segunda parte era obra de natureza, porque todas as coisas, que nela vivem e crescem ou tem sentimento, recebem da parte primeira, por canais não sensíveis, virtuosas influências³⁹⁵.

Sobre a primeira parte da natureza, aquela que o livro do infante aponta como mantenedora da ordem recebida por Deus e por isso controladora do mundo sublunar, muitas descrições são feitas nos livros sobre astrologia, contudo, a observação e transmissão de informações sobre os corpos celestes resultam menos em descrições de aspectos formais do que de indícios desse controle astral. A esse respeito, uma boa amostra é o relato, no *Livro da Montaria*, sobre os nomes e as qualidades dos doze signos, relato que estabelece uma relação direta entre o mundo sublunar e o mundo supralunar. A estes signos puseram os sábios qualidades, influências diversas e nomes, assim como os nomes de alguns animais que estão na terra e no mar, e não porque o formato da constelação de determinado signo correspondesse à figura deste animal, mais porque esses animais tinham qualidades que se assemelhavam às qualidades dos signos, mais que qualquer outra coisa criada por Deus.³⁹⁶ Vejamos o caso do leão, por exemplo. Na *General Estoria*, encontra-se uma descrição mais específica sobre a nobreza e o caráter régio deste animal. É lembrado ali, a partir de Plínio, que, na cauda do animal, se vê o seu coração e que, quando o leão não quer fazer dano, a mantém estática, mas quando arma o ataque, bate a cauda primeiramente na terra e depois na barriga, o que, anuncia o cronista, seria uma forma “honesta e inteligente” de aviso de ataque. Os elogios ao leão prosseguem com a ponderação de que a nobreza e valor do leão são tais que, quando ele vê chegarem os caçadores, se está em um lugar estreito, em vez de esconder-se, dirige-se a um espaço amplo. Na crônica, fazendo eco a outros escritos sobre animais e seu potencial simbólico,³⁹⁷ ainda é anunciado um sinal de misericórdia por parte do animal, pois,

³⁹⁵ DOM PEDRO. *Livro da Virtuosa Benfeitoria* (1418-1425), p. 680.

³⁹⁶ DOM JOÃO I. *Livro da Montaria* (1415-1433), p. 74.

³⁹⁷ COHEN, Jeffrey J. Inventing with Animals in the Middle Ages. In : **Engaging with Nature**. Ed. Barbara Hanawalt and Lisa Kiser. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2008, p. 45-48.

quando alguém lança uma arma sem feri-lo, o leão sujeita o caçador com as patas e o pisa sem matar ou ferir. Por fim, as últimas descrições tratam ainda da virtude da humildade, pois foi atestado que os leões não são astutos nem afeitos a fazer ciladas, mas miram com humildade e querem que os homens os olhem assim também e, no momento da morte, o leão morde a terra e chora.³⁹⁸

Essas descrições interessam pela leitura moralizadora dos animais, mas ainda mais porque os valores morais atribuídos aos animais traduzem as relações entre certas características e os signos, a saber, nomeou-se o signo de leão porque este animal tinha qualidades correspondentes a um signo que representava realeza e valentia, adjetivos relacionados a este animal e que tiveram vida longa.³⁹⁹ No *Libro de las estrellas fijas*, texto árabe de 964 compilado em Toledo no século XIII, é recordado que “a casa do planeta Sol reside em Leão, que é a mais poderosa do oitavo céu, e que aparece sempre que nasce algum homem que convenha ser rei, pois leão é o rei de todas as bestas e todas o temem e obedecem.”⁴⁰⁰ Sobre as correspondências entre os animais e os astros, a descrição de Câncer (caranguejo), no mesmo *Libro de las estrellas fijas*, é igualmente reveladora, porque, ao listarem aspectos físicos como a redondeza e os “seis pés, três de cada lado”, já se afirma a presença de alguns sinais astrais, pois, na concha que cobre seu corpo, sobre o ventre, aparece uma imagem, semelhante a um rosto humano e “pode-se ver que é a mesma imagem que se vê na Lua cheia”⁴⁰¹ – a aparição desta imagem no animal se explica justamente porque este signo é casa do “planeta” Lua.

O *Libro de Las Estrellas fijas* contempla em numerosas ocasiões as características dos diferentes animais, cujas figuras se formam no céu, explicando suas propriedades à moda de um bestiário ou um tratado de animalística.⁴⁰² A memorável obra mescla este modelo de escrita com pequenos acréscimos a respeito dessas figuras animais formadas pelas estrelas, como no caso da constelação de Leão, que foi estudada e registrada pelos árabes.⁴⁰³ Já em outra obra do rei sábio, o *Setenário*, livro de direito canônico que tratou de formas antigas de adoração da natureza, a descrição de um animal apresenta uma interessante relação entre um

³⁹⁸ ALFONSO X. *General Estoria*. Primera parte, p. 555.

³⁹⁹ RESL, Brigitte. *A cultural history of animals in the medieval age*. V.2, Oxford, New York: ed. Berg, 2011. p. 154.

⁴⁰⁰ ALFONSO X: *Libros del Saber de Astronomía* del Rey D. Alfonso de Castilla, p. 155.

⁴⁰¹ ALFONSO X. *Libros del Saber de Astronomía* del Rey D. Alfonso de Castilla, p. 112.

⁴⁰² RODRÍGUEZ. Ana Domínguez. *Astrología y Arte en el Lapidario de Alfonso X el Sabio*. Murcia: Edición de la Real Academia Alfonso X el Sabio, 2007, p. 173.

⁴⁰³ Acredita-se aludir a um tratado árabe de Ben Bujtishú, de começos do século XI, sobre isto ver o estudo: BRAVO-VILLASANTE, Carmen R. *El Libro de las utilidades de los animales de Ibn Al-Mawsili*. Madrid: Edilán, 1981, p. 20.

símbolo do zodíaco e a fé cristã. Associação que se dá quando trata de Áries, que chamaram o primeiro signo, e que quer dizer figura de carneiro, “semelhante a Cristo, o cordeiro divino”.⁴⁰⁴ Afora as variadas descrições sobre as características físicas e morais correspondentes aos astros, o saber das estrelas também serviu para orientar os cuidados com os animais. Para tal fim, recomenda-se, no *Picatrix*, que alguns deles (os que vivem na Terra) devem ser preservados da exposição à Lua, pois: “a Lua que faz crescer as verduras faz bem aos animais marinhos e mal aos terrestres, que se expõem a ela à noite”;⁴⁰⁵ conselho que servia para preservar a saúde dos rebanhos, por exemplo.

A segunda parte do mundo sensível (da Lua para baixo) ou da natureza, segundo a classificação do infante D. Pedro, estava repleta de vidas que recebiam a função de símbolos astrológicos; basta ver, por exemplo, os animais que são observados nos céus e por isso dão nome às constelações. Assim, estabelece-se uma conexão entre os mundos a partir da primeira virtude dos corpos celestiais que vem de Deus, de forma que outras relações possam surgir. Em outras palavras, todas as virtudes do mundo recebem atributos umas das outras, das mais vis ou das mais nobres, e essas virtudes estão mais aparentes nos animais – “que são todas as coisas que têm alma de sentir e de mover” – e nas plantas – “que são os frutos que nascem da terra, assim ervas como árvores”⁴⁰⁶ – e “mais escondidas nas pedras e nos metais”.⁴⁰⁷ O mistério das virtudes das pedras, entretanto, é desvendado com êxito, pois estes símbolos astrológicos destacam-se tanto pela participação nas curas e nos talismãs, como é explicado no *Lapidário*, quanto pela representação direta dos planetas, tendo em conta o costume de relacionar determinada pedra a certo planeta, porque, dependendo do papel desse planeta no horóscopo de uma pessoa, a posse da pedra correspondente poderia trazer sorte ou azar.⁴⁰⁸

Como tenta sintetizar o citado astrólogo Enrique de Vilhena, existem vinte e quatro pedras preciosas e cada uma delas tem duas virtudes, uma essencial e outra accidental, que é a correspondente à virtude de seu signo, mas os astrólogos sabiam como minimizar as virtudes das pedras e apelar para as virtudes das constelações que as têm em número maior, cinco, a

⁴⁰⁴ ALFONSO X. **Setenario**. Edición e introducción por K.H. Vanderford, estudio preliminar Rafael Lapesa. Barcelona: Editorial Crítica, 1984, p. 91.

⁴⁰⁵ SEUDO MASLAMA. **Picatrix**, p. 72.

⁴⁰⁶ RODRÍGUEZ. Ana Domínguez. **Astrología y Arte en el Lapidario de Alfonso X el Sabio**, p. 179.

⁴⁰⁷ ALFONSO X. **Lapidario and Libro de las Formas & Imágenes** [Texto impresso]. Editado por Roderio C. Diman and Lynn W. Winget. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1980, p. 80.

⁴⁰⁸ “Para obter o patrocínio de um astro com a correspondente ajuda e o êxito nas ações que dele dependem, é preciso usar a pedra que corresponde ao dito astro[...] A associação pode estabelecer-se também com as estrelas fixas: a cada estrela fixa corresponde uma pedra, uma planta e um talismã. Nem sempre se compreende qual é o fundamento para a correspondência: se a associação entre a cor do astro e a da pedra ou entre as virtudes do astro e as da pedra”. PIETRO. Maria Helena Urenã. O Significado dos Lapidários Antigos. In: **Revista da Universidade de Coimbra**, Vol. XXXVII, Coimbra: 1992, p. 193-194.

partir de desenhos de figuras que apresentassem a constelação desejada correspondente a uma pedra.⁴⁰⁹ Sendo assim, os árabes já haviam se preocupado em descrever a que planeta as pedras pertenciam. O *Picatrix*, de maneira semelhante ao tratado de Enrique de Villena, também define a qual planeta correspondem determinadas pedras:

Saturno tem como pedras: o ferro, o diamante, o antimônio [...] Júpiter tem como pedras o estanho, o jacinto branco e o amarelo [...] Marte tem como pedras o cobre, a pedra ágata, toda classe de sulfetos [...] O Sol tem como pedras o ouro, o arsênico, a turquesa, o diamante [...].⁴¹⁰

Fazendo ressoar a herança clássica, que tinha ensinado a descrever os elementos naturais relacionando-os aos astros, os escritores peninsulares trataram das pedras concebendo-as como representantes de determinado planeta – como se vê no trecho citado – e, igualmente, como elementos capazes de curar, fazer adoecer e até matar. Contudo, nessa relação entre natureza e configuração celeste, aqueles que tiveram as virtudes mais aparentes – os animais e as plantas – foram o centro de certas questões sobre o porvir, tendo em conta que os escritos ensinaram as melhores ou piores conjunções astrais para o plantio, para o favorecimento das intempéries naturais ou para previsão do clima.⁴¹¹ No *Libro de las Cruces*, vários desses fatores estão conjugados, de forma que, em citação de caso análogo, é proposto que, depois do período de um ano, se a maioria dos planetas tiverem passado por signos da água e os planetas relativos à carta natal do rei também tiverem estado nesses signos, o ano será bom para este reinado e para as terras próximas aos rios; as árvores darão frutos e haverá fartura de águas e chuvas; já, nas terras altas (nos montes), as árvores e as plantas minguarão. Quando prevalecerem os planetas nos signos da terra, os terrenos planos e arenosos serão privilegiados e os vegetais (exceto os relacionados à madeira como o Pinho) darão frutos, multiplicar-se-ão e haverá fartura de pão. Os signos do ar determinam seca nos lugares planos e abundância de água nas montanhas, e nessas somente os vegetais de madeira crescerão e darão frutos. Os signos do fogo, por fim, significam seca e fome em todos os lugares, e nenhuma espécie de vegetal poderá prosperar com esta configuração.⁴¹² A descrição prossegue desdobrando outras combinações possíveis de efeitos mais brandos, por exemplo, quando os planetas não prevalecem em signos correspondentes a um único elemento. Além de

⁴⁰⁹ ENRIQUE DE VILLENA. *Tratado de Astrología atribuido a Enrique de Villena*, p. 134.

⁴¹⁰ SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 45.

⁴¹¹ NASCIMENTO, Carlos A. R. Le Statut épistémologique des sciences intermédiaires selon S. Thomas D'Aquin. In: ALLARD, Guy-H.; MÉNARD, Jacques. *Cahiers d'études médiévales II. La science de la nature: théories et pratiques*. Institut d'études médiévales Université de Montréal, 1974, p. 45.

⁴¹² ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 158-159.

ensinar a ler sobre as eventuais condições materiais na Terra pelo movimento dos planetas, por esse livro se podia aprender o resultado de uma sementeira, ou seja, se seria bem sucedida ou não, pois bastava saber se o “ascendente e a Lua de determinada planta eram afortunados”, se fossem, as plantas vingariam.⁴¹³

A bem da verdade, eram muitas as possibilidades de previsão, entre as quais aquelas que visavam cuidar corretamente dos vegetais. Aconselhava-se, à partida, que se soubesse “que o ascendente significa compensação das coisas vegetais”, da mesma forma que “a VII casa significa seu fim”. Cuidava-se também da qualidade da terra, esclarecendo que, quando “o ângulo da terra estiver em Áries ou em sua triplicidade, [...] a terra é monte e dura terra, e áspera.” Em contrapartida, “se estiver em Touro ou sua triplicidade, diz-se que a terra é plana”. E, por fim, “se estiver em Gêmeos ou sua triplicidade, diz que a terra pode estar em duas maneiras, plana ou monte.”⁴¹⁴ A capacidade de previsão ia ainda mais longe, ao se cogitar a possibilidade de se preparar para um inverno mais brando ou rigoroso a partir das previsões das secas ou chuvas:

[...] que dizem os sábios que quando Vênus está retrógada e o Sol está em Capricórnio ou em Aquário ou em Peixes, será o inverno daquele ano úmido e chuvoso. E se ela está retrógada quando o Sol está em Áries ou em Touro, serão as chuvas e as umidades naquele ano no verão pela retrogradação de Vênus que, naquele tempo, seu andamento encontrará o Sol e se aproximará dele e entrará pelo seu corpo e pelos seus raios.⁴¹⁵

Os prognósticos relacionando condições naturais e incidências astrais envolviam também indicações sobre a força das chuvas, admitindo-se haverem “as constelações que significam as fortes chuvas e os aguadeiros”;⁴¹⁶ outras, as secas e a carestia: “Saturno e Júpiter, quando estão ‘na triplicidade do fogo’ significam poucas águas, e grande seca, e também a carestia de pães e de azeite.”⁴¹⁷ E ensina-se, como observamos no *Libro de las Cruces*, como prever se adviriam chuvas e qual seria sua intensidade, assim, se todos os planetas ou a maioria deles encontrarem-se em signos da água, cogitava-se que haveria muitas chuvas duráveis e fortes. Quando, ao contrário, os planetas estivessem nos signos da terra, poucas chuvas e fracas eram o que se esperava. Se estivessem, entretanto, divididos – alguns planetas nos signos de água e outros nos de terra –, aguardavam-se chuvas regulares e temperadas. Por fim, quando todos os planetas estivessem nos signos de ar ou de fogo ou ainda alguns planetas nos signos de ar e

⁴¹³ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 39.

⁴¹⁴ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, p. 38.

⁴¹⁵ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 16.

⁴¹⁶ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 149.

⁴¹⁷ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 162.

outros nos signos de fogo, o sinal identificado era de seca e falta da água, bem como do aparecimento de muitas nuvens no céu.⁴¹⁸

Nos textos da corte de D. Duarte, tal como na castelhana, a astrologia foi igualmente reconhecida pelo seu potencial de conjectura climática:

[...] e de Marte e Mercúrio em dezessete graus de Capricórnio, que fará grande vento de cobertura, e que não choverá com ele, e se chover que será pouco: assim o fazem todos os outros ventos, que têm propriedade seca, quando os efeitos das conjunções trazem as chuvas, e posto que tenha vento, ou ventos, que é de sua propriedade nesta terra ser seco, pela força dos planetas, não deixam de trazer muitas águas, e assim mais, e menos se faz, segundo a conjunção dos planetas. É por esse modo que se fazem, pelas forças dos planetas, as frescas ou securas nas trilhas⁴¹⁹.

Reconhecia-se no zodíaco, do mesmo modo, a força organizadora das quatro estações,⁴²⁰

E aquele tempo é partido em quatro partes, segundo o desnivelado quaternário do círculo do céu, que é chamado zodíaco, o qual em cada parte tem três sinais, chamados por nome de animais diversos. E a primeira quarta parte começa no verão, e portanto, esta é a primeira parte do tempo geral. A segunda parte é o estio, e a terceira se chama outono. E a quarta é o inverno.⁴²¹

Um ano correspondia, assim, à passagem do Sol por todos os doze signos do Zodíaco e, deste modo, as alterações climáticas, as estações, eram atribuídas ao movimento da estrela (e dos planetas, “estrelas móveis”) pela elíptica. Por exemplo, vento sem chuva ou com pouca chuva ocorria sempre que o Sol e a Lua estavam conjugados em 9 graus de Capricórnio, Saturno em quatro graus de Sagitário, Júpiter em sexto grau de Áquario acerca do sextil de Saturno e de Marte e Mercúrio em dezessete graus de Capricórnio.⁴²²

Um exemplo de abordagem particular no tratamento dos mundos conhecidos, o sublunar e o supralunar, é a análise medieval da música da natureza. Essa questão se torna premente, porque os letrados, entre os quais Enrique de Vilhena, começaram a indagar sobre como “corpos [celestes] tão grandes e de curso tão apressurado poderiam mover-se sem som?”⁴²³ Inspirados em Aristóteles,⁴²⁴ que afirmara que as velocidades guardavam (entre si)

⁴¹⁸ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 119.

⁴¹⁹ DOM JOÃO I. *Livro da Montaria* (1415-1433), p. 77.

⁴²⁰ Ver PEARSALI, Derek; SALTER, Elizabeth. *Landscapes and Seasons of the Medieval World*. Toronto: University of Toronto Press, 1973.

⁴²¹ DOM PEDRO. *Livro da Virtuosa Benfeitoria* (1418-1425), p. 636.

⁴²² DOM JOÃO I. *Livro da Montaria* (1415-1433), p. 77.

⁴²³ ENRIQUE DE VILLENNA. *Tratado de Astrología atribuido a Enrique de Villena*, p. 154.

⁴²⁴ ARISTÓTELES. *Acerca del Cielo – Metereológicos*, p. 135.

as proporções dos acordes musicais, e que o som dos astros ao irradiar-se em círculos se fazia harmônico, os letrados medievais partilharam a ideia de que, apesar de parecer absurdo que nós não pudéssemos ouvir esse som, a explicação para isso seria de que, desde que nascemos, o som já se fazia presente, de modo que ele não seria distinguível por contraste com o silêncio, pois o discernimento entre o som e o silêncio seria correlativo. Tal teoria é clarificada por Aristóteles através do exemplo dos artesãos bronzistas, que não distinguiam, por hábito, os sons dos ruídos do metal, à semelhança dos homens habituados desde o nascimento com o som das esferas. Assim, a música da natureza, inaudível para o homem, conforme se referiram os escolásticos – tal como os antigos –, era tanto a música das esferas, a harmonia do cosmos, como também algo mais geral e menos perceptível: a harmonia residente na natureza de todo ente, a harmonia metafísica e transcendente.⁴²⁵

No mesmo sentido, o advento das universidades medievais trouxe também o reconhecimento do papel da percepção sensorial na apreensão do que o mundo natural oferecia para acúmulo dos saberes.⁴²⁶ Mudou-se a relação com o espaço social ou, até mesmo, com o que se acreditou ser o campo de ação na natureza. Em outras palavras, os homens do século XIII gradativamente passaram a organizar o seu espaço através da sua percepção corpórea e de seus limites,⁴²⁷ de forma que esta harmonia transcendente pudesse ser identificada. Desse modo, mesmo que se pudesse admitir que a saúde de um rei ou um príncipe refletisse a do território pelo qual eram os responsáveis, o horóscopo, feito a partir dos dados de seu nascimento, tratava mais dos seus interesses particulares. A princípio, pois, não era possível tirar conclusões gerais, de modo que, para os problemas que afetavam os estados e as relações de poder, consideravam-se e estudavam-se também fenômenos astrológicos de maior amplitude que as cartas natais dos reis, como as conjunções de estrelas, os eclipses e o aparecimento dos cometas.⁴²⁸ Assim, nos escritos da Península Ibérica, aparecem algumas divergências sobre a importância do território em que se analisa o céu para as previsões. Às vezes, é o caráter universal da astrologia que se sobrepõe, outras, a especificidade do lugar de observação.

A universalidade é perceptível, por exemplo, quando o local onde se situa o observador não interfere na interpretação da disposição das estrelas, nem tampouco afeta a apreensão dos cálculos, afinal, crê-se que “as significações destas constelações são comuns

⁴²⁵ TATARKIEWICZ, Wladylaw. **História de la Estética**, II - La estética medieval. Dirección Joan Sureda, Traducción Danuta Kurzyka. Madrid: Ed. Akal S. A., p. 133-135.

⁴²⁶ GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 658.

⁴²⁷ ZUMTHOR, Paul. **La medida del mundo**. Representación del espacio en la Edad Media. Tradução Alicia Martorell. Madrid: Editions du Seuil, 1993, p. 16.

⁴²⁸ PRÉAUD, Maxime. **Les Astrologues à la fin du Moyen Age**. Paris: J.-C. Lattès, 1984, p. 111.

por toda a Terra, ou na maior parte dela.”⁴²⁹ Mas a ingerência dos territórios ou da geografia dos territórios também não é negligenciada por alguns, que consideravam significativo tomá-los como objeto de análise na leitura dos astros. No *Libro de las Cruces*, nesse sentido, o trigésimo capítulo é dedicado justamente a mostrar a correspondência entre os “significados dos signos orientais e os acidentes acontecidos nos reinados orientais” e da mesma forma para os signos e as partes ocidentais,⁴³⁰ ou seja, esta seria uma segunda parte do trabalho de estudo dos astros: o primeiro identificaria a situação determinada por alguma conjunção; e, então, poder-se-ia calcular, em um segundo momento, em qual parte esta situação ocorreria. Foram também estudados quais seriam os signos correspondentes a grandes territórios, pois, no *Picatrix*, vem registrado que os astrólogos fizeram cálculos específicos para saber “sobre o signo da Espanha qual seria [...]”⁴³¹.

A cogitação de que cada local tinha sua própria configuração astral, contudo, a consequência deste conhecimento para o saber das estrelas parece restringir e legitimar a interferência dos astros na vida das pessoas em determinado território ou reino. Por isso, aconselha Maslama, no *Picatrix*, a buscarem-se “[...] os arquétipos e o troquel de quase todo o mundo” para captar se a marca do país em que estão os caracteres das pessoas estão em consonância com o país de que procedem.⁴³² Em última instância, portanto, a hipótese de Maslama foi de que o ambiente em que certa pessoa está influencia na sua relação com os astros e, portanto, nas previsões possíveis.

Ao pensar a harmonia residente na natureza de todo ente com o cosmos e com Deus, os escritores medievais, inclusive na Península Ibérica, dissertaram sobre as questões materiais (as móveis e as imóveis) a partir de um único princípio: foi mais relevante identificar as virtudes divinas e suas influências, bem como a maneira em que se davam as conexões entre o material o imaterial, do que pressupor algum tipo de autonomia ou especificidade para as coisas naturais. O corpo humano se enquadraria também nesta perspectiva,⁴³³ sendo ainda assim possível identificar uma outra hierarquia para as vidas

⁴²⁹ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 93.

⁴³⁰ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*, p. 120.

⁴³¹ BARROS, Rui. Introdução. In: RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 04.

⁴³² SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 71.

⁴³³ Leclercq escreve que a filosofia cristã elaborou um conceito de criação que era total e contínuo, ou seja, de que o criador “não é apenas causa de que o ser criado seja o que é, mas de que seja simplesmente, ou de que exista”, e que a criatura deve ao criador sua existência a cada instante, pois o ato de criação é contínuo. Assim, “o ser da criatura não é senão por ele, em sua origem, em suas mudanças, em todos os seus caracteres”, como também, a ação do criador é “imaneante à criatura; está nela a cada instante, em tudo que lhe acontece; nada da criatura escapa a essa ação total”. LECLERCQ, Jacques. *As Grandes Linhas da filosofia moral*. Tradução Cônego Luiz de Campos. São Paulo: Herder, 1967, p. 174 -175.

terrenas. Desse modo, apesar de a influência astral ter sido descrita de forma semelhante para os corpos humanos e para as plantas e os animais, considerando-se que os homens são de certa forma reflexo dos movimentos celestes iniciados por Deus, algumas especificidades foram demarcadas, dado que o homem era a criatura mais semelhante a Deus e, portanto, diferentemente das outras criaturas,⁴³⁴ exposta aos astros de forma particular. Convém interrogar a seguir acerca da especificidade dessa influência tal como a perceberam os peninsulares dos séculos em questão.

2.5 O corpo inspirado nas compleições astrais

E quero primeiramente expor as compleições melhores e de maior excelência, segundo a natureza delas e a constelação de seus planetas; que certo é que os corpos sobrecelestiais dão aos corpos inferiores suas influências naturalmente e interferem neles com mais ou menos intensidade.⁴³⁵

As profecias trecentistas e quatrocentistas tocaram, algumas vezes, em questões relacionadas ao corpo, como foi o caso da cirurgia para cataratas do rei João II anteriormente relatada. Contudo, o que não foi contado por Cresques Abnarrabí, na carta enviada ao rei, foi como ele elegeu a melhor data para a cirurgia. Essa escolha estava, sem dúvida, ligada justamente ao que foi apontado pelo Arcipreste de Talavera no citado trecho do *Corbacho*, ou seja, a consciência de que havia uma conexão entre a matéria e os astros e que esta conexão precisava ser desvendada para se saber o impacto da interferência astral nas vidas terrestres. Essa interferência nos corpos, pelo que anunciam as diversas fontes, dava-se sobretudo na chamada compleição, a qual os filósofos, principalmente Aristóteles, definiram também como temperamento e como sinônimo da relação entre os quatro primeiros e naturais humores, que se constituíam de quatro líquidos, relacionados aos quatro elementos da matéria: o sangue (ar), a fleuma (água), a bÍlis amarela (fogo) e a bÍlis negra (terra). A saúde, segundo essa concepção, resultava, portanto, da harmonia ou equilíbrio ideal interno desses quatro humores e de suas qualidades (quente, frio, seco e úmido).⁴³⁶ Além disso, para tratar do corpo, havia de

⁴³⁴ BOULNOIS, Olivier. Natureza. In: LACOSTE, Jean Yves. **Dicionário crítico de teologia**. Tradução Paulo Meneses [et. al.]. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2004, p. 1238.

⁴³⁵ ARCIPRESTE DE TALAVERA, Cristóbal Pérez Pastor (ed. lit.). **Corbacho o Reprobación del amor mundano**, p. 47.

⁴³⁶ SANTOS, Dulce O. Amarante dos; FAGUNDES, Maria Daliza da Conceição. Saúde e dietética na medicina preventiva medieval: o regimento de saúde de Pedro Hispano (século XIII). In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr-jun. 2010, p. 333-342. (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702010000200004&script=sci_arttext; Consultado em: 18/11/2014), p. 334.

se levar em conta também a intervenção dos doze signos do zodíaco nos elementos, pois cada grupo de três signos predominava a cada elemento e compleição: Áries, Leão, Sagitário eram atribuídos aos coléricos, correspondendo ao elemento fogo; Câncer, Escorpião, Peixes, aos fleumáticos, correspondendo ao elemento água; Gêmeos, Libra, Aquário, aos sanguíneos, correspondendo ao elemento ar; Touro, Virgem, Capricórnio eram, por sua vez, atribuídos aos melancólicos, correspondendo ao elemento terra.⁴³⁷ A compleição classificou-se, então, com o nome do humor que nela predominava e acreditou-se que os planetas tinham influência sobre os humores, posto que determinavam a força dos elementos, especialmente a Lua, por estar mais próxima da Terra.⁴³⁸

Assim como o *Corbacho*, houve vários textos que deram esta ideia da astrologia como um instrumento para cuidar do corpo,⁴³⁹ pois era corrente, nos escritos, a aproximação entre as artes: astrologia e medicina.⁴⁴⁰ Defendia-se, por exemplo, que os médicos deveriam ter conhecimentos astronômicos e os astrólogos precisavam saber dos efeitos da influência astral nos corpos. Em outras palavras, a astrologia permitiria o conhecimento das coisas formais (astros) e a medicina, das coisas materiais ou corporais, resultando a combinação de ambas na possibilidade de alongamento da vida,⁴⁴¹ pois, como o diagnóstico para aqueles homens que cuidaram dos corpos era procedimento delicado, o entendimento da conjunção dos astros e sua interferência nos corpos, gerando os sintomas no doente, era um caminho importante para levantar possíveis causas dos males. Mas para além do diagnóstico, o tratamento e a cura também não deveriam ser alheios à Astronomia, afinal, deviam visar restituir um estado inicial de equilíbrio e harmonia do corpo que igualmente precisavam ser desvelados para com o ambiente geral.⁴⁴² Era por isso, por exemplo, que Roger Bacon recomendava que, para a execução da prática médica, eram necessários “conhecimentos de astronomia, para não obrar

⁴³⁷ ARCIPRESTE DE TALAVERA, Cristóbal Pérez Pastor (ed. lit.). **Corbacho o Reprobación del amor mundano**, p. 49.

⁴³⁸ VENTURA, Augusta Faria Gestão. **Estudos Vicentinos I Astronomia-Astrologia**. Coimbra: Edições de Biblos, 1937.

⁴³⁹ O corpo era uma parte das manifestações culturais da corte no período, fazendo parte da história “como as estruturas econômicas e sociais ou as representações mentais, das quais ele é, de certa maneira, o produto e o agente”. No mesmo sentido, as circunstâncias sociais, culturais e teológicas atribuem sentidos aos corpos, principalmente decorrentes da renúncia sexual. BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990; LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma História do Corpo na Idade Média**. Tradução Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 16).

⁴⁴⁰ Na introdução da obra, os autores apontam a relevância da ciência dos astros, a qual teria contida em si todas as outras ciências. Por exemplo, Pietro d’Abano defendeu o uso de imagens astrológicas para curar, desassociando-a da concepção de arte mágica ou supersticiosa. BOUDET, Jean-Patrice; COLLARD, Frank; WEILL-PAROT Nicolas. **Médecine, astrologie et magie entre Moyen Âge et Renaissance: autor de Pietro d’Abano**. Firenze: Sismel, edizioni del Galluzzo, 2013, p. X.

⁴⁴¹ BOUDET, Jean-Patrice; COLLARD, Frank; WEILL-PAROT Nicolas. **Médecine, astrologie et magie entre Moyen Âge et Renaissance: autor de Pietro d’Abano**, p. XII.

⁴⁴² VERDON, Jean. **Sombras y luces de la Edad Media**. Madrid: Editorial El Ateneo, s/d, p. 20.

ao acaso ou por sorte”, e igualmente era imperioso o saber sobre as “mais secretas aplicações da geometria, da harmonia e da música”,⁴⁴³ já que, no governo do corpo ou no governo da coisa pública, era necessário saber sobre as “influências astrais” que “agem neste mundo como um todo, e sobre as coisas singulares”.⁴⁴⁴

No anteriormente citado *Tratado de Astrología*, a relação entre o corpo e os astros aparece com bastante clareza: “[...] deveis saber que, segundo a astrologia, o corpo do homem recebe condição em costumes e compleições dos sete planetas e doze signos, e recebe espírito vital da via do firmamento, que é a oitava esfera”.⁴⁴⁵ No *Picatrix*, esta relação surge ainda melhor desdobrada, ao se definir o corpo em comparação com os elementos do firmamento, estabelecendo-se diversas correspondências:

Seus membros interiores são sete, como os planetas e, na cabeça, tem sete ossos, como os dias da semana; nas costas tem vinte e quatro vértebras, como as horas do dia e da noite e vinte e oito articulações, o número das mansões da Lua e das letras do alfabeto. No seu ventre, os intestinos são tantos como os dias da Lua Nova, e contém 360 veias e outras tantas artérias, o número dos dias e das noites do ano e os graus da esfera. Seus humores são o número das estações do ano⁴⁴⁶.

A descrição corporal numérica ou cômputo corpóreo é, pois, realizada tendo em vista o céu e admitindo-se uma simetria entre as porções do corpo e os elementos celestes, fazendo, desse modo, jus ao jogo de similitudes que então sustentava os saberes.⁴⁴⁷ Além dessas correspondências estelares, admitia-se igualmente a correlação entre os signos e o corpo, posto que “os doze signos estão no céu semelhantes aos membros do corpo”:⁴⁴⁸ assim, “Áries dizia respeito à cabeça, Touro ao pescoço, Peixes aos pés”.⁴⁴⁹ O *Picatrix* vai ainda mais longe que *El Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas* nessa asseveração, ao listar as relações de cada signo com as partes do corpo, a começar por Áries, cujas partes são “a cabeça, a face, a pupila do olho e as orelhas, Câncer regia “o peito, os peitos, o estômago, o baço, o pulmão, as costas e os lugares ocultos do peito”; Escorpião foi responsável pelo “pênis, os testículos, o

⁴⁴³ ROGÉRIO BACON. *Obras escolhidas* – Carta a Clemente IV; A ciência experimental; Os segredos da arte e da natureza, (≅ 1267). Introdução de Jan G. ter Reegen. Tradução de Jan G. ter Reegen, Luis A. De Boni e Orlando A. Bernardi. Porto Alegre; Bragança Paulista: EDIPUCRS; Editora Universitária São Francisco, 2006, p. 87.

⁴⁴⁴ ROGÉRIO BACON. *Obras escolhidas* – Carta a Clemente IV; A ciência experimental; Os segredos da arte e da natureza, p. 87.

⁴⁴⁵ ENRIQUE DE VILLENA. *Tratado de Astrología atribuido a Enrique de Villena*, p. 118.

⁴⁴⁶ SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 19-20.

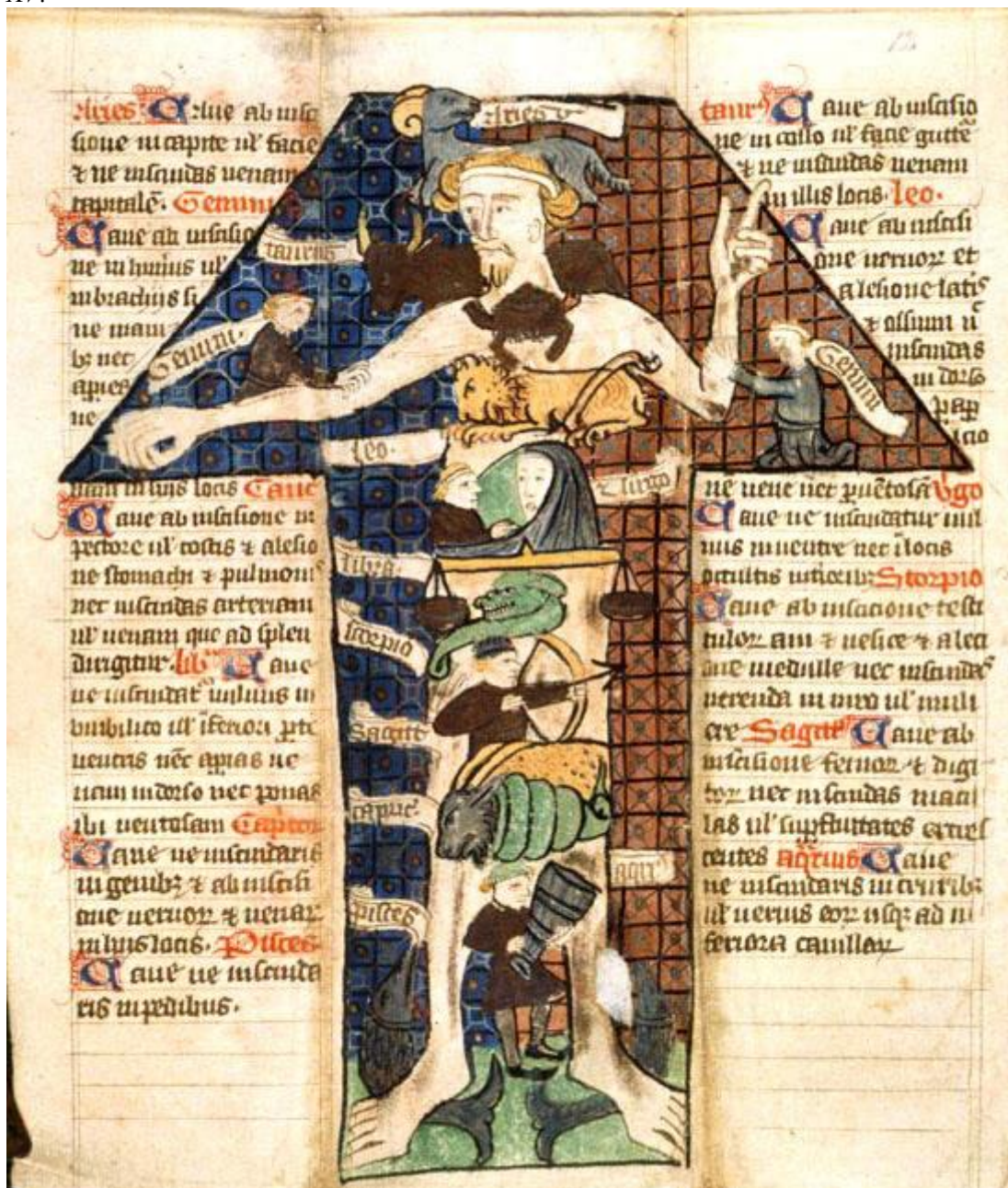
⁴⁴⁷ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 417 – 427.

⁴⁴⁸ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, p. 05.

⁴⁴⁹ Para saber as correspondências de todos os signos com as partes do corpo ver: ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, p. 31.

períneo, a bexiga, as nádegas, o escroto e a vulva das mulheres” e assim se apresentavam as correspondências para cada signo do zodíaco.”⁴⁵⁰

*Imagem 2. Homem zodiacal retratado no calendário de um físico da primeira metade do século XV.*⁴⁵¹



Admitia-se, para mais, que os astros interferiam nas ações relacionadas ao corpo, tendo em conta que a leitura do microcosmos se dava por correspondência ao macrocosmos. Nessa relação, todos os domínios da natureza se aplicavam em um jogo das semelhanças

⁴⁵⁰ SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 66-67.

⁴⁵¹ **Zodiac Man from a physicians folding calander.** British Library, Sloane 2250, sec. 12. England, first half of 15th century Disponível em: <http://nsaxonanderson.com/category/medieval-studies/>; Consultado em 17/05/2015.

duplicadas, garantia de que cada coisa encontraria, em uma escala maior, seu espelho no macrocosmos. Dessa forma, acreditou-se na existência de um grande mundo, que englobava todas as coisas criadas e contava, em posição privilegiada, com uma criatura que reproduzia, dentro de suas dimensões restritas – um microcosmos –, a ordem imensa do céu, dos astros, das montanhas, dos rios e das chuvas. Portanto, a distância entre microcosmos e macrocosmos, apesar de ser imensa, não seria infinita, pois tudo que havia no mundo podia ser contado e ter o seu duplo em um domínio perfeitamente fechado. E a natureza, em um jogo de signos e semelhanças, encerrava em si mesma a figura duplicada do cosmos.⁴⁵²

Antes dos séculos XIII, XIV e XV, recorria-se já a essa similitude, mas o jogo das semelhanças aparece de forma intensa nos escritos desse período que associam a medicina e a astrologia, e leem o corpo humano por suas prováveis correlações com os astros.⁴⁵³ A partir dessa premissa das parencas entre todas as peças do mundo, lidas de forma sintética pelos nexos corporais, desenvolve-se todo um discurso acerca de curas, remédios e cuidados, e ainda sobre poções, venenos e simpatias que, dentro dessa lógica maior, podiam ou não favorecer os homens. Tal era a força dessa convicção das similitudes que o próprio céu era interpretado como um ser vivo, um macrocosmos que continha tudo, inclusive as chaves para prever a “realidade e seu comportamento”.⁴⁵⁴ Nesse sentido, as fontes medievais destacam as correspondências tanto através de descrições do “homem astrológico”,⁴⁵⁵ cujos membros correspondem a diversas partes da abóbada celeste, quanto descrevendo os quatro elementos que formaram o mundo sublunar e os humores, ou seja, as qualidades e temperamentos associados a eles.⁴⁵⁶ Sobre esta última associação, diz Raimundo Lúlio que houve até mesmo inferências nos apetites humanos, o que decidiria inclusive as gestações:

O apetite do céu move, com efeito, a vontade segundo a natureza e as necessidades do corpo. Por exemplo, leva o homem a procriar, para multiplicar a espécie humana. Quando o corpo tem muito fogo e pouca água, dá-lhe vontade de beber e de comer. E assim igualmente acontece com as bestas e as plantas⁴⁵⁷.

No *Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, vários capítulos tratam do tema das correlações, alguns anunciando a relação já no título: “saber qual membro do corpo do

⁴⁵² FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**, p. 39.

⁴⁵³ ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**, p. 74-75.

⁴⁵⁴ ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**, p. 14.

⁴⁵⁵ ALBARES, Roberto A.; CASTILLO, Pablo G.; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**, p. 66-75.

⁴⁵⁶ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. **Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española**, p. 129.

⁴⁵⁷ RAIMUNDO LÚLIO. **Astrologia medieval** (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 69.

homem corresponde a cada planeta”.⁴⁵⁸ O capítulo 13, especificamente, propõe saber melhor sobre “o melhoramento do corpo e sua danoção”.⁴⁵⁹ Outros trechos especificam melhor a correspondência do zodíaco com as partes do corpo, como aquele em que é afirmado que “os doze signos são, no céu, semelhantes aos membros do corpo, e de suas naturezas se governam os quatro elementos, os que são raízes dos corpos e estão retidos neles.”⁴⁶⁰ Essas correlações entre os signos e as partes do corpo aparecem com frequência em muitas passagens dos textos astrológicos, pois a referida crença de que o corpo era um microcosmos⁴⁶¹ favorecia a reafirmação de tais paralelismos e, comumente, se apelava para a máxima de que nada havia no mundo superior que não encontrasse “seu semelhante e seu análogo no ser humano, pois o homem, como espécie, é cópia do mundo superior.”⁴⁶²

Nenhum texto, entretanto, exemplificava melhor tais reciprocidades do que o *Lapidário*, que, tendente à magia, tratou das propriedades das pedras e suas relações com as configurações astrológicas, sendo considerado também um tratado de temática médica.⁴⁶³ O *Lapidário*, especificamente, apresenta 360 pedras, cujas propriedades estão relacionadas aos 360 graus do Zodíaco, repartindo trinta pedras para cada um dos 12 signos. Cada uma recebe suas propriedades físicas e suas virtudes operativas das estrelas que formam as constelações. A maior parte das descrições das pedras traz a indicação de uso para o tratamento de doenças, mas também sobre seu emprego nas mais diversas circunstâncias da vida cotidiana:

Do décimo primeiro grau do signo de Touro é a pedra a que chamam Coral [...]. Sua propriedade é a de constringer moderadamente, e se a destemperarem moída com vinho, ou com alguma coisa, e a derem de beber aos que cospem sangue, serve-lhes muito. E também ajuda aqueles que não podem urinar. E quem a bebe com algum líquido desfaz o apostema que se faz no baço. A estrela que está entre a que se encontra no nariz de Touro, e a outra, que se encontra no olho meridional dessa mesma figura, tem poder sobre esta pedra, que dela recebe sua virtude [...]⁴⁶⁴.

⁴⁵⁸ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, p. 24.

⁴⁵⁹ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, p. 31.

⁴⁶⁰ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*, p. 05.

⁴⁶¹ Silvi sinaliza para a permanência de sentido da palavra microcosmo, pois, segundo a autora, ninguém pode negar que ela vem de micro e de cosmos e significa "mundo pequeno", tendo sido usada para definir o homem no *Timeo* por analogia tradicional entre o microcosmo e o macrocosmo: o termo, por analogia, desenvolvido em longo prazo, não poderia ser mais convencional, pois já em Isidoro consta este sentido de que o homem é um mundo pequeno, ver: SILVI, Christine. *Science Médiévale et vérité*. Paris: Ed. Honoré Champion, 2003.

⁴⁶² SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 366.

⁴⁶³ Não só este gênero, mas um leque de temas que fogem da temática religiosa: além dos textos jurídicos e médicos, os escritos de história, os tratados de ética política, o cuidado dos cavalos e até mesmo ritos da cultura histórica e filosófica latina, bem como a matéria arturiana seduziram os letrados do período. PITA, Isabel Beceiro. *Libros, lectores y bibliotecas en la España medieval*. (Medievalia), n.2, Murcia: Nausicaã, 2007, p. 525.

⁴⁶⁴ ALFONSO X. *Lapidario and Libro de las Formas & Imágenes*, p. 21-22.

Como se vê, admitia-se que o poder dos astros interferiria para curar, daí a necessidade de os físicos conhecerem a ciência das estrelas, pois se acreditava na sua potencialidade na concepção/preparação dos remédios,⁴⁶⁵ os quais, por sua vez, eram resultado de uma complexa relação entre a identificação da pedra e a correspondência com um grau específico de algum signo, complementado pelo seu uso em determinada matéria, neste caso, o vinho. Necessitava-se saber ainda qual estrela teria poder sobre a pedra e se este poder seria positivo ou negativo, a saber, se serviria para curar ou envenenar.

A propósito desse potencial negativo da influência astral nos corpos, muito se escreveu, por isso, no *Libro de las Cruces*, várias predições estão relacionadas à possibilidade de mortes por danos nos corpos. Entre os diversos motivos contemplados, um dos focos é a vida dos fetos e das grávidas. Cogitava-se que, se a conjunção de Saturno e Júpiter estivesse na quinta casa, aconteceria “destruição e arruinamento das criaturas nos ventres das mães, e morrer[iam] as grávidas”. Por vezes também destacavam-se as epidemias, se os mesmos planetas estivessem em conjunção na casa 8 significava que as pessoas conheceriam “enfermidades, e epidemias, e maneiras de febres longas, e enfermidades de baço e o que lhe assemelha”. E mais ainda se detalhava que: “a conjunção de Saturno e Marte na oitava casa significa o efeito de enfermidades sanguíneas⁴⁶⁶ e de apostemas nas cabeças, e febres contínuas e agudas”.⁴⁶⁷ De tudo o que resultariam, sem dúvida, mortandades.

Nos escritos da corte portuguesa, esta tópica sobre o corpo também é recorrente⁴⁶⁸. O cuidado com esse, pela prevenção astral, aparece relacionado, sobretudo, às previsões de morte, destacando-se entre elas a morte por peste, morte atribuída à “configuração constelar”; como foi o caso da grande pestilência, que por muito tempo antes foi prenunciada pelos astrólogos.⁴⁶⁹ Da mesma maneira, a conjunção de Saturno e Marte na oitava casa traria como efeito enfermidades “de sangue e de apostemas nas cabeças, e febres contínuas e agudas”, semeando desse modo, mortandades.⁴⁷⁰

⁴⁶⁵ Roger Bacon, após discorrer sobre os mais variados elementos que se combinariam em um remédio para a longa vida, lista suas fontes: “Quais são os remédios e o que entra na sua composição pode ser encontrado sobretudo no livro *Dos Segredos*, de Aristóteles, na filosofia de Artéfilo, no livro *Sobre os achaques da velhice*, no *Tratado sobre os idosos* e o *Regime dos velhos*, nos livros de Plínio e em outros lugares, de várias formas”. ROGÉRIO BACON. **Obras escolhidas** – Carta a Clemente IV; A ciência experimental; Os segredos da arte e da natureza, p. 147.

⁴⁶⁶ No original consta: « de manera de sangre ».

⁴⁶⁷ ALFONSO EL SABIO. **Libro de las Cruces**, p. 18 – 19.

⁴⁶⁸ SOUZA E SILVA, Michelle Tatiane. **O regimento do corpo em Portugal no século XV**. 2014. 185 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2014.

⁴⁶⁹ DOM DUARTE. **Leal Conselheiro**, p. 309.

⁴⁷⁰ DOM DUARTE. **Leal Conselheiro**, p. 19.

O sentido negativo e positivo da influência astral surge igualmente associado aos sexos. A rigor, afirma-se que “os planetas, quando andam direito, são masculinos e, quando são retrógrafos, femininos, e o mesmo se passa com os signos”.⁴⁷¹ A esse respeito, Enrique de Vilhena, no seu *Tratado de Astrología*, explica que seis signos são masculinos e seis femininos, sendo os últimos signos da noite, enquanto os primeiros, do dia.⁴⁷² A atribuição do sentido negativo para as mulheres fazia, pois, ecoar todo um conjunto de escritos que, ao longo de séculos, reafirmava os parâmetros de sua inferioridade,⁴⁷³ pois considerava-se que correspondiam aos planetas retrógrafos aqueles justamente que estavam em posições infelizes e, por isso, influíam negativamente; do mesmo modo que a noite⁴⁷⁴ estava associada ao demônio e à insegurança.

Ao lançarmos, pois, luz sobre as várias maneiras de considerar as influências astrais nos corpos e evidenciar os cuidados, as curas e as possíveis prevenções decorrentes desta relação, é possível afirmar que se partilhava a ideia de que a astrologia garantia a própria continuidade da vida terrena tanto quanto poderia interrompê-la. Em outras palavras, pelo estudo dos astros e das compleições, julgava-se ser possível analisar a reprodução humana, o processo das gestações e os perigos de morte, traduzidos em doenças como a peste ou em envenenamentos. Porém, além de ser contemplada como uma forma de garantir a vida, ainda que pudesse ensinar também a acabar com ela, o saber das estrelas serviu da mesma forma para reafirmar as posições sociais determinadas no período, como ilustram os sentidos negativos atribuídos aos corpos das mulheres.

Os influxos astrológicos, pois, não eram considerados de somenos importância, tanto que até mesmo jogos prestigiados, como a caça ou o xadrez, eram pensados através das influências astrais e, no caso deste último, estes influxos podiam inclusive definir lugares sociais no tabuleiro. Que relação pôde ser estabelecida entre o conhecimento celeste e o ato de jogar é o que cabe examinar a seguir.

⁴⁷¹ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido en los iudizios de las Estrellas*, p. 23.

⁴⁷² ENRIQUE DE VILLENA. *Tratado de Astrología atribuido a Enrique de Villena*, p. 213.

⁴⁷³ DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In : DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 2. Tradução Maria Helena da Cruz Coelho et. al. Porto: Edições Afrontamento, 1993, p. 29-63.

⁴⁷⁴ Sobre a o sentido negativo atribuído à noite na Idade Média, Delumeau aponta no livro sagrado alguns indícios: "A Bíblia já expressara essa desconfiança em relação às trevas e definira simbolicamente o porvir de cada um de nós em termos de luz e de escuridão, isto é, da vida e da morte. [...]. O próprio Cristo precisa atravessar a noite de sua paixão. Chegada a hora, entrega-se às ciladas da escuridão (João 11: 10), na qual se entranha Judas (13, 30) e se dispersam os discípulos". DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente 1300-1800**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 95-100.

2.6 O Lazer e as esferas do céu

Além de incidir sobre o governo, as relações familiares, a natureza, o corpo e sobre instâncias do cotidiano, a ciência das estrelas ainda podia pesar sobre os jogos ou, mais amplamente, sobre os lazeres. Essas referências aparecem nos documentos relacionadas a diversos jogos ou desportos, como a caça, por exemplo, que no *Livro de Montaria*, de D. João I, é citada como um jogo tão bom, que na memória dos homens não havia “recordação de nenhum rei que bem soubesse ser monteiro, e usasse de correr monte que fosse mal.”⁴⁷⁵ Este exercício virtuoso teve na observação do céu uma aliada para executar melhor o objetivo de capturar a caça, por isso, no capítulo XVIII, ao ensinar as maneiras possíveis para se encontrar os rastros de um porco, são retomados os ensinamentos do astrólogo João Gil. Este apontou a relação entre os planetas e os signos que, divididos em grupos, segundo os quatro elementos, podendo ser: quentes, frios, secos e úmidos. Cada planeta também era detentor de uma dessas quatro qualidades, por isso a sua conjunção com um signo determinaria o clima e, em consequência, a maneira como estaria o rastro da caça. Ou seja, segundo a conjunção dos planetas se poderia saber se haveria “frescuras ou securas nos rastros.”⁴⁷⁶

Mas é sobretudo ao jogo de xadrez, um hábito considerado nobre, e por isso incentivado nas cortes, que a astrologia é mais relacionada. Na corte de D. Afonso X, foi compilado um livro sobre o assunto, o conhecido *Libro del Ajedrez, dados y tablas*, em 1283. Neste afirma-se que este jogo era “muito nobre, e muito raro, e muito agraciado e de grande entendimento, para os entendidos e, maiormente, para aqueles que sabem a Arte de Astronomia.”⁴⁷⁷ Na obra, o conhecimento de astronomia é destacado como uma etapa fundamental na relação maior entre Deus e os homens, e ao jogo, é atribuída a capacidade de traduzir a vontade divina. Adverte-se, assim, que o xadrez é um jogo que tem como base as relações de oposição e atração que mantêm os planetas entre si – a movimentação e o influxo dos astros –, o que corresponderia às leis universais queridas por Deus. No livro do rei castelhano, portanto, traduz-se um pouco das expectativas sobre a astronomia e a forma como esta era entendida como um instrumento divino.

⁴⁷⁵ DOM JOÃO I. *Livro da Montaria* (1415-1433), p. 23.

⁴⁷⁶ DOM JOÃO I. *Livro da Montaria* (1415-1433), p. 77.

⁴⁷⁷ ALFONSO X. *Libro de ajedrez, dados y tablas*. Biblioteca de el Escorial, ms. T.I.6., fol. 95r°. In: GOLLADAY, Sonja Musser. **Los Libros de Acedrex Dados E Tablas: Historical, Artistic and Metaphysical Dimensions of Alfonso X'S Book of Games**. A Dissertation Submitted to the Faculty of the Departament of Spanish and Portuguese in partial fulfillment of the Requirements for the degree of Doctor of philosophy with a major in Spanish, University of Arizona, 2007.

Outra peculiaridade do tabuleiro de xadrez daquele tempo foi a capacidade de reproduzir, de certa maneira, a própria vida da corte, pois, além da disposição das esferas dos influxos astrológicos, os personagens (miniaturas) do tabuleiro estavam vestidos de acordo com as determinações de posição social. Figuras como o rei, o bispo e os titulares da lei desfilavam,⁴⁷⁸ atestando as similitudes com as relações humanas. A associação entre as determinações celestes e as demarcações sociais foi, a propósito, um dos temas principais da astrologia, reafirmada por Raimundo Lúlio quando orienta que este saber determinava os lugares que cada um deveria ocupar na sociedade de acordo com sua carta natal. O catalão aponta, por exemplo, que os nascidos sob o signo de marte são tendentes “a serem ferreiros, pois o ferro é quente e seco como o fogo. Gostam de dar golpes de martelo, de espadas, de multidões, de lançar flechas”, sendo também “marceneiros, alfaiates, soldados”.⁴⁷⁹ O filósofo descreve várias associações entre nativos de determinado planeta e suas aptidões, concluindo os ofícios mais adequados para cada pessoa.⁴⁸⁰

Lúlio também indica que os astros podiam facilitar a antecipação das melhores jogadas, como ocorre “com o jogador de xadrez, a quem a constelação favorecedora faz ver o jogo e o lugar pelos quais será favorecido”.⁴⁸¹ Mas não só a antecipação dos jogos era fornecida para o jogador. Este poderia compreender todo o sistema dos céus e das influências astrais a partir da organização de um tabuleiro, como é explicitado no citado *Libro del Ajedrez, dados y tablas*:

[...] este jogo novo é feito segundo os sete céus em que estão os sete planetas, e o oitavo em que estão os doze signos e as outras estrelas fixas, e mostrando de cada um como andam seus movimentos e como se relacionam, provando os raios uns dos outros, uns de amor, outros de mal querência, e isto, segundo os sábios, partiram o céu em doze quartos; e demonstram por cada um deles, segundo o movimento dos planetas, qual é a observação de amor ou de desamor.⁴⁸²

Neste jogo dos Escaques (xadrez), organizado a partir do conhecimento astronômico, como podemos perceber, a influência astral dá-se na própria forma do tabuleiro, que é um

⁴⁷⁸ RODRÍGUEZ, Ana Domínguez. *Astrología y Arte en el Lapidario de Alfonso X el Sabio*, p. 186.

⁴⁷⁹ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 39.

⁴⁸⁰ HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*, São Paulo: CosacNaify, 2010, p. 85.

⁴⁸¹ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 172.

⁴⁸² SOLALINDE, Antonio G. Alfonso X, Astrólogo. In: *Revista de Filología Española*. 13, n.2, (1926), (p. 350-356), p. 355.

polígono de sete lados – um para cada jogador – tal como eram sete os planetas.⁴⁸³ Dentro do polígono é inserida uma série de círculos decrescentes, que estão envoltos pela oitava esfera das estrelas fixas (ou constelações), sendo esta esfera o círculo exterior e mostrando a banda zodiacal com os doze signos do Zodíaco. Dentro deste círculo adentram as sete esferas que se vão sucedendo e que representam os planetas (inclusive o Sol e a Lua). Segundo a concepção do universo então reinante, como foi dito, a Terra ocupava o centro do mesmo e, em torno dela, sucediam sete esferas ocupadas pelos planetas, em perpétuo movimento. E as constelações da oitava esfera estavam divididas entre estrelas septentrionais, zodiacais e meridionais.⁴⁸⁴

No século XV, um outro jogo erudito é igualmente interpretado por suas ligações com a ciência das estrelas, tal como o xadrez, todavia, este surge em ambiente universitário: o *Ludus Astronomorum*, que pode ter se originado justamente do jogo homônimo descrito no *Libro de Ajedrez dados y tablas*. Nele, há peças representando os astros conhecidos e um tabuleiro emulando o zodíaco, para que se propagasse o ensinamento da astronomia básica e os princípios astrológicos de Ptolomeu.⁴⁸⁵ Desse modo, as peças eram deslocadas de modo a imitarem os movimentos celestes descritos na *Astronomia* de Ptolomeu. O sol só podia avançar em uma única direção na placa, uma vez que não tinha epiciclos, movendo-se somente um grau por vez. A lua, que se movia ora mais rapidamente ora mais lentamente dependendo do período do mês, podia movimentar-se de 12 a 15 graus por vez, em um movimento regular ascendente ou descendente; às outras peças eram atribuídas regras semelhantes, inspiradas no movimento do astro que representavam. O jogo começava com as peças colocadas em suas casas (as casas que elas governavam, geralmente a solar) e os jogadores podiam mover uma peça por vez. Os dois lados competiam um contra o outro, tentando enfraquecer e capturar as peças do oponente. Eles combatiam para colocar uma de suas próprias peças no aspecto astrológico relativo à peça do adversário. Era possível medir quem tinha mais força pelo número de dignidades atribuídas a cada um dos corpos celestes que lutavam em virtude da sua posição nos céus, baseados em categorias astrológicas como a casa (no valor de cinco dignidades), a exaltação, a triplicidade, o termo e a face. Podia-se

⁴⁸³ Os sete planetas conhecidos na Idade Média são (em ordem de maior a menor proximidade da Terra): a Lua, o Sol, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. No Tetrabiblos de Ptolomeu, cada idade da vida do homem aparece em conformidade com a natureza dos planetas. BAGLIANI, Agostino P. Idades da Vida. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**, p. 247-248.

⁴⁸⁴ RODRÍGUEZ, Ana Domínguez. Retratos de Alfonso X en el Libro de los Juegos de Ajedrez, Dados y Tablas. In: **Alcanate, VII SEMANA DE ESTUDIOS Alfonsíes**. n. 7, 2010-2011, p. 158-159.

⁴⁸⁵ SILVA, Jorge Nuno. Jogos de Outros Tempos, p. 187. In: CANAS, António Costa; FERRÃO, Maria Eugénia. **A matemática no tempo do mestre José Vizinho**. Sociedade Portuguesa de Matemática, Lisboa: Gradiva, 2009, p. 187.

vencer despojando o perdedor do número de dignidades, ou mesmo pelas capturas de peças. Para tornar o jogo ainda mais complexo, os jogadores podiam incluir a influência de raios celestes nos planetas próximos, potencializando a força dos planetas.⁴⁸⁶

A prática desse jogo significava, sobretudo, oportunidade para reuniões de pessoas em busca de práticas virtuosas, e seu peso social estava em propiciar alguma chance para compartilharem certos conhecimentos, como os astronômicos. O bom desempenho no tabuleiro poderia atestar o valor de um astrólogo para fazer previsões políticas ou cuidar da saúde dos corpos em uma corte. Isso explica a presença, no *Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas*, de instruções sobre como deveria ser uma dessas reuniões, porque, ao prescrever o que fazer “quando se recebe um convite para comer”, poderiam ser adiantados vários fatores que parecem nos indicar o que era relevante nessas ocasiões. Assim, foi possível estabelecer: se haveria muitos alimentos ou poucos e se seriam bons ou ruins, limpos ou não e, finalmente, se haveria jogos para distração.⁴⁸⁷ Os jogos de tabuleiro foram, portanto, mais uma maneira de recordar a relação entre a harmonia do cosmos e a harmonia residente na natureza de todo ente, propagando a ordem do universo que partia de Deus e definia inclusive o ofício de cada homem.⁴⁸⁸

Por fim, a averiguação das tópicas mais recorrentes nos textos que trataram sobre o saber dos astros na Península Ibérica apontam preocupações em realizar previsões tanto no que dizia respeito ao governo – evitando a morte de herdeiros, traições etc. – quanto no que dizia respeito a tragédias naturais (doenças, tempestades, secas). Essas previsões contemplaram ainda curiosidades mais comezinhas sobre a vida cotidiana, como saber “se a mulher está prenhe ou não⁴⁸⁹” ou se há amizade e amor entre pai e filho;⁴⁹⁰ ou, do mesmo modo, sobre “de que natureza é a coisa enterrada”.⁴⁹¹ Podia-se, ainda, “saber se as cartas vêm⁴⁹²” e “em que tempo se devem comprar as propriedades.”⁴⁹³ Embora este saber por vezes contrariasse alguns postulados cristãos, os nobres cuidaram na maior parte das vezes para não pecar, como adverte o *Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas*: “E pensa e observa e estuda o que te dissemos, e acertarás e decidirás, com a graça de Deus.”⁴⁹⁴

⁴⁸⁶ MOYER, Ann Elizabeth. **The Philosophers' Game: Rithmomachia in Medieval and Renaissance Europe**. Michigan: The University of Michigan Press, 2011, p. 59-58.

⁴⁸⁷ ALY ABEN RAGEL. **El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas**, p. 50.

⁴⁸⁸ PASTOUREAU, Michel. **Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental**. Dirigée par Maurice Ötender. Collection la Librairie du XXI Siècle, Éditions du Seuil: 2004, p. 317.

⁴⁸⁹ ALFONSO EL SABIO. **Libro de las Cruces**, p. 43.

⁴⁹⁰ ALFONSO EL SABIO. **Libro de las Cruces**, p. 48.

⁴⁹¹ ALFONSO EL SABIO. **Libro de las Cruces**, p. 40.

⁴⁹² ALFONSO EL SABIO. **Libro de las Cruces**, p. 55.

⁴⁹³ ALFONSO EL SABIO. **Libro de las Cruces**, p. 38.

⁴⁹⁴ ZURARA. **Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista da Guiné**, p. 42.

A bem da verdade, a ciência da astrologia estimulada nas cortes ibéricas demandou uma série de estudos, visando a possibilidade de controlar certas ações futuras inesperadas, pois, segundo o *Libro de Astronomia*, “isto é algo que deseja muito a alma do homem, o saber as coisas que devem ser antes que sucedam. E por isso souberam logo os antigos e mostraram e disseram a outros. E todavia se ocuparam de que soubessem aqueles que viriam”.⁴⁹⁵ O respeito por um saber que foi atribuído à uma tradição demandava que este fosse recordado e aperfeiçoado na busca justamente de manutenção dessa perpetuação. Para tal fim, os esforços concentrados dos monarcas e seus sábios eleitos, do meio universitário e também no seio da Igreja, foram moldando a maneira de registrar as bases fundamentais desse saber, numa dupla finalidade de ensinar a ciência das estrelas e também advertir contra e condenar certas práticas que afrontaram a fé cristã. A imposição de tal finalidade explica a recorrência de tópicos nesses textos, como desdobramos aqui.

Tais tópicos contemplando aspectos políticos, sociais e naturais visavam as maneiras de lidar com ou amenizar o determinismo das configurações astrológicas das cartas natais, pois, ao se admitir que as estrelas traçavam o porvir desde o nascimento, condenando as pessoas ao destino registrado em suas cartas natais, as eleições ou interrogações foram alternativas dentro do próprio sistema de previsões astrológicas. Eram uma possibilidade de antecipar certas coisas que suspenderiam a primeira determinação astral, de modo que o processo se inverteria, pois o mais fundamental era a capacidade de quem estuda o céu⁴⁹⁶ de entender as mudanças que as boas configurações trariam para a vida de quem questiona o porvir. Dessa forma, ao aproveitar essas boas chances, aquele que fosse orientado pelo astrólogo poderia superar a primeira determinação astral.

Por fim, o desejo de prever, que vinha de antes do período em questão e prosseguiu para muito além dele, estava ligado às incertezas da própria existência, mas certamente os parâmetros pelos quais os homens tentaram suavizar esta incerteza, a arte de prever, são únicos em cada tempo. Para os antigos, por exemplo, a ideia estoica de conhecer a astrologia seria um dos modos de desvendar as leis do mundo e, portanto, o saber dos céus mostrava-se um caminho para a libertação do medo e para a conformidade com o destino.⁴⁹⁷ Para os homens dos séculos XIII, XIV e XV, a questão se colocava de outra forma, ou seja, devia-se aceitar os planos de Deus sem questionamentos, mas estava garantido o livre-arbítrio, tendo

⁴⁹⁵ ALFONSO X: *Libros del Saber de Astronomía* del Rey D. Alfonso de Castilla, p. 208.

⁴⁹⁶ GARIN, Eugenio. *El Zodíaco de la Vida. La Polémica Astrológica del Trescientos al quinientos*, p. 63-64.

⁴⁹⁷ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*. Madrid: Ed. Del Laberinto S. L., 2006, p. 30.

em conta que a responsabilidade em escolher as virtudes em detrimento dos vícios era única e exclusivamente de cada fiel.

Nessa conjuntura, o saber astrológico e sua inerente capacidade de anunciar as sortes conquistou a atenção de letrados religiosos ou ligados à Igreja, a julgar pela maneira como estes trabalharam para estabelecerem a licitude ou ilicitude da astrologia em seus escritos. Os relatos deste trabalho e seus desdobramentos em solo ibérico são justamente o que será tratado a seguir. Para tal fim, desdobraremos os textos dos religiosos ibéricos nas suas articulações com os escritos dos grandes doutores da Igreja, fontes que conjuntamente procuraram regular e apontar o quê e o porquê de determinadas práticas astrológicas serem lícitas ou ilícitas, bem como, por vezes, procuraram registrar o seu desprezo pela ciência das estrelas. O foco, neste último capítulo, será propriamente sobre a astrologia como forma de adiamento do porvir por meio da visão dos escritores da Igreja, os quais, por pensarem a astrologia como provedora de previsões (mesmo que falsas), argumentaram sobre as implicações da aceitação do determinismo astral para o livre-arbítrio: questão fundamental para uma teologia moral que buscou orientar seus fieis a manter a responsabilidade sobre as escolhas entre pecados e virtudes.

CAPÍTULO 3

A determinação dos astros sobre o que há de vir

3.1 A palavra da Igreja: a presciência e o livre-arbítrio

Na *Crónica de Juan II de Castela* (1405 – 1454), conta-se que, em 1434, o rei D. João II ordenou que o frei Lope de Barrientos, preceptor de seu filho D. Henrique IV (1425 – 1474), averiguasse a biblioteca de Enrique de Vilhena,⁴⁹⁸ que acabara de morrer, com a finalidade de conferir se nela “havia alguns [livros] de más artes.” O frei não só obedeceu como “fez com que fossem queimados” alguns desses livros e os outros fossem mantidos “em seu poder.”⁴⁹⁹ Essa passagem que diz respeito à auditoria das obras de Enrique de Vilhena é bastante conhecida, e foi retomada em diversos estudos, principalmente dada a hipótese de que Barrientos não só queimou algumas obras,⁵⁰⁰ mas guardou outras que lhe serviram como fonte de informação⁵⁰¹ para quando o mesmo rei mandou que ele compusesse um tratado sobre o que devia ser conceituado como magia.⁵⁰² A compilação foi intitulada *Tractado de la Divinanza* e foi escrita entre 1445 e 1454, momento em que o escritor já era bispo de Cuenca. A proposta da obra vem, logo de saída, sintetizada por Barrientos: “a tua alteza agrada que se

⁴⁹⁸ “A fama de Villena, que havia sido grande como poeta, erudito e mentor durante sua vida, apesar de certas inimizades e querelas políticas, decaiu a partir de sua morte, entre outras coisas, porque sua obra havia sido destruída e seu nome maldito; teve que esperar até o século XVIII para que se recuperasse seu nome. Porém não toda sua obra”. HENRARD, Nadine; MORENO, Paola; THIRY-STASSIN, Martine. *Convergences medievales: epopée, lyrique, roman*. In: **Melanges offerts à Madeleine Tyssens**. Bruxelles: Éditions De Boeck Université, 2001, p. 44.

⁴⁹⁹ **Crónica de Juan II**. [B.A.E., 68, II], año 1434, cap. VIII. Madrid: Atlas, 1953, p. 519.

⁵⁰⁰ Sobre quem foi responsável pela queima dos livros (o rei Juan II ou o próprio Lope de Barrientos), diversas considerações são feitas na introdução de: MONGE CARRETERO, M. I. G. **Estudio y edición crítica del “Tratado del dormir” de Lope de Barrientos**. II Edición. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, Dpto. Filología Española II., p. 47-55.

⁵⁰¹ Paloma Cuenca Muñoz, na introdução do **Tractado de la Divinanza** (Madrid: Universidad Complutense, 1992), trata da sobrevalorização do juízo negativo na análise da conduta de Barrientos. Segundo a autora, vários autores estabeleceram uma oposição absoluta entre as figuras de Barrientos e Villena considerados como representantes do escolasticismo e do pré-humanismo respectivamente. Um desses autores, Luis Bonilla, no estudo **Historia de la hechicería y de las brujas** (Madrid: Biblioteca Nueva, 1962, p. 159-163), afirma que Barrientos utilizou os textos de Villena para compor o tratado. A mesma afirmação é feita em SANDOVAL, Felipe Xinénez de. **Don Enrique de Villena**. Madrid: Organización Sala Editorial, 1973, p. 120; GALLINA, Anna María. Bari. **Tratado de Aojamiento**. Adriatica Editrice, 1978, p. 20; ALCALÁ. Antonio Torres. **Don Enrique de Villena. Un mago al dintel del Renacimiento**. N. 21. Madrid: Studia Humanitatis, 1983, p. 52.

⁵⁰² Segundo Kieckhefer, em termos gerais, “os homens de saber da Europa medieval reconheceram dois tipos de magia: a magia natural e a magia diabólica. A magia natural não se distinguia da ciência, senão que era propriamente um ramo dela. Na verdade, era a ciência que se ocupava das virtudes ocultas da natureza. A magia diabólica não se distinguia da religião, senão que era uma derivação perversa dela. Era a religião que se distanciava de Deus e pedia aos demônios ajuda para a resolução de assuntos humanos, contudo nem todos estiveram de acordo com a existência da magia natural.” KIECKHEFER, Richard. **La Magia em la Edad Media**. Tradução Montserrat Cabré. Barcelona: Editorial Crítica, 1992, p. 17- 18.

compile um tratado de todas as espécies do adivinhar, onde entrem todas as artes mágicas ou supersticiosas, [e] o farei segundo tua senhoria ordenou”.⁵⁰³

A obra vinha dividida em três tratados que visavam contemplar sobretudo as formas de adivinhação, dado que, por estas e pela profecia, adverte ele, “fingem e presumem os homens querer saber as coisas advenientes”.⁵⁰⁴ Para cumprir tal desafio, o *Tratado de Caso y Fortuna* estava na abertura, a seguir vinha o *Tratado del dormir y despertar e del soñar, e de las adivinanzas e agüeros e profecía* e a etapa final para o entendimento dessa pretensão de ver adiante constituía-se do homônimo *Tratado de la divinança*.⁵⁰⁵ Pela declaração do frei é possível concluir que a vontade de saber o que havia de vir era o elo entre os escritos, e não podia ser tomada como problema de somenos importância, pois era o que impulsionava as artes divinatórias e supersticiosas.⁵⁰⁶

A adivinhação astral foi, nesse sentido, um tópico que se fez presente de forma destacada nos três tratados do dominicano (inclusive naqueles que não se consagravam especificamente ao problema da adivinhação, os dois primeiros da série). A abordagem da matéria que apresentou o bispo castelhano parece refletir o temor que gerava entre os homens de Igreja⁵⁰⁷ a difundida crença no poder dos astros, fomento para a propagação das previsões astrais nos distintos estratos da sociedade e favorecimento da presença efetiva de astrólogos nas proximidades do poder, sobretudo como conselheiros ou físicos. Por isso, ao tratar do estudo do céu, Barrientos deixa evidente sua preocupação em evitar que o entendimento dos reis fosse perturbado por aqueles que pretendiam, por meio das estrelas, usurpar o conhecimento do porvir.⁵⁰⁸ Especialmente o preocupava a astrologia genética, aquela que determinava o futuro a partir da data do nascimento,⁵⁰⁹ tanto que, no *Tratado de la divinança*,

⁵⁰³ FRAY LOPE DE BARRIENTOS. *Tratado del Dormir*. In: CARRETERO, Maria Isabel García M. **Estudio e Edición Crítica Del “Tratado del Dormir” de Lope de Barrientos**, p. 73.

⁵⁰⁴ FRAY LOPE DE BARRIENTOS. *Tratado del Dormir*. In: CARRETERO, Maria Isabel García M. **Estudio e Edición Crítica Del “Tratado del Dormir” de Lope de Barrientos**, p. 01.

⁵⁰⁵ MUÑOZ, Paloma Cuenca. Introdução. LOPE DE BARRIENTOS. **Tratado de la Divinança**. Edición Crítica y estudio, Madrid: Universidad Complutense, 1992, p. 30.

⁵⁰⁶ ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**. Salamanca: Europa Artes Gráficas, 1989, p. 42-51.

⁵⁰⁷ “Um setor considerável da Igreja católica, assim como do judaísmo e do islã, suspeitaram sempre da ortodoxia dos astrólogos”. SAMSÓ, Julio. Introdução. In: ENRIQUE DE VILLENA. **Tratado de Astrología** atribuido a Enrique de Villena. Barcelona: Editorial Humanitas, 1983. p. 41.

⁵⁰⁸ CAVALLERO, Constanza. Supersticiosos y Marranos. El discurso anti-mágico de Lope de Barrientos a la luz de la “Cuestión Conversa”. In: **Cuadernos Historia de España**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires ene./dic. vol. 84, 2010, p. 4.

⁵⁰⁹ Desde o Século III a.c., a astrologia genética preenche o vazio deixado pela perda de confiança na adivinhação tradicional; correspondendo a aspirações individualistas e satisfazendo a necessidade intelectual de rigor e lógica científica. MINOIS, George. **História do Futuro**. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: ed.Teorema, 1996, p. 71.

ele lança advertências a esse propósito, as quais são mais de uma vez reafirmadas, como, por exemplo, no *Tratado del Dormir*, no qual previne que:

[...] os que de tais coisas fazem julgamentos determinados não somente não devem ser acreditados, mas devem ser punidos segundo os direitos e as leis que este reino tem, por quanto presumem usurpar a presciência que só a Deus Nosso Senhor pertence. E os que semelhantes julgamentos fazem enganam aos simples, fazendo-lhes entender que por seus nascimentos se possa saber tais coisas, e não se nega que sabendo verdadeiramente os nascimentos bem se pode por eles saber e conhecer algumas causas remotas, as quais não bastam nem podem bastar para que por elas possa alguém fazer julgamentos determinados das coisas que procedem da vontade dos homens.⁵¹⁰

Para condenar enfaticamente as determinações astrais, o frei destaca o grande perigo de se avançar pelo território reservado à presciência, que se defendia ser uma forma de sapiência reservada a Deus, por isso era uma forma de conhecimento recorrentemente discutida nos embates escolásticos.⁵¹¹ Essa questão da presciência divina, retomada em muitos escritos da Península Ibérica, além dos tratados de Barrientos, envolveu os próprios fundamentos do cristianismo⁵¹² e teve no seu cerne uma ambivalência: por um lado, a presciência divina abrangia todos os eventos futuros; por outro lado, a liberdade humana era considerada fonte de contingência. Daí o desafio dos doutores para mostrar a compatibilidade entre ambas. A discussão mais notória sobre o assunto, e também a mais retomada,⁵¹³ é aquela lançada por Boécio, na *Consolação da Filosofia*,⁵¹⁴ envolvendo Agostinho de Hipona. Discussão que posteriormente é retomada nos escritos de Tomás de Aquino. Propunha Boécio que, quanto mais um ser se distanciava da inteligência divina, mais enredado se via nas redes do destino e, em contrapartida, quanto mais próximo daquela, mais livre se via dos efeitos do

⁵¹⁰ FRAY LOPE DE BARRIENTOS. *Tratado del Dormir*. In: CARRETERO, Maria Isabel García M. **Estudio e Edición Crítica Del “Tratado del Dormir” de Lope de Barrientos**, p. 79.

⁵¹¹ “Foi no século XIII que as regras escolásticas foram promulgadas, e devemos constatar que sua influência começa de imediato, com força total, e prolonga-se pelo século XIV. Na época da escolástica, o conhecimento foi aprimorado [...]. Apesar de os grandes temas da doutrina cristã e de seu ensinamento moral permanecerem, é claro, essencialmente os mesmos, tornaram-se mais complexos. Em especial, o esquema de virtudes e vícios tornou-se mais detalhado e mais estritamente definido e organizado.” YATES, Frances. **A arte da Memória**. Trad. Flavia Bancher. Campinas: ed. Unicamp, p. 113.

⁵¹² “[...] os doutores da Igreja, que elaboraram a doutrina oficial da Igreja, viram-se confrontados com uma situação complexa e contraditória em matéria de predição e por isso não surpreende nada ver entre eles algumas divergências e hesitações. Na verdade, concordam com a legitimidade e possibilidade de um certo conhecimento do futuro, estão em presença de uma grande variedade de meios, mas é-lhes muitas vezes difícil distinguir entre o princípio geral e as suas aplicações lícitas ou ilícitas”. MINOIS, George. **História do Futuro**, p. 159.

⁵¹³ Boécio é enaltecido como um grande poeta por Arcipreste de Talavera. FREI ÁLVARO PAIS. **Colírio da fé contra as heresias** (século XIV). Estabelecimento do texto e tradução do Dr. Miguel Pinto Meneses. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1954, p. 73.

⁵¹⁴ FLECK, Fernando P. de Almeida. **O Problema dos Futuros Contingentes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 11.

destino. Aditava ainda que, se alguém alcançasse a estabilidade do supremo espírito – livre de todo movimento (astral) –, estaria acima das leis fatais do destino.⁵¹⁵ Afora isso, para Boécio, era importante fixar que Deus gozava de um eterno presente e que sua ciência (conhecimento) elevava-se acima de todo o movimento do tempo, conservando a simplicidade do estado presente. Sendo capaz de contemplar o curso infinito do passado e do futuro, Deus considerava todos os acontecimentos como se sucedessem no presente; o que, portanto, não era possível aos homens, além de não ser adequado aos verdadeiros fiéis aventurarem-se em busca dessa presciência.

Após esse esclarecimento sobre a proveniência da presciência e a sua prerrogativa divina, Boécio explora a designação que melhor podia traduzir seu sentido e sua potência, a providência,⁵¹⁶ e não previdência, dado que o termo providência, segundo o filósofo, expressaria melhor a condição divina de existir longe dos seres e ver todas as coisas diante de si.⁵¹⁷ A acepção de providência estava relacionada à virtude da prudência e recebeu de Cícero, no *De Inventione*, uma explicação que se tornou uma das preferidas dos filósofos cristãos:

[...] a prudência é o conhecimento daquilo que é bom, daquilo que é mau e daquilo que não é nem bom e nem mau. Suas partes são a memória, a inteligência e a providência (*memoria, intelligentia, providentia*). A memória é a faculdade pela qual a mente relembra o que aconteceu. A inteligência é a faculdade pela qual a mente averigua aquilo que é. A providência é a faculdade pela qual se vê que algo ocorrerá antes que ocorra.⁵¹⁸

Como foi anunciado, a questão da presciência foi frequentemente desdobrada nos textos feitos a partir do século XIII,⁵¹⁹ tendo sido Agostinho bastante mencionado, por exemplo, por Álvaro Pais (1348) e pelo Arcipestre de Talavera (1438),⁵²⁰ justamente por tratar dessa questão na sua pregação contra os astrólogos. Assim, muitos homens da Igreja

⁵¹⁵ ANICIO MANLIO BOECIO. *La Consolacion de la Filosofia*. Traducción del latín por Pablo Masa, prólogo y notas de Alfonso Castaño Piñan. Buenos Aires: Aguilar, 1977, p. 169.

⁵¹⁶ O poeta Gómez Manrique (1412-1490) chega a atestar que ventura, fortuna e destino não são mais que vocábulos que trazemos mudados para designar a Providência de Deus. S. J., Juan de Dios. **Fortuna y Providencia en la Literatura Castellana del siglo XV**. Madrid: Anejos del Boletín de la Real Academia Española, anejo XXVII, 1973, p. 122.

⁵¹⁷ ANICIO MANLIO BOECIO. *La Consolacion de la Filosofia*, p. 209-210.

⁵¹⁸ MARCUS TULLIUS CICERO. *De inventione*. Trad. de H. M. Hubbell. Edição Loeb. Cf. YATES, Frances. **A arte da memória**, p. 39.

⁵¹⁹ BOUDET, Jean Patrice. **Entre Science et Nigromance**. Paris: Publications de la Sorbonne, 2006, p. 208.

⁵²⁰ Ambos os religiosos retomam Agostinho para afirmar o livre arbítrio, pois o filósofo aponta que o homem peca pela vontade e somente Deus, que é onipotente, não pode pecar. Advertem também sobre as enganações providas do diabo nas adivinhações e louvam a predestinação divina. FREI ÁLVARO PAIS. **Colírio da fé contra as heresias** (século XIV), p. 177 - 205. ARCIPRESTE DE TALAVERA, Cristóbal Pérez Pastor (ed. lit.). **Corbacho o Reprobación del amor mundano**, p. 46, 58-63.

que vieram a reprovar a astrologia, estavam inspirados pelas conhecidas páginas de Santo Agostinho, nas *Confissões*, nas quais o filósofo rejeita a astrologia em que ele mesmo, antes, acreditara. No livro V do *De Civitate Dei*, ele atesta que não só as vontades dos homens não estão sujeitas a qualquer necessidade, mas também que a grandeza e a decadência dos impérios não dependem das posições das estrelas.⁵²¹ Constata ainda o santo filósofo que aqueles que determinassem o porvir pelas estrelas não davam crédito suficiente à presciência divina dos sucessos futuros, por isso mesmo, ele procurou mostrar a incoerência daqueles que admitiam, por um lado, que Deus existia e, por outro, negar, ao se recorrer aos astrólogos, que somente por intermédio Dele seria possível um conhecimento verdadeiro do futuro.⁵²² Preocupou-se também em responder aos estóicos,⁵²³ ao diferenciar destino de presciência, explicando que “o termo destino, no sentido em que se utiliza na fala corrente, quer dizer, a posição dos astros quando cada um é concebido ou nasce, posto que, se trata de uma expressão vazia, não tem nenhum valor”.⁵²⁴ A afirmação procura negar a acepção de destino estóica que pregava a resignação com relação às indicações das estrelas no dia do nascimento; justamente contra isso, ele recomenda o “reconhecimento de um Deus soberano e verdadeiro, proclamando seu poder supremo e sua presciência [...]”.⁵²⁵ Em suma, a distinção agostiniana entre presciência e fatalidade é indispensável para salvaguardar ao mesmo tempo a liberdade humana e o conhecimento do futuro por Deus,⁵²⁶ indicando o livre-arbítrio como algo relevante e irrevogável para a vida do cristão.

Retomado de maneira semelhante é o último capítulo do *Didascálion*, de Hugo de São Vítor, em que trata da magia e do significado de adivinhação, catalogando cinco espécies.⁵²⁷ Este caráter supersticioso é condenado por Hugo de São Vítor, que enumera todos os malefícios da magia. Cinco são os que derivam da mântica: a nigromancia, a geomancia, a hidromancia, a aeromancia, a piromancia. Três os que se originavam da numerologia: os arúspices, o auspício, o horóscopo. E havia, por fim, as formas à parte: o sortilégio, o malefício e a prestidigitação⁵²⁸. Serviu esta fonte de inspiração para os escritores ibéricos,

⁵²¹ PONTES, J. M. DA CRUZ. **Astrologia: Da Rejeição Patrística a Apologética Medieval**. Vol. I. Coimbra: HVMANITAS, Universidade de Coimbra, 1998, p. 288.

⁵²² SAN AGUSTÍN. **La Ciudad de Dios**. Introducción, traducción y notas de Rosa M. Marina Sáez. Libros I-VII. Madrid: Biblioteca Clásica Gredos, 2007, p. 357.

⁵²³ Os estoicos eram dados às adivinhações de todos os tipos Cf. GARCÍA, Luis Miguel Vicente. **Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española**. Madrid: Ed. Del Laberinto, 2006, p. 28.

⁵²⁴ SAN AGUSTÍN. **La Ciudad de Dios**, p. 360.

⁵²⁵ SAN AGUSTÍN. **La Ciudad de Dios**, p. 358.

⁵²⁶ MINOIS, George. **História do Futuro**, p. 177.

⁵²⁷ BOUDET, Jean Patrice. **Entre Science et Nigromance**, p. 89.

⁵²⁸ HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascálion: da arte de ler**. Introdução. e tradução de Antonio Marchionni, 2 ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2007, p. 213.

sobretudo para os homens de saber da corte portuguesa de D. Duarte,⁵²⁹ pois nela vinha esclarecido que as coisas que para nós são futuras, para a eternidade de Deus já aconteceram. Portanto, quando se fala que algo deverá acontecer, isso é dito do nosso ponto de vista. Quando, ao contrário, as coisas futuras são anunciadas como já passadas, devem ser entendidas do ponto de vista da eternidade de Deus, para quem todas as coisas futuras já aconteceram.⁵³⁰ No *Colírio da Fé Contra as Heresias*, escrito em 1348, Álvaro Pais recorre diversas vezes aos ensinamentos do filósofo agostiniano⁵³¹ e define a presciência como sinônimo de predestinação, esclarecendo que esta não podia por si levar à correção ou ao endurecimento do cristão, pois os bons se corrigem pela graça e os maus perecem com o livre arbítrio.⁵³² Essa premissa está em conformidade com a pedagogia cristã tal como circulava no século XIV, pois o pecado já havia deixado de ser entendido como fatalidade no século XIII, quando se passou a defender que, se alguém cai nas armadilhas do Diabo,⁵³³ é porque procurou por isso e fez por conhecê-las, pois

[...] o bem sem a sua graça, e o mal sem o seu conhecimento não podem suceder. Por consequência, é erróneo dizer que a previsão ou presciência de Deus é a causa eficiente, principal e necessária, da condenação ou salvação dos homens, quando os maus perecem pelo seu livre arbítrio como os demónios caíram também pelo livre arbítrio⁵³⁴.

O fundamento da constatação era o de que não havia bem feito pelos homens que não tivesse participação de Deus (pela graça), e não havia mal que não fosse feito exclusivamente por vontade humana (pelo livre-arbítrio). A presciência, no seio dessas crenças, não tinha interferência alguma nas condutas, pois era apenas o conhecimento de todas as contingências, como completa o frei. Desse modo, não era a previsão que proporcionava uma boa ação e sim a vontade do cristão conjugada com a graça de Deus: “quando os bons se salvam, fazem o bem principalmente pelo livre arbítrio, mas também com a graça de Deus, sem a qual o bem não se pode fazer.”⁵³⁵

⁵²⁹ Cf. introdução D. DUARTE. Leal Conselheiro. In: **Obras dos Príncipes de Avis**. Edição de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981, p. XI.

⁵³⁰ HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascálion: da arte de ler** (século XII), p. 213.

⁵³¹ “Que o poder real é ordenado e instituído pelo poder sacerdotal, e que este está primeiro que aquele, prova-o Hugo de S. Victor, no De Sacramentis, Liv. II, Parte II, cap. IV.” FREI ÁLVARO PAIS. **Colírio da Fé Contra as Heresias**, p. 77.

⁵³² FREI ÁLVARO PAIS. **Colírio da fé contra as heresias**, p. 207.

⁵³³ SCHMITT, Jean-Claude. **História das Superstições**. Tradução Luís Serrão. Portugal: Publicações Europa-América, 1997, p. 109.

⁵³⁴ FREI ÁLVARO PAIS. **Colírio da Fé Contra as Heresias**, p. 207.

⁵³⁵ FREI ÁLVARO PAIS. **Colírio da Fé Contra as Heresias**, p. 207.

Essas definições dos homens de fé sobre a presciência são fundamentais para a compreensão de algumas acusações que a astrologia sofrerá nos séculos XIII, XIV e XV na Península Ibérica. A ciência das estrelas, nesse contexto, seria para a Igreja, segundo Lope de Barrientos, uma usurpação da presciência, um modo de tentar comparar-se a Deus ao se adiantar o porvir. Contudo, como a astrologia gozou do *status* de uma ciência liberal e virtuos como vimos no primeiro capítulo, não foi criticada como fonte de conhecimento, mas sim por sua característica de carregar por vezes a crença em divindades astrais pagãs, ou a convicção de que a influência astrológica poderia destruir o livre-arbítrio.⁵³⁶ Assim, Lope de Barrientos não deixa de considerar a eficiência do estudo das configurações astrais relativas ao nascimento, apenas condena que ele possa servir para prever e afirmar aquilo que depende da vontade do homem, por isso, insiste o religioso que deveria haver punições para tais eventuais tentativas. Com esse intuito, ele afirma que os crentes nas influências do céu como força superior à própria vontade deveriam ser considerados ignorantes: muitos burladores que atendem “aos ignorantes, convêm saber que, por pontos ou questões e por astrolábio, lhes dirão o que lhes há de acontecer em qualquer situação particular adveniente que procede da vontade.”⁵³⁷ Por isso, a interferência astrológica no livre-arbítrio a partir de certas previsões incomodava. Tanto que foi instaurada uma proibição papal do uso do astrolábio pelos eclesiásticos,⁵³⁸ justamente para que esses homens não praticassem as artes ligadas às previsões.

Como se vê, diversos religiosos da Península Ibérica voltaram a preocupar-se, no século XIII, com algumas das questões suscitadas pelos doutores da Igreja, especialmente sobre a relevância do livre-arbítrio para o cristão. No final desse século, São Pedro Pasqual, bispo de Jaén, veio a afirmar, no *Libro contra las fadas et ventura et oras minguadas et signos et planetas* – que escreveu durante seu cativeiro em Granada, quando foi raptado por muçulmanos na sua própria diocese –, a importância do livre-arbítrio no fundamento da ideia do homem como melhor criatura, a mais semelhante a Deus :

⁵³⁶ SAMSÓ, Julio. Introdução. In: ENRIQUE DE VILLENA. **Tratado de Astrología** atribuido a Enrique de Villena, p. 41.

⁵³⁷ FRAY LOPE DE BARRIENTOS. Tratado del Dormir. In: CARRETERO, Maria Isabel García M. **Estudio e Edición Crítica Del “Tratado del Dormir” de Lope de Barrientos**, p. 80.

⁵³⁸ “Presbyter, qui per inspectionem astrolabiifurta requirit, ad tempus suspenditur ab altaris ministerio. Ita communiter summatur; sed in veritate haecsummatio non est indistincte vera, quia acius potest puniri”. GREGORIO IX. Decrétales. In: **Biblioteca Augustana**, ed. harsch, V, 21, 2: Disponível em: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost13/GregoriusIX/gre_0000.html; Consultado em: 05/2013.

Se assim fosse como os sábios mentirosos dizem, que o homem não tem em si poder nem arbítrio de fazer bem ou mal, davam a entender os ditos sábios que, de todas as criaturas que Deus criou, não havia criatura mais diminuída que o homem [...]. E Deus mesmo não quis ter poder sobre o homem, para lhe fazer por força ser bom ou mau, pois quanto menos quisesse nem desse poder a nenhum planeta, nem prece, nem signo, nem fada, nem nenhuma coisa das sobreditas, quem teria poder ou senhorio sobre o homem?⁵³⁹

Essa enérgica defesa do potencial do livre-arbítrio vem reafirmar a responsabilidade humana perante as próprias ações, de forma que o senhorio sobre o homem viria dele próprio, do seu desejo de evitar os pecados, ou melhor, sua escolha por uma vida virtuosa, avessa aos vícios e na qual as interpretações decorrentes das constelações celestes não teriam impacto, era o que se recomendava. Nesse caso, não importava considerar o que fosse revelado para o porvir, pois o modo de condução da vida deveria ser o mesmo independentemente do que fosse anunciado. Dado que o homem tinha a capacidade de escolher entre o bem e o mal, o seu futuro não poderia estar escrito nos astros,⁵⁴⁰ portanto, o desafio para o cristão, embora livre, era escolher sempre as opções virtuosas e se abster das tentativas de adiamento de certas condições nas situações limite – momentos em que a tentação dos vaticínios era maior, como nas guerras ou em tempos de peste. Assim, por que seu compromisso era agir sempre de acordo com certos preceitos morais diante de qualquer situação que se apresentasse, a astrologia judiciária acabou por ser considerada uma espécie de trapaça, um escape da moral cristã, sendo associada também a um determinismo pleno e condenável.⁵⁴¹

Tendo em conta essas reflexões, de acordo com as regras morais que foram forjando os pensadores ibéricos, seria errado afirmar que, devido a alguma configuração astral, determinada pessoa seria afortunada ou venturosa,⁵⁴² isto porque tal consideração suplantaria as implicações de determinadas escolhas. Um caso relatado por Barrientos é bem representativo da relatividade para se considerar alguém afortunado. Explica o bispo que

⁵³⁹ Citado por RÍOS, Amador de los. **Historia crítica de la literatura española**. V. IV, p. 79, segundo o códice h-iii-3 de El Escorial. Cfr. PELAYO, Marcelino Menéndez y. **Historia de los Heterodoxos Españoles**. Tomo I, Edición digital, Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2003. Edición digital basada en la de Madrid, La Editorial Católica, 1978, p. 604. Disponível em: <file:///C:/Users/Simone/Desktop/Historia%20de%20los%20Heterodoxos%20Espa%C3%B1oles%20-Libro%20III-%20%20%20Biblia%20y%20Tradici%C3%B3n.htm> ; Consultado em: 07/11/2014.

⁵⁴⁰ Beceiro Pita afirma que as obras mais difundidas na Península Ibérica, principalmente até 1350, foram as glosas, textos sobre a vida de santos e tratados de vícios e virtudes; posteriormente, com a introdução da imprensa (1490), sobressairam os tratados anti-judaicos e os manuais de confissão. PITA, Isabel Beceiro. **Libros, lectores y bibliotecas en la España medieval**. (Medievalia), n.2. Murcia: Nausicaã, 2007, p. 525-536.

⁵⁴¹ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. **Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española**, p. 23.

⁵⁴² Fortuna e ventura significavam, então, tanto sorte quanto azar.

“dizer-se-ia afortunado ou venturoso se para comandante de uma nau fosse escolhido um homem que não soubesse nada de reger e governar navio, este tal se diria afortunado ou venturoso, mas não bem afortunado.”⁵⁴³ O bispo explica que, na verdade, ele deveria ser chamado de mal afortunado se considerássemos a perspectiva dos que estiveram sob sua governação, pois, por sua incapacidade, estiveram todos dispostos ao perigo e à perdição. E complementa dizendo que, “ainda não menos mal aventurado, é aquele que o nomeou, por ser também causador de tanto mal e dano”.⁵⁴⁴ Embora o próprio comandante deva ter se considerado bem aventurado, por ter conseguido esse cargo de prestígio, Barrientos destaca a importância de uma visão conjuntural, onde todos os envolvidos fossem contemplados, advogando que essa só poderia provir de Deus, “o magno astrônomo”, segundo Gossuen de Metz. Em sua suma, do mesmo modo, Deus aparece como magno “porque conhece tudo: mal e bem”.⁵⁴⁵ Dito de outro modo, todos os ângulos são possíveis aos olhos divinos, enquanto, para os astrólogos, as situações relacionadas à fortuna ou à infortuna decorrentes da análise dos efeitos do céu advêm de uma única perspectiva e, por isso mesmo, a ventura do capitão é a infortuna da tripulação da nau. Em suma, somente Deus teria o conhecimento da verdadeira fortuna, que contempla o bem e o mal.

Esse compromisso de salvaguardar a importância e eficiência da livre vontade é partilhado, da mesma maneira, por Afonso Martínez de Toledo (1398 - ?1468), conhecido como Arcipreste de Talavera, no seu *Corbacho* (1438), a referida obra em que procurou apontar os pecados relativos sobretudo ao amor mundano. Aclara o Arcipreste que Deus poderia simplesmente

[...] ordenar contra tua qualidade e a minha; ainda que quiséssemos fazer mal, contudo a Ele lhe agrada que nós usemos o bem, dando-nos conhecimento do mal usar nosso com lamentação – porque não quer a morte do pecador, mas que viva e se arrependa dando-nos sinais para bem fazer e obrar, não restringindo o juízo natural a bem obrar – que assim o mérito se perderia dando demonstrações de coisas que de vontade própria sua lhe impeça de fazer o mal, e lhe dê vontade e apetite a fazer o bem.⁵⁴⁶

⁵⁴³ FRAY LOPE DE BARRIENTOS. Tractado de Caso y Fortuna. In: GODINAS, Laurette. Fray Lope de Barrientos, Tractado de caso y fortuna. *Revista de literatura medieval*, 2006, n. 18, p. 9-68 Servicio de Publicaciones Universidad de Alcalá, p. 39-40.

⁵⁴⁴ FRAY LOPE DE BARRIENTOS. *Tractado de Caso y Fortuna*, p.39-40.

⁵⁴⁵ GOSSOUIN DE METZ. *Imagem do Mundo*. Direção, apresentação e tradução de Margarida Santos Alpalhão. Lisboa: IEM – Instituto de estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa, p. 121.

⁵⁴⁶ ARCIPRESTE DE TALAVERA, Cristóbal Pérez Pastor (ed. lit.). *Corbacho o Reprobación del amor mundano*, p. 56.

Ou seja, Deus preferiu que o homem tivesse essa liberdade de escolha para que pudesse justamente premiá-lo pelo mérito.

Essa passagem do *Corbacho* mostra bem porque as previsões astrológicas ou adivinhações, por negligenciarem o livre-arbítrio, foram tão mal vistas pela Igreja, pois elas colocavam em causa os dons divinos concedidos aos cristãos, “fazer o bem”, pôr em prática os ensinamentos da Bíblia e, quando necessário, arrepender-se e procurar a correção com bons atos, em busca da salvação – como especificou o Arcipreste de Talavera. O religioso, como muitos, admite a influência da astrologia na natureza, incluindo nisto o corpo humano, contudo, esclarece que a constelação de um planeta ou signo referente a uma pessoa não a faz fleumática ou colérica, é antes a sua própria vontade que a faz pender para um ou outro lado. A partir dessa premissa, o Arcipreste expõe duas conclusões: a primeira é de que não há pessoa que, por menos juízo que tenha, não saiba se fez o mal ou o bem, a não ser se estiver em estado de graça; a segunda conclusão é de que, se alguém deseja fazer o bem, terá mais poder para isso do que para a má ação, porque quem faz o mal tem “medo da justiça e das gentes a quem fez mal ou dano”.⁵⁴⁷ Por fim, cogita ainda, no *Corbacho*, como seria injusto se as pessoas se comportassem de acordo com as constelações e não a partir da própria vontade ou julgamento, pois, se aquele que é “mal nasceu em mal signo, e foi assim que houve de prosseguir sua maldade vivendo, e morreu mal, que justiça seria esta [...]?”⁵⁴⁸ Segundo esse raciocínio, o determinismo pleno da astrologia tornaria a vida terrena vã, pois as sentenças para a salvação ou para a danação seriam prévias e explicadas pelas estrelas e não pela busca de uma vida virtuosa.

O Arcipreste de Talavera insiste em avisar do erro em querer conhecer o porvir, alertando que “não convém saber mais ou mais detalhadamente querer saber”,⁵⁴⁹ o que é próprio especificamente de Deus. Reagia, muito provavelmente, à afirmação dos astrólogos e alquimistas de que Deus dificultaria determinadas informações relacionadas às artes para que somente os mais sábios pudessem decifrá-las, como, por exemplo, ocorre no *Picatrix* – texto dado às artes mágicas e ocultas –, ao propor que Deus mandou que

[...] construíssem os labirintos e pusessem neles os paradigmas, para que a mente se prevenisse e tivesse juízo; e eternizaram quanto eternizaram nos livros com símbolos e enigmas para que não entendessem ninguém além dos

⁵⁴⁷ ARCIPRESTE DE TALAVERA, Cristóbal Pérez Pastor (ed. lit.). **Corbacho o Reprobación del amor mundano**, p. 57.

⁵⁴⁸ ARCIPRESTE DE TALAVERA, Cristóbal Pérez Pastor (ed. lit.). **Corbacho o Reprobación del amor mundano**, p. 57.

⁵⁴⁹ ARCIPRESTE DE TALAVERA, Cristóbal Pérez Pastor (ed. lit.). **Corbacho o Reprobación del amor mundano**, p. 61.

sábios como esses. Assim, ensinaram o que ele continha e revelaram os segredos a quem superou-lhes em inteligência⁵⁵⁰.”

Além desse relato que se refere a como os primeiros sábios esconderam determinadas informações por meio de enigmas e transmitiram apenas àqueles que teriam uma inteligência superior, o escritor do *Picatrix*, Maslana, considerando-se ele próprio um sábio à altura para resolver esses enigmas, propõe “transmitir e explicar para as pessoas o método enigmático do meio chamado magia natural e expor o que esconderam os sábios deste meio mágico.”⁵⁵¹ A contra-argumentação da Igreja vinha amparada em uma máxima mais remota, mas sempre atualizada, aquela do Papa Gregório Magno de que os cristãos não necessitavam adivinhar por signos, porque já tinham a revelação por palavras.⁵⁵²

Continuando essa tônica de oposição às previsões astrológicas, já no final do século XV, o frei português, António de Beja (1493-?), membro da ordem de S. Jerônimo e que professou no Mosteiro da Penha Longa em Sintra, escreve o *Contra os Juízos dos Astrólogos*, um escrito essencialmente teológico. Fiel à alegação de alguns Padres da Igreja e dos doutores escolásticos, o erudito frade jerônimo repele os prognósticos astrológicos por julgá-los contrários à concessão cristã da Providência Divina. O ponto fundamental para ele era o questionamento de que, se o universo é criação de Deus e Deus é livre, a influência astral era evidentemente incompatível com a liberdade da vontade divina e, portanto, a astrologia judiciária era um contrassenso. Os respectivos juízos só foram conciliáveis com teses que alimentaram uma desconfiança da necessidade de submissão à vontade divina, como aquela da concessão aristotélica do primeiro motor impessoal e imóvel ou aquela da teoria da ação fatal dos movimentos celestes;⁵⁵³ ambas tendentes ao determinismo astral.

A preocupação com o risco que a astrologia oferecia à supremacia do livre-arbítrio e à vida regrada do cristão não foi exclusivamente uma preocupação dos prelados. A obrigação de seguir os preceitos da moral cristã era defendida também pelos leigos letrados do período em questão. Inclusive alguns reis se aventuraram nessa tarefa, mas nenhum defendeu tão fielmente os propósitos da Igreja como o rei português D. Duarte, que considerou sabiamente que, “da astronomia e outras ciências ou artes, se pode muito afirmar, vendo algumas vezes se

⁵⁵⁰ SEUDO MASLAMA. *Picatrix*. Org. Marcelino Villegas, Oran, 1978, p. 03.

⁵⁵¹ SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 03.

⁵⁵² GARCÍA, Luis Miguel Vicente. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*, p. 57.

⁵⁵³ CARVALHO, Joaquim de. **O livro «contra os juízos dos astrólogos» de frei António de Beja e as suas fontes italianas**. Disponível em: <http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/57-O-livro-contra-os-juizos-dos-astrologos-de-frei-Antonio-de-Beja-e-as-suas-fontes-italianas-#sthash.SOXyWU80.dpuf>; Consultado em: 04/2014.

alcançar por elas tão grandes verdades, e outras tantas falecer.”⁵⁵⁴ No *Leal Conselheiro*, o Eloquente faz uma boa síntese da posição da Igreja em relação ao determinismo astral:

[...] porque por disposição dos corpos, idades e virtudes a que naturalmente cada um nasce disposto, ou, segundo o dito dos astrólogos, que os planetas por ordem de Nosso senhor o dotaram, convêm que em sua virtude, bom amanhã e ventura façam vantagem [...] porém todas essas coisas não obrigam nem constroem a pecar, porque sendo assim não haveria o livre arbítrio, e por conseguinte nem desmerecimento, o que a santa Igreja pelo contrário determina e manda crer.⁵⁵⁵

A consideração de D. Duarte denuncia que não poderia haver amparo em determinações astrais para os pecadores e, como vimos no capítulo anterior, ele deixa claro que não pauta suas atitudes pelos conselhos dos astrólogos. Se não é, entretanto, radical em condená-la, seus contemporâneos religiosos não se eximem em qualificar a própria arte de prever pelo estudo do céu como um grave pecado, normalmente relacionado aos ardilosos planos do demônio e que demandava esforços para ser identificada e punida.

3.2 *Impugnadores das artes mágicas e astrológicas*

De maneira ainda mais severa do que os escritos abordados até aqui, textos de origem eclesiástica, como as constituições sinodais, referiram-se à existência de hereges que, com muita frequência, foram seduzidos pelas práticas de feitiçaria e adivinhação relacionadas à astrologia.⁵⁵⁶ As mesmas censuras podem ser notadas nos manuais de confessores, entre os quais aquele que era certamente o mais divulgado, o *Livro das Confissões* (1399) de Martín Pérez, livro conhecido nas cortes ibéricas e que foi abundantemente citado por D. Duarte no seu *Leal Conselheiro*.⁵⁵⁷ O tratado de Martín Pérez, assim como o tratado sobre a lealdade, obra tão do agrado de D. Duarte, menciona também o costume condenável dos “malefícios e agouros praticados por adivinhos e encantadores, os esconjuros, a decifração de estrelas e signos, a crença em fadas, o uso de ervas e cartas ao pescoço, os sinais para desviar tempestades, o buscar sortes e adivinhações nas Escrituras”.⁵⁵⁸ Afirma Martín Pérez que existe

⁵⁵⁴ D. DUARTE. *Leal Conselheiro*, p. 213.

⁵⁵⁵ D. DUARTE. *Leal Conselheiro*, p. 133.

⁵⁵⁶ O papa Alexandre IV (1258-1260) ordena que os inquisidores deem mais atenção para as heresias relacionadas aos sortilégios e adivinhações. BOUDET, Jean Patrice. *Entre Science et Nigromance*, p. 448.

⁵⁵⁷ VENTURA, Margarida Garcês. Regalismo e anti-regalismo no século XV. In: *Lusitania Sacra Revista do Centro de Estudos de História Religiosa*. Cristianização na época medieval, 2 série, Tomo X. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1998, p. 309.

⁵⁵⁸ D. DUARTE. *Leal Conselheiro*, p. 147.

uma “maneira de adivinhar por estrelas e por constelações, por signos e por planetas, e chama-se matemática.” Essa prática, dentre outras condenáveis, foi considerada uma arte dos demônios, os quais enganavam os homens fazendo crer que esse conhecimento partia de Deus para servir àqueles que queriam saber as coisas que estavam guardadas apenas para Ele, que não tinha deixado “sabedoria ordenada em terra de tais coisas saber, antes a defendeu e a guardou para si”.⁵⁵⁹ A esses que insistiam em adivinhar por meio da matemática, Martín Pérez não só condenava como propunha uma penitência que estava entre as mais pesadas, de cinco anos.⁵⁶⁰

Nos textos legislativos desses séculos, que propunham limites para os feiticeiros e adivinhadores, a questão da licitude do recurso à astrologia se colocava especialmente quando o assunto tratado era o referido livre-arbítrio. Tal qual a maioria dos escritos citados anteriormente, admitia-se o saber astrológico, em suma, quando este se relacionava com o modo de ser natural. Ao tratar, no referido *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, das estações do ano, o infante D. Pedro considera que são partidas em quatro partes, “segundo a divisão quaternária do círculo do céu, que é chamado zodíaco, o qual em cada uma das quartas partes tem três sinais, chamados por nomes de animais.”⁵⁶¹ O infante deixa bem claro, contudo, que recusa toda a predestinação atrelada às estrelas, ressaltando sua condenação a tudo o que saísse fora da observação do funcionamento da natureza como atitude suspeita de heresia.⁵⁶²

Desconfiança ainda maior quanto ao uso da astrologia para fins antevindentes, e consequentemente heréticos, emerge em uma obra diretamente destinada a descrever todas as formas de heresia justamente para alertar os fiéis e combatê-las: o *Colírio da Fé Contra as Heresias*. A obra do franciscano Álvaro Pais, empenhada em descrever os vícios e erros para preparar os fiéis para vencê-los e levar ao fortalecimento da santa fé católica, dedica uma passagem, na verdade um capítulo, à questão do livre-arbítrio e da determinação astral. Ali, indica como o trigésimo primeiro erro cometido pelos cristãos a crença em um destino como ordenador do mundo. O frei aponta que existem

[...] hereges que dizem que o mundo é regido pela fortuna, pelo destino, pelas gênesis, pelas observações dos dias natalícios, e não por disposição,

⁵⁵⁹ MARTIN PEREZ. *Livro das Confissões*. Edição, introdução, e notas de José Barbosa Machado e Fernando A. Torres Moreira. Braga: edições Vercial, 2012-2013, p. 335.

⁵⁶⁰ Ver MARTIN PEREZ. *Livro das Confissões*, p. 356. Sobre os pecados e as penitências correspondentes ver BEZLER, Francis. *Les pénitentiels espagnols*. Contribution à l'étude de la civilisation de l'Espagne chrétienne du haut moyen âge. Münster: Aschendorff Verlag, 1994, p. 115-120.

⁵⁶¹ DOM PEDRO. *Livro da Virtuosa Benfeitoria* (1418-1425). In: *Obras dos Príncipes de Avis*. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981, p. 636.

⁵⁶² VENTURA, Margarida Garcês. *Regalismo e anti-regalismo no século XV*, p. 316-317.

ordenação, vontade e permissão de Deus [...] Assim dizia o pai de S. Clemente que tudo acontecia consoante a génesis, isto é, o nascimento. Por isso, se chamam genetliacos os que observam os dias natalícios, descrevendo as génesis dos homens pelos doze signos. Mas, entre os verdadeiros cristãos, não há génesis nem acaso, nem fortuna, nem fatalidade, nem destino [...]⁵⁶³

Álvaro Pais, ao sequer considerar que os dias natalícios teriam influência na vida dos homens, foi ainda mais incisivo do que viria a ser Lope de Barrientos. Este admitiu que, pelos nascimentos, se podia saber e conhecer algumas causas remotas, já o frade franciscano, como se percebe nessa citação, tinha o objetivo mais disciplinador de evitar desvios, destacando qual comportamento ou crença tinham os verdadeiros cristãos. Ao não deixar que eles perdessem de vista certas regras, o frei afirmou sua rejeição a qualquer forma de antecipação do vir a ser, por isso foi ainda mais restritivo, orientando os fiéis no seguinte sentido:

Deus deu-nos o livre arbítrio; e não somos arrastados, fatalmente, nem para a virtude, nem para o vício. De resto, onde há a fatalidade, não há prémio nem castigo [...]. Portanto, existe a vontade de Deus, a divina providência, a justa permissão, e a reta disposição nas ações, e não a fortuna ou o destino, como se provou. Por isso, a Igreja canta: Deus cuja Providência não se engana em suas disposições.⁵⁶⁴

Além dessa defesa enfática do livre-arbítrio, bem como da sua importância para a vida do cristão, Pais cita os principais sábios que advogaram sobre a astrologia e o que disseram sobre seu uso a partir de uma perspectiva totalmente ortodoxa, concluindo por sua inadequação à doutrina cristã:

Com efeito, a astronomia ou astrologia, que é a ciência dos astros, uma das sete artes liberais, não supõe a necessidade ou a certeza nos sucessos, como asseveram os falsos astrólogos. É uma ciência opinativa e signativa; e não coactiva, nem necessitativa. Segundo o astrólogo Ptolomeu, o sábio dominará os astros; segundo o Mestre Pedro, no princípio da História Escolástica, o horóscopo e a astronomia levam à heresia; e segundo Graciano, a astrologia é um caminho para a idolatria. Entre os católicos, caiu em desuso, porque exige demasiada curiosidade, e não é acomodada à salvação das almas⁵⁶⁵

Álvaro Pais é, a propósito, o único religioso que atesta a superação da astrologia, ao elencar autoridades que indicam seu caráter desfavorável e afirmar que ela caiu em desuso entre os cristãos. No entanto, pelo que podemos observar na maioria dos escritos dos pensadores da

⁵⁶³ FREI ÁLVARO PAIS. *Colírio da Fé Contra as Heresias*, p. 115-117.

⁵⁶⁴ FREI ÁLVARO PAIS. *Colírio da Fé Contra as Heresias*, p. 117

⁵⁶⁵ FREI ÁLVARO PAIS. *Colírio da Fé Contra as Heresias*, p. 117-123.

Igreja, a curiosidade ou a vontade de antecipar o que há de vir estão frequentemente associadas à arte da astrologia como uma prática, senão regular, ao menos recorrente na vida dos cristãos.

Lope de Barrientos, que abriu o capítulo, é um exemplo adequado da preocupação com essa recorrência. Além de queimar aqueles livros considerados supersticiosos de Enrique de Vilhena, um aspecto ainda merece destaque: o resultado da averiguação das obras de Vilhena. Não cabe aqui, dado o alvo desta pesquisa, retomar a oposição inquiridor/perseguido para Lope de Barrientos e Enrique de Vilhena – oposição que ganhou força no âmbito historiográfico da década de 80.⁵⁶⁶ Não cabe igualmente considerarmos Vilhena como símbolo do “homem racional”, enquanto Barrientos representaria o “tirano da Igreja”. O que é relevante, nesta pesquisa, é o fato de alguns livros terem sumido da biblioteca de Enrique de Vilhena após a averiguação, e outros, por sua vez, terem se mantido nesta. Tal seleção por si mesma fornece achegas sobre a posição da Igreja a respeito das formas de adivinhar o futuro por meio da astrologia. O próprio Lope de Barrientos justificou, no *Tratado de la Adivinanza*, quais eram os livros condenáveis, aqueles que desapareceram, mas esses não diziam propriamente respeito à astrologia, e sim a algumas formas de magia:

[o] *Libro Raciél*, que é sem fundamento e de nenhuma eficácia, isso mesmo dizemos de todos os outros livros e tratados de arte mágica: é assim nos *Libros de los experimentos*, como no livro que se chama *Clavícula de Salomão*, como no livro que se chama *del Arte notoria* [...] não tem fundamento algum sobre razões naturais, e menos sobre razão teologal.⁵⁶⁷

Um dos resultados da averiguação de Barrientos é que ele certamente conferiu lugar à parte à astrologia em relação às práticas mágicas, pois o bispo não descartou as obras que tratavam da astrologia, aproveitando-se inclusive do conteúdo dos livros de Vilhena,⁵⁶⁸ como o *Tratado de Astrología*. Tal atitude para com a astrologia corrobora aquela de diversos doutores da Igreja a partir do século XIII,⁵⁶⁹ ou seja, mesmo que condenassem e controlassem a prática astrológica, eles expunham um conhecimento relativamente amplo desse saber em seus textos. De mais a mais, Enrique de Aragão, comumente chamado de Vilhena, deixou um

⁵⁶⁶ Ver. GASCÓN, Elena Vera. La quema de los libros de don Enrique de Villena: una maniobra política y antisemítica. In: *Bulletin of Hispanic Studies*. 54:4, 1979. Apud ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. *La Ciencia del Cielo*, p. 50.

⁵⁶⁷ LOPE DE BARRIENTOS. *Tractado de la Divinanza*, p. 122.

⁵⁶⁸ MUÑOZ, Paloma Cuenca. Introdução. LOPE DE BARRIENTOS. *Tractado de la Divinanza*, p. 14.

⁵⁶⁹ Não só a astrologia foi objeto de um estudo mais minucioso e de definições. Silvi aponta que, neste período, houve uma mudança de perspectiva epistemológica e que foram preocupações dos homens do período os assuntos relativos ao mundo físico e suas abordagens. SILVI, Christine. *Science Médiévale et vérité*. Paris: Honoré Champion, 2003, p. 17.

legado eminente, pois, assim como Afonso X, foi um dos estudiosos mais dedicados à propagação da astrologia e dos conhecimentos ocultos em Castela.

A astrologia não era tida como uma ciência oculta propriamente dita,⁵⁷⁰ porque a definição de ciência oculta dizia respeito ao saber das propriedades da natureza que eram secretas ou estavam escondidas, e também àquilo que era insensível, ou seja, àquilo que não era perceptível diretamente e era até mesmo incompreensível para o intelecto humano. As ciências ocultas abrangiam as qualidades ocultas da natureza, aquelas cujas influências não eram explicáveis pela manifestação de seus aspectos físicos (luz, calor, movimento, cor, sabor, odor). Em outras palavras, essas eram as qualidades que não podiam ser analisadas pelo comportamento dos quatro elementos em que a filosofia escolástica aristotélica se baseou. Desse modo, as influências que emanavam dos planetas, as simpatias e antipatias que se acreditava existir entre animais, vegetais e minerais, bem como as propriedades do interior de substâncias alquímicas, eram exemplos de propriedades ocultas.⁵⁷¹ Levando isso em consideração, o estudo das influências astrais poderia ser considerado uma atribuição da ciência oculta, porém, muitos astrólogos diziam que seu trabalho estava na observação das propriedades físicas que sofriam influências astrais – os corpos, os elementos, as pedras –, ou seja, se sustentavam em realidades visíveis, ao contrário das qualidades ocultas; mas apesar disso, não necessitavam se dedicar à experimentação⁵⁷² como os alquimistas, estes sim praticantes de arte oculta. O poeta quatrocentista castelhano, Fernán Pérez de Guzmán, na *Crónica de Juan II de Castela*, disserta brevemente sobre essas artes que não trataram propriamente de realidades visíveis, acusando inclusive Enrique de Vilhena de ser afeito a elas, pois este, não se detendo nas ciências notáveis e católicas,

deixou-se correr a algumas vis artes de adivinhar e interpretar sonhos e espirros e sinais, e outras coisas [...], que nem a Príncipe real, e menos a católico cristão, convinham [...]. E porque entre as outras artes e ciências se dedicou muito à astrologia, alguns gracejando diziam que sabia muito do céu e pouco da terra.⁵⁷³

Para o marquês de Vilhena, a astrologia de eleições – na qual estava incluso, por exemplo, o estudo dos nascimentos – não era reprovável, pelo contrário, era matéria de

⁵⁷⁰ MONTENEGRO, Enrique Cantera. **Los judíos y las ciencias ocultas en la España medieval**. In: En la España Medieval. 25 (2002), p. 47-83.

⁵⁷¹ FORSHAW, Peter J. *The Occult Middle Ages*. In: PARTRIDGE, Christopher. **The Occult World**. London: British Library Cataloguing, 2015, p. 34.

⁵⁷² “Eles disseram ter realizado muitos experimentos, uma palavra usada mais de uma vez nos documentos papais sobre as artes ocultas.” THORNDIKE, Lynn. **History of Magic and Experimental Science**. Volumes III Fourteenth and fifteenth centuries. Columbia University Press, 1934, p. 23.

⁵⁷³ **Crónica de Juan II** (1434), p.236.

opinião, quer dizer, tinha “muitas vias pelas quais se pode defender, e cada uma segue seu entendimento.”⁵⁷⁴ O condestável de Castela esforçou-se mesmo para demonstrar – citando passagens das escrituras e autoridades da Igreja – que foi Deus propriamente quem ensinou a ciência das estrelas aos antigos e não o demônio, criticando, assim, a demonização da astrologia por aqueles que reprovavam todo e qualquer indício de superstição.⁵⁷⁵

Apesar da clara oposição a Vilhena, as opiniões de Barrientos sobre a arte astrológica atestam uma diferenciação desta em comparação a outras práticas de caráter mágico. Segundo ele, a astrologia seria a única prática mágica que se podia explicar ou justificar por razões naturais⁵⁷⁶ e, por isso, poderia ser considerada lícita. Entretanto, o dominicano destacou que “fazer uso do astrolábio e da astrologia para averiguar onde se encontram objetos roubados”,⁵⁷⁷ bem como interpretar figuras de constelações para interferir na vida de alguém, eram práticas ilícitas. A rigor, Barrientos condenou especialmente dois tipos de adivinhações feitas pelos sinais das estrelas: reprovou a utilização da astrologia como resposta a interrogações imediatas e em favorecimento de alguém; e afirmou que era ilícito observar “os tempos”⁵⁷⁸ para intrometer-se nas ações voluntárias. Condenava, deste modo, o referido sistema de eleições.⁵⁷⁹ Essa fronteira traçada entre o que era considerado lícito e o que era ilícito em relação ao saber das estrelas é ainda melhor desdobrada pelo bispo quando sintetiza que “a observação de fenômenos celestes ou atmosféricos é lícita; mas utilizar a informação que nos oferecem os astros para mediar a vontade humana e o livre arbítrio é ilícito.”⁵⁸⁰ Portanto, à semelhança do que foi propagado pelos veneráveis doutores da Igreja, esta sentença resume o critério de avaliação da astrologia, a saber, o problema dava-se quando se fazia uso dela para ingerir no porvir das vidas humanas.

Nesse sentido, antes mesmo de Lope de Barrientos, um teólogo e inquisidor catalão chamado Nicolás Eymeric (1320 - 1399) tinha-se notabilizado entre os impugnadores das artes mágicas. Ele escreveu o *Tractatus Contra Daemonum Invocatores*, no qual, depois de definir que a evocação dos demônios é uma heresia e que deveriam ser contados os números dos hereges que cometiam tal pecado, classificou as artes a serem vedadas por resultarem na

⁵⁷⁴ ENRIQUE DE VILLENA. *Tratado de astrología*. Edición Pedro M. Cátedra, Introducción Julio Samsó. Barcelona: Editorial Humanitas, 1983, p. 418.

⁵⁷⁵ CAVALLERO, Constanza. *Supersticiosos y Marranos. El discurso anti-mágico de Lope de Barrientos a la luz de la “Cuestión Conversa”*, p. 75.

⁵⁷⁶ MUÑOZ, Paloma Cuenca. Introdução. In: LOPE DE BARRIENTOS. *Tratado de la Divinanza*, p. 40.

⁵⁷⁷ MUÑOZ, Paloma Cuenca. Introdução. In: LOPE DE BARRIENTOS. *Tratado de la Divinanza*, p. 43.

⁵⁷⁸ Sobre o tempo e a adivinhação, ver: SCHMITT, Jean-Claude. *História das Superstições*, p. 73.

⁵⁷⁹ CAVALLERO, Constanza. *Supersticiosos y Marranos. El discurso anti-mágico de Lope de Barrientos a la luz de la “Cuestión Conversa”*, p. 06.

⁵⁸⁰ MUÑOZ, Paloma Cuenca. Introdução. In: LOPE DE BARRIENTOS. *Tratado de la Divinanza*, p. 44.

evocação dos demônios – a nigromancia – e também as que resultam em pacto expresso ou tácito com esses: “adivinhação, ariolos e augúrios”.⁵⁸¹ Todas estas, segundo ele, partilhavam sempre a temeridade de querer penetrar com certeza no porvir e alimentavam-se de crenças em forças de proveniência duvidosa.⁵⁸² O letrado adverte que não se poderia ignorar que, quando usada indevidamente, a astrologia perpassava todas essas artes vedadas, pois partilhava o mesmo objetivo: conhecer o que havia de vir. Para justamente advertir contra isso, Eymerich escreve o *Tractatus contra astrologos imperitos atque nigromantes de occultis perperam iudicantes*, em 1395, durante seu segundo período de exílio de Aragão,⁵⁸³ quando defendeu enfaticamente o livre arbítrio. Seus demais tratados reproduziram as ideias e classificações do seu tratado anterior.

A peculiaridade desse tratado em relação a outros coetâneos é a advertência sobre a possível ligação entre as artes astrológicas – tanto a adivinhação quanto a magia astral – e a atividade dos nigromantes. Eymerich dirigiu o tratado para o frade franciscano Thomas Ulzine, o confessor do rei D. João I de Aragão, esperando que ele pudesse assumir a responsabilidade de controlar o rei, que, aos olhos de seus críticos, tinha uma fascinação excessiva pela adivinhação astrológica.⁵⁸⁴ Em sua carta de abertura para Ulzine, o inquisidor exilado apontou que existia a astrologia legítima, e por isso o inquisidor admitiu que alguém poderia, ao estudar o movimento dos corpos celestes, fazer previsões válidas sobre qualquer ocorrência terrestre que procedesse naturalmente e necessariamente dos efeitos das forças astrais do mundo sublunar. Ele alertou, porém, que muitas previsões supostamente derivadas da ciência astrológica estiveram realmente envolvidas de alguma forma com os demônios, pois esses se deleitavam em anunciar antecipadamente os seus próprios projetos, reivindicando assim o direito de os realizar e dirigindo os pensamentos e as paixões dos maus

⁵⁸¹ NICOLAS EYMERICH. *Tractatus Contra Daemonum Invocatores* In: PELAYO, Marcelino Menéndez y. **Historia de los Heterodoxos Españoles**, p. 604-610.

⁵⁸² Pela nigromancia, por exemplo, era possível encontrar um bem roubado, identificar um ladrão ou um assassino, saber se um amigo ficaria doente, dentre outras informações sobre o que fosse incerto. KIECKHEFER, Richard. **La Magia em la Edad Media**. Tradução Montserrat Cabré. Barcelona: Editorial Crítica, 1992, p. 170.

⁵⁸³ Nicolas Eymerich vivenciou uma série de conflitos, tendo sido um dos mais significativos o decorrente da sua perseguição a Raimundo Lúlio. A ideia de Eymerich era a extirpação das doutrinas lulistas, consideradas heréticas por ele e que progrediam em Aragão e na Catalunha, onde Lúlio era admirado. No *Directorium inquisitorum*, Eymerich arremete contra os lulistas e os alquimistas, justamente porque “no seio do lulismo se desenvolviam as especulações alquímicas”. JIMENO, Siro Arribas. **La Fascinante Historia de la Alquimia descrita por un científico moderno**. Oviedo: Universidad de Oviedo, Servicio de publicaciones, p. 184.

⁵⁸⁴ BAILEY, Michael D. **Fearful Spirits, Reasoned Follies: The Boundaries of Superstition in Late Medieval Europe**. Cornell University, 2013, p. 88-89.

para as ações que lhes são conformes, ou agindo sobre os mais baixos elementos da fragilidade humana.⁵⁸⁵

Alguns religiosos, como Eymerich, foram mais explícitos nas suas condenações à prática astrológica. No artigo XI do *Tractatus contra astrologos imperitos*, o dominicano trata especificamente de como as forças astrais poderiam influenciar os seres humanos e a "liberdade" humana, ou seja, o livre-arbítrio.⁵⁸⁶ Sua condenação pode ser considerada uma resposta aos muitos que aceitavam as estrelas como influenciadoras da matéria física dos corpos humanos e por isso aceitavam por vezes as implicações dessa influência também na vontade humana. Em suma, censurava aqueles que contrariavam a indicação da doutrina da Igreja de que o livre-arbítrio deveria ser soberano e inviolável. Naquela ocasião, essa doutrina cristã era partilhada⁵⁸⁷ graças ao peso dos testemunhos da comunidade apostólica⁵⁸⁸ e dos esclarecimentos e especificações de pensadores ilustres, como Agostinho e Tomás de Aquino. Assim, mesmo que a astrologia e a astronomia árabe-latina, transmitidas pelas traduções dos séculos XII e XIII, formassem um sistema relativamente completo e uniforme de interpretação do mundo, bem aceito na Península Ibérica, seu confronto com o cristianismo, ou seja, com homens da Igreja como Eymerich, Barrientos, Álvaro Pais, Arcipreste de Talavera, dentre outros, comprometeu certas práticas e reduziu o arcabouço textual que pregava sua conciliação.⁵⁸⁹

Diante disso, mesmo que os astrólogos justificassem pelas bases naturais certas previsões das ações humanas – o que era mais aceito –, eles incorriam de qualquer modo no grave erro de descuidar do livre-arbítrio e, por isso, sua arte tornava-se supersticiosa. Melhor dizendo, ainda que essa influência natural pudesse predispor a certos comportamentos, não resistir a eles era quase tão condenável quanto praticar a astrologia de eleições ou a genealógica. A propósito, em sua outra obra *Directorium inquisitorum*, Eymerich alertou também sobre a astrologia, advertindo que o saber das estrelas seria um dos artificios

⁵⁸⁵ MINOIS, George. **História do Futuro**, p. 172.

⁵⁸⁶ NICOLAS EYMERICH. *Tractatus contra astrologos imperitos* ataque nigromantes de occultis perperam iudicantes. In: PELAYO, Marcelino Menéndez y. **Historia de los Heterodoxos Españoles**, p. 604-610.

⁵⁸⁷ “Nunca um ideal havia presidido de um modo tão alto, tão nobre e tão eficaz uma diversidade de gentes e nações, corporações e indivíduos, como o ideal cristão na Idade Média. Ele infundiu aquela consciência de universalidade que permitia a um Santo Anselmo, originário da Costa, governar um monastério na Normandia e morrer à frente de uma arquidiocese na Inglaterra, como arcebispo de Canterbury (1093). A um São Tomás de Aquino, que abriu os olhos em um castelo projetado sobre a luminosa veja napolitana, explicar sua ciência nas escolas tumultuosas de Paris; a um Raimundo Lúlio peregrinar pelo mundo sem distinguir dialetos nem povos, infatigável em seu afã apostólico e intelectual que universalizou em livros escritos em catalão”. BAQUÉ, Enrique; PETIT, Juan. **La Baja Edad Media. Historia de la Cultura Española**. Barcelona: Editorial Seix Barral, S. A., 1956, p. 15.

⁵⁸⁸ Ricoeur, Paul. **Ensaio sobre a Interpretação Bíblica**. São Paulo: Fonte editorial, 2008, p. 29.

⁵⁸⁹ BOUDET, Jean Patrice. **Entre Science et Nigromance**, p. 529.

utilizados por hereges como os nigromantes,⁵⁹⁰ os quais “se dedicam a adivinhar o futuro, mesmo nas coisas que dependem unicamente da vontade de Deus ou dos homens. A maioria recorre à alquimia ou à astrologia.”⁵⁹¹ O teólogo não só adverte sobre a proximidade entre a nigromancia e a astrologia para prever, como afirma, ao aconselhar os inquisidores, que os astrólogos são, tal qual os nigromantes, adoradores do diabo:

Se alguém é apresentado ao inquisidor sob a acusação de nigromancia e o Inquisidor vê que é astrólogo ou alquimista, ou adivinho, já conta com um indício seguro: todos os adivinhos são, manifestamente ou às escondidas, adoradores do diabo. Os astrólogos também, e os alquimistas o mesmo, pois, quando não logram seus fins, pedem conselho ao diabo, imploram-lhe e invocam-no.⁵⁹²

A acusação, como se pode ver, se daria pela prática da nigromancia e não da astrologia propriamente, de forma que o problema estaria na capacidade da última em transitar entre as artes liberais e as práticas demoníacas, dado que, nas adversidades, os astrólogos recorriam necessariamente aos demônios para captar o desconhecido. As argumentações dos séculos XIV e XV, como aquelas dos tratados de Barrientos – representativas da postura hegemônica adotada pela Igreja –⁵⁹³, propõem, em suma, ser necessário informar sobre os diferentes tipos de artes mágicas, com a finalidade de que, uma vez definidas, se pudesse demarcar melhor aquelas que pertenciam à magia ritual ou talismânica⁵⁹⁴ daquelas que formam parte dos

⁵⁹⁰ Os nigromantes, segundo o *Tractado de la Divinança*, foram aqueles que, através de palavras de encantamentos e sangue recém-tirado, ressuscitavam os mortos para que respondessem algumas questões. O citado Tratado também define o vocábulo nigromancia, um nome grego, assim, *nigron* em latim significa morto e *mancia*, adivinhação, o que corresponderia a uma adivinhação que se faz com os mortos ou pelos mortos. LOPE DE BARRIENTOS. *Tractado de la Divinança*, p. 222.

⁵⁹¹ NICOLAU EIMERIC. *Manual de Inquisidores*. Tradución y comentarios José Antonio Fortea. La Esfera de los Libros S.L., 2006, p. 160-162.

⁵⁹² NICOLAU EIMERIC. *Manual de Inquisidores*, p. 162.

⁵⁹³ Não faltam clérigos e frades que, como o bispo de Cuenca, discorrem sobre a matéria na época que nos ocupa. O capelão do rei João II, Afonso Martínez de Toledo, o bispo judeu-converso Afonso de Cartagena, Alfonso de la Torre e o agostiniano Martín de Córdoba, entre outros, afirmam – como Barrientos – a independência da vontade humana e o governo da Providência divina frente à ameaça da astrologia judiciária. Assim, pois, a renovada ortodoxia do século XV hispano, fortemente providencialista, se vê nutrida por uma verdadeira rede discursiva. CAVALLERO, Constanza. *Supersticiosos y Marranos. El discurso anti-mágico de Lope de Barrientos a la luz de la “Cuestión Conversa”*, p. 76.

⁵⁹⁴ O Picatrix, traduzido pela escola de tradutores de Toledo, tratou das duas formas de magia, ensinando como fazer talismãs. Maslana explica que esta arte é de tradição grega, feita por aqueles que “Dominavam esta ciência porque sabiam astronomia; o essencial, que é conhecer a esfera do equador que se denomina o trono e as esferas que este compreende; a divisão da esfera zodiacal, seus aspectos e suas demais circunstâncias; as características dos doze signos e suas particulares referências aos seres deste mundo [...]”. SEUDO MASLAMA. *Picatrix*, p. 07.

saberes naturais, para, assim, poder julgar e condenar os usos pecaminosos.⁵⁹⁵ Justamente devido a essa separação, produz-se também a defesa de algumas práticas, como a astrologia, relacionada com os saberes naturais, mas que se encontrava sempre na fronteira com outros tipos de práticas supersticiosas.⁵⁹⁶

Assim, sobretudo Barrientos e Eymerich, cujas funções eram mais prescritivas e controladoras – ambos foram nomeados inquisidores, mas o primeiro foi também catedrático de teologia –, tiveram como preocupação central determinar quando os astrólogos cruzavam a linha e se tornavam adivinhos ilícitos. A estes, Eymerich chamava de *mathematici*⁵⁹⁷, adotando, assim, o termo usado por Agostinho e Isidoro para aqueles que insistiam na previsão astrológica para além das suas capacidades naturais, ou seja, exploravam suas capacidades propriamente nigromânticas.⁵⁹⁸ Além da terminologia pejorativa agostiniana, vários nomes serviram para definir os astrólogos nos séculos XIV e XV. Frei Antônio de Beja, por exemplo, faz uma interessante reflexão sobre o assunto, lembrando das escrituras e relacionando o nome astrólogo com as superstições:

[...] não se acha expresso na sagrada escritura, mas segundo a diversidade dos tempos tomou esta supersticiosa arte [...] diversos nomes / antigamente se chamavam caldeus, getenealíticos; no tempo de santo Agostinho se diziam matemáticos planetários. Agora em toda a parte os nomeiam por este nome astrólogos: em lugar daquela palavra que meu padre hierônimo: pôs adivinhadores. Em hebraico é *chesem*.⁵⁹⁹

Nesta busca por definir um nome que melhor definisse os praticantes da arte das estrelas – lícita ou ilícita –, assim como o fizera frei Antônio de Beja, D. Afonso de Castro explicou que:

[...] entre os astrólogos houve alguns que se chamaram astrônomos, e outros astrólogos judiciários. Destes houve alguns que se chamaram magos, e esses adivinham pelas estrelas; outros se chamavam harúspices, e esses revelavam

⁵⁹⁵ Foi partilhada a ideia no período de que o conhecimento dos vícios – para evitá-los – era ainda mais importante que o conhecimento das virtudes. MURPHY, James J. **La Retórica en la Edad Media**. Traducción Guillermo Hirata Vaquera. México: Fondo de Cultura Económica, 1986, p. 309.

⁵⁹⁶ MUÑOZ, Paloma Cuenca. Introdução In: LOPE DE BARRIENTOS. **Tractado de la Divinanza**, p. 67.

⁵⁹⁷ Isidoro de Sevilha reforça os símbolos da abdicação da magia e da adivinhação pagã antes do advento do cristianismo ao assimilar os magos como *mathematici*. Mas essa submissão não significa necessariamente uma condenação da astrologia tendo em conta as referências aos astros encontradas na Bíblia. BOUDET, Jean Patrice. **Entre Science et Nigromance**, p. 207.

⁵⁹⁸ BAILEY, Michael D. **Fearful Spirits, Reasoned Follies: The Boundaries of Superstition in Late Medieval Europe**, p. 89.

⁵⁹⁹ FR. ANTÔNIO DE BEJA. **Contra os juzos dos astrólogos**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1944, p.98.

nos oráculos, outros geneáticos, que consideravam os nascimentos, e esses se nomeiam matemáticos.⁶⁰⁰

Para além das particularidades de cada observação, podemos deduzir que aqueles que foram antes chamados de matemáticos passaram – com o maior contato com os textos sobre astrologia – a ser designados de astrólogos e por vezes com termos mais específicos, de acordo com o tipo de astrologia que praticavam; caso dos geneáticos, por exemplo. Hugo de São Vítor já havia feito esta catalogação, com um dado diverso, ao propor que o horóscopo, que se chamava também constelação, era feito quando, nas estrelas, alguns procuravam os destinos dos homens, como era o caso dos astrólogos, “que observam os nascimentos e que antigamente se chamavam magos.”⁶⁰¹ Essa inserção dos magos como praticantes da astrologia também foi feita por São Tomás de Aquino, que, por sua vez, advertiu que esses podiam calcular as posições das estrelas, assim como preparar suas ervas de maneira a receberem influências astrais, dando a impressão de que confiavam apenas nesses poderes.⁶⁰²

A preocupação com essas designações, que dizem muito acerca desse momento em que se buscou esclarecer os limites e características das artes voltadas para adivinhar, bem como se interrogou sobre quem eram aqueles que faziam uso delas, remontam à tomada de posição dos Padres da Igreja, que se opuseram sem hesitação às crenças supersticiosas. Mas, por vezes, eles mesmos que as combatiam não recusaram de todo a influência dos astros sobre a vida humana.⁶⁰³ Isso porque, apesar de não terem tido contato com obras que melhor desenvolveram a temática astrológica, como veio a ter a de Tomás de Aquino graças à proliferação das traduções nos séculos XII e XIII – das obras clássicas de Aristóteles, Platão e Ptolomeu e dos tratados judaicos de Avicibrón e Moisés Maimônides, dos séculos XI e XII –⁶⁰⁴, eles não negligenciavam inteiramente certas relações entre o corpo e os astros admitidas pela astrologia natural.

Mas nem mesmo para os antigos e para os filósofos judeus essas relações admitidas significavam uma concessão à astrologia supersticiosa. Maimônides, por exemplo, já no século XI, foi o escritor de uma das mais duras críticas à astrologia, ao apontar que as chamadas leis das estrelas, que pretendiam ensinar ao homem o que ocorreria, fosse no plano mais amplo – do mundo, de uma cidade, de um reino – ou no âmbito de uma vida, não se

⁶⁰⁰ DON ALFONSO DE CASTRO. **Biblioteca de Autores Españoles**. Curiosidades Bibliográficas, Colección Escogida de Obras Raras de Aménidad y Erudición. Madrid: M. Rivadeneyra – impresor-editor, 1855, p.366.

⁶⁰¹ HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascálion: da arte de ler** (século XII), p.273.

⁶⁰² TOMÁS DE AQUINO. **Summa contra gentiles**. Tomo II, Madrid: BAC, .2. Ed, 1967, Cap. III, p. 104-107.

⁶⁰³ PONTES, J. M. DA CRUZ. **Astrologia: Da Rejeição Patrística a Apologética Medieval**, p. 287.

⁶⁰⁴ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. **Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española**, p. 68.

distinguiam da idolatria. Ele chamava tontos, e não sábios, àqueles que acreditavam nos “decretos dos astros” sobre o que viria a ser ou não. O judeu, nascido em Al-Andalus, argumentava que, se as melhores nações, como a grega, não tinham recorrido a esse tipo de previsão e que inclusive seus sábios escarneciam dos caldeus, casdeus⁶⁰⁵, cananeus e egípcios que escreveram livros sobre astrologia, não se devia também cometer o erro de chamá-la de ciência, porque havia “provas irrefutáveis e evidentes de que não é desonroso esquecer por completo essas doutrinas”.⁶⁰⁶

Diante dessas restrições, a ideia de natureza como criatura colocada por Deus ao serviço dos homens,⁶⁰⁷ e o simbolismo que se procurava nas coisas, encaminhavam para a aceitação de que os fenômenos celestes — se não eram causa necessária dos acontecimentos terrenos — podiam ser considerados como um sinal, uma manifestação desses acontecimentos. Textos bíblicos, especialmente do Antigo Testamento, autorizavam e confirmavam essa relação, se não causal — do mundo superior sobre o mundo inferior — ao menos simbólica, que, de certo modo, fazia dos astros uma espécie de linguagem de que Deus podia servir-se para falar aos homens. O próprio Evangelho conta como a visão de uma estrela revelou aos Magos o nascimento de Cristo. Já, por exemplo, São João Crisóstomo, Santo Agostinho e São Gregório Magno tinham prevenido os fiéis seus ouvintes contra a interpretação astrológica do episódio evangélico.⁶⁰⁸

Embora esse hábito de ver nos astros algum sinal tenha se perpetuado nos séculos XIV e XV, a despeito das advertências antigas dos santos doutores, a preocupação foi maior com os efeitos desses sinais, ou seja, foi em questionar como a astrologia era entendida e praticada, se em conformidade com a doutrina cristã — de modo lícito — ou afrontando as regras cristãs e se afastando delas — de forma ilícita. Tendo isso em conta, Lope de Barrientos esclareceu nos seus tratados que ainda havia aqueles que conjugavam os aspectos naturais (os astros e as influências no clima nas plantas e pedras) com a magia, baseada em sinais e na intervenção de maus espíritos. Retomou Tomás de Aquino para prevenir sobre as fronteiras naturais ou supersticiosas no que dizia respeito ao saber dos céus, propondo que, “se alguém usa da

⁶⁰⁵ Tribo aramaica que descendia de Cased. O mesmo nome é aplicado, em hebraico, aos Caldeus habitantes da Caldéia e ferrenhos adversários dos hebreus. Ver <http://www.palavrasdoevangelho.com/dicionario-de-personagens-biblicos/letra-c/>

⁶⁰⁶ ROMANO, David. **La Ciencia Hispanojudía**. Madrid: Colecciones Mapfre, 1992, p.192.

⁶⁰⁷ A natureza não faz nada em vão, disse Aristóteles, e tudo teve um propósito. As plantas foram criadas para o bem dos animais e esses para o bem dos homens. Os animais domésticos existiam para labutar, os selvagens para serem caçados [...] essa era a interpretação corrente na Idade Média do relato bíblico da criação[...]. THOMAS, Keith. **O Homem e o mundo natural**. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 21-22.

⁶⁰⁸ D'ALVERNY, M, T. Astrologues et théologiens au XII siècle. In: **Mélanges offerts à M. D. Chenu**. Bibliothèque Thomiste, XXXVII. Paris: J. Vrin, 1967, p. 31-50.

ciência e consideração das estrelas a fim de saber as coisas advenientes que naturalmente são causa do movimento dos corpos celestiais, tal adivinhação “não é ilícita nem supersticiosa, antes é premissa”. Porém, se “alguém usar de tal consideração a fim de saber as obras dos homens e as coisas que hão de acontecer, isto procede de mal e falso propósito, e esta adivinhação é ilícita, porque nesta intervém operação diabólica para envolver as vontades dos homens em vanidades e falsidades.”⁶⁰⁹

No mesmo sentido, ainda retomando postulados tomistas, ensina Barrientos como se pode saber se é lícito adivinhar e julgar pelo juízo das estrelas. Recordando, a partir da *Suma Teológica* e do VI livro da *Methafísica* de Aristóteles, que os corpos celestes não são causa ou efeito das coisas – as quais não estão sujeitas substancialmente ao movimento dos corpos –, propõe que um efeito ou algo que aconteça por acidente – seja nos feitos humanos, seja nas coisas naturais – não tem causa especialmente natural; por exemplo, quando “cai a pedra se faça terremoto, ou cavando o homem encontre um tesouro.”⁶¹⁰ Tomás de Aquino tinha proposto que alguns efeitos ou ações terrenas podiam proceder de acidentes que não teriam como ser relacionados à influência dos astros e menos ainda ser previstos, por isso, foi uma referência apreciada pelos homens impugnadores das artes mágicas, como Barrientos. O santo, entretanto, revela, em seus escritos, que não se esquivara de um conhecimento sólido sobre os corpos celestes e, na maioria das vezes, deixa transparecer uma posição conciliatória acerca do papel da astrologia.

Entre recusas e contemporizações, enfim, o que se pode dizer é que são frequentes as tentativas de regramento da prática astrológica na vida do cristão sobretudo nos séculos XIV e XV. Quais são as bases dessa tentativa de regulação em território ibérico, a partir dos grandes nomes do pensamento cristão e de alguns pilares do pensamento antigo, é o que trataremos a seguir.

3.3 *Dominar os astros: o ensinamento dos grandes pensadores*

O arcebispo de Sevilha D. Pedro Gómez de Albornoz,⁶¹¹ preocupado com a devoção espiritual, em seu *Libro de la justicia de la vida espiritual*, escrito no século XIV, relata uma prática supersticiosa que remete diretamente ao determinismo astral na sua diocese:

⁶⁰⁹ LOPE DE BARRIENTOS. *Tractado de la Divinanza*, p. 229.

⁶¹⁰ LOPE DE BARRIENTOS. *Tractado de la Divinanza*, p. 242.

⁶¹¹ D. PEDRO GÓMEZ DE ALBORNOZ. *Libro de la justicia de la vida espiritual*. In: PELAYO, Marcelino Menéndez y. *Historia de los Heterodoxos Españoles*, cap. III –VII.

Espécie de idolatria é a de alguns que por astrologia querem adivinhar as coisas futuras e dizem que os planetas e corpos celestiais têm influência necessária nos corpos inferiores que estão na terra, e assim julgam que o que nasce [por influência de] uma constelação terá o bem e se por outra, mal. E esses pecam gravemente, porque subtraem e tiram nossas obras da magnificência e do serviço de Deus.⁶¹²

Além da acusação de idolatria àqueles que queriam usurpar o conhecimento divino, conclui o arcebispo que, se fosse verdade que a conjunção astral relativa à data do nascimento determinava que uma pessoa haveria de fazer bons ou maus feitos, como muitos diziam, não existiria o livre-arbítrio para escolher entre bem e mal, de forma que “nossas obras seriam feitas por violência e força e não seriam dignas de prêmio nem de pena, assim como não o são as obras dos animais brutos, o que é falso e contra a fé.”⁶¹³ Além disso, para ilustrar o enunciado e reafirmar a vanidade da crença nas previsões astrológicas, o religioso cita o exemplo de Jacó e Esaú, nascidos sob a mesma constelação, e que tiveram, não obstante, sortes totalmente opostas. Este célebre caso⁶¹⁴ havia, a propósito, também inspirado Santo Agostinho no seu combate à astrologia em *A Doutrina Cristã*, obra em que o filósofo comenta não serem poucos os gêmeos que nascem sob a mesma e idêntica constelação, porém, “suas ações e os seus eventos na vida são o mais das vezes tão diferentes que um dos gêmeos pode estar vivendo na felicidade, ao passo que o outro no infortúnio”,⁶¹⁵ tal como o caso de Esaú e Jacó:

Nasceram gêmeos e quando nasceu o segundo, Jacó percebeu que segurava com a mãozinha o calcanhar do irmão. Certamente não se podia fixar para eles dias e horas diferentes, e então sua constelação foi idêntica; mas a Escritura está aí, conhecida em todas as línguas, para atestar como foram diversos os costumes deles, suas ações, suas penas e seus êxitos.⁶¹⁶

Agostinho aponta ainda que a justificativa dos astrólogos, para ocasiões similares ao nascimento de gêmeos, era de que mesmo uma fração mínima e imperceptível de tempo teria grande poder natural, devido à altíssima velocidade dos corpos siderais; o que explicava as configurações astrais peculiares a cada irmão.⁶¹⁷ Argumento que não convence o filósofo, que acusa esta arte de depender do azar em vez da perícia.

⁶¹² Primer mandamento, fol. V In: DE LOS RIOS, D. José. *Historia Crítica de la Literatura Española*. Tomo V. Madrid: Imprenta á cargo de José Fernandez Cancela, 1864, p. 230.

⁶¹³ Primer mandamento, fol. V in DE LOS RIOS, D. José. *Historia Crítica de la Literatura Española*, p. 230.

⁶¹⁴ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*, p. 53.

⁶¹⁵ SANTO AGOSTINHO. *A Doutrina Cristã*. Tradução e Introdução Nair de Assis Oliveira. São Paulo: ed. Paulus, 2011, p. 121.

⁶¹⁶ SANTO AGOSTINHO. *A Doutrina Cristã*, p. 121.

⁶¹⁷ SANTO AGOSTINHO. *A Doutrina Cristã*, p. 121.

É Agostinho, a propósito, quem primeiramente estabelecerá a ligação entre a demonologia e as superstições e, após sua proposição, a sedução diabólica será frequentemente invocada pelos clérigos⁶¹⁸ como a causa primeira da queda dos homens no pecado.⁶¹⁹ O filósofo concentrou-se no problema dos homens que tentaram adivinhar o futuro e, por isso, de sua pena saiu o ataque mais virulento, ao menos entre os Padres da Igreja latina, contra a pretensa verdade das predições dos astrólogos, bem como sobre as consequências do determinismo astral. Seus argumentos, assim, converteram-se em um *locus classicus* nos diversos ataques contra a “pseudociência” astrológica, inclusive no período aqui tratado. Pode-se dizer que o passado do jovem Agostinho, como praticante de astrologia, deve ter influenciado em seu forte compromisso anti-astrológico depois de sua conversão. E nessa tendência, entretanto, Agostinho não foi uma figura isolada, pois foram muitos os padres e escritores cristãos que demonstraram ter se interessado pela astrologia.⁶²⁰ Nas *Confissões*, Agostinho relembra seu passado envolvido com práticas astrológicas, ao comentar o pedido de um amigo para obter o horóscopo: “eu, que neste tema já havia começado a inclinar-me pela opinião de Nebrídio, não me neguei a fazer o horóscopo e a dizer-lhe o que ia ocorrer a ele, que andava cheio de dúvidas, porém lhe adverti que já estava quase convencido de que aquelas coisas eram ridículas e vãs.” O doutor ainda conclui, nessa obra, que os acertos dos astrólogos eram devidos não a uma arte, “senão ao puro azar”.⁶²¹

Por isso, o santo acusa os *genethliacos*, aqueles que forneciam previsões astrológicas pela data do nascimento, também chamados astrólogos, de proporcionarem uma espécie de escravidão aos homens que se convencem dos poderes dos astros de adiantarem certas coisas:

Investigando a posição dos astros no instante do nascimento de cada um, esforçando-se por deduzir disso nossas ações ou os eventos de nossa vida, e passando então a prevê-los, cometem grande erro e proporcionam aos homens, a preço barato, penosa escravidão. Realmente, todo homem livre que vai consultar os tais astrólogos paga-lhes para sair escravo de Marte, Vênus, ou quiçá de todos os astros⁶²².

⁶¹⁸ Se considerarmos os textos teóricos, canônicos ou teológicos, o material que serviu de base aos clérigos dos séculos XII e XIII para conceberem a noção de superstição em pouco mudou. Os mesmos textos de Agostinho, de Martinho de Braga ou de Isidoro de Sevilha, assim como os mesmos cânones dos concílios da Alta Idade Média, continuam a ser o fundamento de «autoridades» que sustentam a lei da Igreja e as verdades da razão teológica. SCHMITT, Jean-Claude. **História das Superstições**, p. 106. Sobre a retomada de Santo Agostinho na Baixa Idade Média cf. ALPALHÃO, Margarida Santos. Introdução. In: GOSSOUIN DE METZ. **Imagem do Mundo**, p. 16.

⁶¹⁹ SCHMITT, Jean-Claude. **História das Superstições**, p. 19-20.

⁶²⁰ VILALOBOS, Cristóbal Macías. **Ciencia de los astros y creencias astrológicas en el pensamiento de San Agustín**. Ediciones Clásicas Madrid, Distribución-Editorial Málaga: 2004, p. 09.

⁶²¹ SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução Arnaldo do Espírito Santo, João Beato, Maria Crisitna de Sousa Pimentel. Corvilhã: 2008, (7,6,8), p. 24.

⁶²² SANTO AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**, p. 119.

O bispo de Hipona, como foi adiantado anteriormente, designou como *mathematici* os adeptos das práticas supersticiosas relacionadas ao saber dos céus, apontando-os como aqueles que insistiram na previsão astrológica para além das suas capacidades naturais. Essa associação da astrologia com a matemática feita por ele, vale notar, teve como finalidade avaliá-la com o mesmo rigor com que se analisavam os enunciados matemáticos, em outras palavras, como uma linguagem formal cujo desenvolvimento deveria ser objetivo, demonstrativo, e infalível para poder ser aceito como ciência verdadeira. A avaliação lógica, para o bispo adepto dos ensinamentos helenistas, implicava na necessidade de levar sempre a resultados exatos e mensuráveis dentro do próprio sistema.⁶²³ Para outros pensadores cristãos, entretanto, a relação da astrologia com a matemática se dará a partir de outras acepções. Avançando significativamente no tempo, é possível observar, por exemplo, que Hugo de São Vítor mencionou a doutrina científica *mathesis*, que, se escrita com o “t” não aspirado significaria a vaidade daqueles que depositam o destino dos homens nas constelações, ou os chamados supersticiosos.⁶²⁴ Roger Bacon em contrapartida, afirmou que havia duas espécies de matemáticas,⁶²⁵ as que fazem parte da filosofia e as que pertencem à magia. A primeira era útil aos cristãos e recomendada pelos Padres da Igreja; a segunda era prejudicial e por isso mesmo reprovada.⁶²⁶

Pois as matemáticas são duplas; umas são supersticiosas ao submeterem todas as coisas e o livre-arbítrio à necessidade, e ao pretenderem um conhecimento certo do futuro; mas essas matemáticas foram rejeitadas pelos santos e pelos filósofos, conforme o mostro muito claramente. Quanto às outras matemáticas, que são uma parte da filosofia, embora tenham o mesmo nome que as precedentes, são-lhes opostas pela maneira como são estudadas, sendo muito insistentemente recomendadas pelos santos.⁶²⁷

Ao contrário de Tomás de Aquino, o franciscano inglês Roger Bacon (1219-1292) foi, sem dúvida, o teólogo do século XIII que se mostrou mais favorável à astrologia e ao estudo dos segredos da arte e da natureza, mesmo que condenasse a magia. Consciente da hostilidade que a astrologia suscitava entre as autoridades eclesiásticas, Roger Bacon fustigava os que,

⁶²³ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*, p. 51.

⁶²⁴ HUGO DE SÃO VÍTOR. *Didascálion: da arte de ler* (século XII), p. 87.

⁶²⁵ PRÉAUD, Maxime. *Les Astrologues à la fin du Moyen Age*. Paris: J.-C. Lattès, 1984, p. 220.

⁶²⁶ LIBERA, Alain de. *Pensar na Idade Média*. São Paulo: editora 34, 1999, p. 239.

⁶²⁷ ROGÉRIO BACON. *Obras escolhidas* – Carta a Clemente IV; A ciência experimental; Os segredos da arte e da natureza, (≅ 1267). Introdução de Jan G. ter Reegen. Tradução de Jan G. ter Reegen, Luis A. De Boni e Orlando A. Bernardi. Porto Alegre; Bragança Paulista: EDIPUCRS; Editora Universitária São Francisco, 2006, p. 145-146.

sem distinguir o lícito e o ilícito, rejeitavam toda esta ciência que ele designava como ciência matemática.⁶²⁸ Bacon diz ainda que por ser a astrologia uma aplicação da matemática, nada se podia objetar contra sua validade como saber científico, mas somente contra o uso da astrologia nas práticas mágicas. A astrologia supersticiosa era então aquela que afirmava que podia existir um conhecimento exato a respeito de tudo que aconteceria no futuro, o que ia contra a regra da Igreja, a moral e o gosto dos santos homens. Bacon propõe, no entanto, o uso da astrologia científica (matemática) a favor da Igreja, mas não só isso, ele aconselha certo aproveitamento de práticas supersticiosas para que a Igreja pagasse na mesma moeda aos adversários.

Se a Igreja examinasse atentamente as profecias do texto sagrado, as afirmações dos santos, os oráculos da Sibila e do Merlin e de outros profetas pagãos, e se a tudo isso juntasse as conclusões da astrologia e da ciência experimental, então ela, a Igreja, seria sem dúvida capaz de se precaver contra o tempo do anticristo e dos seus seguidores.⁶²⁹

Para Bacon, além disso, a liberdade individual ou livre-arbítrio estaria a salvo, desde que o homem soubesse reprimir a influência das suas paixões. Explica ele que, por raramente as multidões se deixarem guiar pelo espírito e pela razão, eram levadas por isso, pelas paixões animais, e estavam sujeitas à influência das estrelas, ou seja, a constatação do religioso foi de que, porque a maioria das pessoas eram pecadoras, acreditavam que estavam entregues às influências astrais, culpando o céu por seu mau comportamento e abrindo-se por isso para as predições astrológicas. Entretanto, havia uma diferença entre a predição relacionada ao futuro de um homem e aquela que tratava do coletivo ou de instituições como a Igreja. O filósofo faz uma interessante comparação entre as práticas astrológicas coletivas e pessoais, pois, para ele, as mesmas previsões feitas por certas conjunções astrais para revelar o futuro das pessoas, poderiam ser feitas para revelar o futuro das religiões, alcançando melhores resultados, por não partir de uma disposição egoísta. Segundo Bacon, portanto, as religiões também eram colocadas sob o signo de uma conjunção “de Júpiter e de um outro planeta”.⁶³⁰ Para a religião cristã especificamente, a conjunção de Júpiter e de Mercúrio era a configuração astral principal e aquela que potencializaria as qualidades místicas⁶³¹ mais favoráveis. O interesse de Bacon em fazer o horóscopo das religiões, se deu, inclusive, porque o cristianismo teria uma

⁶²⁸ MINOIS, George. **História do Futuro**, p. 247.

⁶²⁹ ROGÉRIO BACON. **Obras escolhidas** – Carta a Clemente IV; A ciência experimental; Os segredos da arte e da natureza, (≅ 1267), p. 149.

⁶³⁰ ROGER BACON. **Parts of the Opus Tertium of Roger Bacon**. Aberdeen: ed, A. G. Little, 1912, p. 41.

⁶³¹ Sobre a importância do misticismo nos fundamentos cristãos ver: FANNING, Steven. **Mystics of the christian tradition**. London and New York: Routledge, 2005, p.14.

conjunção mais afortunada que as demais. Por isso, segundo o franciscano, a comprovação da superioridade das influências astrais para a fé católica, através do estudo do céu, seria um meio infalível de converter os infiéis, “porque o exemplo vale mais que o discurso.”⁶³² Este é um curioso exemplo do que o doutor disse anteriormente a propósito de como a Igreja poderia se valer de coisas ruins, como as configurações astrais, para se engrandecer, convertendo-as em benefício imediato, a saber, através da superioridade de seu horóscopo, poderia até mesmo conquistar algo precioso para os cristãos do século XIII: a conversão dos infiéis.

Tomás de Aquino, à semelhança de Roger Bacon, também tratou da serventia de um caráter coletivo da astrologia, não para fazer o horóscopo da religião católica, o que seria considerado pecado pelo doutor, mas para determinadas decisões coletivas relativas aos efeitos naturais das estrelas sobre o corpo. O doutor Angélico admitiu que os astros tinham uma influência direta sobre esse, legitimando, assim, de alguma forma, os avisos e prognósticos a respeito de epidemias ou catástrofes naturais, pois eram da ordem do sensível. Não admitia, entretanto, a consulta sobre o destino que não passasse por intermediários materiais, como o corpo e demais elementos naturais, ou seja, considerava ilícitas aquelas indagações feitas para os astrólogos sobre as coisas da alma, dado que a influência astral só podia imprimir sua ação sobre o intelecto humano através das paixões (faculdades sensitivas). Desse modo, o filósofo advertiu sobre a impropriedade de decisões individuais que fossem consideradas inevitáveis devido a uma influência direta dos astros, pois esta só seria possível se procedente das paixões. Se este não fosse o caso, configurava, portanto, uma negação do livre-arbítrio. Tais proposições levaram-no a afirmar a impossibilidade de uma influência direta das configurações astrais no porvir: as estrelas inclinam mas não exigem.⁶³³ Essa argumentação apresentada na *Summa contra Gentiles* não aceitava a possibilidade de que as influências dos corpos celestes inclinassem os homens ao pecado se esses fossem suficientemente virtuosos para amenizá-las,⁶³⁴ portanto, os corpos celestes não seriam a causa dos atos que procedem da vontade. Poderiam, contudo, inclinar os homens a determinados atos, quando partiam das faculdades sensitivas, mas nunca quando dependiam da vontade e do livre arbítrio.⁶³⁵

Sentido diverso propôs a conhecida sentença, tão propagada quanto a anterior, de que “o homem sábio dominará os astros”, atribuída ao poema pseudovidiano *De Vetula*. Esta foi

⁶³² ROGER BACON. *Parts of the Opus Tertium of Roger Bacon*, p. 41.

⁶³³ BOUDET, Jean Patrice. *Entre Science et Nigromance*, p. 229.

⁶³⁴ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*, p. 139.

⁶³⁵ LOPE DE BARRIENTOS. *Tractado de la Divinanza*, p. 242.

retomada pelos doutores da Igreja, como Roger Bacon,⁶³⁶ e da mesma forma por muitos outros textos que tratam da astrologia, como o tratado catalão de *Prenostication de la vida natural dels hòmens*, – obra feita por Henri Mayer na segunda metade do século XV.⁶³⁷ A máxima tem pelo menos dois significados difundidos pelos homens de saber preocupados em definir a arte astrológica. O primeiro prega que o astrólogo tem o poder de ler o livro do céu e por isso pode evitar certos males se previstos a tempo, ou seja, a antecipação permitiria o domínio sobre os astros e sobre os destinos.⁶³⁸ Para os afeitos à astrologia, a dominação dos astros significou um incentivo para o seu estudo, sobretudo pela ideia de que conhecimento é poder.⁶³⁹ Esta interpretação do adágio só é feita em textos que tinham vindo do trabalho de tradução judeu e árabe⁶⁴⁰ ou por intermédio desse, pois os textos que tiveram a função de propagar a opinião da Igreja optam pelo segundo significado.

Esse segundo sentido foi mais frequente e esteve ligado a um combate às previsões astrológicas ou ao elogio para aqueles que não se inquietavam nem buscavam os significados das adivinhações astrológicas. No *Corbacho*, por exemplo, quando o Arcipreste de Talavera relembra uma passagem bíblica de Salomão, afirma que: “O homem sábio senhoreia as estrelas. Porque não são as estrelas nem os planetas que o senhoreiam; se sábio, de mal fazer se guarda, senhoreia destinos e planetas; porém, se for louco e quiser fazer mal, faz a si mesmo.”⁶⁴¹ O ponto fundamental da passagem é atestar que o homem deve por si e por sua fé agir corretamente, sem se basear no que dizem os astrólogos. Senhorear os planetas é, portanto, não deixar que “eles” definam nada sobre a vida. No mesmo sentido, essa sentença também aparece em uma passagem que trata do aspecto sedutor da arte do céu, no escrito justamente de um rei conhecido por sua fé, D. Duarte. Advoga este que a “católica determinação”:

⁶³⁶ GARIN, Eugenio. **El Zodíaco de la Vida. La Polémica Astrológica del Trescientos al quinientos**. Barcelona: Ediciones Península, 1981, p. 38.

⁶³⁷ LUCAS, John Scott. **Astrology and Numerology in Medieval and Early Modern Catalonia**, The Tractat de Prenostication de la vida natural dels hòmens. Library of Congress Cataloging-in-publication Data, USA, 1970, p. 69.

⁶³⁸ GARIN, Eugenio. **El Zodíaco de la Vida. La Polémica Astrológica del Trescientos al quinientos**, p. 38.

⁶³⁹ SCOTT, Hendrix. Reading the Future and Freeing the Will: Astrology of the Arabic World and Albertus Magnus. In: **Hortulus: The Online Graduate Journal of Medieval Studies**. Vol. 2, No. 1, 2006, p. 3-34.

⁶⁴⁰ “Antes de falar sobre as eleições direi de forma geral que a alma superior do homem tem poder para anular um pouco os [julgamentos sobre] indivíduos, agregando ou diminuindo o que indicam as estrelas, porém não tem poder para anular-los completamente.” ALBA, Amparo; MAZA, Carlos Sainz de la; SELA, Shlomo. La obra astrológica de Abraham Ibn Ezra en dos códices Castellanos. In: **Sefarad (Sef)**, vol. 70:2, julio-diciembre 2010, p. 392.

⁶⁴¹ ARCIPRESTE DE TALAVERA, Cristóbal Pérez Pastor (ed. lit.). **Corbacho o Reprobación del amor mundano**, p. 77.

[...] declara o homem sabedor se assenhorar das estrelas, e elas não podem mais fazer que dar-nos tentação ou algumas realizações de desejos; mais escrito está que nosso senhor não consentirá sermos tentados mais do que se deve saber por boa vontade, se quisermos poder resistir.⁶⁴²

Os diversos escritos, de homens preocupados com os princípios da fé cristã, como os de D. Duarte de Portugal, por exemplo, incidem, em geral, sobre as maneiras de salvaguardar o livre-arbítrio e sobre a necessidade de resistir às paixões, de forma que a resistência em consultar os astrólogos tinha duplo alvo. Uma das fontes de muitos textos ibéricos,⁶⁴³ Tomás de Aquino, fonte inclusive daqueles escritos sob a égide da dinastia de Avis, mas não só,⁶⁴⁴ é retomada também a propósito desse ponto, dado que, na *Suma Teológica*, é defendida a necessidade de resistir às paixões, que eram resultado das influências celestes:

São muitos os homens que seguem as paixões, que são movimentos do apetite sensitivo, nas quais podem influir os corpos celestes; são poucos, entretanto, os sábios que resistem a elas. Esta é a razão do porquê os astrólogos possam predizer na maioria das vezes coisas verdadeiras se falam no geral. Não sucede assim se falam de particular; porque sempre fica a possibilidade de que qualquer homem resista às paixões por seu livre-arbítrio. É de notar que os mesmos astrólogos afirmam que “o homem sábio domina os astros” ao dominar suas paixões.⁶⁴⁵

O doutor Angélico, ao fazer uma crítica às previsões dos astrólogos, estabelecendo uma relação entre a possibilidade de uma previsão não se realizar pela força moral (e o livre-arbítrio), revela que os próprios astrólogos assumem a necessidade de controlar as paixões, ao proporem que o homem sábio domina os astros.⁶⁴⁶ Denunciando certa conciliação de suas ideias com a dos astrólogos e certa tolerância com a prática destes, Tomás de Aquino admite, na *Suma*, que as influências dos corpos celestes podem, sim, interferir na vontade e no entendimento humanos, afirmando por isso que os astrólogos acertavam as previsões generalistas e que, “tanto o entendimento como a vontade, provêm de alguma maneira das

⁶⁴² D. DUARTE. *Leal Conselheiro*, p. 220.

⁶⁴³ GARCÍA, Luis Miguel de Vicente. La Importancia del Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas en la Astrología medieval (Reflexiones sobre la selección de obras astrológicas del código B 338 del siglo XV del archivo catedralicio de Segovia). In: *Revista de literatura medieval*, nº 14, 2. Universidad de Madrid: 2002. Disponível em : <http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/5426/La%20Importancia%20del%20Libro%20Conplido%20en%20los%20Iudizios%20de%20las%20Estrellas%20en%20la%20Astrolog%C3%ADa%20Medieval.pdf?sequence=1>; Consultado em : 10/12/2014.

⁶⁴⁴ Além de ser muito lembrado por Lope de Barrientos, ao especificar a licitude e a ilicitude das artes divinatórias, o doutor é retomado por Álvaro Pais justamente para tratar do mesmo tema. FREI ÁLVARO PAIS. *Colírio da Fé Contra as Heresias*, p. 179.

⁶⁴⁵ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Vol. 5. Coordenação Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira, Editor Joaquim Pereira. São Paulo: Edições Loyola, 2011, q. 115 a. 4.

⁶⁴⁶ MINOIS, George. *História do Futuro*, p. 250.

faculdades inferiores que dependem de órgãos corpóreos”.⁶⁴⁷ Contudo, a vontade não tem que seguir necessariamente tais inclinações astrais. E por isso “não há inconveniente algum em que o efeito dos corpos celestes seja impedido pela ação da vontade, não só pelo que ao homem se refere, mas inclusive no que diz respeito àquelas coisas às quais se estendem a ação do homem.”⁶⁴⁸ Os corpos estelares, portanto, não podem produzir diretamente os atos e, sim, o livre arbítrio é que o faz. Podem, contudo, “incliná-lo positivamente a ele, atuando sobre o corpo e, por consequência, sobre as tendências que brotam das potências sensitivas, que são atos de órgãos corpóreos”.⁶⁴⁹ Se por um lado, em alguma medida, o entendimento e a vontade provinham das faculdades influenciadas pelas configurações astrais, e as previsões generalistas tinham grandes chances de se realizar, por outro, foi destacado que a força moral sempre era capaz de barrar essas influências. Assim, a síntese tomista sobre a influência astral procurou acima de tudo afirmar o livre arbítrio, mas explicou para isso, de maneira aprofundada, os passos que fizeram possível o movimento dos céus interferir nas almas.

Alicerce dos ensinamentos tomistas e, por isso, tão propagados a partir do século XIII quanto a obra do santo,⁶⁵⁰ Aristóteles foi primeiramente conhecido no medievo como um astrólogo e mestre do ocultismo, devido à abundância de teorias e de sistemas científicos árabes que se infiltraram nas terras cristãs por via das traduções latinas.⁶⁵¹ Propagava-se que Aristóteles alegava que as estrelas e os planetas eram compostos por uma quinta essência superior, e quatro outras, terra, ar, fogo e água, que se encontravam na Terra. Sustentava-se, assim, que a revolução dos corpos celestes era a responsável pelo desenvolvimento da vida e pela promoção das ações terrenas, porém, isto não significava necessariamente que Aristóteles considerava que alguém podia predizer assuntos terrenos observando os céus.⁶⁵² Ainda assim, a perspectiva aristotélica do saber sobre os astros foi mais desafiadora para a Igreja, pois, enquanto a acepção neoplatônica difundia que o macrocosmos do universo exercia um impacto constante no microcosmos de cada ser humano, os ensinamentos aristotélicos

⁶⁴⁷ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Vol. 3, q. 11 S a.4.

⁶⁴⁸ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Vol. 3, 1 q.115 a.6, p. 1004.

⁶⁴⁹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Vol. 2, q. 95 a.5, p. 265-266.

⁶⁵⁰ Aos poucos, perceber-se-á que a presença de Aristóteles para o pensamento ocidental será inevitável, na medida em que o filósofo cordovês Averróis terá influenciado diversos outros pensadores: o filósofo judeu andaluz Moisés Maimônides (1135-1204 d.C.); os filósofos do ocidente latino, Roger Bacon (1214-1294 d.C.), Santo Alberto Magno (1193-1280 d.C.), que mantém mais acentuada inclinação aviceniiana, São Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.), que terá mais propensão averroísta do que neoplatônica, além de Siger de Brabant (1235-1284 d.C.) e de Marsílio de Pádua (1275-1342 d.C.). CHEVALIER, Jacques. *Histoire de la pensée*, II. Paris: Racine, 1956, p. 272.

⁶⁵¹ SANTIAGO, Carmen Ordóñez. *El Pronóstico en Astrología*. Edición crítica y comentario astrológico de la parte VI del Libro Conplido en los iudizios de las estrellas de Aben Ragel. Memoria para optar al grado de doctor. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2006, p. 48.

⁶⁵² KIECKHEFER, Richard. *La Magia em la Edad Media*, p. 33.

destacaram propriamente as análises dessas influências específicas.⁶⁵³ Assim, o argumento aristotélico mais difundido pelos religiosos foi também o mais controverso, a saber, a afirmação de que se os corpos celestes poderiam ter efeito diretamente sobre o intelecto e a vontade. Para os pensadores cristãos, diferentemente, isso seria o mesmo que dizer que o intelecto confunde-se com as faculdades sensitivas. Os ensinamentos de Aristóteles, contudo, foram de algum modo simplificados. Sua premissa era de que a impressão dos corpos celestes poderia, de maneira indireta, chegar ao intelecto ou à vontade na medida em que ambos estavam unidos em sua atuação pelas virtudes (faculdades) sensitivas. A vontade não estava, para ele, movida pelo apetite sensitivo, dado que era livre para fazer escolhas. Sua conclusão, portanto, era de que os corpos celestes não tinham necessariamente o poder de conduzir os atos.⁶⁵⁴

Para São Tomás, fiel à concepção instrumentalista da inteligência – que explicava o intelecto como instrumento da vontade divina e celeste – assim como Aristóteles,⁶⁵⁵ as substâncias espirituais superiores estavam para nossas almas tal como os corpos celestes estavam para os corpos inferiores. Por sua vez, da mesma maneira, os astros eram entendidos como princípios ativos universais que exercem sua influência sobre o mundo dos corpos: a potência divina, ou a potência das substâncias angelicais, atuará sobre nossa alma na qualidade de princípio universal. Porém, mesmo quando os princípios ativos universais são os astros, os corpos sobre os quais exercem sua influência não estão isentos de princípios ativos particulares, próprios a eles. O mesmo vale para a operação intelectual: primeiro devem ser admitidos os princípios ativos universais que são Deus ou os anjos. Mas é preciso que, além disso, um princípio próprio pertença ao homem para torná-lo efetivamente inteligente,⁶⁵⁶ e esse princípio é o intelecto agente, justamente aquele que nos permite fazer escolhas. Assim, a conclusão a partir desse princípio aristotélico, para São Tomás, Lope de Barrientos, Eymerich, Arcipreste de Hita, Álvaro Pais, dentre outros letrados parece ser a mesma: a astrologia é cientificamente possível, mas espiritualmente perigosa, embora ela não possa fazer qualquer coisa que se interponha no caminho da liberdade humana.⁶⁵⁷

⁶⁵³ KIECKHEFER, Richard. *La Magia em la Edad Media*, p. 141.

⁶⁵⁴ ARISTOTELES. *Librum De Anima Comentarium*. Taurini: Marietti, 1925, I. III, lectio IV, p. 211.

⁶⁵⁵ Segundo Manuel C. Diaz y Diaz, São Tomás segue a concepção da estrutura do Universo expressada por Aristóteles, exceto no que diz respeito à astrologia e ao livre-arbítrio, a propósito do que estaria mais próximo a Plotino e Avicena. ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologias*. Editores: Jose Oroz Reta, Manuel-Antonio Casquero; Manuel CDíaz y Díaz. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004, p. 68.

⁶⁵⁶ GILSON, Étienne. *Porque São Tomás criticou santo Agostinho*. Tradução Tiago José Risi Leme. São Paulo: ed. Paulus, 2010, p. 112.

⁶⁵⁷ NORTH, John. Scholars and power: astrologers at the courts of medieval Europe. In: *VI Trobada d'història de la ciència I de la Tècnica*. Coordinació: Josep Batlló Ortiz, Pasqual Bernat López i Roser Pluig Aguilar.

É conhecida a importância dos ensinamentos tomistas para pontos fundamentais da moral cristã no que diz respeito ao porvir. O dominicano ofereceu uma análise minuciosa dos modelos de profecia, delimitando três tipos principais: a profecia da predestinação; a profecia da presciência e a profecia da desgraça. Essas podiam ou não contemplar as contingências.⁶⁵⁸ A profecia da predestinação pregava o desenrolar das ações futuras como sua própria causa e, por isso, era impensado que ela não se cumprisse; já a designada profecia da desgraça podia ou não se cumprir, pois assinalava de forma antecipada a ordem de uma causa sobre os seus efeitos, uma ordem que por vezes era entravada por acontecimentos que surgiam de permeio. Por fim, a profecia da presciência significava o conhecimento de certas realidades futuras, em todas as possibilidades dadas por Deus. Sendo assim, a profecia da predestinação adiantava aquilo que era inevitável de acontecer, podendo ser exemplificada por uma estrutura rígida; por sua vez, aquelas profecias que tinham que contemplar a possibilidade de mais de um resultado, as que consideravam o livre-arbítrio do homem, eram justamente as profecias da presciência. Estas podiam relacionar-se com os bons e os maus, contudo, a profecia da predestinação apenas dizia respeito aos bons;⁶⁵⁹ daí tantas histórias de santos predestinados. Profetizar não significava substituir o livre-arbítrio, nem provocar ou predestinar, pois cabia a um homem, eleito por Deus para fazê-lo, que interpretasse os sinais enviados pelo céu, sabendo das suas limitações, já que esses sinais eram difíceis de serem desvendados, sobretudo, por seu caráter segmentado. De acordo com a *Suma Teológica*, a profecia exercia uma função de carisma social,⁶⁶⁰ sendo destinada a oferecer ao mundo uma revelação divina julgada necessária para a salvação e para instruir o gênero humano por intermédio de alguns privilegiados.

A profecia não incide apenas sobre o futuro, mas sobre todas as realidades divinas que ultrapassam o alcance do espírito humano. Deus não revela ao profeta senão uma parte do que é necessário conhecer e a colaboração ativa da vontade do profeta é indispensável para transmitir a mensagem recebida.⁶⁶¹

Feitos esses esclarecimentos mais gerais sobre o que se pensou do adiantamento do futuro, no que diz respeito à astrologia especificamente, o doutor trouxe valiosas

Barcelona: Societat Catalana d'història de la Ciència I de la Tècnica Filial de l'Institut d'Estudis Catalans, 2002, (13-28), p. 20.

⁶⁵⁸ GONÇALVES, Beatris dos Santos. A Face Mística do Rei D. Duarte (Portugal, 1433 – 1438). In: **Revista Litteris** – ISSN: 19837429, n. 12 - setembro de 2013, p. 291.

⁶⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, Secção 2 a – 2 ac, questão 174, art. 1.

⁶⁶⁰ MINOIS, George. *História do Futuro*, p. 238.

⁶⁶¹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, Secção 2 a – 2 ac, questões 171 – 178.

contribuições. Deu seguimento, por exemplo, à distinção feita entre um estudo mecânico e uma aplicação supersticiosa dos movimentos astrais ou astrologia natural e supersticiosa, na definição de Isidoro de Sevilha. Segundo este último, “a observação dos signos para construir horóscopos e predizer o futuro e outras superstições deste tipo são contrárias à fé, e os cristãos devem ignorá-las totalmente e nem sequer escrever sobre elas.”⁶⁶² Esta distinção segue vigente no século XIII, quando justamente São Tomás de Aquino desenvolve sua reflexão sobre a capacidade que tem o homem para conhecer o que há de vir.⁶⁶³ Essa perpetuação dá-se porque a maioria dos doutores da Igreja, como Santo Isidoro, propunham que as artes divinatórias eram uma usurpação do poder divino. Em contrapartida, esses mesmos ou outros homens de saber, afeiçoados à classificação dos conhecimentos e atraídos pela curiosidade sobre o funcionamento de determinada prática, gostavam de identificar as diferentes artes de adivinhação e se pronunciar sobre cada uma delas.⁶⁶⁴ Assim, via de regra, a concepção que tinha a Igreja da magia e das práticas divinatórias se pode resumir pela proposição de São Tomás de Aquino de que, conquanto se aceitasse algum aspecto positivo da astrologia, dever-se-ia afirmar enfaticamente que a operação mágica não era outra coisa senão uma troca com os demônios.⁶⁶⁵

Em sua *Suma Teológica*, o santo expôs o ponto de vista eclesiástico segundo o qual as operações divinatórias são inspiradas pelos demônios, sendo, portanto, práticas supersticiosas que condenavam a quem as realizasse ou as aceitasse, sem importar se esse fosse um leigo ou um religioso. Isto porque a intervenção dos espíritos malignos transformaria a astronomia profética em uma superstição⁶⁶⁶ religiosa, quer dizer, um componente privado de fundamentos razoáveis ou lícitos, que desviaria o fiel da verdade de Deus. Assim, o astrólogo entraria em contato com poderes sobre-humanos que não mereciam sua adoração ou sua submissão e, portanto, desviá-lo-iam da única adoração válida, a de Deus.⁶⁶⁷ Não é, pois, de se estranhar

⁶⁶² ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologias*, p. 480.

⁶⁶³ VICENTE, Luis Miguel. Una Nueva Filosofía de la astrología en los siglos XII y XIII: el impacto de las traducciones del árabe y la postura de Santo Tomás de Aquino. In: *Revista Española de Filosofía Medieval*. N. 9 (2002). Zaragoza: Universidad de Zaragoza, p. 249-264.

⁶⁶⁴ BOUDET, Jean Patrice. *Entre Science et Nigromance*, p. 89.

⁶⁶⁵ GREGORIO, Daniel. De la astronomía a la astromagia, una aproximación alfonsí del saber de las estrellas. In: *Miscelánea Medieval Murciana*. N. 36, 2012, p. 41-73. Disponível em: <http://revistas.um.es/mimemur/article/view/187591/154451>; Consultado em: 10/20/2015.

⁶⁶⁶ Santo Agostinho diz que é “supersticioso o que é instituído pelos homens para fazer ídolos e os venerar ou dirigir um culto a uma criatura ou a qualquer parte de uma criatura, como se se tratasse de Deus, ou para consultar os demônios, concluir ou selar através de certos pactos uma comunicação com eles, como tentam fazer as artes mágicas. SCHMITT, Jean-Claude. *História das Superstições*, p. 25.

⁶⁶⁷ “Para a espiritualidade cristã, a loucura do Cristo crucificado mostra-se mais sábia do que toda sabedoria humana e, portanto, do que a sabedoria grega, porque indica que não basta saber. Ou, dito de outra forma: sua maior sabedoria reside na indicação de que o saber de Deus significa sempre, a cada tempo e lugar, uma “boa” interpretação da existência, um revirar de cabeça para baixo o dogma da existência como o que exclui, no

que o doutor rechace a astrologia profética, destacando, entretanto, que não era impossível reconhecer, ao observar a repetição das mesmas circunstâncias e dos mesmos feitos, que se pudesse chegar a predizer algum acontecimento futuro, desde que correspondesse a aspectos naturais – o que condizia com a classificação mencionada por Isidoro de Sevilha. Desse modo, era aceitável predizer as condições climáticas que viriam e, também, baseando-se em conhecimentos estritamente astronômicos, fazer a estimativa dos eclipses. Para o santo, esse estudo dos astros não deveria em nenhum momento proporcionar ao homem a faculdade de predizer um acontecimento único antes que se produzisse, pois a onisciência pertencia somente ao Todo-poderoso.⁶⁶⁸

Tal qual Tomás de Aquino, Alberto Magno teve contato com obras traduzidas, como o *Almagesto*, o *Tetrabiblos* e os demais escritos dos astrônomos e astrólogos árabes. Contudo, nas suas explicações sobre a influência astral na vida terrena, o dominicano seguiu por uma linha menos ortodoxa do que a do doutor Angélico. Para Alberto Magno, uma boa explicação do funcionamento do mundo era aquela aristotélica de que todos os acontecimentos naturais terrenos são provocados pelos movimentos celestes, através de um quinto elemento que se acrescentava aos elementos terrenos ar, fogo, terra e água. Ele também destacava que apenas a alma humana dependia diretamente do primeiro motor, que é Deus, e escaparia assim ao controle das estrelas; mas se ela se deixasse levar pelos impulsos da carne, mergulharia, como acontecia quase sempre com a maioria dos homens, na sua dependência.⁶⁶⁹ Partindo deste ponto, o teólogo advogava que a prática dos nascimentos, a determinação das horas propícias para tratar de negócios e a inscrição de sinais astrológicos nos minerais permitiriam realizar certas operações maravilhosas. E chegou mesmo a afirmar que era pouco razoável e contrário à liberdade humana menosprezar a consulta astrológica antes de empreender uma ação importante; o que o distancia do discurso dos demais doutores da Igreja.⁶⁷⁰

Mais precisamente, esse distanciamento não significa uma negação dos preceitos da fé cristã, pois sua “teoria” da predestinação justifica o porquê de ele se valer de certas práticas astrológicas. Alberto afirma que nada é predeterminado em sentido positivo ou negativo e, além disso, para ele, havia uma nítida diferença entre algo que viria a ser “necessariamente”, algo predestinado, e algo que viria a ser apenas após uma previsão desse evento, por uma

instante, a perda, a morte, as condições do devir. O Cristo crucificado expõe a “loucura” de incluir, no mesmo instante, vida e morte.” SHUBACK, Mareia Sá Cavalcante. **Para ler os medievais**; ensaio de hermenêutica imaginativa. Petrópolis: RJ, Vozes, 2000, p. 193.

⁶⁶⁸ GREGORIO, Daniel. **De la astronomía a la astromagia, una aproximación alfonsí del saber de las estrellas**, p. 41-73.

⁶⁶⁹ SCOTT, Hendrix. **Reading the Future and Freeing the Will: Astrology of the Arabic World and Albertus Magnus**, p. 3-34.

⁶⁷⁰ MINOIS, George. **História do Futuro**, p. 247.

espécie de sugestão, ou seja, até que um evento previsto ocorresse, ele era simplesmente uma possibilidade contingente e inofensiva.⁶⁷¹ Mas advertiu o filósofo que, se as influências celestes pudessem levar à geração e eventual morte e corrupção das criaturas terrestres, então seria lógico supor que um estudo dos céus poderia permitir a determinação do curso dos eventos futuros:

[...] se Deus ordenou neste mundo como para operar nas coisas criadas através de estrelas como se através de instrumentos, o que poderia ser mais desejável para o homem do que o conhecimento obtido por uma ciência que poderia ensinar-nos como esta e aquela mudança no mundo terreno é efetuada pelas mudanças nos corpos celestes⁶⁷².

Esta consideração é relevante por dar indícios de uma aceitação das previsões astrológicas, dado que Alberto Magno afirma que uma boa ciência é aquela que nos faz conhecer como as mudanças no mundo terreno são efetuadas pelo mundo superior. Para o bispo, isso permitiria que os humanos atingissem um entendimento o mais perto possível daquele de Deus. Assim estaria acessível aos homens conhecer uma ordenação sublime do universo, através das estrelas que seriam os instrumentos de Deus.⁶⁷³ Ainda que relativamente simpático à prática de prever pelas estrelas, contrariamente ao posicionamento de outros doutores, Alberto Magno fez ainda assim uma condenação às práticas astrológicas. Para ele, mais grave do que prever seria o uso de certas imagens mágicas inspiradas nas constelações, isso porque, em vez de simplesmente estudar os céus em busca de sinais preditivos de futuro, o uso de imagens astrológicas representava um meio pelo qual se podia aproveitar o poder dos céus para alterar a realidade. Esta sim foi, para o doutor, uma arte adveniente da magia e considerada perigosa, porque: “o uso de imagens inclina [homens] à idolatria, imputando divindade para as estrelas, e [...] é empregado para ociosos ou maus fins”.⁶⁷⁴ Mesmo assim, ele não tinha a intenção de alertar as pessoas para longe do uso de imagens necessariamente; em vez disso, ele argumentou que essas imagens poderiam ser utilizadas quando em função da

⁶⁷¹ SCOTT, Hendrix. **Reading the Future and Freeing the Will: Astrology of the Arabic World and Albertus Magnus**, p. 33.

⁶⁷¹ ALBERTUS MAGNUS. *Speculum astronomiae*. In: Paola Zambelli. **The Speculum astronomiae and Its Enigma: Astrology, Theology, and Science in Albertus Magnus and his Contemporaries**. Boston: Kluwer Academic, 1992, p. 220.

⁶⁷² ALBERTUS MAGNUS. *Speculum astronomiae*, p. 220.

⁶⁷³ SCOTT, HENDRIX. **Reading the Future and Freeing the Will: Astrology of the Arabic World and Albertus Magnus**, p. 35.

⁶⁷⁴ ALBERTUS MAGNUS. *Speculum astronomiae*, p. 230.

virtude celestial pelo comando de Deus, e só apresentariam um problema para o praticante se as condições em que o uso da imagem se baseava fossem secretamente nigromânticas.⁶⁷⁵

Certamente, dentre os doutores da Igreja, Alberto Magno foi o mais condescendente com as práticas astrológicas, sendo menos afeito à argumentação comum da Igreja do que alguns homens de saber da Península Ibérica, que nem sequer foram religiosos, como D. Duarte. Contudo, há um nome em território ibérico cujos posicionamentos se assemelham, sem dúvida, aos do bispo: o do rei sábio Afonso X, que mais incentivou as compilações sobre a ciência das estrelas. Como ele e outros eruditos avaliaram o saber astrológico em relação às regras cristãs, é o que será tratado na última parte deste capítulo.

3.4 *A outra voz dos homens de fé*

Malgrado a predominância do julgamento negativo entre os homens de fé sobre a astrologia, tanto dos religiosos quanto dos homens envolvidos com o poder, como D. Duarte e o infante D. Pedro, D. Afonso X tinha sido menos avesso a esse tipo de saber, como já vimos em parte. Não atacara diretamente os aspectos supersticiosos da astrologia ou a condenara como um erro na vida do bom cristão. A posição do monarca permite que pensemos em uma voz distinta⁶⁷⁶ sobre as ciências das estrelas, pois esse rei estabeleceu uma divisão bem diversa, ao tratar do potencial do céu. Em outras palavras, o monarca não prioriza o uso da razão ou da superstição, apenas destaca que o mais fundamental seria reconhecer que existiram duas maneiras para se trabalhar a astronomia, ligadas a dois tipos de estudiosos: “um é aquele que é resignado e diligente, que não esquece nenhuma coisa e as guarda em seus ditos e em seus julgamentos [...] e o outro é preguiçoso e fraco, que toma as coisas grossamente e não reflete a partir de várias partes, e tropeça e erra.”⁶⁷⁷

Essa distinção implicou a presença não tanto de dois campos distintos de estudo para a astrologia, mas sim de dois grupos de estudiosos. O grupo dos preguiçosos e fracos ignoraria os diversos cálculos e conhecimentos necessários para compreender a verdadeira mecânica celeste. Obviamente não foram esses personagens os que retiveram a atenção do rei, senão aqueles que, ao largo da história, foram distinguidos por um conhecimento ou um interesse

⁶⁷⁵ SCOTT, HENDRIX. **Reading the Future and Freeing the Will: Astrology of the Arabic World and Albertus Magnus**, p. 40.

⁶⁷⁶ Boudet afirma que, graças a incentivadores como Alfonso X, a magia astral não apenas passa a ter uma justificativa teórica como um lugar de destaque na hierarquia do conhecimento. BOUDET, Jean Patrice. **Entre Science et Nigromance**, p. 130.

⁶⁷⁷ ALY ABEN RAGEL. **El Libro Conplido En Los Iudizios de las Estrellas**. Introducción y edición Gerold Hilty. Madrid: Real Academia Española, 1954, p. 05.

profundo pelos astros.⁶⁷⁸ Entretanto, concorda com a Igreja quando indica que o estudo dos astros não convêm aos religiosos e que esses não devem dedicar-se a essa atividade. O mais importante, contudo, na declaração do rei sábio é que, se o estudo dos astros estava proibido para os religiosos, estes últimos, sobretudo quando se assemelham aos inimigos da astronomia, não podem identificar-se com o estudioso resignado e dedicado e, portanto, tomam grossamente as coisas, tropeçam e erram.⁶⁷⁹

Nas *Siete Partidas*, esta ambivalência encontra-se melhor desenvolvida.⁶⁸⁰ Na referida obra de caráter legislativo preparada sob os auspícios de D. Afonso X, ao elucidarem-se as maneiras de adivinhação, define-se aquela feita através da astronomia, a qual deve estar nas mãos apenas dos mestres:

A primeira é a que se faz por arte da Astronomia, que é uma das sete Artes liberais: esta, segundo o Foro das leis, não é defendida de usar pelos que não são Mestres, e a entendem verdadeiramente; porque os julgamentos e as regulações, que se dão por esta Arte, são entendidos pelo curso natural dos Planetas, e das outras estrelas [...]. Mas os outros que não são assim conhecedores, não devem trabalhar com ela [...]. E esses truões, e todos os outros semelhantes a eles, porque são homens nocivos e enganadores, e nascem de seus feitos muito grandes maus a terra, [e] defendemos que nenhum deles more em nosso Senhorio, nem use das nossas coisas⁶⁸¹.

A tolerância com os preguiçosos ou fracos para dedicarem-se ao estudo adequado do curso natural dos planetas é pouca, e por isso o escrito regulamenta a expulsão daqueles que trabalhassem com astrologia sem ter autoridade para isso. O monarca, contudo, vê o estudo dos céus como algo virtuoso, pois para ele não haveria uma relação direta entre as virtudes planetárias e as influências demoníacas que tanto inquietavam aos santos da Igreja. Para o rei sábio, observar, estudar e interpretar o movimento celeste não era mais que uma leitura dos signos divinos e que por isso não haviam de fazer esquecer que o autêntico motor da vida humana era o Criador; razão pela qual os textos traduzidos na chamada escola afonsina faziam frequentes referências a Deus, seja para enaltecimento do “poderoso criador da noite e

⁶⁷⁸ SAMSÓ, Julio. *Alfonso X y los Orígenes de la Astrología Hispánica*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2009, p.83. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor-din/alfonso-x-y-los-origenes-de-la-astrologia-hispnica-0/html/023b93aa-82b2-11df-acc7-002185ce6064_12.html#I_0; Consultado em: 07/2013.

⁶⁷⁹ GREGORIO, Daniel. *De la astronomía a la astromagia, una aproximación alfonsí del saber de las estrellas*, p. 41-73.

⁶⁸⁰ BOUDET, Jean Patrice. *Entre Science et Nigromance*, p. 263.

⁶⁸¹ *LAS SIETE partidas del sabio Rey don Alfonso el IX, con las variantes de más interés y con la glosa de del Lic.* Barcelona: Gregorio López del Consejo Real de las Indias de S. M., 1843. título IX, lei 17, Tomo III, Disponível em: <http://bib.us.es/guiaspormaterias/ayuda_invest/derecho/pixelegis.htm>. Consultado em: 08 mar. 2014, p. 426-427.

do dia e descobridor dos mistérios das ciências e das purezas”⁶⁸² como para pedir auxílio, com o intuito de acertar os julgamentos: “acertando os julgamentos (do céu), não errará, com a graça de Deus.”⁶⁸³ As referências a Deus poderiam garantir, ainda, a proteção de uma configuração astral que pudesse trazer má fortuna: “se for de fortuna julga que o que está na carta [astral] é bom, e se de infortuna, mal. E Deus nos guarde do mal.”⁶⁸⁴

Essa abertura de espírito creditada ao monarca é muitas vezes atribuída à leitura de fontes não cristãs, que expunham pontos de vista diferentes e que, tendo em conta que os santos padres não faziam referências a elas como o faz D. Afonso X, não chegaram às bibliotecas eclesiásticas ou, se chegaram, não receberam a merecida atenção. Entretanto, embora alguns considerem que isto é o suficiente para atestar que os homens da Igreja não estudaram corretamente ou levaram em conta as referências sobre astrologia,⁶⁸⁵ é possível pensar também em outros fatores, como a peculiaridade da figura real afonsina no incentivo às traduções e na sua ampla receptividade a outras religiões, mesmo considerando o intercâmbio existente entre judeus, mouros e cristãos na Castela do período.⁶⁸⁶ Os compromissos relativos a quem servia à Igreja, certamente impediriam que determinados tipos de escritos trabalhosos para ler, como os árabes, despertassem interesse. Em síntese, o rei castelhano não faz uma distinção entre uma astrologia natural e outra supersticiosa, seus escritos, ao contrário, insistem claramente sobre as origens divinas do conhecimento astronômico e astrológico, que viriam de uma tradição transmitida por personagens bíblicos⁶⁸⁷ – como vimos mais detidamente no capítulo anterior. Não somente glorifica sua origem, como um dos textos traduzidos em sua escola, acredita-se que escrito também pelo rei, atesta que a astrologia pode trazer felicidade: “E quando entenda pelos livros dos sábios e pela sutileza de sua sagacidade, encontrará aquilo que estava perdido, e se abrirá aquilo que estava fechado, e terá poder muito forte sobre as coisas.”⁶⁸⁸

⁶⁸² ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido En Los Iudizios de las Estrellas*, p. 05.

⁶⁸³ ALFONSO EL SABIO. *Libro de las Cruces*. Edición de Lloyd. A. Kasten e Lawrence B. Kiddle. Madrid: Madison, 1961, p. 71.

⁶⁸⁴ ALY ABEN RAGEL. *El Libro Conplido En Los Iudizios de las Estrellas*, p. 56.

⁶⁸⁵ GREGORIO, Daniel. *De la astronomía a la astromagia, una aproximación alfonsí del saber de las estrellas*, p. 41-73.

⁶⁸⁶ “As visões de mundo de cristãos e muçulmanos não eram muito diferentes: os dois grupos partilharam uma divindade, assim como certos textos religiosos e aristotélicos, para dar sentidos às suas crenças religiosas”. SCOTT, HENDRIX. *Reading the Future and Freeing the Will: Astrology of the Arabic World and Albertus Magnus*, p. 30.

⁶⁸⁷ D'ALVERNY, M. T. *Astrologues et théologiens au XII siècle*, p. 31-50.

⁶⁸⁸ KNECHT, Pierre. I Libri Astronomici di Alfonso X - una versione fiorentina del Trecento, Zaragoza, 1965, p. 41. In: RODRÍGUEZ. Ana Domínguez. *Astrología y Arte en el Lapidario de Alfonso X el Sabio*. Edición de la Real Academia Alfonso X el Sabio, Murcia, 2007, p. 313.

À semelhança do rei sábio, outro dos célebres pensadores peninsulares que foram autoridades para seus conterrâneos, Raimundo Lúlio, também não reconheceu os parâmetros estabelecidos por Isidoro de Sevilha ao tratar da astrologia. O Doutor Iluminado esteve mais interessado em conciliar os princípios da fé com a ciência das estrelas, bem como em alertar sobre os “homens falsos e enganadores que se fingem de astrônomos e que pouco sabem”, afirmando que só seria previsto pelo estudo das estrelas aquilo que Deus possibilitou, já que

[...] Deus é a causa primeira dos signos e dos planetas de modo simples e absoluto, e de todos os entes criados, pois tudo é seu efeito e sua criatura, e tudo é por Deus conservado e criado. Por este motivo Deus, pelo domínio que possui sobre o seu efeito, faz do seu efeito aquilo que lhe apraz⁶⁸⁹.

Assim sendo, por ser Deus quem comandava os efeitos dos corpos superiores nos corpos inferiores, desvendar e entender como se daria tal processo na vida terrena seria apenas desvendar a Sua vontade, a qual, entretanto, porque comandava as leis naturais podia alterar aquelas conhecidas pelos sábios:

Do seu efeito, faz também aquilo por causa do que o criou; já que o céu e todo o firmamento foi criado por Deus para o homem; move Ele as constelações ao fim por causa do qual existem, isto é, ao fim do homem. Pelo que é necessário que, algumas vezes, Deus mude as operações das constelações naquilo que se requer de acordo com o fim para o qual existem.⁶⁹⁰

As configurações astrológicas estudadas pelos astrônomos podiam não significar, nesse sentido, o que eles aprenderam, porque, se a Deus conviesse, poderia haver uma mudança que fosse contra as expectativas desses homens sobre as leis naturais. Isso levou o teólogo catalão a concluir que, por esse motivo, a ciência da astronomia não era “ciência necessária de modo absoluto”.⁶⁹¹ Atribuía, desse modo, aos geomantes,⁶⁹² e não aos astrólogos, a crença no determinismo astral, pois os últimos eram cientes do pressuposto da condição da astrologia de sempre estar atrelada à vontade de Deus. Lúlio considera igualmente a importância da liberdade da vontade humana e a necessidade de respeitá-la; por

⁶⁸⁹ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull). Tradução de Esteve Jaulent. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2011, p. 155.

⁶⁹⁰ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 155.

⁶⁹¹ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p. 155.

⁶⁹² Aqueles que adivinham a partir de figuras e sinais no solo (terra, pedras, etc) relacionando-as com conjunções astrais.

meio de um exemplo, anuncia ele que, se uma mulher que sob influência de uma constelação feliz, tiver um filho a quem muito ame e vier este filho a ser assassinado diante de seus olhos, “a constelação não poderá defendê-la da tristeza, do pranto e da dor. De modo semelhante, o homem pecador mais poderá ser levado à tristeza e à dor pelos seus pecados, pela sua liberdade e consciência, do que à alegria pela sua constelação”.⁶⁹³ Assim, mesmo que esta mulher tivesse um bom mapa natal, que representasse felicidade em sua existência, situações que ocorreram pelas ações de outros acabam por interferir na sua vida, de forma que, para Lúlio, a livre vontade humana venceria os efeitos das constelações.

Apesar da conclusão dos doutores da Igreja em relação à afinidade entre superstição e astrologia e ao perigo representado para a boa conduta dos cristãos, o caminho para se chegar até ela tornou possível que algumas abordagens singulares fossem consideradas. Enquanto aqueles que propagavam haver alguma virtude no conhecimento dos céus, tendo em conta que aventavam a possibilidade de ser ora legítimo ora supersticioso, até mesmo o legítimo, fundamentado na filosofia natural e reivindicado para operar totalmente por força natural, foi analisado para que se determinassem algumas restrições; do mesmo modo se destacava o problema da falta de instrução adequada para os astrólogos, incluindo principalmente a deficiência moral por parte daqueles que não eram “verdadeiros cristãos”, conforme cunhou o frei Álvaro Pais.⁶⁹⁴ Por outro lado, os críticos salientam que os astrólogos estavam, por definição, preocupados com seu aspecto ilícito, supersticioso e que este aspecto seria ao fim e ao cabo o preponderante desta arte, invalidando-a. Todas essas perspectivas colaboram, como podemos ver nas obras de Barrientos e de Eymereich, para ponderar as conjurações demoníacas, ou para catalogar as práticas supersticiosas, e mesmo para aquelas consideradas explícitas, houve algum espaço para a conjectura sobre o potencial de exatidão de suas operações.

O debate gira em torno de onde exatamente esses aspectos relacionados ao saber dos céus se encontram,⁶⁹⁵ ou melhor, da possibilidade de superstição na ciência natural e do aspecto natural nas práticas supersticiosas, tendo no livre-arbítrio o ponto limite, aquilo que barraria os potenciais astrológicos, lícitos ou não. É presumível que esse debate⁶⁹⁶ sobre a validade ou não de várias práticas e artes vieram à tona com a intensificação dos textos e

⁶⁹³ RAIMUNDO LÚLIO. *Astrologia medieval* (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull), p.178.

⁶⁹⁴ FREI ÁLVARO PAIS. *Colírio da Fé Contra as Heresias*, p. 117.

⁶⁹⁵ BAILEY, Michael D. *Fearful Spirits, Reasoned Follies: The Boundaries of Superstition in Late Medieval Europe*, p. 88.

⁶⁹⁶ ZAMBELLI, Paola. *Astrology and Magic from the Medieval Latin and Islamic World to Renaissance Europe*. England: Variorum Collected Studies Series, 2012, I- p. 02.

práticas supersticiosas no final do século XIII e, sobretudo, nos séculos XIV e XV, quando se fortalecem igualmente seus opositores. Entretanto, outro aspecto pode ser considerado como a base para essa oposição, a problemática judaico-conversa⁶⁹⁷ que, mesmo que não fosse uma novidade trouxe alguns desequilíbrios no período.⁶⁹⁸ Por causa da reconquista, sobretudo nos reinados da *Hispania*, houve um favorecimento da dedicação à guerra e pouco habitantes inclinados aos escritos, de forma que foram os judeus que se ocuparam das atividades, comerciais, financeiras e principalmente do cultivo dos saberes, fomentando o ódio entre os populares das cidades, que residiam junto aos hebreus e dependiam muitas vezes de seus serviços. O conflito desemboca nas perseguições de 1391, quando se forçou a conversão de um grande número de judeus na Península e, além disso, o espírito de cruzada favoreceu os extremismos religiosos, dirigido menos contra os “infieis” e mais contra os “falsos” cristãos.⁶⁹⁹

As tensões religiosas presentes desde o século XIII vão em um crescendo resultar em uma perseguição mais violenta aos judeus e conversos, a qual culmina com a criação da Santa Inquisição.⁷⁰⁰ Além disso, outros fatores vieram contribuir para dificultar o convívio na Península Ibérica, a partir dos anos de 1315-1320: reaparecem os períodos das fomes; em 1348, a peste negra vem assolar os reinos; e, no ano de 1380, ocorre o Grande Cisma entre dois e depois três papas. Portanto, muitas coisas concorrem para abalar os espíritos mais sólidos⁷⁰¹ e o clima mostrou-se favorável ao desenvolvimento do irracional e do oculto, que se manifestam largamente em detrimento do racionalismo dos grandes escolásticos do século

⁶⁹⁷ A renúncia ao estudo do conteúdo hermético ou esotérico da astrologia é um tema associado às culturas semíticas. “Vicente García encontra um caso particular no qual sua hipótese se vê validada: a redação do código segoviano de 1428, que inclui só a oitava parte do *Libro Conplido* de Abel Ragel (dedicado a astrologia das revoluções) e omite aqueles livros que correspondem às questões de astrologia de interrogações, de eleições e de astrologia judiciária em geral. Assim, desde o âmbito das letras, esse autor demonstra como os poetas refletem uma imagem cada vez mais conservadora da astrologia judiciária, conforme se vão intensificando os enfrentamentos com as comunidades judaica e muçulmana. Cabe mencionar, contudo, que os mouros foram menos afetados pela crescente tensão religiosa do que os judeus. O número de mouros era insignificante em Castela, e os judeus, em contrapartida, eram numerosos, viviam nos centros urbanos e eram mais vulneráveis – como indica Kamen – aos surtos de violência. Regressa-se, pois, no alvorecer da modernidade, aos pilares que sobre o assunto haviam fundado os Santos Padres e, inclusive, em alguns aspectos, há um retrocesso no que diz respeito à abertura que havia significado a atitude de Santo Tomás de Aquino”. CAVALLERO, Constanza. **Supersticiosos y Marranos. El discurso anti-mágico de Lope de Barrientos a la luz de la “Cuestión Conversa”**, p. 74.

⁶⁹⁸ CAVALLERO, Constanza. **Supersticiosos y Marranos. El discurso anti-mágico de Lope de Barrientos a la luz de la “Cuestión Conversa”**, p. 04.

⁶⁹⁹ LÓPEZ-VELA, Roberto. De Numancia a Zaragoza. In: **La Construcción de las Historias de España**. Coord. Ricardo García Carcel, Fundación Carolina, Centro de Estudios Hispánicos e Iberoamericanos. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia, S. A., 2004, p. 225.

⁷⁰⁰ MACKAY, Angus. **La España em la Edad Media** (desde la frontera hasta em imperio 1000 – 1500). Madrid: Cátedra, 2000, p. 16.

⁷⁰¹ PRÉAUD, Maxime. **Les Astrologues à la fin du Moyen Age**, p. 228.

XIII⁷⁰² – que tinham condenado a profecia em razão dos excessos milenaristas e se aberto para a “ciência” das estrelas, que outrora era condenada ou ignorada. Dessa forma, os acontecimentos mais sombrios e os estatutos do saber colaboram mutuamente para que o astrólogo sucedesse ao profeta. A predição astrológica, racional e adaptável, mostrou-se mais tranquilizante para o poder que a profecia,⁷⁰³ e o “racionalismo” do século XIII reforçou o crédito da profecia, que, nos séculos XIV e XV, se tornou banal e, ao mesmo tempo foi de alguma forma colocada em suspeição. Por isso, os homens de saber preferiram se inclinar, sobretudo, para a astrologia como método mais lógico e viável,⁷⁰⁴ embora não livre das regras e da vigilância dos homens da Igreja, como se encontra exemplificado nos escritos de religiosos trabalhados aqui.

Nessa altura, pode-se dizer que a validade da astrologia em si não foi posta em causa. A sua funcionalidade era de alguma forma aceita pela grande maioria dos escritores, embora nem todos concordassem sobre as causas e extensão dessa funcionalidade. O que estava em debate eram os seus limites – entre o que o determinismo e o livre-arbítrio permitiam a cada um – e, acima de tudo, o seu enquadramento em face da moral da Igreja. A pergunta inquietante decorrente deste debate é lapidariamente formulado pelo rei D. Duarte: “se tudo é limitado [pelas estrelas], por nossos feitos teríamos nem prêmio nem castigo.”⁷⁰⁵ A resposta, aparece, sobretudo, com a máxima que se repete em praticamente todos os textos que tratam dos prognósticos astrológicos: o vaticínio ocorrerá apenas se Deus permitir.⁷⁰⁶ Tal prerrogativa foi propagada, inclusive, pelas três religiões envolvidas com o saber das estrelas na Península Ibérica.⁷⁰⁷

Ao fim e ao cabo, toda a argumentação da Igreja em relação à astrologia e à tentativa de determinar o uso ilícito desta arte ou até mesmo que se configuraria como pecado, pode resumir-se em quatro passos principais, que nem sempre se encontram conjugados nos escritos astrológicos, a saber: o primeiro é admitir que os movimentos dos astros exercem influência sobre os corpos de baixo e determinam algumas mudanças no mundo sublunar; o

⁷⁰² MINOIS, George. *História do Futuro*, p. 256.

⁷⁰³ MINOIS, George. *História do Futuro*, p. 258.

⁷⁰⁴ MINOIS, George. *História do Futuro*, p. 296.

⁷⁰⁵ D. DUARTE. *Leal conselheiro*, p. 220

⁷⁰⁶ É compreensível que os judeus monoteístas e muçulmanos tenham produzido obras estruturadas em torno da ideia de onipotência de Deus, o que seria bastante atraente para um autor cristão, como Alberto Magno. No entanto, nem todos os estudiosos que escreveram em árabe eram monoteístas. Thabit ibn Qurra, o autor do *O imaginibus* foi um Sábio comprometido com uma religião pagã que mantinha um sistema de adoração centrada nos sete planetas cujos sete anjos dirigentes atuaram como mediadores para terrenas preocupações. SCOTT, Hendrix. *Reading the Future and Freeing the Will: Astrology of the Arabic World and Albertus Magnus*, p. 40.

⁷⁰⁷ GARCÍA, Luis Miguel Vicente. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*, p. 85.

segundo é recusar a influência dos astros sobre as almas racionais, de maneira que a vontade humana esteja livre de toda determinação celeste; o terceiro é admitir que, para a livre escolha da vontade humana acontecer, é necessário que, no mundo dos corpos inferiores, tenha lugar uma certa contingência em relação à necessidade imposta pela circulação dos orbes terrestres; e, por fim, ainda que os movimentos celestes não impeçam o livre-arbítrio, é tomar como certo que estes influem sobre o temperamento e a compleição de nossos corpos e, por isso mesmo, podem inclinar nosso livre-arbítrio sem anular nossa liberdade de escolha.⁷⁰⁸ Isto posto, vale destacar que o esforço em regrar e pensar nesses passos com relação a ao determinismo astral e ao livre-arbítrio se deu, muito provavelmente, porque não eram poucos os que acreditaram poder ser beneficiados pela ajuda das adivinhações celestes, fossem elas ligadas a um saber liberal e feitas por doutores e mestres, ou ligadas a práticas supersticiosas do gosto popular. Ao fim e ao cabo, as opiniões sobre esta maneira específica de adiantar o futuro, a astrologia, nos revelam questões centrais para os letrados envolvidos com os ambientes de saber, como a universidade e a corte.

⁷⁰⁸ ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**. Salamanca: Europa Artes Gráficas, 1989, p. 26.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O verbo latino *providere*, de onde deriva o substantivo *providentia*, recobre dois termos: “prever” e “prover”.⁷⁰⁹ Este duplo sentido sugere que seu derivado, a providência, não dizia respeito apenas à consideração do futuro para tentar adiantá-lo, mas também ao ato de enfrentá-lo e de estar preparado para ele. Tal faculdade, juntamente com a memória e a inteligência, era entendida, no período aqui estudado, como uma das partes da virtude que esteve no topo das mais relevantes para a vida dos cristãos, a Prudência.⁷¹⁰ Ser prudente e providente, isto é, estar preparado e informado sobre o que havia de vir esteve, para alguns dos grandes pensadores cristãos do século XIII, associado ao desvendamento dos segredos dos céus. Alberto Magno, por exemplo, apontou que a astrologia poderia servir para preparar as pessoas antes que estas empreendessem uma ação importante. No mesmo sentido, Roger Bacon disse que as conclusões da astrologia ajudariam a Igreja a se precaver contra o tempo do anticristo e dos seus seguidores.⁷¹¹

Ao contrário desses pensadores que se mostraram de alguma forma afeitos a atribuir significados às estrelas, a postura predominante dos religiosos ibéricos examinados neste estudo, mais especificamente no terceiro capítulo, foi no sentido de alertar acerca dos perigos do uso da astrologia para prognosticar. Ser providente significava, para esses homens, primeiramente não se deixar perturbar pelo desconhecido, nem pela possibilidade de graça nem pela de desgraça futura, de forma que a própria cogitação do vir a ser, a partir do esclarecimento astrológico, já seria um impeditivo para se alcançar a providência e ser prudente.⁷¹²

Se a relação entre providência e astrologia, portanto, não se mostra pertinente para se penetrar os textos astrológicos ibéricos, o mesmo não se pode dizer do tema da fortuna, bastante recorrente nesses escritos dos séculos XIII, XIV e XV. A ideia de fortuna baseava-se na constatação de que o homem se encontrava submetido a uma força oculta cujos critérios quase sempre lhe escapavam, mas que permitia, por vezes, ser decifrada. Ademais, da mesma

⁷⁰⁹ Prōvidēō, ēs, ēre:1 ver antes, ver antecipadamente; 2 ser o primeiro a ver; 3 prever, pressentir, adivinhar;[...]1 prover a, velar por, olhar por[...]. In: **Dicionário de Latim – Português**. 3. ed. Porto: Porto Editora, 2008, p. 539.

⁷¹⁰ COLEMAN. Janet. **Ancient and medieval memories** – Studies in the reconstruction of the past. Cambridge University Press, U. S.A, 1992, p. 60 -100.

⁷¹¹ ROGÉRIO BACON. **Obras escolhidas** – Carta a Clemente IV; A ciência experimental; Os segredos da arte e da natureza (≅ 1267). Introdução de Jan G. ter Reegen. Tradução de Jan G. ter Reegen, Luis A. De Boni e Orlando A. Bernardi. Porto Alegre; Bragança Paulista: EDIPUCRS; Editora Universitária São Francisco, 2006, p. 149.

⁷¹² YATES, Frances A. **A arte da memória**. Trad. Flavia Bancher. Campinas: Ed. Unicamp, 2007, p. 99.

maneira que se acreditava na ordem divina para o regimento dos astros, havia a confiança de que os movimentos da Fortuna⁷¹³ provinham de Deus. Porém, ainda que fosse obra da vontade divina, a ideia de que a Fortuna poderia deixar pistas através de determinados meios foi bastante propagada e aceita, mas, em contrapartida, tal possibilidade de deciframento dos planos de cima gerava angústias, dada certa apreensão de cada um em relação à capacidade de entender os signos divinos. Esta apreensão e tentativa de adiantamento não pareceu inofensiva para os cristãos, tendo em conta que tanto a determinação de uma força maior, a fortuna, quanto a possibilidade de decifrá-la, poderia interferir na conduta prudente do fiel. Em outras palavras, tal crença desaguaria na dúvida quanto à validade do esforço e do controle sobre si mesmo visando o bem, dado que os feitos estariam já, de qualquer maneira, regidos por essa força que agia à revelia da vontade e da ação humanas.⁷¹⁴

*Imagem 3. Roda da Vida do Mosteiro de Alcobaça.*⁷¹⁵



⁷¹³ Ver: LE GOFF, Jacques. **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval**. Tradução Antônio José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1983. S. J, Juan de Dios. **Fortuna y Providencia en la Literatura Castellana del siglo XV**. Madrid: Anejos del Boletín de la Real Academia Española, anejo XXVII, 1973.

⁷¹⁴ FRANÇA, Susani Silveira Lemos. A Fortuna e os sinais do céu na cronística portuguesa do final da Idade Média. In: **Centro de Estudos Portugueses “Jorge de Sena”**. Ano VIII, n.16, Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 1999, p. 96-97.

⁷¹⁵ **Fotos Eduardo Lima.Walkabout**. Disponível em: <http://portugalpatrimonios.com/2015/04/27/o-tumulo-de-d-pedro/> ; Consultado em 17/05/2015.

Nesse sentido, D. Duarte, no *Leal Conselheiro*, lança a seguinte questão sobre o lugar da prudência: se as coisas todas estão “sujeitas à fortuna”, de que valeria a prudência ou nos governarmos discretamente em nossos feitos?⁷¹⁶ Ainda que, ao longo da obra, este rei defenda a relevância da conduta prudente, pois os prudentes, além de serem mais favorecidos pelas bonanças da fortuna estariam mais preparados para os tormentos trazidos por esta, não negou completamente que, por meio da revelação divina e da adequada interpretação humana, se poderia algumas vezes escapar aos caprichos dessa força misteriosa. Assim, se o rei e seus coetâneos cogitaram que a interpretação adequada poderia desvendar a vontade de Deus e parte do futuro, o que se procurou indagar aqui foi sobre o papel dos astros nessa tarefa. Quanto a isso, tanto D. Duarte como diversos outros letrados tomaram os sinais do céu como indicativos do desenvolvimento de algumas ações ou do modo como estas se desenvolveriam; mas nem sempre isso significou apreço pelas previsões astrológicas.

Recomendando-se ou não as previsões astrológicas, olhar para o céu em busca de sinais que esclarecessem o que se passava na Terra foi algo partilhado entre os ibéricos dos séculos XIII, XIV e XV. São variados os indicativos da amplitude e da naturalização, muitas vezes involuntária, dos significados atribuídos aos sinais celestes e, como não poderia deixar de ser, incorporados no próprio vocabulário da época. Na apresentação desta pesquisa, recordamos o uso corrente da palavra *mazal* ligado à sorte das estrelas e destacado nos provérbios dos peninsulares. Uma outra expressão nos leva igualmente a recordar essa relação, trata-se da palavra *astroso*, que significou aquele que é nascido sob uma má estrela; também designado infeliz, com má sina.⁷¹⁷ Sobretudo nos textos portugueses, essa expressão aparece com frequência, tal como no *Livro da Montaria*, em que se narra que todos os homens querem ser monteiros, inclusive o vaqueiro, o clérigo e o homem *astroso*.⁷¹⁸ Ou no *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela*, em que o rei, ao ensinar como se deve cuidar das fazendas, considera certas dificuldades, como “as maneiras *astroso*s de que os senhores não recebem ajuda”.⁷¹⁹ E, por fim, o *Livro da Virtuosa Benfeitoria* que, ao recriminar aqueles que pedem mais do que necessitam, designa este ato de “muito *astroso*” e também acrescenta que “a maldade pública faz o bom ser mal e o *astroso* pior”.⁷²⁰

⁷¹⁶ D. DUARTE. *Leal Conselheiro*. In: **Obras dos Príncipes de Avis**. Edição de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981, cap. LVI, p. 362.

⁷¹⁷ Astrōsus, a, um. In: **Dicionário de Latim – Português**, p. 86.

⁷¹⁸ DOM JOÃO I. *Livro da Montaria* (1415-1433). In: **Obras dos Príncipes de Avis**. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981, p. 23.

⁷¹⁹ DOM DUARTE. **Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela**. Edição crítica por Joseph M. Piel. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986, p. 11.

⁷²⁰ DOM PEDRO. *Livro da Virtuosa Benfeitoria* (1418-1425). In: **Obras dos Príncipes de Avis**. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981, p. 745.

O significado da expressão *astroso* e seus usos indica, de algum modo, a importância da fortuna ou da má fortuna na vida daqueles homens, ainda que nem sempre se estabeleça a relação com a astrologia diretamente. Entretanto, como vimos ao longo deste trabalho, foi significativo o número daqueles que aceitaram e até mesmo incentivaram também as previsões astrológicas, sendo difícil julgar até que ponto as preocupações com as regras cristãs ou com a priorização de virtudes como a prudência esteve ou não presente na vida do cristão. Embora as pessoas não quisessem se indispor com a Igreja ou se rebelar contra seus modos de vida, a rememoração da virtude para certas atribuições do cotidiano poderia ser enfadonha ou até mesmo dispensada. A bem da verdade, o que se pode notar é que a prática de prever pelas configurações celestes não foi feita com o intuito de afrontar ou desrespeitar os preceitos da fé cristã, como se pode perceber naquelas passagens de textos astrológicos selecionadas no último capítulo, nas quais são frequentes as referências a Deus, enaltecendo-o e pedindo-lhe que auxiliasse no acerto dos julgamentos sobre o futuro. Os desvios ocorriam simplesmente porque era limitado o poder de condução da vida a partir da lembrança constante dos caminhos virtuosos ou de questionamentos que colocassem em suspenso certas práticas, como a astrológica.

Desse modo, aqueles letrados que propunham o estudo dos sinais dos céus para antecipar e alcançar benefícios, valeram-se das previsões astrológicas sem cogitar a virtude da prudência e seu potencial. Esses foram os compiladores das obras árabes e judaicas, nas quais a maior prioridade era ensinar os métodos para realizar determinadas previsões pelo estudo dos movimentos e conjunções dos astros. Já no que diz respeito àqueles letrados que criticaram a astrologia, maiormente os religiosos, o mote foi apontar que o gosto por esta arte significava justamente a falta de prudência e providência. Como recorda Afonso da Torre em sua *Visión Delectable* (1454): “aqueles planetas ou signos não têm ofício senão de mordomos ou tesoueiros, porque eles fazem por anos e tempos aquilo que a Providência ordenou antes de todos os tempos”.⁷²¹

A crítica também foi feita a partir de relatos de ocasiões em que as previsões foram primordiais para o desfecho de uma história. A desaprovação se efetivava a partir das reações das pessoas que foram alvo das previsões e se dirigia tanto aos que acreditavam em demasia quanto aos que eram totalmente céticos; como foi desdobrado no segundo capítulo, em que relatamos os acontecimentos que envolveram o clérigo goliardo Martim Vasques, ridicularizado por crer demais na sua boa sorte, ou o rei mouro Alcaraz, que condenou seus

⁷²¹ ALFONSO DE LA TORRE. *Visión delectable*. Ed. A. DE CASTRO. Madrid: Curiosidades bibliográficas (BAE. XXXVI), 1950, p. 361.

astrólogos injustamente, por achar descabidos os seus prognósticos e não crer. O que se recomendava era, pois, a sobriedade na relação com o devir, ou seja, mesmo que não tenham se referido à prudência propriamente, os letrados enfatizaram a necessidade de moderação relativamente às preocupações com o futuro, ressaltando, assim, uma das principais atribuições dessa virtude: ajudar no controle das ansiedades que levariam a ações inconsequentes, tendo como resultado a infelicidade.

Ao fim e ao cabo, o número considerável de escritos que, ao registrarem as preocupações correntes nos séculos em questão, propagaram esta arte indicam que a astrologia, a despeito dos seus inconvenientes, de alguma forma serviu para orientar o presente e o vir a ser. Em outras palavras, as referências astrológicas foram um dos meios privilegiados para lançar projeções sobre o futuro nos reinos ibéricos pré-expansão – incluindo as expectativas imediatas e as de longo prazo – e, além disso, denunciaram os medos e anseios dos letrados e dos que os seguiam. Nessa conjuntura, a maior orientação talvez tenha sido a distinção isidoriana entre uma astrologia “natural” e outra “supersticiosa”.⁷²² Esta distinção ou padrão estabelecido por Isidoro de Sevilha, na obra *Etimologias* – a qual acabou por contribuir para conservar o saber clássico, permanecendo como a principal fonte de conhecimento com que contavam os cristãos no princípio da invasão árabe⁷²³ –, foi fundamental, pois, além de abrir caminho para a demarcação entre duas formas de apropriação do conhecimento sobre o céu, acabou por estimular, nos séculos XIII, XIV e XV, para além dos dilemas morais e de fé, a crença em uma conexão entre os corpos humanos e os astros, tendo em conta que essa conexão seria um elemento da astrologia natural.

A partir dessa oposição entre duas formas, a astrologia triunfou e foi partilhada no mundo ibérico, tendo sido aceito o papel das estrelas na ordem do mundo, não sem restrições contundentes sobre o determinismo astral. Daí a assertiva corrente nos séculos XIII e XIV de que os astros até predispunham, mas não necessariamente determinavam o que estava por vir.⁷²⁴ Mesmo quando se adentra no século XV, o papel das estrelas na ordem do mundo não viria a ser esquecido, tendo continuado a ser uma das bases para a condução dos saberes. Ilustrativo desse apreço mantido é a cúpula que, entre 1483 e 1486, foi construída na biblioteca da Universidade de Salamanca. Nela é retratado um esquema astrológico que apresentava “um céu estrelado, os planetas e a abóbada celeste com todas as constelações do

⁷²² FLINT, Valerie I. J. **The Rise of magic in early medieval Europe**. Princeton University Press, 1994.

⁷²³ MENENDEZ. Jose M. Torroja. **El Sistema del Mundo desde la Antigüedad hasta Alfonso el Sabio**. Madrid: Instituto de España, 1980, p. 79.

⁷²⁴ Cf. BOUDET, Jean Patrice. **Entre Science et Nigromance**. Paris: Publications de la Sorbonne, 2006, p. 314.

zodiaco”.⁷²⁵ De um lado, estavam pintados o Sol e Mercúrio, sentados em seus carros triunfais puxados por animais que correspondiam a eles próprios aproximando-se das suas casas diurna e noturna. Efigiados nas rodas dos carros havia cinco signos do zodiaco – Leão, Virgem, Libra, Escorpião e Sagitário, bem como as constelações do hemisfério norte e do hemisfério sul.⁷²⁶ Quatro cabeças humanas aparecem para lembrar os quatro ventos que movem o céu (Zéfiro, Austro, Euro e Bóreas), segundo o mito grego. Nessa pintura, a configuração noturna escolhida para ser representada no teto da biblioteca foi justamente uma noite celebrada da segunda quinzena de agosto de 1475, quando os reis católicos estavam na cidade.⁷²⁷ A abóboda astrológica da biblioteca, em suma, além de mostrar princípios básicos da ciência astrológica do período, quis proclamar, provavelmente, que a contemplação científica do céu não devia fazer esquecer que as tantas maravilhas que nele se contemplan só poderiam proceder de Deus,⁷²⁸ tendo em conta a crença partilhada de que os astros se limitavam a executar, com seu perpétuo movimento, as diretrizes marcadas por Ele no começo dos tempos.⁷²⁹

*Imagem 4. Céu de Salamanca. Abóbada astrológica da antigua biblioteca da Universidade.*⁷³⁰



⁷²⁵ LUCIO MARINEO SÍCULO. Hispaniae laudibus. Apud Frías, José María Martínez. Capítulo II La Real Capilla de San Jeronimo. In: **Loci et imagines Imágenes y lugares: 800 años de patrimonio de la universidad de Salamanca**. Ediciones Universidad de Salamanca, p. 72.

⁷²⁶ Constelações do hemisfério norte: Boieiro, Hércules e Serpentário. Constelações do hemisfério sul: a Coroa Austral, Altar, Centauro, Hidra, Corvo e a Ursa. Frías, José María Martínez. **Capítulo II La Real Capilla de San Jeronimo**, p. 73.

⁷²⁷ Frías, José María Martínez. **Capítulo II La Real Capilla de San Jeronimo**, p. 72-77.

⁷²⁸ Frías, José María Martínez. **Capítulo II La Real Capilla de San Jeronimo**, p. 77.

⁷²⁹ AVILÉS, Alejandro García. Arte y Astrología en Salamanca a finales del Siglo XV. In: **Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte**. Madrid: UAM, Vol. IV, 1994, p. 59.

⁷³⁰ Céu de Salamanca. Abóbada astrológica da antigua biblioteca da Universidade pintada por Fernando Gallego nos finais do século XV. Disponível em:

http://www.cervantesvirtual.com/portales/diego_de_torres_villaruel/imagenes_torres_salamanca/imagen/torres_salamanca_07; Consultado em 17/05/2015.

Considerando o interesse pela ciência astrológica e pelas previsões ao longo de três séculos, no período em que os textos que trataram da astrologia foram propagados de forma mais sistematizada na Espanha e em Portugal – a saber, da fundação dos Estudos Gerais de Salamanca, em 1218, ao tempo em que o saber astrológico se tornou mais técnico para atender às necessidades das navegações, na primeira metade do século XV –, este trabalho contemplou também, num sentido mais amplo, como a relação entre o movimento das estrelas e o destino da alma humana não foram quimeras, antes disseram sobre a forma como os ibéricos projetaram a sua própria existência.

Se, por um lado, os cristãos negligenciaram certas normas para prever através dos sinais dos céus, por outro, a Igreja procurou se informar e conhecer os assuntos relativos a tal prática, consciente, de certa forma, das angústias de seus fieis. Nesse sentido, o conselho de Lope de Barrientos exemplifica bem as matizes de tal relação:

Porque quando algum astrólogo falar a tua Senhoria algumas coisas advenientes, saiba se são possíveis de se saber, porque algumas coisas dizem eles que os anjos, enquanto anjos, não as podem saber.⁷³¹

⁷³¹ FRAY LOPE DE BARRIENTOS. Tratado del Dormir. In: CARRETERO, M^a Isabel García-Monge. **Estudio e Edición Crítica Del “Tratado del Dormir” de Lope de Barrientos**, Memoria para optar al grado de Doctor. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología Departamento de Filología II, 2001, p. 2.

CRONOLOGIA

Apreentamos nesta cronologia as obras mais relevantes sobre a matéria astrológica na Península Ibérica: tratados dedicados especificamente ao tema e obras com outros fins, mas que tiveram um papel fundamental para estabelecer ou regular a prática astrológica. A catalogação foi feita pelo ambiente em que os escritos foram produzidos, ainda que na maioria das vezes, eles não tenham se restringido a esse local de origem.

Castela

1230. Johannes de Sacrobosco. Tratado da Esfera.

1250. Yehuda ben Moshe ha-Kohen. Lapidário.

1254. Seudo Maslama. Picatrix.

1258. Ali ABen Ragel. Libro Conplido en los iudizios de las estrellas.

1259. Abu Said Ubaidalla. Libro de las Cruces.

1259. Isaac ben Sid, Judah ben Moses Cohen e Alfonso X. Libros del Saber de astronomía.

1256-1265. Juristas do rei Alfonso X. Las Siete Partidas.

1270. Alfonso X e colaboradores. General Estoria.

1270 - ???. Alfonso X e colaboradores. Primera Crónica General.

1270-1346. Alfonso de Valladolid. Libro de negar et desmentir la astrologia, que faz parte do Libro Del zelo de Dios.

1272. Isaac ben Sid, Judah ben Moses Cohen e Alfonso X. Tablas Alfonsinas.

1283. Alfonso X e colaboradores. Libro del Ajedrez, dados y tablas.

1298-1299. São Pedro Pasqual. Libro contra las fadas et ventura et oras minguadas et signos et planetas.

1300. Alfonso X e colaboradores. Setenario.

1330. Juan Ruiz, Arcipreste de Hita. Libro de Buen Amor.

1337. Abraham Zacuto. Almanaque Perpétuo.

1348. Frei Álvaro Pais. Colírio da Fé Contra as Heresias.

1369?. D. Pedro Gómez de Albornoz. Libro de la justicia de la vida espiritual.

1399. Martín Pérez. Livro das Confissões.

1454. Lope de Barrientos. Tractado del Dormir dormir y despertar e del soñar, e de las adivinanças e agüeros e profecia.

1454. Lope de Barrientos. Tractado de la Divinanza.

1454. Lope de Barrientos. Tratado de Caso y Fortuna.

1406 – 1454. Álvar García de Santa María, Fernán Pérez de Guzmán. Crónica de Juan II de Castela.

1454. Alfonso dela Torre. Visión Delectable.

1485. Diego de Torres. Eclipses del Sol.

Aragão

1295-1296. Raimundo Lúlio. Arbre de ciencia.

1297. Raimundo Lúlio. Novo tratado de Astronomia

1343. Jaime I. Crònica o Libre dels feits de D. Jaime.

1357 – 1372. Bartomeu de Tresbéns. Tractat d'astrologia.

1366. Jacob Corsino, Pere Gilbert e Dalmau çes-Planes. Tablas astronómicas del rey Pedro el Ceremonioso.

1369. Nicolás Eymerich. Tractatus Contra Daemonum Invocatores.

1369. Arcebispo de Sevilha D. Pedro Gómez de Albornoz. Libro de la justicia de la vida espiritual.

1376. Nicolás Eymerich. Directorium inquisitorum

1395. Nicolás Eymerich. Tractatus contra astrologos imperitos atque nigromantes de occultis perperam iudicantes.

1428. Enrique de Villena. Tratado de Astrología.

1438. Arcipestre de Talavera, Afonso Martínez de Toledo. El Corbacho Reprobación del amor mundano.

1482/1484. Bernardo Granollach. Lunari de Granollach.

1485. Henri Mayer. Prenostication de la vida natural dels hòmens.

1490. Bernardo Granollach, Andrés de Li. Reportorio de los tempos.

Portugal

Segunda metade do século XIII. Gossouin de Metz. Imagem do Mundo.

1415-1433. D. João I. Livro da Montaria.

1418-1425. Dom Pedro. Livro da Virtuosa Benfeitoria.

1419. Fernão Lopes ou anônima. Crônica de Portugal de 1419.

1438. D. Duarte. Leal Conselheiro.

1450. Fernão Lopes. Crônica de D. João I.

1452 – 1453. Gomes Eanes de Zurara. Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista da Guiné.

1490. Rui de Pina. Crónica do Senhor Rey D. Afonso V; Crônica de D. Duarte.

1523. António de Beja. Contra os Juízos dos Astrólogos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

ABRAHAM ZACUTO. Versión Castellana de los Canones de Zacut. In: ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**. Europa artes gráficas, Salamanca, 1989.

AFONSO X. **General Estoria**, versión gallega del siglo XIV. Ed., introducción lingüística, notas y vocabulário de Ramón Martínez-Lopes. Oviedo: Universidad de Oviedo, 1963. (Publicaciones de Archivum).

ALBA, Amparo; MAZA, Carlos Sainz de la; SELA, Shlomo. La obra astrológica de Abraham Ibn Ezra en dos códices Castellanos. In: **Sefarad (Sef)**, vol. 70:2, julio-diciembre 2010.

ALBERTUS MAGNUS. *Speculum astronomiae*. In: Paola Zambelli. **The Speculum astronomiae and Its Enigma: Astrology, Theology, and Science in Albertus Magnus and his Contemporaries**. Boston: Kluwer Academic, 1992.

ALFONSO DE LA TORRE. **Visión delectable**. Ed. A. DE CASTRO. Madrid: Curiosidades bibliográficas (BAE. XXXVI), 1950.

ALFONSO EL SABIO. **Libro de las Cruces**. Edición de Lloyd. A. Kasten e Lawrence B. Kiddle. Madrid: Madison, 1961.

ALFONSO X. **General Estoria**. Primera parte, ed. A. G. Solalinde, Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1930.

ALFONSO X. **Lapidario and Libro de las Formas & Imágenes** [Texto impreso]. Editado por Roderio C. Diman and Lynn W. Winget. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1980.

ALFONSO X. **Las tablas de los movimientos de los cuerpos celestiales** del iluxtrísimo Rey don Alonso de Castilla seguidas de su Additio. Traducción castellana anónima de los Cánones de Juan de Sajonia. Estudio y edición de José Martínez Gázquez. Murcia: Universidad de Murcia, 1989, p. 14.

ALFONSO X. Libro de ajedrez, dados y tablas. Biblioteca de el Escorial, ms. T.I.6., fol. 95r°. In: GOLLADAY, Sonja Musser. **Los Libros de Acedrex Dados E Tablas: Historical, Artistic and Metaphysical Dimensions of Alfonso X'S Book of Games**. A Dissertation Submitted to the Faculty of the Departament of Spanish and Portuguese in partial fulfillment of the Requirements for the degree of Doctor of philosophy with a major in Spanish. University of Arizona, 2007.

ALFONSO X. **Libros del Saber de Astronomía** del Rey D. Alfonso de Castilla, copilados, anotados y comentados por Don Manuel Rico y Sinobas. Madrid: Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, 1863-67.

ALFONSO X. Partida VII, título IX, ley 17. In: **Las Siete Partidas** del sabio Rey don Alfonso el IX, con las variantes de más interés y con la glosa de del Lic. Gregorio López del

Consejo Real de las Indias de S. M. Barcelona: 1843. Disponível em:
http://bib.us.es/guiaspormaterias/ayuda_invest/derecho/pixelegis.htm; Consultado em:
 08/03/2012.

ALFONSO X. **Setenario**. Edição e introdução Kenneth H. Vanderford, estudio preliminar Rafael Lapasa. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

ALY ABEN RAGEL. **El Libro Conplido en Los Iudizios de las Estrellas**. Introducción y edición Gerold Hilty. Madrid: Real Academia Española, 1954.

AMASUNO. Marcelino V. **Un texto médico-astroológico del siglo XV; “Eclipses del Sol” del licenciado Diego de Torres**. Salamanca, 1972.

AMIROLA, Eugenio de Llaguno. **Sumario de los reyes de España por el despensero mayor de la reyna Doña Leonor, mujer del rey Don Juan el primero de Castilla**. Madrid, 1781, p. 61. Disponível em: <http://catalog.hathitrust.org/Record/009283734>; Acessado em: 20/05/2014.

ANICIO MANLIO BOECIO. **La Consolacion de la Filosofia**. Traducción del latín por Pablo Masa, prólogo y notas de Alfonso Castaño Piñan. Buenos Aires: Aguilar, 1977.

ARCIPRESTE DE HITA. **Libro de Buen Amor**. Versión antigua con prólogo y versión moderna de Amancio Bolaño e Isla. México: Editorial Porrúa, 13 edición, 2008.

ARCIPRESTE DE TALAVERA, Cristóbal Pérez Pastor (ed. lit.). **Corbacho o Reprobación del amor mundano**. Madrid: Sociedad de Bibliófilos Españoles, 1901. Edición en línea: Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2004.

Archivo de la Corona de Aragon. Cancellaría Real, Registro, 1739, f. 44, Rubió y Lunch documents , 1:250.

ARISTÓTELES. **Acerca del Cielo – Metereológicos**. Biblioteca Clásica Gredos, 1996.

ARISTOTELES. **Librum De Anima Comentarium**. Taurini: Marietti, 1925.

Astrology and numerology in medieval and early modern Catalonia – The Tractat de prenostication de la vida natural dels hòmens. Library of Congress Cataloging-in Publication data, 1970.

BRAVO-VILLASANTE, Carmen R. **El Libro de las utilidades de los animales de Ibn Al-Mawsili**. Madrid: Edilán, 1981.

Crónica de Juan II. [B.A.E.,68, II], año 1434. Madrid: Atlas,1953.

D. DUARTE. Leal Conselheiro. In: **Obras dos Príncipes de Avis**. Edição de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981.

DOM DUARTE. **Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela**. Edição crítica por Joseph M. Piel. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.

- DOM JOÃO I. Livro da Montaria (1415-1433). In: **Obras dos Príncipes de Avis**. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981.
- DOM PEDRO. Livro da Virtuosa Benfeitoria (1418-1425). In: **Obras dos Príncipes de Avis**. Edição de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981.
- DAMIÃO DE GÓIS. **Crônica do Felicíssimo Rei D. Manuel**, Parte IV. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955.
- DON ALFONSO DE CASTRO. **Biblioteca de Autores Españoles**. Curiosidades Bibliográficas, Colección Escogida de Obras Raras de Amenidad y Erudición. Madrid: M. Rivadeneyra – impresor-editor, 1855.
- DUARTE GALVÃO. **Crónica de el-Rei D. Afonso Henriques**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, sd.
- ENRIQUE DE VILLENA. **Tratado de Astrología** atribuido a Enrique de Villena. Edición Pedro M. Cátedra, Introducción Julio Samsó. Barcelona: Editorial Humanitas, 1983.
- FERNÃO LOPES. **Crónica de D. João I**. 2 Vol., Barcelos: Livraria Civilização, 1983.
- FR. ANTÓNIO DE BEJA. **Contra os juzos dos astrólogos**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1944.
- FRAY LOPE DE BARRIENTOS. Tractado de Caso y Fortuna. In: Laurette GODINAS. Fray Lope de Barrientos, Tractado de caso y fortuna. **Revista de literatura medieval**, 2006, n. 18, p. 9-68 Servicio de Publicaciones Universidad de Alcalá, p. 39-40.
- FRAY LOPE DE BARRIENTOS. Tratado del Dormir. In: CARRETERO, M^a Isabel García-Monge. **Estudio e Edición Crítica Del “Tratado del Dormir” de Lope de Barrientos**, Memoria para optar al grado de Doctor. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología Departamento de Filología II, 2001.
- FREI ÁLVARO PAIS. **Colírio da fé contra as heresias** (século XIV). Estabelecimento do texto e tradução do Dr. Miguel Pinto Meneses. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1954.
- GALLINA, Anna María. Bari. **Tratado de Aojamiento**. Adriatica Editrice, 1978.
- GOMES EANES DE ZURARA. **Crónica da Tomada de Ceuta por el-rei D. João I**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1915.
- GOSSOUIN DE METZ. **Imagem do Mundo**. Direção, apresentação e tradução de Margarida Santos Alpalhão. Lisboa: IEM – Instituto de estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa.
- GREGORIO IX. Decrétales. In: **Biblioteca Augustana**, ed. harsch, V, 21, 2.
- HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascálion: da arte de ler** (século XII). Introdução e tradução de Antonio Marchionni. 2. Ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2007.

ISIDORO DE SEVILLA. **Etimologias**. Editores: Jose Oroz Reta, Manuel-Antonio Casquero; Manuel CDíaz y Díaz. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

JAIME I. **Crònica o Libre dels feits**. Barcelona: Ed. Ferran Soldevila, ed. 62. 1982.

JOHANNES SACROBOSCO. **Tratado da Esfera** (séc. XIII). Tradução de Pedro Nunes; atualização para o português contemporâneo Carlos Ziller Camenietzk. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

KNECHT, Pierre. **I Libri Astronomici di Alfonso X - una versione fiorentina del Trecento**, Zaragoza, 1965.

LACHAUD, Frédérique; SCORDIA, Lydwinn. **Pour commencer bonne maniere de gouverner ledit royaume. Um miroir du prince du XV siècle: l'avis à Yolande d'Aragon**. In: **Le prince au miroir de la littérature politique de l'Antiquité aux Lumières**. Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2007.

LAPA, Rodrigues. **Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses**. 2. Ed. revista por Rodrigues Lapa. Editorial Galáxia, 1970.

LAS SIETE partidas del sabio Rey don Alfonso el IX, con las variantes de más interés y con la glosa de del Lic. Barcelona: Gregorio López del Consejo Real de las Indias de S. M., 1843. Disponível em: <http://bib.us.es/guiaspormaterias/ayuda_invest/derecho/pixelegis.htm>. Acessado em: 08 mar. 2014.

LOPE DE BARRIENTOS. **Tractado de la Divinança**. Edición Crítica y estudio de Paloma Cuenca Muñoz, Madrid: Universidad Complutense, 1992.

MACROBIO. **Comentario Al “Sueño de Escipión” de Cicerón**. Introducción, traducción y notas de Fernando Navarro Antolín. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

MARCUS TULLIUS CICERO. **De inventione**. II, liii. Trad. de H. M. Hubbell. Edição Loeb.

MARTIN PEREZ. **Livro das Confissões**. Edição, introdução, e notas de José Barbosa Machado e Fernando A. Torres Moreira. Braga: edições Vercial, 2012-2013.

MATHIEU, Nicolás del Castillo. Breve Análisis de las “Generaciones y Semblanzas” de Fernán Perez de Guzmán. In: **Thesaurus**. Tomo XXXIII, n. 3, 1978. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/33/TH_33_003_074_0.pdf ; Acessado em: 10/12/2014.

MONGE CARRETERO, M. I. G. **Estudio y edición crítica del “Tratado del dormir” de Lope de Barrientos**. II Edición. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, Dpto. Filología Española II.

NICOLAU EIMERIC. **Manual de Inquisidores**. Tradución y comentarios José Antonio Fortea. La Esfera de los Libros S.L, 2006.

PLATON. **Timeo**. Traducción del griego, prólogo y notas por Francisco de P. Samaranch. Argentina: Aguilar S. A. de Ediciones, 1981.

PONTES, J. M. DA CRUZ. **Astrologia: Da Rejeição Patrística a Apologética Medieval**. Vol. I. Coimbra: HVMANITAS, Universidade de Coimbra, 1998.

Primera Crónica General de España, que mandó componer Alfonso el Sabio y se continuaba bajo Sancho IV en 1289. Edición de Ramón Menéndez Pidal, Antonio García Solalinde, Manuel Muñoz Cortés y José Gómez Pérez. Madrid: Gredos, 1955, 2 vols.

RAIMUNDO LÚLIO. **Astrologia medieval** (1297). (O Novo tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio – Ramon Llull). Tradução Esteve Jaulent. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, São Paulo, 2011.

RAMON LLULL. **Árbol de ciencia** (Arbre de ciencia, Roma, 1295-1296). Tradución de A. Vega. In: ESQUERRA, Amador Vega. **Ramon Llull y el secreto de la vida**. Ediciones Siruela, 2002.

ROGER BACON. **Parts of the Opus Tertium of Roger Bacon**. Aberdeen: ed, A. G. Little, 1912.

ROGÉRIO BACON. **Obras escolhidas** – Carta a Clemente IV; A ciência experimental; Os segredos da arte e da natureza (\cong 1267). Introdução de Jan G. ter Reegen. Tradução de Jan G. ter Reegen, Luis A. De Boni e Orlando A. Bernardi. Porto Alegre; Bragança Paulista: EDIPUCRS; Editora Universitária São Francisco, 2006

RUBIÓ y LUNCH. Introdução. **Archivo de la Corona de Aragon. Cancellaría Real**. Registro, 1739, f. 44, documents, 1:250.

RUI DE PINA. **Crónicas de Rui de Pina**. Lello & Irmão – Editores. Porto: Artes Gráficas, 1977.

SAN AGUSTÍN. **La Ciudad de Dios**. Introducción, traducción y notas de Rosa M. Marina Sáez. Libros I-VII. Madrid: Biblioteca Clásica Gredos, 2007.

SANTO AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**. Tradução e Introdução Nair de Assis Oliveira. São Paulo: ed. Paulus, 2011.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução Arnaldo do Espírito Santo, João Beato, Maria Crisitna de Sousa Pimentel. Corvilhã, 2008.

SEUDO MASLAMA. **Picatrix**. Org. Béatrice Bakhouché, Belgium: Brepols, 2003.

SEUDO MASLAMA. **Picatrix**. Org. Marcelino Villegas, Oran, 1978.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Coordenação Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira, Editor Joaquim Pereira. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

TOMÁS DE AQUINO. **Summa contra gentiles**. Madrid: BAC, 2. Ed, 1967.

VALLICROSA, J. M. Millás. **Las Tablas astronómicas del rey Pedro el Ceremonioso**. Madrid-Barcelona: C.S.I.C, Instituto Arias Montano y Asociación para la historia de la Ciencia Española, 1962.

VIGNAU. Carta dirigida á Don Juan II de Aragón por su médico, fijándole día para operarle los ojos. In: **Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos** IV. Madrid, 1874, p. 135-137 y 230-231, Apud ROMANO, David. *La Ciencia Hispanojudía*. Madrid: Colecciones Mapfre, 1992, p. 177-178.

ZACUTO, A. **Almanach Perpetuum**. Introdução de Luís de Albuquerque. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.

ZURARA. **Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista da Guiné** por mandado do Infante D. Henrique. 2 Vols, Introdução e notas Torquato de Sousa Soares. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1981.

Estudios Historiográficos

ALBARES, Roberto A; CASTILLO, Pablo G; MIGUEL, Cirilo F. **La Ciencia del Cielo**. Salamanca: Europa artes gráficas, 1989.

ALCALÁ. Antonio Torres. **Don Enrique de Villena. Un mago al dintel del Renacimiento**. N. 21. Madrid: Studia Humanitatis, 1983.

ALLARD, Guy-H.; MÉNARD, Jacques. **Cahiers d'études médiévales II. La science de la nature: théories et pratiques**. Institut d'études médiévales Université de Montréal, 1974.

AURELL, M. Prophétie et messianisme politique. La péninsule Ibérique au miroir du Liber ostensor de Jean de Roquetaillade. In: **Mélanges de l'École française de Rome, Moyen Âge - Les Textes prophétiques et la prophétie en Occident**. T. 102, n. 2, 1990.

AVILÉS, Alejandro García. Arte y Astrología en Salamanca a finales del Siglo XV. In: **Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte**. Madrid: UAM, Vol. IV, 1994.

BAILEY, Michael D. **Fearful Spirits, Reasoned Follies: The Boundaries of Superstition in Late Medieval Europe**. Cornell Univesity, 2013.

BALLESTER, Luís García. **Historia Social de la Medicina en la España de los siglos XIII al XVI**, I La minoría musulmana y morisca. Madrid: Akal, 1976.

BAQUÉ, Enrique; PETIT, Juan. **La Baja Edad Media. Historia de la Cultura Española**. Barcelona: Editorial Seix Barral, S. A., 1956.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições - Portugal, Espanha e Itália - Séculos XV-XIX**. Companhia das Letras, 2000.

BETHENCOURT, Francisco; CURTO, Diego Ramada. **A memória da nação**. Livraria Sá da Costa, Colóquio do Gabinete de Estudos de Simbologia realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, 7-9 Outubro, 1987.

BEZLER, Francis. **Les pénitentiels espagnols**. Contribution à étude de la civilisation de l'Espagne chrétienne du haut moyen âge. Münster: Aschendorff Verlag.

BONILLA, Luis. **Historia de la hechicería y de las brujas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1962.

BOUDET, Jean Patrice. **Entre Science et Nigromance**. Paris: Publications de la Sorbonne, 2006.

BOUDET, Jean-Patrice; COLLARD, Frank; WEILL-PAROT Nicolas. **Médecine, astrologie et magie entre Moyen Âge et Renaissance: autor de Pietro d'Abano**. Firenze: Sismel, edizioni del Galluzzo, 2013.

BRADBURY, Jim. **The Capetians kings of France 987 – 1328**. New York: Continuum books, 2007.

BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BUESCU, Ana Isabel. **Imagens do príncipe – discurso normativo e representação (1525 – 49)**. Lisboa: Ed. Cosmos, 1996.

CANAS, António Costa; FERRÃO, Maria Eugénia. **A matemática no tempo do mestre José Vizinho**. Sociedade Portuguesa de Matemática. Lisboa: Gradiva, 2009.

CARVALHO, Joaquim de. **O livro «contra os juízos dos astrólogos» de frei António de Beja e as suas fontes italianas**. Disponível em: <http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/57-O-livro-contra-os-juizos-dos-astrologos-de-frei-Antonio-de-Beja-e-as-suas-fontes-italianas-#sthash.SOXYWU80.dpuf>; Consultado em: 04/2014.

CARVALHO, Joaquim. **Cultura filosófica e científica - Período Medieval**. (Disponível em: <http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/51-Cultura-filosofica-e-cientifica-Periodo-Medieval->; Consultado em: 25/02/2015).

CASINI, Paolo. **As filosofias da natureza**. Tradução Ana Falcão Bastos e Luis Leitão. Lisboa: Editorial Presença.

Catálogos Biblioteca Nacional de Portugal. **Estrelas de papel – livros de astronomia dos séculos XIV a XVIII**. Lisboa: 2009.

CAVALLERO, Constanza. Supersticiosos y Marranos. El discurso anti-mágico de Lope de Barrientos a la luz de la “Cuestión Conversa”. In: **Cuadernos Historia de España**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires ene./dic. vol.84, 2010.

CENTENO, Yvette K. A Gnose Alquímica. In: **Narrativas e Mediação**. Cadernos do Ceil Revista Multidisciplinar sobre o imaginário. Número 1, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: 2011.

COELHO, Latino. **A Ciência na Idade Média**. Lisboa: Guimarães Editores, 1988.

COHEN, Jeffrey J. Inventing with Animals in the Middle Ages. In : **Engaging with Nature**. Ed. Barbara Hanawalt and Lisa Kiser. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2008.

COLEMAN, Janet. **Ancient and medieval memories** – Studies in the reconstruction of the past. U. S. A: Cambridge University Press, 1992.

COMES, Mercè; MIELGO, Honorino; SAMSÓ, Julio. **Ochava Espera y Astrofísica**. Barcelona, 1990.

CONTRERAS, J., Judíos, judaizantes y conversos en la Península Ibérica en los tiempos de la expulsión. In: ALCALÁ, Á. (ed.). **Judíos. Sefarditas. Conversos. La expulsión de 1492 y sus consecuencias**. Madrid, 1995.

CORTESÃO, Jaime. **Infuência dos Descobrimentos Portugueses na História da civilização**. Lisboa: Impr. Nacional – Casa da Moeda, 1993.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. Conhecimento, ciência e verdade em Santo Agostinho. In: **A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média**. Org. Luiz Alberto de Boni, Porto Alegre: EDIPUCRS, Coleção Filosofia, 2000.

CHABÁS, José; GOLDSTEIN, Bernard R. **Astronomy in the Iberian Peninsula: Abraham Zacut and the Transition from Manuscript to print** (Transactions of the American Philosophical Society). Amer Philosophical Society, 2000.

CHARLE, Christophe; VERGER, Jacques. **História das Universidades**. Tradução Elcio Fernandes. Ed. Unesp, 1996.

CHEVALIER, Jacques. **Histoire de la pensée**, II. Paris: Racine, 1956.

CROMBACH, Mechthild. **Bocados de Oro**. Kritische Ausgabe des altspanischen Textes. Romanisches Seminar der Universität Bonn, 1971.

DE LOS RIOS, D. José. **Historia Crítica de la Literatura Española**. Tomo V. Madrid: Imprenta á cargo de José Fernandez Cancela, 1864.

DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 2. Tradução Maria Helena da Cruz Coelho et. al. Porto: Edições Afrontamento.

D'ALVERNY, M, T. Astrologues et théologiens au XII siècle. In: **Mélanges offerts à M. D. Chenu**. Bibliothèque Thomiste, XXXVII. Paris: J. Vrin, 1967, p. 31-50.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente 1300-1800**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DOOLEY, Brendan. **A Companion to Astrology in the Renaissance**. Library of Congress, 2014.

ESTOW, C. **Pedro the Cruel of Castile: 1350-1369**. Leyde, 1995.

ÉTIENNE, Gilson. **Porque São Tomás criticou Santo Agostinho Avicena e o ponto de partida de Duns Escoto**. São Paulo : ed. Paulus, 2, 2010.

FAINGOLD, Reuven. **Judeus nas cortes reais portuguesas**. In: Sefarad, Revista de Estudios Hebraicos, **Sefardíes y de Oriente Próximo**. Vol. 55. Fasc.1. Madrid: 1995.

FANNING, Steven. **Mystics of the christian tradition**. London and New York: Routledge, 2005.

FILHO, Miguel Attie. **Os Sentidos Internos em Avicena**. Coleção Filosofia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

FLECK, Fernando P. de Almeida. **O Problema dos Futuros Contingentes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

FLINT, Valerie I. J. **The Rise of magic in early medieval Europe**. Princeton University Press, 1994.

FORSHAW, Peter J. The Occult Middle Ages. In: PARTRIDGE, Christopher. **The Occult World**. London: British Library Cataloguing, 2015.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. A Fortuna e os sinais do céu na cronística portuguesa do final da Idade Média. In: **Centro de Estudos Portugueses “Jorge de Sena”**. Ano VIII, n.16, Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 1999.

GARCÍA, Luis Miguel de Vicente. La Importancia del Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas en la Astrología medieval (Reflexiones sobre la selección de obras astrológicas del código B 338 del siglo XV del archivo catedralicio de Segovia). In: **Revista de literatura medieval**, nº 14, 2. Universidad de Madrid: 2002. Disponível em : <http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/5426/La%20Importancia%20del%20Libro%20Conplido%20en%20los%20Iudizios%20de%20las%20Estrellas%20en%20la%20Astrolog%C3%ADa%20Medieval.pdf?sequence=1>; Consultado em : 10/12/2014.

GARCÍA, Luis Miguel Vicente. **Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española**. Madrid: Ed. Del Laberinto S. L., 2006.

GARGATAGLI, Marieta. La Historia de la escuela de traductores de Toledo. In: **Quaderns, Revista de tradició**. Universitat Autònoma de Barcelona, n. 4, 1999.

GARIN, Eugenio. **El Zodíaco de la Vida. La Polémica Astrológica del Trescientos al quinientos**. Barcelona: Ediciones Península, 1981.

GASCÓN, Elena Vera. La quema de los libros de don Enrique de Villena: una maniobra política y antisemítica. In: **Bulletin of Hispanic Studies**. 54:4, 1979.

GILSON, Étienne. **A Filosofia na Idade Média**. Tradução Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GILSON, Étienne. **Porque São Tomás criticou santo Agostinho**. Tradução Tiago José Risi Leme. São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

GIVÓN, Talmy. Prototypes: between Plato and Wittgeinstein. In: **Noun classes and categorization**. Ed. C. Craig. New York: Academic Press, 1986.

GLICK, Thomas F. **Islamic and Christian Spain in the early middle ages**. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data, 1979.

GOMES, Saul António. Livros de ciência em bibliotecas medievais portuguesas. In: **Ágora. Estudos Clássicos em Debate**. 14.1 (2012). Disponível em: <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/2.Saul.pdf>; Consultado em 08/2014.

GONÇALVES, Beatris dos Santos. A Face Mística do Rei D. Duarte (Portugal, 1433 – 1438). In: **Revista Litteris** – ISSN: 19837429, n. 12 - setembro de 2013.

GREGORIO, Daniel. De la astronomía a la astromagia, una aproximación alfonsí del saber de las estrellas. In: **Miscelánea Medieval Murciana**, n. 36, 2012, p. 41-73. Disponível em: <http://revistas.um.es/mimemur/article/view/187591/154451>; Consultado em: 10/20/2015.

GUITTON, Jean. **Le temps et l'éternité chez Plotin et saint Augustin**. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1959.

GUTIÉRREZ, José Miguel Carrión. **Conociendo a Alfonso X el Sabio**. Comunidad Autónoma de la región de Murcia, Consejería de cultura y educación, 1997.

HENRARD, Nadine; MORENO, Paola; THIRY-STASSIN, Martine. Convergences medievales: epepee, lyrique, roman. In: **Melanges offerts à Madeleine Tyssens**. Bruxelles: Éditions De Boeck Université, 2001.

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**, São Paulo: CosacNaify, 2010.

JANOTTI, Aldo. **Origens da Universidade: a singularidade do caso português**. São Paulo: Edusp, 1992.

JIMENO, Siro Arribas. **La Fascinante Historia de la Alquimia descrita por un científico moderno**. Oviedo: Universidad de Oviedo, Servicio de publicaciones.

KIECKHEFER, Richard. **La Magia em la Edad Media**. Tradução Montserrat Cabré. Barcelona: Editorial Crítica, 1992.

LE GOFF, Jacques. **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval**. Tradução António José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1983.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma História do Corpo na Idade Média**. Tradução Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LECLERCQ, Jacques. **As Grandes Linhas da filosofia moral**. Tradução Cônego Luiz de Campos. São Paulo: Herder, 1967, p. 174 -175.

LIBERA, Alain de. **A Filosofia Medieval**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LIBERA, Alain de. **Pensar na Idade Média**. São Paulo: editora 34, 1999.

LOPES, Margarida Santos. **Novo Dicionário do Islão**. Lisboa: Casa das Letras, 2010.

LÓPEZ-VELA, Roberto. De Numancia a Zaragoza. In: **La Construcción de las Historias de España**. Coord. Ricardo García Carcel, Fundación Carolina, Centro de Estudios Hispánicos e Iberoamericanos. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia, S. A., 2004.

LUCAS, John Scott. **Astrology and numerology in medieval and early modern Catalonia** – The Tractat de prenostication de la vida natural dels hòmens. Library of Congress Cataloging-in-publication Data, USA, 1970.

LYONS, Jonathan. **A Casa da Sabedoria: como a valorização do conhecimento pelos árabes transformou a civilização ocidental**. Tradução de Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

MACKAY, Angus. **La España de la Edad Media** (desde la frontera hasta em imperio 1000 – 1500). Madrid: Cátedra, 2000.

MACHADO, Cristina de Amorim. **O Papel da Tradução na Transmissão da Ciência: o caso do Tetrabiblos de Ptolomeu**. Rio de Janeiro: ed. Mauad, 2012.

MARQUER, Julie. La figura de Ibn al-Jaṭīb como consejero de Pedro I de Castilla: entre ficción y realidad. In: **Revue interdisciplinaire d'études hispaniques médiévales et modernes - Conseil, conseillers et conseillères en péninsule Ibérique au Moyen Âge**. Disponível em <http://e-spania.revues.org/20900>; Acessado em: 05/05/2014.

MARQUES, José. **Relações entre Portugal e Castela nos finais da Idade Média**. Braga: Fun. Calouste Gulbenkian, 1994.

MASON, Stephen F. **Historia de Las Ciencias**. Madrid: alianza Editorial, 1994.

MENENDEZ, Jose M. Torroja. **El Sistema del Mundo desde la Antigüedad hasta Alfonso X El Sabio**. Madrid: Instituto de España, 1980.

MICHELAN, Kátia Brasilino. **Um rei em três versões**. A construção da história de D. Afonso Henriques pelos cronistas medievais portugueses. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

MINOIS, George. **História do Futuro**. Tradução Serafim Ferreira. Lisboa: Editora Teorema, 1996.

MITRE, Emilio. **La España Medieval. Sociedades. Estados. Culturas.** Madrid: Ed. Istino, 1979.

MONTENEGRO, Enrique Cantera. Los judíos y las ciencias ocultas en la España medieval. In: **En la España Medieval.** 25 (2002), p. 47-83.

MONTIEL, Isidoro. **Historia y bibliografía del libro de Calila e Dimma.** Madrid: Editora Nacional, 1975.

MOYER, Ann Elizabeth. **The Philosophers Game: Rithmomachia in Medieval and Renaissance Europe.** Michigan: The University of Michigan Press, 2011.

MUNNÉ, M. Vatllori I. La Sicile et la couronné d'Aragon dans les prophéties d'Arnaud de Villeneuve e de Jean de Roquetaillade. In: **Les Textes prophétiques et la prophétie en Occident (XII – XVI siècle).** Ed. André Vauchez. Special Issue, Mélanges de l'École française de Rome: Moyen Âge – Temps modernes 102, n. 2 1990.

MURPHY, James J. **la Retórica en la Edad Media.** Traducción Guillermo Hirata Vaquera. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

NASCIMENTO, Carlos A. R. Le Statut épistémologique des sciences intermédiaires selon S. Thomas D'Aquin. In: ALLARD, Guy-H.; MÉNARD, Jacques. **Cahiers d'études médiévales II. La science de la nature: théories et pratiques.** Institut d'études médiévales Université de Montréal, 1974.

NORTH John. Scholars and power: astrologers at the courts of medieval Europe. In: **VI Trobada d'història de la ciència I de la Tècnica.** Coordinació: Josep Batlló Ortiz, Pasqual Bernat López i Roser Pluig Aguilar. Barcelona: Societat Catalana d'història de la Ciència I de la Tècnica Filial de l'Institut d'Estudis Catalans, 2002, (13-28).

OBRADÓ, M. del Pilar Rábade. **Las Universidades en la Edad Media.** Madrid: Arco Libros, S. L., 1996.

PAGE, Sophie. **Astrology in Medieval Manuscripts.** London: The British Library, 2002.

PASTOUREAU, Michel. **Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental.** Dirigée par Maurice Ölender. Collection la Librairie du XXI Siècle, Éditions du Seuil: 2004.

PEARSALI, Derek; SALTER, Elizabeth. **Landscapes and Seasons of the Medieval World.** Toronto: University of Toronto Press, 1973.

PELAYO, Marcelino Menéndez y. **Historia de los Heterodoxos Españoles.** Libro III, Edición digital: Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2003. Edición digital basada en la de Madrid, La Editorial Católica, 1978. Disponible em: [.file:///C:/Users/Simone/Desktop/Historia%20de%20los%20Heterodoxos%20Espa%C3%B1oles%20-Libro%20III-%20%20%20Biblia%20y%20Tradici%C3%B3n.htm](file:///C:/Users/Simone/Desktop/Historia%20de%20los%20Heterodoxos%20Espa%C3%B1oles%20-Libro%20III-%20%20%20Biblia%20y%20Tradici%C3%B3n.htm) ; Consultado em: 07/11/2014.

PIETRO. Maria Helena Urenã. O Significado dos Lapidários Antigos. In: **Revista da Universidade de Coimbra**, Vol. XXXVII, Coimbra: 1992.

- PIÑERO, José María López. **Ciencia y técnica en la sociedad española de los siglos XVI y XVII**. Barcelona, 1979.
- PITA, Isabel Beceiro. **Libros, lectores y bibliotecas en la España medieval** (Medievalia, n. 2). Murcia: Nausícaã, 2007.
- POULLE, Emmanuel. **Les Sources Astronomiques (Textes, Tables, Instruments)**, Typologie des Sources du Moyen Âge Occidental. Fasc. 39, Brepols Turnhout-Belgium, 1981.
- PRÉAUD, Maxime. **Les Astrologues à la fin du Moyen Age**. Paris: Ed. J.-C. Lattès, 1984.
- RAÍZ, Carlos Mateo Martínez. **La Construcción de la ciencia en la Universidad medieval**. Córdoba: Brujas, 2005.
- REDONDO, Fernando Gómez. **Historia de la prosa medieval Castellana I**. Madrid: Cátedra, 1998.
- RESL, Brigitte. **A cultural history of animals in the medieval age**. V.2, Oxford, New York: ed. Berg, 2011.
- Ricoeur, Paul. **Ensaïos sobre a Interpretação Bíblica**. São Paulo: Fonte editorial, 2008.
- RÍOS, Amador de los. **Historia crítica de la literatura española**. V. IV, segundo o códice h-iii-3. de El Escorial.
- RODRÍGUEZ, Ana Domínguez. Retratos de Alfonso X en el Libro de los Juegos de Ajedrez, Dados y Tablas. In: **Alcanate, VII SEMANA DE ESTUDIOS Alfonsíes**. n. 7, 2010-2011.
- RODRÍGUEZ, José Molina. Las relaciones de vecindad en la frontera de Granada. In: **Revista del Centro de Estudios Históricos de Granada y su Reino**, núm. 12. Granada: Segunda Época, 1999.
- RODRÍGUEZ, Ana Domínguez. **Astrología y Arte en el Lapidario de Alfonso X el Sabio**. Murcia: Edición de la Real Academia Alfonso X el Sabio, 2007.
- ROMANO, David. **La Ciencia Hispanojudía**. Madrid: Colecciones Mapfre, 1992.
- RONAN, Colin A. **História Ilustrada da Ciência**. V. II, Universidade de Crambridge. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- ROS, Ángeles Masiá de. **Relación Castellano-Aragonesa desde Jaime II a Pedro El Ceremonioso**, V. I. Barcelona: Biblioteca de Historia, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994.
- RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.
- RUCQUOI, Adeline. La percepción de la Naturaleza en la Alta Edad Media. C.N.R.S., França. In: **Natura i desenvolupament. El medi ambient a l'Edat Mitjana**, XI Curs

d'Estiu, Càtedra d'Estudis Medievals Comtat d'Urgell, Balaguer, 12-14 juillet, 2006, Lleida, Pagès, 2007.

RUCQUOI, Adeline. Medida y fin de los tempos. Mesianismo y milenarismo en la Edad Media. Paris: CNRS. In: **En Pos del Tercer Milenio**, Ed. Ángel Vaca Lorenzo, Undécimas Jornadas de Estudios Históricos organizados por el Departamento de Historia Medieval, Moderna y Contemporánea. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2000.

RUSSELL, Peter. **Prince Henry 'the Navigator' a Life**. New Haven: Yale University Press, 2000.

RYAN, Michael, A. **A kingdom of Stargazers: Astrology and Authority in the Late Medieval Crown**. Cornell University: 2011.

S. J, Juan de Dios. **Fortuna y Providencia en la Literatura Castellana del siglo XV**. Madrid: Anejos del Boletín de la Real Academia Española, anejo XXVII, 1973.

SAMSÓ, Julio. **Alfonso X y los Orígenes de la Astrología Hispánica**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2009. Disponible em http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor-din/alfonso-x-y-los-orgenes-de-la-astrologa-hispnica-0/html/023b93aa-82b2-11df-acc7-002185ce6064_12.html#I_0; Consultado em: 07/2013.

SAMSÓ, Julio. **Astrometeorología y Astrologia Medievales**. Universitat Barcelona – Col·lecció Homenatges, 2008.

SANDOVAL, Felipe Xinénez de. **Don Enrique de Villena**. Madrid: Organización Sala Editorial, 1973.

SANTIAGO, Carmen Ordóñez. **El pronóstico en astrología**. Edición crítica y comentario astrológico de la parte VI del Libro Conplido en los iudizios de las estrellas de Aben Ragel. Memoria para optar al grado de doctor. Universidad Complutense de Madrid: 2006.

SANTOS, Dulce O. Amarante dos; FAGUNDES, Maria Daliza da Conceição. Saúde e dietética na medicina preventiva medieval: o regimento de saúde de Pedro Hispano (século XIII). In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr-jun. 2010, p. 333-342. (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702010000200004&script=sci_arttext; Consultado em: 18/11/2014), p. 334.

SCOTT, Hendrix. Reading the Future and Freeing the Will: Astrology of the Arabic World and Albertus Magnus. In: **Hortulus: The Online Graduate Journal of Medieval Studies**. Vol. 2, No. 1, 2006. Disponible em: <http://pt.scribd.com/doc/64266850/Reading-the-Future-and-Freeing-the-Will>; Consultado em: 15/06/2014.

SCHMITT, Jean-Claude. **História das Superstições**. Tradução Luís Serrão. Portugal: Publicações Europa-América, 1997.

Sefardíes y de Oriente Próximo. Vol. 55. Fasc.1. Madrid: 1995.

SHUBACK, Mareia Sá Cavalcante. **Para ler os medievais**; ensaio de hermenêutica imaginativa. Petrópolis: RJ, Vozes, 2000.

SILVA, Jorge Nuno. Jogos de Outros Tempos. In: CANAS, António Costa; FERRÃO, Maria Eugénia. **A matemática no tempo do mestre José Vizinho**. Sociedade Portuguesa de Matemática, Lisboa: Gradiva, 2009.

SILVA, Vasco Jorge Rosa. **História da Astronomia Medieval Portuguesa**. Porto: edições Ecopy, 2008.

SILVI, Christine. **Science Médiévale et vérité**. Paris: Ed. Honoré Champion, 2003.

SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e História**. Campinas: Autores associados, 2004.

SOLALINDE, Antonio G. Alfonso X, Astrólogo. In: **Revista de Filología Española**. 13 , n.2, (1926), (p. 350-356).

SOUZA E SILVA, Michelle Tatiane. **O regimento do corpo em Portugal no século XV**. 2014. 185 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2014.

TATARKIEWICZ, Wladylaw. **História de la Estética**, II - La estética medieval. Direção Joan Sureda, Traducción Danuta Kurzyka. Madrid: Ed. Akal S. A.

TESTER, S. J. **A History of Western Astrology**. Woodbridge: Boydell, England, 1987.

THOMAS, Keith. **O Homem e o mundo natural**. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

THORNDIKE, Lynn. **History of Magic and Experimental Science**. Vol. III. Fourteenth and fifteenth centuries. New York: Columbia University Press, 1934.

THORNDIKE, Lynn. The True Place of Astrology in the History of Science. In: **Isis**, n. 46, 1955.

URBINA, Jesús Cantera Ortiz de. El refranero judeoespañol. In: **Paremia Asociación Cultural Independiente**, 6. Madrid: 1997.

URBINA, Jesús Cantera Ortiz de. Los Sefardies. In: **Temas Españoles**. Núm. 25 2 Depósito legal: M. 3.095- Madrid: Publicaciones Españolas Soriano, 23, 1958.

VALLICROSA, José M. Millás. **Estudios sobre historia de la ciencia española**. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1949.

VAZ, Henrique C. L. **Antropologia Filosófica I**. S. J. Coleção Filosofia. São Paulo: edições Loyola, 5 ed., 2000.

VEGA, Laura Páramo de. **La España de las tres culturas: la convivencia entre judíos, musulmanes y cristianos en la Edad Media**. Uned, Centro Asociado de Talavera de la Reina. Disponível em: <http://www.uned.es/ca-talavera/publicaciones/alcalibe11/154-188.LaEspanaDeLasTresCulturas.pdf>; Consultado em: 20/02/2015.

VENTURA, Augusta Faria Gestão. **Estudos Vicentinos I Astronomia-Astrologia**. Coimbra: Edições de Biblos, 1937.

VENTURA, Margarida Garcês. Regalismo e anti-regalismo no século XV. In: **Lusitania Sacra Revista do Centro de Estudos de História Religiosa**. Cristianização na época medieval, 2 série, Tomo X. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1998.

VERDON, Jean. **Sombras y luces de la Edad Media**. Madrid: Editorial El Ateneo, s/d.

VEYNE, Paul. **Foucault. O Pensamento, A pessoa**. Tradução Luís Lima. Edições Texto e Grafia Ltda, 2009.

VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão**. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

VERDÚ, Francisco Tomás; SERVET, Miguel. **Astrología, hermetismo, medicina**. Barcelona: Erasmus ediciones, 2008.

VICENTE, Luis Miguel. Una Nueva Filosofía de la astrología en los siglos XII y XIII: el impacto de las traducciones del árabe y la postura de Santo Tomás de Aquino. In: **Revista Española de Filosofía Medieval**. N. 9 (2002). Zaragoza: Universidad de Zaragoza, p. 249-264.

VILALOBOS, Cristóbal Macías. **Ciencia de los astros y creencias astrológicas en el pensamiento de San Agustín**. Ediciones Clásicas Madrid, Distribución-Editorial Málaga: 2004.

YATES, Frances A. **A arte da memória**. Trad. Flavia Bancher. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

ZAMBELLI, Paola. **Astrology and Magic form the Medieval Latin and Islamic World to Renaissance Europe**. England: Variorum Collected Studies Series, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **La medida del mundo**. Representación del espacio en la Edad Media. Tradução Alicia Martorell. Madrid: Editions du Seuil, 1993.

Dicionários e Enciclopédias

ALVAR, Carlos; MEGÍAS, José Manuel Lucía. **Diccionario Filológico de Literatura Medieval Española**. Madrid: Editorial Castalia, S. A, 2002.

BERLIOZ, Jacques ; LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. 1. São Paulo: EDUSC, 2002.

CAVALIO, Giacomo; MESSINA, Antonio. Cosmologias. In: **Enciclopédia Einaudi**. Volume 9 Matéria-Universo . Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.

Dicionário de Latim – Português. 3. ed. Porto: Porto Editora, 2008.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

LACOSTE, Jean Yves. **Dicionário crítico de teologia**. Tradução Paulo Meneses [et. al.]. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2004.

PANDO, Esteban de Terreros. **Diccionario Castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa latina y italiana**. Tomo III. Madrid: En la imprenta de la viuda de Ibarra, hijos y compañía, 1788.

TERRICABRAS, Josep-Maria. **Diccionario de Filosofía**. Tomo I. São Paulo: Edições Loyola, 2000.